

Tiago White

Minha História

no Contexto do Grande Movimento Adventista,
Conforme Ilustrado pelos Três Anjos de Apocalipse 14



Adventist Pioneer Library

Título do original em inglês: *LIFE INCIDENTS, in Connection with the Great Advent Movement, as Illustrated by the Three Angels of Revelation 14*

Publicado em 1868 pela *Steam Press of the Seventh-day Adventist Publishing Association*

© 2018 **ADVENTIST PIONEER LIBRARY**

37457 Jasper Lowell Rd
Jasper, Oregon, 97438, USA
+1 (877) 585-1111
www.APLib.org

EDITORA DOS PIONEIROS ADVENTISTAS

www.EditoraDosPioneiros.com.br

Apoio: **CENTRO DE PESQUISAS ELLEN G. WHITE – BRASIL**

Tradução: Delmar Freire
Revisão: Neumar de Lima, Naomi Ferreira
Editoração: Uriel Vidal

Primeira edição: 3.000 exemplares
Abril, 2018
Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

ISBN: 978-1-61455-058-7

Para adquirir mais exemplares, visite:

www.EditoraDosPioneiros.com.br

MINHA HISTÓRIA

no Contexto do

GRANDE MOVIMENTO ADVENTISTA,

Conforme Ilustrado pelos

TRÊS ANJOS

— de —

APOCALIPSE 14

Pelo PASTOR TIAGO WHITE

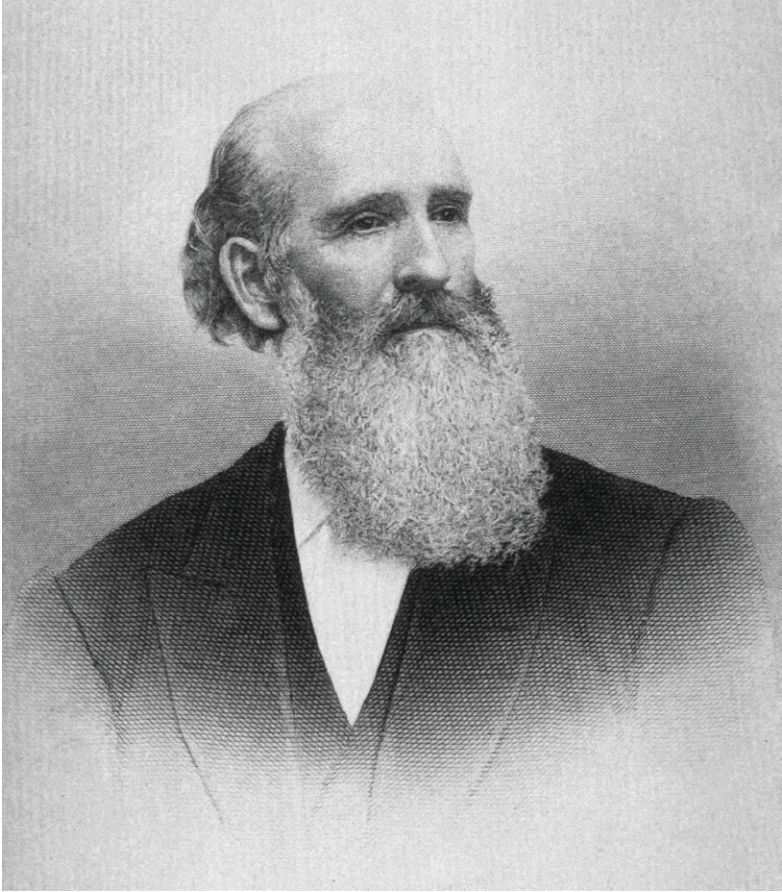
“Ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado” (Daniel 8:14).

“Então, o anjo que vi em pé sobre o mar e sobre a terra levantou a mão direita para o céu e jurou por aquele que vive pelos séculos dos séculos, o mesmo que criou o céu, a terra, o mar e tudo quanto neles existe: Já não haverá demora, [...]. Então, me disseram: É necessário que ainda profetizes a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis” (Apocalipse 10:5-11).

STEAM PRESS

OF THE SEVENTH-DAY ADVENTIST PUBLISHING ASSOCIATION,
BATTLE CREEK, MICHIGAN

1868



Tiago [James] Springer White (1821-1881)

ÍNDICE

Prefácio	7
1. Antepassados e Infância	9
2. Experiência Cristã	15
3. Impressões do Dever	17
4. Guilherme Miller	25
5. A Compreensão de Miller Sobre as Profecias	37
Daniel 2.....	39
Daniel 7.....	40
Daniel 8.....	42
Os 2.300 Dias.....	44
6. Trabalhos Públicos de Miller	53
A Conversão de Cem Incrédulos.....	55
Miller e as Profecias.....	56
7. Meu Trabalho Público	63
8. Surgimento e Progresso do Adventismo	103
O Periódico <i>Signs of the Times</i> [Sinais dos Tempos].....	107
Esforços Conjuntos.....	108
A Era das Reuniões Campais.....	111
A Grande Tenda.....	112
O Periódico <i>Midnight Cry</i> [Clamor da Meia-Noite].....	113
A Visita do Sr. Miller a Washington.....	116
O Término dos Tempos Proféticos.....	117
Modos de Oposição.....	117
A Extensão do Trabalho.....	121
Livros Adventistas.....	121
Palestrantes e Escritores.....	122
O Que o Adventismo Realizou.....	123
A Permanência da Obra.....	124

9. A Reunião Campal de Exeter, New Hampshire	127
A Natureza da Obra.....	139
10. A Passagem do Tempo	149
Argumento com Base nos Tipos.....	157
11. O Sétimo Anjo	171
12. A Primeira Mensagem	177
13. A Segunda Mensagem	189
14. A Terceira Mensagem	197
15. Surgimento e Progresso da Terceira Mensagem	217
A Apresentação do Sábado.....	219
Primeira Conferência de Crentes.....	222
A Experiência da Sra. White.....	222
A Segunda Conferência Geral.....	224
A Oposição.....	225
Nasce Um Periódico.....	237
A Review and Herald.....	239
Um Processo Purificador.....	240
Reuniões em Tendas.....	242
Transferência para Michigan.....	242
Impressora Mecânica.....	243
A Associação de Publicações.....	244
A Organização.....	244
Benevolência Sistemática.....	245
16. Revendo o Passado	247
17. A Língua do Caluniador	255
18. Posição e Obra Atuais	265
19. A Lei e o Evangelho	283
20. O Memorial de Deus	297

PREFÁCIO

O escritor destas páginas não considera ter feito jus ao assunto do qual elas tratam. O campo é muito vasto, e para realmente fazer justiça ao assunto, seriam necessários muito tempo e muitos volumes do tamanho deste. E foi durante o trabalho com as igrejas de Michigan que esses pensamentos foram apressadamente reunidos, a partir do conhecimento e experiência pessoais e dos escritos dos que estavam profundamente imbuídos do doce espírito da verdade revelada. Mais tempo, mais páginas e atenção exclusiva ao assunto poderiam, em grande medida, melhorar o trabalho. Mas mesmo do modo como está, entrego-o ao leitor para que seja lido com oração, confiando que ele possa reavivar a esperança e a fé adventista nos corações dos desanimados e encorajar os cansados peregrinos a caminho do Monte Sião, levando-os a recobrar o ânimo no Senhor. Esperamos também que esse esboço histórico do grande movimento adventista possa levar alguns a enxergar claramente esse assunto, à luz das Escrituras Sagradas e da experiência cristã, abraçando a verdade de Deus.

O autor repassou rapidamente as experiências do início de sua vida, para demorar-se nas dos anos mais recentes, que são relacionadas à causa do advento. Seu objetivo foi apenas o de apresentar os fatos que serviriam para honrar e exaltar o nome e o poder de Deus por manifestar a verdade divina. Todavia, o fato de ele ter mantido ligação com o movimento adventista desde 1842, serviu como pretexto para a introdução, nesta obra, de alguns relatos de sua experiência pessoal com a causa do segundo advento.

Foi com grande satisfação que, ao serem preparadas estas páginas, o movimento do grande advento foi reavivado. Foi uma verdadeira festa intelectual e espiritual. Os princípios fundamentais da gloriosa doutrina da breve vinda de Cristo nunca pareceram estar tão firmemente estabelecidos. E os acontecimentos da história da segunda vinda e o seu cumprimento profético nunca pareceram tão importantes para o povo de Deus, como âncora nas perigosas tormentas dos últimos dias, como

quando se passou a examinar novamente toda essa questão. Que Deus possa fazer desta obra uma grande bênção para o leitor, assim como foi para o autor, ao prepará-la.

Tiago White

1. ANTEPASSADOS E INFÂNCIA

Eu nasci em Palmyra, no condado de Somerset, Estado do Maine, em 14 de agosto de 1821. Bloomfield, Maine, que hoje faz parte de Skowhegan, foi o local de nascimento de meu pai, o diácono John White. Aos 21 anos de idade, ele se estabeleceu no novo município de Palmyra. Nessa época, ele possuía nada mais que oito hectares de terra com árvores derrubadas. A velha fazenda está situada no lado ocidental do lago White, como pode ser visto em um mapa detalhado do condado de Somerset. Nessa fazenda ele viveu e trabalhou por 51 anos. Depois disso, passou um ano e meio em Ohio e sete anos em Battle Creek, Michigan, onde hoje reside.

Meu pai é descendente de um dos Peregrinos que vieram para a América no navio *May Flower*, que aportou em Plymouth Rock em dezembro de 1620. A bordo daquele barco estava o pai de Peregrine White, que usava um par de fivelas de joelhos, iguais às que se podem ver no quadro dos veneráveis signatários da Declaração da Independência.

Mais tarde, as fivelas usadas por esse homem foram entregues ao seu filho, Peregrine White, que nasceu durante a travessia para este país, com o pedido de que elas fossem repassadas para o primogênito de cada geração da linhagem da família White, cujo nome devia ser John. Meu pai teve a posse dessas fivelas por 30 anos. Elas eram tão familiares para mim em minha infância como os botões do meu casaco. Ele as deu para o meu irmão John, que as passou para o seu filho John, um jovem de 18 anos de idade.

Desde a juventude meu pai possuía grande força física, tendo corpo e mente muito ágeis. Com as próprias mãos, ele retirou de suas terras aquelas pesadas madeiras que haviam sido derrubadas. Limpo o terreno, percebeu que o solo era pedregoso. Com as próprias mãos removeu as pedras, transformando-as em um cercado, preparando, assim, a terra para ser arada. Por mais de meio século ele labutou ali, até que aquele solo rochoso literalmente se desgastasse e a velha fazenda já não pudesse mais produzir colheitas. Aos 74 anos de idade ele partiu dali, buscando descanso em climas mais agradáveis no Oeste.

Sua experiência espiritual de mais de 60 anos foi marcada pela firmeza e pelo zelo, mas ele não se tornou refém da estreiteza de mente e do

preconceito que não dão espaço à pesquisa e ao progresso e, tampouco, demonstram amor aos que buscam adorar a Deus em espírito e em verdade.

Aos 21 anos de idade, foi batizado por aspersão, unindo-se à igreja congregacional, mas nunca se mostrou convicto de que a aspersão lhe havia conferido o batismo cristão. Anos mais tarde, um pastor batista recém-chegado àquela nova parte do Estado passou a ensinar o batismo por imersão. Meu pai foi assim batizado e se tornou diácono da igreja batista. Posteriormente, ele adotou as posições da denominação cristã, menos dogmáticas e mais coerentes com as Escrituras do que as dos batistas calvinistas daqueles dias, e passou a comungar com aquelas pessoas. Os batistas convocaram uma reunião especial. O pastor e muitos dos membros da igreja estavam presentes. O pastor convidou alguns dos membros presentes para iniciar a reunião com uma oração, mas cada um deles declinou do convite. Ele esperou. Finalmente, meu pai fez a oração para iniciar a reunião. Eles, então, o excluíram por comungar com os cristãos. O pastor fez um esforço para conseguir alguém que fizesse uma oração para encerrar a reunião. Ninguém se apresentou. Meu pai o fez, encerrando a mesma, e saiu dali com sentimentos de amor e ternura. Logo depois, ele se uniu à Igreja Cristã, onde serviu como diácono por quase 40 anos. Durante todo esse tempo, ele estava presente em todas as comissões da igreja, com exceção de uma, que, de acordo com o costume deles, era realizada na tarde de sábado de cada quarta semana do mês.

Em 1842, meu pai leu com grande interesse as palestras de Guilherme Miller sobre a segunda vinda de Cristo. Desde aquele tempo ele tem conservado a fé nos principais pontos da doutrina do advento. Em 1860, junto com a minha querida mãe, ele abraçou o sábado, aderindo às evidências sobre o dia de descanso bíblico com clareza e muito prazer.

Minha mãe é bisneta do Dr. Samuel Shephard, um dos primeiros e mais eminentes pastores batistas da Nova Inglaterra. Ela era bem constituída fisicamente, tinha uma boa mente e era muito amável. Por mais de 60 anos, toda sua experiência religiosa tem sido marcada por um espírito dócil e calmo, uma devoção à causa de Cristo, um comportamento coerente e uma piedosa conversação.

Meus honrados pais já alcançaram a boa idade de mais de oitenta anos. Eles cuidam da casa sozinhos e aproveitam a vida tanto quanto lhes permite a idade já avançada. Apesar disso, é visível que cada ano que passa os traz para mais perto da tumba. Permita Deus que, ao serem delicadamente baixados à sepultura, eles possam alcançar a imortalidade, que lhes será dada no breve retorno de Cristo.

Na minha família, eu era o filho do meio entre nove: haviam quatro acima de mim e quatro abaixo. Mas essa cadeia familiar já está muito rompida, e quase metade dos seus elos desapareceu. Os meus quatro irmãos mais velhos estão vivos, mas todos os irmãos mais novos já dormem. O tempo, o trabalho árduo e as preocupações deixaram suas inequívocas impressões nos cinco filhos remanescentes.

Meus dois irmãos vivos são pastores: um da Igreja Metodista Episcopal, de Ohio, e o outro, da Igreja Batista, de Vermont. As duas irmãs moram no Maine. Um dos meus irmãos supostamente perdeu a vida num conflito com índios, ao voltar da Califórnia. Outro descansa ao lado de uma irmã, no Cemitério Mount Hope, em Rochester, Nova York, enquanto o outro irmão, que morreu com três anos de idade, descansa em um velho cemitério de Palmyra, Maine.

Meus pais dizem que eu era uma criança muito debilitada. E, para piorar ainda mais minhas dificuldades e tirar-lhes a esperança de que eu sobrevivesse, eu tive, aos três anos de idade, o que os médicos chamavam de febre de lombrigas, que causava convulsões, as quais entortaram meus olhos e quase destruíram minha visão. Dizem que eu era um menino muito vesgo – não por causas naturais, mas devido a uma enfermidade dos nervos –, fraco, nervoso e parcialmente cego. Estas razões foram suficientes para que eu não pudesse desfrutar das vantagens corriqueiras da escola. E só depois de completar 16 anos, quando minha saúde e força melhoraram muito e os meus olhos se corrigiram, é que eu consegui ler um simples verso bíblico sem que tivesse que descansar os meus olhos. Eu lamentava profundamente o fato de ter ficado para trás dos meus colegas de escola. E com a escassez de recursos daqueles tempos, eu não podia fazer muito para compensar os quase dez anos perdidos. Eu cresci rapidamente e, aos 18 anos, fiquei mais alto e mais forte do que os demais de mesma idade. Isso contribuiu para o

meu constrangimento ao entrar no colégio de Saint Albans, Maine, aos 19 anos de idade. Nessa época, eu era incapaz de resolver um problema com regra de três simples; tampouco podia distinguir um verbo de um advérbio ou adjetivo, além de apresentar deficiência nas demais matérias da escola. Meus amigos me aconselhavam a dedicar-me à lavoura em vez de procurar educar-me. Mas eu não podia seguir seus conselhos.

No fim do primeiro trimestre, recebi do instrutor, C. F. Allen, um certificado atestando minhas qualificações para lecionar as matérias básicas, e, no inverno seguinte, passei a lecionar na escola. Isso exigia quase 18 horas de estudo por dia. Foi uma vitória! Muitas vezes, antes disso, eu me enxergava quase como um inútil, e lamentava minha existência. Agora, porém, eu começava a ter esperança de que podia me tornar um homem. Nenhuma privação ou dificuldade poderia ser um obstáculo em meu caminho. Já antes, ao completar 19 anos de idade, meu pai me emancipou e me deu um jogo de roupas. Tudo o que eu pedi aos meus pais, além disso, foram três dólares para pagar a escola e uma porção de pão suficiente para seis dias, que eu levava comigo cada manhã de segunda-feira, durante três meses, quando eu tinha que caminhar oito quilômetros até a escola.

Ao término do meu primeiro período letivo como professor, voltei a frequentar às aulas no colégio de Saint Albans, permanecendo ali por cinco semanas. Depois, empacotei os meus pertences e caminhei 68 quilômetros até o rio Penobscot para oferecer minha mão de obra numa serraria. Na serraria, cortei o tornozelo. Esse acidente me deixou com uma fraqueza permanente, e a dor no pé esquerdo às vezes me fazia mancar. Já faz 26 anos que não consigo apoiar o meu peso sobre o calcanhar esquerdo.

Após quatro meses, voltei para casa. Eu tinha perdido muito tempo por causa do grave ferimento no tornozelo, e depois de pagar por minha estadia, fiquei com apenas 30 dólares e umas poucas peças de roupa desgastadas. Para que eu me qualificasse para lecionar numa escola onde pudesse ganhar um salário melhor, precisava frequentar a escola. Imediatamente, empacotei meus livros e minhas humildes roupas e rumei para a escola de Reedfield, Maine, que desfrutava de boa reputação por estar sob o controle e ter o apoio dos metodistas episcopais. Durante aquele período letivo, o meu objetivo era estar plenamente qualificado para lecionar as

matérias básicas. Além dessas matérias, eu também cursei Filosofia Natural, Álgebra e Latim. No final do período letivo, terminei toda a aritmética que estava ao meu alcance, fui considerado um bom conhecedor de gramática, capacitei-me para ensinar caligrafia e ouvi do meu instrutor que, dentro de um ano, eu poderia fazer um curso superior.

Minha sede por educação aumentava, e assentei os planos para fazer uma faculdade e pagar por ela, contando com o meu trabalho, minhas economias e a vontade de estudar. Minha gratidão era quase exclusivamente a Deus e às minhas próprias energias pelo progresso realizado. Em Reedfield, eu usava roupas velhas, enquanto meus colegas desfilavam com suas roupas novas. Por três meses, sobrevivi comendo maçãs cruas e mingau de milho que eu mesmo preparava, enquanto eles desfrutavam das conveniências e luxos da pensão.

Com o encerramento desse período letivo, eu também encerrei meus estudos escolares. No total, eu frequentei o ensino médio por 29 semanas, e o custo total dos meus estudos, incluindo as mensalidades, livros e pensão, não passou de 50 dólares. A razão por que estou sendo tão detalhista nessa parte da minha narrativa, se deve ao meu desejo de ajudar os jovens que querem estudar, mesmo que padeçam das desfavoráveis influências da pobreza e do orgulho. Um rapaz pobre pode estudar recorrendo ao esforço diligente, à economia e à dedicação aos livros. Uma pessoa assim irá valorizar sua educação e certamente fará bom uso dela. Por outro lado, o jovem que conta com a carteira do pai, só usa roupas finas, direciona muito do seu tempo ao convívio social sofisticado e gasta dinheiro desregradamente, não alcançará uma educação integral e, provavelmente, fará uso inadequado do que venha a obter.

No inverno seguinte, cobrindo parte de 1840 e 1841, lecionei numa grande escola e também dei aulas de caligrafia em dois distritos. Com o dinheiro ganho no inverno, voltei para casa com o firme propósito de continuar meus estudos.

2. EXPERIÊNCIA CRISTÃ

Aos 15 anos de idade eu me uni à Igreja Cristã através do batismo. Aos 20, porém, eu mergulhara de tal maneira em meus estudos e no magistério que deixei a cruz de lado. Eu nunca descí ao nível do pecado da profanidade, nunca usei tabaco, chá ou café, nem jamais levei um copo de bebida alcoólica aos meus lábios. No entanto, eu amava o mundo mais do que a Cristo e a vida por vir, e logo estava prestando adoração aos meus estudos em vez de ao Deus do Céu. E foi nessa condição mental que eu voltei para casa, depois de frequentar minha segunda e última escola. Foi quando minha mãe me disse: “Tiago, o irmão Oakes, de Boston, tem apresentado algumas palestras no salão de reuniões, defendendo que a segunda vinda de Cristo ocorrerá por volta do ano de 1843, e muitos estão acreditando nessa doutrina. As palestras estão produzindo uma boa reforma que tem levado muitos dos seus amigos a ter uma experiência com a religião.”

Eu considerava o que, comumente, era chamado de millerismo, um fanatismo extravagante, e essa impressão foi confirmada quando escutei um tal James Hall, do Maine, falar sobre o assunto na casa de oração em Palmyra. Mas depois que minha mãe, em cujo discernimento e piedade eu tinha razões para confiar, me falou sobre o assunto com palavras fervorosas, sinceras e solenes, fiquei chocado e perturbado. Apesar da minha atitude, comecei a ficar convencido de que tudo aquilo poderia ser verdade. Mas, nesse caso, como deveria lidar com a situação? Eu não estava preparado para aquilo, e os meus planos de vida estavam feitos. A conversa continuou:

– Mas mãe, esse pregador, Oaks, de quem a senhora está falando, alega saber mais do que o Senhor Deus e Seus anjos ao ensinar sobre o tempo do segundo advento. O próprio Cristo disse: “Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai”. Esse tal de Oaks parece saber mais do que aquilo que está escrito.

Minha mãe argumentou:

– “Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do Homem”. Deus informou para Noé qual seria o tempo. A Bíblia diz: “O meu Espírito não agirá para sempre no homem, pois este é carnal; e os seus dias serão cento e vinte anos” (Gênesis 6:3). Foi dado a Noé esse tem-

po, no qual devia construir a arca e alertar o mundo. E sua mensagem, fundamentada na Palavra do Senhor, de que um dilúvio destruiria os homens e os animais da face da terra, no final dos 120 anos, condenou o mundo.

Ela continuou:

– Nesse mesmo contexto, Jesus também diz que haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas, e acrescenta: “quando virdes todas estas coisas, sabeis que está próximo, às portas”.

Eu retruquei então:

– Mas Paulo disse: “Pois vós mesmos estais inteirados com precisão de que o Dia do Senhor vem como ladrão de noite” (1 Tessalonicenses 5:2). Essa linguagem é muito clara e mostra que, tal como um ladrão na calada da noite busca saquear sem qualquer aviso, também Cristo virá quando menos se espera. É por isso que a ideia de alertar o mundo sobre Sua breve volta é um equívoco.

– Mas Tiago – insistia minha mãe –, de quem o apóstolo está falando nesse verso? Não é dos cristãos, mas, sim, dos ímpios. Eles não aceitarão a advertência. Eles não estarão buscando por Cristo. Eles estarão sufocados com o espírito deste mundo. Eles estarão falando sobre paz e segurança, e serão súbita e inesperadamente destruídos. Não será assim com os que amam a Jesus e ao Seu retorno. Estes aceitarão a advertência. Eles estarão anelando, esperando e amando o aparecimento do querido Salvador, e esse dia não virá para eles como um ladrão. Note, com cuidado, as duas classes mencionadas nos dois versos seguintes. Uma é a dos ímpios; a outra, a dos irmãos. Para uma dessas classes, o dia do Senhor virá como um ladrão; não será assim, porém, com a outra. “Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição, como vêm as dores de parto à que está para dar à luz; e de nenhum modo escaparão. Mas vós, irmãos, não estais em trevas, para que esse Dia como ladrão vos apanhe de surpresa”.

Minha amorosa mãe estava pronta para responder, tranquila e agradavelmente, a todas as minhas objeções, e agora, eu estava disposto a considerar o assunto como digno de minha atenção. E quando ouvi, na igreja, meus colegas de classe falando do amor de Cristo e da glória do Seu aparecimento, fiquei profundamente impressionado, pois percebi que a mão de Deus se manifestava na doutrina do Advento.

3. IMPRESSÕES DO DEVER

Quando me voltei para o Senhor, fiz isto com a grande convicção de que eu devia renunciar aos meus planos terrestres e me entregar ao trabalho de advertir o povo a se preparar para o dia de Deus. Eu desenvolvi muito amor pelos livros em geral, mas em meu estado de apostasia eu não tinha, nem tempo, nem prazer, para o estudo das Escrituras Sagradas. Daí a minha ignorância sobre as profecias. Eu possuía, no entanto, um pouco de conhecimento da história bíblica do homem, e sabia que a raça humana, em seis mil anos, tinha se deteriorado fisicamente e, por consequência, mentalmente. O assunto me veio à mente da seguinte forma: houve uma época em que o homem chegou a viver por quase mil anos. Com o passar do tempo, seu período de vida passou a ser de 70 anos. Em poucos séculos, caso os anos continuassem passando e os resultados sobre o tempo de vida do homem fossem os mesmos, a raça humana passaria a não existir. Eu havia renunciado à doutrina da conversão do mundo e à do milênio temporal, na qual o solo e o homem seriam gradualmente restaurados ao seu estado edênico, conforme me ensinou o meu pai. Vi, portanto, a necessidade, pela própria natureza das coisas, de uma grande mudança, e a segunda vinda de Cristo parecia ser o evento com maior probabilidade de promover essa mudança no homem e na terra, e assim remover a maldição e suas consequências, restaurando tudo à perfeição e glória edênicas.

Meus pensamentos se voltaram para os jovens da escola que eu acabara de deixar. Naquela escola com 50 estudantes, 20 deles eram quase da minha idade e vários eram mais velhos. Era uma escola feliz. Eu amava meus alunos e esse amor era mútuo. No último dia letivo, quando nos separamos, eu lhes disse:

– Tenho o compromisso de lecionar nesta escola no próximo inverno, e se isso ocorrer, não precisarei pedir que vocês me obedeçam mais do que fizeram neste período letivo.

Encontrando conforto na oração, comecei a orar por meus alunos. Várias vezes acordei no meio da noite para orar audivelmente por eles. Senti uma forte impressão sobre mim, como se uma voz me dissesse: – Visite cada um dos seus alunos em suas casas e ore com eles. Eu não podia

conceber uma cruz mais pesada do que essa. Orei para que eu me livrasse dessa tarefa de modo a poder continuar meus estudos, mas de nada adiantou. Orei pedindo evidências mais claras, e a mesma impressão parecia me dizer: – Visite seus alunos.

Foi nesse estado mental que fui visitar meu pai, na esperança de que pudesse afastar aqueles sentimentos que me faziam sofrer. Mas eles me acompanhavam de maneira ainda mais intensa. Fui até o bosque para orar por alívio. O alívio não veio. Mas a impressão “visite os seus alunos” ficou ainda mais distinta. Meu espírito se levantou em rebelião contra Deus, e, temerariamente, eu disse: – Não irei. Pronunciei estas palavras ao mesmo tempo em que bati fortemente o pé no chão. Em cinco minutos, estava dentro de casa empacotando meus livros e roupas para ir embora, rumo ao Colégio de Newport. Naquela mesma tarde, segui para aquele lugar na companhia do pastor Bridges, o qual, para o meu desconforto, falou durante todo o trajeto sobre pregação.

Na manhã seguinte, consegui um local para me alojar e assumi minha posição perante várias turmas da escola. Também comecei a estudar com a *determinação* de afastar minhas convicções. Não tive sucesso, todavia. Fiquei angustiado e agitado. Depois de passar várias horas debruçado sobre meus livros, tentei relembrar o que estivera estudando. Não consegui. Minha confusão mental era completa. O Espírito de Deus misericordiosamente me acompanhara até a sala de aulas, apesar da minha rebelião, e eu não conseguia ter paz ali. Finalmente, resolvi que cumpriria o meu dever. Imediatamente peguei o meu chapéu, saí pela porta daquela sala de aula e fui, a pé, diretamente para a cidade de Troy, onde ficava a minha última escola. Eu havia caminhado poucos metros quando uma doce paz, vinda de Deus, inundou minha mente, e o Céu pareceu brilhar ao redor de mim. Levantei as mãos e louvei a Deus com uma voz triunfante.

Com o coração leve e o passo apressado, caminhei até o pôr do sol, quando me aproximei de uma humilde cabana que me chamou a atenção. Fiquei com a forte impressão de que devia bater à porta, mas não tinha nenhuma razão para fazê-lo, pois estava a apenas uns poucos quilômetros do distrito onde estava a escola, e sabia que seria muito bem-vindo ali. Decidi ir adiante, pois não queria passar pela situação de abordar pessoas

estranhas sem ter um bom motivo. Mas a impressão de que devia bater à porta ficou mais forte e me ocorreu a desculpa de pedir um copo com água. Dirigi-me à porta e bati. Um homem de meia idade atendeu e eu lhe pedi água. Bondosamente, ele me convidou para entrar. Vi que ele estivera chorando. Em uma das mãos, ele tinha uma Bíblia. Quando aceitei a cadeira que ele me ofereceu, esse entristecido estranho se dirigiu a mim de maneira deveras lamentosa, dizendo:

– Estou com graves problemas e muito aflito. Hoje enterrei o meu querido filho, e não tenho a graça de Deus para me sustentar. Não sou cristão, e o meu fardo parece maior do que posso carregar. Será que você me faria companhia esta noite?

Ele chorou amargamente. A razão de ele ter se aberto de maneira tão direta para um jovem estranho até hoje é um mistério para mim. Eu não podia recusar o seu convite, e decidi passar a noite ali. Contei-lhe sobre a minha curta experiência e lhe falei sobre Cristo, que diz: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve”. Ambos inclinamos a fronte para orar, e o meu novo amigo parecia aliviado. Procuramos, então, descansar. Na manhã seguinte, eu o ajudei a erigir o altar da família e segui meu caminho. Desde então, não vi nem ouvi mais nada a respeito daquele senhor.

Contudo, após ter caminhado apenas três quilômetros naquela aprazível manhã de primavera, quando toda a natureza, animada e inanimada, parecia se unir ao louvor a Deus de meu exultante coração, a mesma impressão me sobreveio no momento em que eu passava diante de uma cabana de toras de madeira. Algo me dizia: “Entre nessa casa”. Bati à porta e pedi um copo com água. E qual não foi a minha surpresa ao ver que a pessoa que me trazia água era uma jovem que frequentara a minha escola no inverno anterior. Ao me reconhecer, ela exclamou:

– Ora, professor, entre, por favor!

Aquela família acabara de se mudar da cidade, que ficava a quase cinco quilômetros dali, para aquele novo assentamento cercado pela floresta. O pai não estava. A mãe e os demais filhos me cumprimentaram

com uma cordialidade além do normal, cada um me chamando de professor. Ali estava o lugar para eu começar o meu trabalho. Eu lhes contei sobre minha missão e perguntei se poderia ter o privilégio de orar.

– Claro que sim! – respondeu a mulher, já em lágrimas. – Mas deixe que eu mande meus filhos convidarem os vizinhos.

Cerca de meia dúzia de meninos e meninas receberam as orientações de sua mãe e animadamente saíram correndo rumo às demais cabanas de toras com a mensagem: “Nosso professor está lá em casa, e quer orar, e a mamãe quer que vocês venham o mais rápido possível”. Em menos de meia hora, eu tinha diante de mim uma congregação de cerca de 25 pessoas. Conversando com eles, descobri que nenhum dos presentes professava o cristianismo. Algumas palestras sobre o segundo advento tinham sido apresentadas próximo dali, e uma convicção geral de que a doutrina poderia ser verdade pairava entre aquelas pessoas. E ao relatar minha experiência das semanas anteriores, declarando minhas convicções a respeito da breve vinda de Cristo, todos ficaram interessados. Ajoelhei-me, então, para orar e, para minha surpresa, todos aqueles 25 pecadores se ajoelharam comigo. Não pude resistir, e chorei. Todos choraram comigo. E, depois de lhes falar sobre Cristo, da melhor maneira que podia e com minha limitada experiência e conhecimento das Escrituras, apertei-lhes a mão, despedi-me e, alegremente, continuei minha jornada.

Ao entrar na cidade que deixara recentemente, tudo parecia mudado. Entretanto, nenhuma mudança digna de nota ocorrera, exceto dentro de mim. O prédio escolar, onde eu tinha passado horas felizes ensinando mentes sedentas do saber, estava fechado, e meus alunos estavam cumprindo suas tarefas diárias no campo e na cozinha. Eu os havia deixado como um apóstata incapaz de orar, e agora ali estava para orar com eles. Parecia que o Senhor não poderia ter escolhido um dever mais humilhante para o meu orgulho. A cidade estava cheia de universalistas, professores formais, pecadores respeitáveis e infiéis. Meu empregador, que havia me contratado para lecionar em sua escola no inverno seguinte, era um cético. Não perdi tempo e logo deixei claro o objetivo da minha visita à cidade, e passei, assim, a visitar casa após casa e orar com eles. Ninguém se opôs.

Alguns ficavam profundamente tocados e se ajoelhavam comigo. Quando pedi permissão ao meu amigo cético para orar em sua casa, ele me disse:

– Sr. White, sinto muito vê-lo nesse estado mental. O senhor é um bom professor e um cavalheiro. Não vou proibi-lo disso.

Essa recepção foi decididamente fria se comparada às que tive da parte de outros. Esse cético estava, evidentemente, muito desgostoso e desapontado, mas tentava esconder seus sentimentos em respeito aos meus. Tentei orar, e passei para a próxima casa. Em poucos dias, meu trabalho nessa direção estava por ora completado, e voltei para casa com a doce certeza de que havia cumprido o meu dever. Poucas semanas depois, entretanto, visitei o mesmo lugar outra vez. Uma reforma geral estava em curso, resultado do trabalho de um pastor cristão. No domingo, a reunião foi realizada em um galpão. O interesse foi geral e havia um grande número de pessoas. Depois que o pastor concluiu sua apresentação, eu acrescentei algumas palavras. Dada a minha sinceridade, meu testemunho alcançou aquelas pessoas, especialmente meus alunos e seus pais. No verão seguinte, as palestras foram apresentadas numa casa da cidade, e no inverno seguinte, a maioria dos moradores daquela cidade se tornou crente.

Durante a maior parte do verão, eu estava incerto quanto aos meus deveres. Eu tinha visitado meus alunos e, por vezes, desejava desculpar-me da obrigação de prosseguir com aquilo, ficando, assim, livre para continuar meus estudos. Mas a nítida ideia de proclamar a breve vinda de Cristo e de advertir as pessoas para se prepararem para o dia do Senhor havia tomado conta de meus pensamentos. Eu não ousava voltar para a escola. O Espírito do Senhor tinha me tirado uma vez da sala de aula, e, por seguir um senso de dever, eu tinha sido grandemente abençoado. Como poderia eu resistir às minhas convicções do momento e, outra vez, tentar afastar-me do Senhor, preferindo meus livros? Mas como renunciar a todas minhas tão acariciadas esperanças para o futuro? De Ohio, meu irmão me escreveu dizendo: “Venha para o ensolarado Oeste, Tiago, e eu o ajudarei”. Ao que respondi: “Bem, quando eu me tornar um erudito.” Como podia eu desistir dos meus livros, e, com uma educação tão superficial, pensar em me tornar um pregador?

Elbridge Smith, um colega de classe que também tinha sido meu colega de quarto em Saint Albans e Reedfield, era um amigo muito especial. Ele era um jovem refinado, de bons hábitos, mas não era cristão. Eu gostava dele pelas qualidades que tinha, e, em confiança mútua, nós dois falávamos sobre todos os nossos planos, esperanças e dificuldades. Foi para esse rapaz que, pela primeira vez, eu abri meu coração a respeito do assunto do segundo advento e das minhas convicções sobre o dever de pregar a doutrina. Ele tratou do assunto com sinceridade e pareceu estar preocupado ao ouvir dos meus próprios lábios que eu estava inclinado a crer que Cristo voltaria por volta de 1843. Ele não havia estudado o assunto, mas era evidente que temia que assim fosse. Ele respondeu o seguinte:

– Você sabe que eu não sou cristão e que, por essa razão, não tenho o preparo necessário para aconselhar você a respeito de deveres religiosos. Eu penso nessas coisas muito mais do que muitos podem supor, embora eu não revele publicamente qualquer interesse pessoal nelas. Todavia, acho que é bom para mim e conveniente para você que eu diga o seguinte: siga as convicções de sua mente.

Eu considero muito esse amigo de minha juventude por causa de sua sinceridade e de seus bons conselhos. Quem poderia ser melhor companheiro? Desde então, nos encontramos apenas umas poucas vezes, pois logo eu deixei aquela região do Estado para proclamar a vinda do Senhor, enquanto ele foi para o Bowdoin College. Dois anos mais tarde, ele se graduou ali, estudou direito, e hoje é juiz em algum lugar do Oeste.

Minha luta com o dever foi muito severa. Mas finalmente fiz um anúncio público de uma conferência e me senti mais aliviado. Não demorou muito e eu consegui uma oportunidade para falar no salão de reuniões de Troy. A congregação era grande. Minha apresentação foi fraca, e me senti envergonhado. E quando pensei estar quase arruinado, uma mulher bondosa, sincera e de bom coração se aproximou de mim, ao término da reunião, e disse:

– Pastor White, por favor, venha jantar em nossa casa.

A palavra “pastor” atingiu em cheio o meu coração. Fiquei confuso e quase paralisado. Não tentarei descrever o que ocorreu depois disso naquele dia, pois tudo pareceu se apagar de minha mente. Posso apenas me

lembrar do quão confuso e angustiado fiquei ao ouvir a inesperada palavra “pastor”. Eu não conseguia aceitar as perspectivas que estavam diante de mim, mas não ousava rejeitar o que parecia ser meu dever, e retornar aos livros. Fui convocado para falar na presença de dois jovens pregadores, e tentei pregar. Em 20 minutos, fiquei confuso e embaraçado e me sentei. Eu carecia de resignação e humildade e, por isso, não fui capaz de suportar o peso da responsabilidade. Finalmente, rendi tudo a Cristo e ao Seu evangelho. Só então encontrei paz e liberdade.

Não demorou muito e minha mente foi direcionada, de modo especial, para a doutrina do segundo advento, ao ouvir os pastores J. V. Himes e Apollos Hale falarem várias vezes sobre o assunto na cidade de Bangor, Maine. Percebi, então, que esse era um assunto que requeria estudo, e percebi a importância de começar a me preparar, de maneira séria, para ensinar a outros. Comprei publicações sobre o Advento e as li com atenção, estudei a Bíblia e, durante o verão, falei algumas vezes, com liberdade, sobre a segunda vinda de Cristo. Com isso, senti-me animado.

4. GUILHERME MILLER

Em setembro, os pastores Himes, Miller e mais alguns outros promoveram uma reunião numa gigantesca tenda na região leste do Maine. Acompanhado de Moses Polly, um pastor cristão conhecido meu, fui assistir àquela reunião. Foi ali que, pela primeira vez, vi o grande e bondoso Guilherme Miller. Sua forma e aparência demonstravam grande força física e mental. O espírito benevolente, afável e gentil por ele manifestado, em sua conversação com muitos estranhos que o chamavam para lhe fazer perguntas, era uma prova de que ele era um cristão humilde e cavalheiro. Céticos, universalistas e alguns outros o procuravam com perguntas capciosas. Rapidamente, ele percebia suas intenções e, com firmeza e dignidade, prontamente refutava suas objeções e os despedia sem que pudessem contradizê-lo. Como fazia muito tempo que ele estava nessa obra e já enfrentara oposição de todas as partes, Miller estava preparado para qualquer emergência.

Em suas apresentações públicas, seus argumentos eram claros e seus apelos e exortações, ainda mais poderosos. A tenda em que ele falava era circular, e tinha 40 metros de diâmetro. Em certa ocasião, quando sua tenda estava repleta e milhares de pessoas se apinhavam em volta dela, ele foi infeliz no uso da linguagem, o que deu oportunidade para que, os de índole mais vulgar na multidão, demonstrassem sua hostilidade contra ele, por meio de uma estrondosa gargalhada. Tranquilamente, o pastor Miller fez uma pausa em seu tema, e sua animação imediatamente superou a agitação tumultuosa que tomou conta do recinto; e, com linguagem muito inflamada, ele falou da corrupção dos corações daqueles que preferiram vê-lo como se ele fosse tão imoral quanto eles próprios. Num instante, fez-se silêncio, e o orador continuou a descrever o terrível fim dos ímpios de maneira solene e impressionante. Ele, então, os exortou carinhosamente para que se arrependessem de seus pecados, viessem para Cristo e se preparassem para a Sua vinda. Muitos dentre a grande multidão choraram. O pastor Miller, então, retomou o seu tema e falou com clareza e poder, como se nada tivesse acontecido. Em realidade, parece que aquela situação serviu para que os milhares ali presentes lhe dessem total atenção e fossem profundamente impressionados pelo tema.

Deus levantou Paulo para fazer uma grande obra em sua época. Um grande homem foi escolhido para que, de maneira clara, os gentios pudessem ser ensinados sobre o grande plano de redenção através de Jesus e para que a infidelidade dos judeus fosse desafiada.

Martinho Lutero foi o homem certo para o seu tempo. Ele era ousado e, às vezes, precipitado, mas foi um grande e bondoso homem. O chifre pequeno havia prevalecido, e milhões dos santos do Altíssimo haviam sido mortos. Para que a torpeza dos monges católicos fosse exposta, para que os seus ensinamentos e o seu rancor fossem enfrentados, e para que o coração do povo comum fosse delicadamente conquistado, era necessário um homem como Martinho Lutero. Ele podia lutar com o leão ou, carinhosamente, alimentar e cuidar dos cordeiros do aprisco de Cristo.

Da mesma maneira, Guilherme Miller, nas mãos de Deus, foi o homem certo para o seu tempo. É verdade que ele era um lavrador e que estivera a serviço do seu país, não tendo se beneficiado da antiga educação clássica. E foi somente depois de sua juventude que Deus o chamou para esquadrihar Sua Palavra e desvendar as profecias para o povo. No entanto, ele foi um historiador, pelo amor que tinha pelo estudo da história, possuindo conhecimento prático da natureza humana e das coisas. Ele fora um cético. Mas, ao receber a Bíblia como revelação de Deus, não deu guarida às ideias populares e contraditórias de que muitas das profecias bíblicas estavam encobertas por um mistério impenetrável. Disse Guilherme Miller: “A Bíblia tem um desígnio, e ela explicará a si mesma”.

Ele buscava harmonia na Bíblia e a encontrou. Por causa da benevolência do seu grande e bondoso coração, ele passou o resto de sua vida ensinando essa harmonia para as pessoas através dos seus escritos e palestras, bem como advertindo-as e exortando-as para se prepararem para a segunda vinda de Cristo.

Muitos dos frutos do seu trabalho são vistos hoje, e muito mais será visto no porvir. O céu estará repleto dos frutos do labor desse grande homem. Hoje, ele dorme. Contudo, assim como podem ser ditas, de quem se deixou desgastar no trabalho árduo e sofreu torpes perseguições, as seguintes palavras: “Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras

os acompanham”, o mesmo pode ser dito a respeito de Guilherme Miller. Ele cumpriu o seu dever de maneira nobre e fiel, enquanto a igreja popular, unida com o mundo, lhe retribuiu com perseguições e censuras.

O próprio nome “Guilherme Miller” era desdenhado em todos os lugares, e o millerismo se tornou objeto da zombaria do povo, desde o púlpito até as casas de prostituição.

No entanto, caro leitor, se a escritura do seu imóvel estiver registrada no cartório, pode ser que mãos brutas rasguem o documento que está em suas mãos, mas isso não significa que você perdeu a garantia de seu bem. Da mesma forma, por mais perversa e rude que tenha sido a maneira como o nome de Guilherme Miller foi tratado aqui na terra, quando vier o livramento triunfante e final de todos os que tiverem o nome escrito no Livro da Vida, o nome dele se achará registrado entre os que forem dignos, salvaguardado da ira dos homens e da fúria dos demônios. A recompensa da imortalidade lhe estará garantida, de acordo com suas obras.

Uma vez que eu apresentei ao leitor o homem a quem Deus levantou para ser um líder no grande movimento do advento, é de se esperar que alguns aspectos de sua vida, experiência e labores sejam também apresentados. Tenho espaço para apenas alguns esboços de suas memórias.

Guilherme Miller nasceu em Pittsfield, Massachusetts, em fevereiro de 1782. Diz o seu biógrafo:

Em sua infância, algumas marcas da sua extraordinária força e atividade intelectuais já se manifestavam. Passados poucos anos, essas marcas se tornaram cada vez mais notáveis entre todos os que com ele se associavam. Mas onde é que as capacidades desta mente poderiam encontrar os nutrientes para satisfazer seus desejos e o campo para exercitá-los?

Além dos recursos naturais da educação – os objetos, os cenários e as mudanças do mundo natural, que sempre têm fornecido a todas as mentes verdadeiramente grandes o seu alimento mais nobre, as inspiradoras memórias históricas associadas a localidades bem conhecidas do país vizinho e a sociedade da vida doméstica – nada mais estava ao alcance de Guilherme, exceto a Bíblia, o saltério e o livro de orações, durante os vários anos em que residiu em Low Hampton.

Sua mãe o havia ensinado a ler, de modo que ele logo completou a leitura dos poucos livros pertencentes à família. Isso o preparou para que entrasse no último ano escolar, quando a escola municipal

foi inaugurada. Mas se os períodos letivos eram curtos, as noites de inverno eram longas. Nós de pinho eram substitutos de velas, lampiões ou gás. E a espaçosa sala da lareira em sua casa de madeira era suficientemente grande para substituir a escola e a sala de aula.

Ele tinha uma estrutura física forte e um intelecto ativo e naturalmente bem desenvolvido, como também um caráter irrepreensível. Quando ainda era pequeno, ele se apropriou do pequeno estoque de livros que a família possuía, para seu próprio uso e recreação. Ele chegou a aproveitar por alguns anos as vantagens limitadas da escola municipal, mas logo se tornou evidente que suas conquistas acadêmicas excediam às dos professores contratados. Ele se inspirava no mundo natural ao seu redor e nos eventos mais emocionantes da história do seu país. Sua imaginação tinha sido despertada e o seu coração aquecido pelas aventuras e bravuras da ficção. Seu intelecto muito se enriquecera com a história. Algumas das suas primeiras experiências com a pena, bem como o testemunho de seus associados, mostram que sua mente e coração foram enobrecidos pelas lições, se não pelo espírito e poder da religião. Sendo assim, qual teria sido o efeito daquilo que é chamado de curso regular de educação? Teria esse curso corrompido-o, como no caso de milhares, ou teria feito dele um instrumento mais útil ainda na causa de Deus?

Qualquer que tivesse sido o resultado de algum curso de educação formal no caso de Guilherme Miller, tal curso estava além do seu alcance. Ele foi privado desse benefício e escapou da corrupção. Para nós, isso é suficiente.

Guilherme Miller se casou em 1802 e se estabeleceu em Poultney, no estado de Vermont. Seu biógrafo continua:

Todavia, os homens com quem ele se associou desde que se mudou para Poultney, a quem muito devia pelas vantagens materiais de que gozava, achavam-se profundamente influenciados pelos princípios e teorias deístas. Eles não eram homens imorais, mas pertenciam a uma classe social de bons cidadãos, cujo comportamento era sério, humano e benevolente. Entretanto, eles rejeitavam a Bíblia como o padrão da verdade religiosa, e se esforçavam para tornar essa rejeição plausível, recorrendo aos escritos de Voltaire, Hume, Volney, Paine, Ethan Allen, entre outros. Após estudar cuidadosamente essas obras, o Sr. Miller passou a se declarar um deísta. Conforme ele mesmo declarou, esse período deve ter começado em 1804, pois ele abraçou, ou retornou ao cristianismo, em 1816. Deve-se questionar, todavia, pelo seu conhecido esmero e coerência, se o Sr. Miller alguma vez absorveu por completo aquela forma de

deísmo que reduz o homem ao nível dos animais irracionais, no que diz respeito à duração da existência. E vale a pena fazer um pequeno questionamento: até que ponto ele foi um deísta?

Ele recebeu uma patente de capitão e entrou no exército em 1810. Depois de dar baixa do exército, mudou-se com a família para Low Hampton, Estado de Nova York, onde, em 1812, passou a dedicar-se ao cultivo da terra. O historiador continua:

Como fazendeiro, ele tinha mais tempo livre para a leitura. Ele estava numa idade em que o futuro da existência humana *inexoravelmente* exigia dele parte de seus pensamentos. Ele descobriu que suas antigas ideias não lhe davam nenhuma garantia de felicidade depois da vida presente. Após a sepultura, tudo era escuro e sombrio. Em suas próprias palavras, “a aniquilação era um pensamento gélido, e ter de prestar contas era a destruição certa de todos. Os céus eram como metal sobre minha cabeça, e a terra, como ferro sob meus pés. *Eternidade! O que seria isso? E morte! Por que existia?* Quanto mais eu raciocinava, mais distante ficava de uma explanação. Quanto mais eu pensava, mais dispersas eram minhas conclusões. Eu tentava parar de pensar, mas meus pensamentos não entendiam *a causa*. Eu murmurava e reclamava, mas não sabia de quem. Eu sabia que havia injustiças, mas não sabia como ou onde encontrar a justiça. Eu me lamentava, mas sem esperança”. Ele continuou nesse estado mental por alguns meses, sentindo que a natureza e o objeto de sua crença *podiam* trazer consequências eternas.

Tocou ao Capitão Miller, como era costumeiro na ausência do pastor, ler um sermão da escolha dos diáconos. O texto escolhido foi sobre a Importância dos Deveres Paternos. Logo após começar, ele foi dominado por uma luta interior de emoções, e se assentou. Toda a congregação se comoveu. Seus princípios deístas pareciam impor uma dificuldade insuperável para ele. “De repente, logo depois disso”, diz ele, “o caráter do Salvador ficou vividamente marcado em minha mente. Pareceu-me que poderia haver um ser tão bondoso e compassivo a ponto de oferecer a si próprio para expiar nossas transgressões e assim nos poupar de sofrer a penalidade do pecado. Imediatamente, senti o quão amoroso esse Ser poderia ser, e imaginei que eu podia lançar-me aos seus braços e confiar em sua misericórdia. Mas surgiu a pergunta: Como provar que esse Ser de fato existe? Fora da Bíblia, descobri que eu não poderia encontrar evidências da existência desse Salvador, nem tampouco de uma vida futura. Senti que acreditar num Salvador assim, sem que houvesse evidências, seria extremamente visionário.

Vi que a Bíblia apresentava um Salvador como eu precisava, e fiquei perplexo ao descobrir como um livro não inspirado podia desenvolver princípios que se adaptavam de maneira tão perfeita às necessidades de um mundo caído. Fui compelido a admitir que as Escrituras deviam ser uma revelação de Deus. Elas se tornaram meu deleite; e, em Jesus, encontrei um amigo. O Salvador se tornou para mim o mais desejável entre dez milhares; e as Escrituras, que antes eram obscuras e contraditórias, passaram a ser a lâmpada para os meus pés e a luz para o meu caminho. Minha mente ficou calma e satisfeita. Descobri que o Senhor era uma Rocha em meio ao oceano da vida. A Bíblia se tornou o meu estudo principal, e posso dizer que era com grande deleite que eu a estudava. Percebi que não me haviam contado nem a metade sobre ela. Perguntava-me por que eu não havia visto sua beleza e glória antes, e ficava admirado por tê-la rejeitado no passado. Encontrei tudo o que meu coração podia desejar e um remédio para cada enfermidade da alma. Perdi o gosto por qualquer outra leitura e dediquei o meu coração à obtenção da sabedoria vinda de Deus.

O Sr. Miller imediatamente erigiu o altar da família e professou publicamente sua fé na religião que alimentava sua felicidade ao se unir à pequena igreja que ele havia desprezado. Abriu sua casa para reuniões de oração e se tornou um ornamento e um pilar para sua igreja, e um ajudador, tanto para o pastor, como para as pessoas. A sorte estava lançada, e ele assumiu sua posição, para toda a vida, como um soldado da cruz, como puderam assegurar todos que o conheciam. Daí em diante, passou a ostentar o distintivo do discípulo diante da igreja e do mundo, diante de sua família e em particular, mostrando a quem pertencia e a quem servia.

Seus devotos parentes, que, com tristeza, tinham sido testemunhas de suas opiniões irreligiosas passadas, agora se alegravam! A igreja, que fora beneficiada com sua generosidade e edificada por sua erudição, mas, por outro lado, atacada em sua fé, podia agora se alegrar com os que se alegravam. Seus amigos céticos consideraram sua saída do grupo como a perda de um porta-bandeira. E o recém-converso sentia que, daí em diante, onde quer que estivesse, deveria comportar-se como um cristão e desempenhar plenamente sua tarefa. Sua história subsequente pode demonstrar como ele a cumpriu muito bem.

Logo depois de sua renúncia ao deísmo, ao conversar com um amigo a respeito da esperança de uma gloriosa eternidade através dos méritos e da intercessão de Cristo, perguntaram-lhe como sabia que existia um Salvador assim. Ele respondeu: “Está revelado na

Bíblia”. “Como você sabe que a Bíblia é verdadeira?”, foi a réplica, que veio acompanhada de uma reiteração dos seus antigos argumentos sobre as contradições e misticismos que, conforme ele alegava, circundavam-na.

O Sr. Miller sentiu essas provocações atingirem-no com toda a força. Primeiro, ele ficou perplexo; mas, depois de refletir, considerou que, se a Bíblia é a revelação de Deus, ela deve ser consistente consigo mesma. Todas as suas partes devem estar em harmonia e devem ter sido dadas para a instrução do ser humano; consequentemente, devem ser apropriadas para a compreensão humana. Ele declarou, portanto: “Deem-me tempo e eu harmonizarei todas essas aparentes contradições até que eu fique convencido; ou então, continuarei a ser um deísta.”

Depois disso, ele se dedicou à leitura da Palavra acompanhada de muita oração. Deixando de lado todos os comentários, passou a usar apenas as referências marginais e a sua Concordância como auxiliares. Ele viu que era preciso distinguir a Bíblia de todas as peculiares interpretações partidárias da mesma.

A Bíblia era mais antiga que todas essas interpretações e devia estar acima delas, e foi aí que ele a colocou. Ele viu que ela mesma devia corrigir todas essas interpretações e, ao fazê-lo, a sua luz pura resplandeceria livre do nevoeiro em que a crença tradicional a tinha envolvido. Ele resolveu deixar de lado todas as opiniões preconcebidas e, com infantil simplicidade, receber o significado natural e óbvio das Escrituras. Procurou estudar a Bíblia com o mais intenso interesse, dedicando, para isso, noites e dias inteiros. Às vezes ele se deleitava com a verdade, que fulgurava do volume sagrado, deixando claro ao seu entendimento o grande plano de Deus para a redenção do homem caído, e, às vezes, ficava intrigado e quase distraído por passagens aparentemente inexplicáveis ou contraditórias. Assim ele perseverou até que a aplicação do seu grande princípio de interpretação se mostrou triunfante. Ele ficava intrigado só para depois se deleitar; e deleitava-se só para perseverar ainda mais em seu anseio de penetrar nas belezas e nos mistérios do santo livro.

Ele mesmo descreve a maneira como estudava a Bíblia: “Decidi colocar de lado todas as minhas pressuposições para comparar as Escrituras com as Escrituras e para buscar estudá-la de maneira regular e metódica. Comecei com Gênesis, lendo verso por verso, não prosseguindo até que o significado das várias passagens fosse desvendado de modo a deixar-me livre de embaraços concernentes a misticismos e contradições. Sempre que eu encontrava qualquer coisa

obscura, minha prática era compará-la com todas as passagens paralelas; e, com a ajuda da Concordância de Cruden, examinei todos os textos das Escrituras onde quaisquer palavras proeminentes contidas em alguma passagem obscura podiam ser encontradas. Depois, ao deixar que cada palavra exercesse sua influência no assunto do texto, e se a minha opinião sobre ela estivesse em harmonia com cada passagem colateral da Bíblia, ela deixava de ser uma dificuldade. E foi dessa maneira que eu estudei a Bíblia em minha primeira cuidadosa leitura, e fiquei plenamente convencido de que ela é sua própria intérprete. Descobri que, por meio de uma comparação das Escrituras com a história, todas as profecias, até onde já haviam se cumprido, haviam tido cumprimento literal; que todas as variadas figuras de linguagem, metáforas, parábolas, símiles, etc., da Bíblia, ou eram explicadas pelo contexto imediato, ou os termos nos quais elas foram expressas eram definidos em outras passagens da Palavra; e, quando elas são assim explicadas, devem ser entendidas de maneira literal e de acordo com essas explicações. Fiquei, então, convencido de que a Bíblia é um sistema de verdades reveladas de maneira tão simples e clara que o homem comum, embora tolo, não precisa errar quanto a ela”. Em seus estudos das Santas Escrituras, o Sr. Miller adotou as seguintes regras de interpretação:

1. Cada palavra deve ter seu próprio peso sobre o assunto apresentado na Bíblia. Prova: Mateus 5:18.
2. Toda a Escritura é necessária, e pode ser compreendida através de diligente aplicação e estudo. Prova: 2 Timóteo 3:15-17.
3. Nada do que está revelado nas Escrituras pode ser ou será escondido dos que pedem com fé, sem duvidar. Prova: Deuteronômio 29:29; Mateus 10:26, 27; 1 Coríntios 2:10; Filipenses 3:15; Isaías 45:11; Mateus 21:22; João 14:13, 14; 15:7; Tiago 1:5, 6; 1 João 5:13-15.
4. Para entender a doutrina, reúna todas as passagens sobre o assunto que você deseja conhecer; então, deixe que cada palavra exerça sua própria influência. Se você puder formar sua teoria sem contradições, não poderá estar errado. Prova: Isaías 28:7-29; Provérbios 29:27; Lucas 24:27, 44, 45; Romanos 16:26; Tiago 5:19; 2 Pedro 1:19, 20.
5. As Escrituras devem ser sua própria expositora, pois ela é sua própria regra de interpretação. Se eu depender de um professor para me dar explicações [sobre a Bíblia], e ele fizer suposições sobre seu significado, ou desejar que assim seja pelo seu credo sectário, ou para ser considerado sábio, então as suas conjecturas, o seu desejo, o seu credo ou sabedoria se tornam minha regra e não a Bíblia. Prova:

Salmo 19:7-11; 119:96-105; Mateus 23:8-10; 1 Coríntios 2:12-16; Ezequiel 34:18, 19; Lucas 11:52; Mateus 2:7, 8.

6. Através de visões, figuras e parábolas, Deus revelou coisas ainda por vir; e, dessa maneira, as mesmas coisas são, com frequência, reveladas repetidas vezes mediante visões diferentes e figuras e parábolas distintas. Se quiser entendê-las, você deve combinar cada parte para formar um todo. Prova: Salmo 89:19; Oseias 12:10; Habacuque 2:2; Atos 2:17; 1 Coríntios 10:6; Hebreus 9:9, 24; Salmo 78:2; Mateus 13:13, 34; Gênesis 41:1-32; Daniel 2:7, 8; Atos 10:9-16.

7. As visões sempre são mencionadas como tais. 2 Coríntios 12:1.

8. As figuras ou imagens têm sentido figurativo e são muito usadas na profecia para representar coisas, tempos e eventos futuros – como, por exemplo, montanhas significando governos (Daniel 2:35, 44), animais significando reinos (Daniel 7:8, 17); águas significando povos (Apocalipse 17:1, 15); dia significando ano (Ezequiel 4:6); etc.

9. As parábolas são usadas como comparações para ilustrar assuntos e devem ser explicadas da mesma forma que as figuras, levando em conta o tópico em questão e a Bíblia. Marcos 4:13.

10. As figuras têm, às vezes, dois ou mais significados diferentes, como no caso de ‘dia’, usado em sentido figurativo para representar três períodos de tempo diferentes, a saber: primeiro, um tempo indefinido (Eclesiastes 7:14); segundo, um tempo definido, como é o caso de um dia representando um ano (Ezequiel 4:6); e, terceiro, um dia para representar mil anos (2 Pedro 3:8). A interpretação correta estará em harmonia com a Bíblia, e fará sentido; outras interpretações, não.

11. Se uma palavra fizer sentido do modo como está, não violando as leis simples da natureza, deverá ser entendida literalmente; caso contrário, deve ser entendida de maneira figurada. Apocalipse 12:1, 2; 17:3-7.

12. Para compreender o significado de uma figura, investigue suas ocorrências por toda a Bíblia, e, quando encontrar explicação para ela, substitua a explicação pela palavra usada. Se fizer sentido, não é preciso investigar mais; se não o fizer, continue investigando.

13. Para saber se descobrimos o verdadeiro evento histórico que cumpre a profecia: se você constatar que cada palavra da profecia (depois de entender as imagens) está cumprida literalmente, então poderá concluir que o evento histórico em consideração é o verdadeiro; mas, se uma palavra deixou de ser cumprida, então você precisa procurar outro evento, ou esperar seu futuro desenvolvimento, pois Deus providencia para que a história e a profecia

estejam de acordo, de modo que os verdadeiros crentes, filhos de Deus, nunca se envergonhem. Salmo 22:5; Isaías 45:17-10; 1 Pedro 2:6; Apocalipse 17:17; Atos 3:18.

14. A regra mais importante de todas é: você precisa ter *fê*, um tipo de fé que requer sacrifício e que, se preciso for, o fará desistir dos mais preciosos objetos da terra, do mundo e de todos os seus desejos – reputação, ocupação, amigos, casa, conforto e honras mundanas. Se qualquer dessas coisas vier a atrapalhar nossa crença em qualquer parte da Palavra do Senhor, nossa fé se mostrará vã. Da mesma forma, jamais poderemos crer enquanto um desses motivos estiver furtivamente ocultado em nosso coração. Devemos acreditar que Deus nunca faltará com Sua Palavra. Podemos confiar que Aquele que nota a queda de um pardal e sabe quantos cabelos temos em nossa cabeça há de salvar a interpretação de Sua própria Palavra, erguendo uma barreira em torno dela, evitando, assim, que aqueles que creem sinceramente em Deus e confiam implicitamente em Sua Palavra venham a desviar-se da verdade.

“Ao assim estudar as Escrituras”, continuando com as palavras de sua própria narrativa, “fiquei convencido de que, se as profecias que haviam sido cumpridas no passado eram o critério pelo qual se deveria julgar o modo de cumprimento das profecias no futuro, as opiniões populares sobre o reino espiritual de Cristo – um milênio temporal antes do fim do mundo e o retorno dos Judeus – não são sustentadas pela Palavra de Deus, pois descobri que todas as passagens em que essas teorias favoritas se fundamentam estão tão claramente expressas quanto aquelas que tiveram seu cumprimento *literal* no primeiro advento, ou em qualquer outro período no passado. Vi que as Escrituras ensinam claramente que Jesus Cristo descera outra vez a esta Terra, vindo nas nuvens dos céus, em toda a glória de Seu Pai.

“É desnecessário falar da alegria que encheu meu coração quando vislumbrei essa deleitosa perspectiva, ou dos ardentes anseios da minha alma por participar das alegrias dos redimidos. A Bíblia passou a ser, para mim, um novo livro. Ela era, de fato, uma festa para a razão. Tudo o que antes era misterioso, místico ou obscuro para mim, em seus ensinamentos, dissipou-se de minha mente diante da clara luz que agora emanava de suas páginas sagradas – e quão brilhantemente a verdade refulgia! Todas as contradições e inconsistências que eu antes encontrara na Palavra, já não mais existiam; e, embora houvesse muitas passagens que eu ainda não compreendia plenamente, tamanha era a luz que emanava das Escrituras para iluminar a minha mente antes obscura, que eu sentia grande deleite

ao estudá-las, um deleite que eu nunca pude supor que resultaria de seus ensinamentos. Eu comecei meus estudos da Bíblia sem esperar encontrar a data da vinda do Salvador, e, no começo, eu mal podia acreditar nas conclusões a que chegara. Mas as evidências me atingiram com tal intensidade que não pude resistir às minhas convicções. Fiquei quase totalmente convencido das minhas conclusões e comecei a esperar, vigiar e orar pela vinda do meu Salvador.”

Desde que o Sr. Miller se firmou em sua fé religiosa, e até começar seu trabalho público – um período de 12 a 14 anos –, houve poucos incidentes importantes em sua vida que pudessem distingui-lo de outros homens. Ele era um bom cidadão, um vizinho bondoso, um esposo e pai afetuoso e um cristão devoto. Era também bondoso e benevolente para com os pobres, sempre que surgiam necessidades de exercer o espírito de caridade. Na escola dominical, ele era professor e superintendente; na igreja, desempenhava os importantes serviços de leitor e exortador; e, no que diz respeito a seu apoio aos cultos de adoração, nenhum outro membro fazia tanto quanto ele. O Sr. Miller tinha uma vida e uma conversação exemplares, sempre se esforçando para cumprir os deveres, fossem públicos ou privados, que lhe eram delegados. Tudo o que fazia era feito com alegria e para a glória de Deus. Suas horas de folga eram dedicadas à leitura e meditação. Ele se mantinha bem informado quanto aos eventos correntes. Ocasionalmente, comunicava seus pensamentos através da imprensa, e, com frequência, para sua própria distração e a dos seus amigos, permitia-se variados arroubos poéticos que, para um leigo como ele, chegavam a ter algum mérito. Mas sua maior alegria era encontrada no estudo da Bíblia.

5. A COMPREENSÃO DE MILLER SOBRE AS PROFECIAS

Ao olhar para um mundo onde o mal está em todas as partes, e as marcas da desordem e decadência são visíveis em todos os lugares, o que mais se esperaria de um homem senão indagar se esse estado de coisas deverá, ou não, continuar indefinidamente? E que indagação pode ser de maior interesse e importância para a raça humana do que aquela que diz respeito à duração do mundo em que vivemos? Seria razoável, portanto, concluir que Deus revelaria ao homem informações sobre assuntos de interesse tão absorvente como esse. E a passagem bíblica é condizente com essa conclusão lógica, pois a mesma declara: “Certamente, o SENHOR Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas” (Amós 3:7).

O objetivo da profecia é alertar o mundo sobre as coisas que vão acontecer, com tempo hábil para que seja efetuada a preparação necessária e com o propósito de encorajar o povo de Deus, ao este ver que o tempo para o cumprimento pleno de suas esperanças está próximo. Nenhum juízo sobreveio ao mundo sem que fosse antes anunciado; nenhum juízo foi executado sem que advertências fossem enviadas. E, se com base no modo uniforme com que Deus agiu com a humanidade no passado, podemos julgar o futuro, então podemos concluir que, sobre os eventos que ainda virão a ocorrer, e, acima de tudo, sobre o grande evento com o qual se encerrará o drama da terra – a vinda do grande dia do Senhor e a vinda do Filho do Homem – algo será revelado, e o mundo será fielmente advertido sobre esse evento antes que ele ocorra.

Ao chamar a atenção para essas coisas, Guilherme Miller e seus colegas eram acusados de intrometer-se nos segredos do Todo Poderoso. Para se livrarem dessa acusação, todavia, eles não precisavam de nada além da linguagem de Moisés, em Deuteronômio 29:29: “As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei”. A profecia pertence àquela parte da Bíblia que pode ser apro-

priamente chamada de revelação. Ela tem o propósito de nos revelar coisas sobre as quais não poderíamos, de outra maneira, obter informações.

Mais uma vez, eles tiveram de enfrentar a alegação de que as profecias não podiam ser entendidas. Todavia, o Senhor declara, em uma referência direta à profecia de Daniel: “quem lê *entenda*” (Mateus 24:15). É verdade que muitas das profecias, como as passagens de Daniel que chegam até o fim dos governos terrestres, ainda não foram compreendidas. Mas afirmar que elas não podem ser entendidas em nenhum período da história, significa, em essência, negar que elas constituem parte da revelação de Deus para o homem.

A profecia de Daniel, por estender-se até um futuro longínquo, não pôde ser entendida pelo próprio profeta. Tampouco pôde ser entendida por ninguém até o tempo do fim, quando boa parte dela deveria se cumprir. Daí a resposta do anjo para a ansiosa indagação do profeta: “Eu ouvi, porém não entendi; então, eu disse: meu senhor, qual será o fim destas coisas? Ele respondeu: Vai, Daniel, porque estas palavras estão encerradas e seladas até ao tempo do fim. Muitos serão purificados, embranquecidos e provados; mas os perversos procederão perversamente, e nenhum deles entenderá, mas os sábios entenderão” (Daniel 12:8-10). Outra vez diz o anjo ao profeta: “E tu, Daniel, fecha estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo; muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará” (Daniel 12:4, ARC).

Pela própria natureza da profecia de Daniel, ela foi encerrada e selada até o tempo do fim, quando, havendo transcorrido a maior parte da história profética, ela deveria ser aberta, entendida, e muitos “correr[iam] de uma parte para outra” com o conhecimento do grande tema sobre o qual ela trata. O resultado do aumento e da divulgação do conhecimento quanto à proximidade do Juízo, que é o grande tema da profecia, também é apresentado. Os perversos se portarão de maneira perversa, e nenhum deles compreenderá. Mas os sábios compreenderão. Com essas observações, a atenção do leitor é dirigida para o capítulo 2 de Daniel.

DANIEL 2

O cenário é aberto com o reino da Babilônia, ou Caldeia, no auge de sua grandeza e glória, no ano de 603 a.C. Nabucodonosor, o monarca caldeu, como é natural a todo ser humano, estivera ansiosamente especulando sobre o futuro e ponderando sobre o que ocorreria dali para frente (Daniel 2:29). Em vez de repreender ou desencorajar esse espírito de indagação nos homens, Deus aproveita a oportunidade para dar ao rei, e, através dele ao mundo, a informação que ele procurava. Sob a forma de uma grande imagem, Deus lhe apresenta a mais impressionante história do mundo, dali em diante, que em nenhum outro lugar se pode encontrar. A cabeça da imagem era de ouro fino, simbolizando o reino da Babilônia, existente então. Em sua interpretação, o profeta se dirigiu ao rei com as seguintes palavras: “tu és a cabeça de ouro” (Daniel 2:38). O peito e os braços de prata representavam a Medo-Pérsia, que logo suplantou a Babilônia como império mundial. O ventre e os quadris de bronze prefiguravam a Grécia, a qual, ao conquistar seus predecessores, também desfrutou de um período de domínio universal. E, finalmente, Roma, as pernas da imagem, exerceu seu poder sobre toda a terra. Discorrendo sobre os dez dedos, disse o profeta: “será esse um reino dividido” (Daniel 2:41). E, assim, Roma foi dividida em dez reinos entre os anos 356 d.C. e 483 d.C. O que se seguiu a isso? O monarca ficou observando até que, do monte, foi cortada uma pedra, sem auxílio de mãos, que feriu a imagem em seus pés, esmiuçou suas partes metálicas, transformou-se em uma grande montanha e encheu toda a terra. Assim nos é dada a interpretação inspirada dessa impressionante cena: “Mas, nos dias destes reis, o Deus do céu suscitará um reino que não será jamais destruído; este reino [...] esmiuçará e consumirá todos estes reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre” (Daniel 2:44).

A história profética da Babilônia, Média-Pérsia e Grécia já foi cumprida há muito tempo; a de Roma também já se cumpriu, exceto pelo trecho em que o metal esmiuçado dá lugar ao reino imortal de Deus. E note: a pedra feriria a imagem nos pés. E seria nos dias dos reis, ou reinados, representados pelos dez dedos da imagem, que o Deus do Céu estabeleceria um reino eterno inteiramente Seu. Esse reino ainda não foi estabelecido. É evidente que ele não foi estabelecido no tempo do pri-

meiro advento de Cristo, pois não foi então que Roma se dividiu em dez reinos, representados pelos dez dedos da imagem.

Paulo aponta a um tempo futuro ao tratar desse reino em sua solene incumbência dada a Timóteo, tendo em vista o Juízo que terá lugar por ocasião do aparecimento do reino de Cristo (2 Timóteo 4:1). Todos os cristãos deveriam orar por esse reino: “Venha o teu reino” (Mateus 6:10). Tiago fala desse reino como uma promessa para os pobres deste mundo, mas ricos na fé (Tiago 2:5).

Os adventistas, todavia, nunca creram que tudo o que é dito no Novo Testamento a respeito do reino do Céu tem relação com o futuro reino de glória. Especialmente em algumas parábolas de nosso Senhor, o termo se refere à obra da graça realizada no povo de Deus em seu estado mortal. Mas se nos permitirmos descrever a relação entre os crentes e seu Senhor, em seu estado de mortalidade, pelo termo “reino da graça”, e a futura relação dos seres imortais com o Rei dos reis pelo termo “reino da glória”, a posição de que o reino foi estabelecido no primeiro advento não se isenta de nenhuma de suas dificuldades. Isso ocorre porque, de fato, o reino da graça foi estabelecido imediatamente após a queda. Adão, Abel, Enoque, Abraão e Moisés foram tão súditos do reino da graça quanto os apóstolos de Jesus. Com essa visão sobre o assunto, cada texto relativo ao reino pode estar em harmonia com os demais.

É verdade que, tanto João quanto Jesus, proclamaram a iminente chegada do reino do Céu. O reino de glória imortal era, então, iminente no sentido de que ele seria o próximo reino universal a vir. No tempo do reino babilônico, o reino da Pérsia era iminente. O reino da Grécia era iminente no período ocupado pela Média e Pérsia. E nos dias daquele reino, Roma era iminente, pois seria o próximo reino a se estabelecer. Nesse sentido, o reino do Céu era iminente nos dias do ministério de João e de Cristo.

DANIEL 7

Nesse capítulo, temos o mesmo diagrama da história do mundo, que foi representado pela imagem do capítulo 2, sendo mostrado outra vez, mas de forma diferente. Aqui, o profeta viu quatro grandes animais, os

quais, de acordo com a explicação do verso 17, representam quatro grandes reinos correspondentes, respectivamente, ao ouro, à prata, ao bronze e ao ferro da grande imagem.

“O primeiro era como um leão e tinha asas de águia” (Daniel 7:4). O império caldeu, ao alcançar o topo de sua prosperidade sob Nabucodonosor, estava representado por esse animal. – *Scott*.

“O segundo animal, semelhante a um urso, o qual se levantou sobre um dos seus lados; na boca, entre os dentes, trazia três costelas” (Daniel 7:5). Um símbolo adequado do caráter e conquista da nação persa, que sucedeu Babilônia em 538 a.C. – *Prideaux*, v. 1, p. 139.

“E eis aqui outro, semelhante a um leopardo, e tinha nas costas quatro asas de ave” (Daniel 7:6). Esse representava o império grego ou macedônico, que, naquele tempo, era o mais renomado do mundo. Ele foi erigido por Alexandre o Grande sobre as ruínas da monarquia persa, e foi perpetuado, em quatro divisões, sob os seus sucessores. Por sua ferocidade e rapidez, o leopardo representava esse reino, especialmente sob Alexandre, o seu fundador; mas a velocidade do quadrúpede não era um símbolo suficientemente adequado para se referir à rapidez com que ele realizou suas conquistas. O leopardo tinha, portanto, quatro asas de ave em cima de suas costas. – *Scott. Prideaux*, v. 1, p. 380. *Rollin's History of Alexander*.

“E eis aqui o quarto animal, terrível, espantoso e sobremodo forte” (Daniel 7:7). O reino que sucedeu a Grécia foi Roma, com sua invencível bravura, dureza e força, que provavelmente nunca foram iguais. Esse animal tinha dez chifres, os quais, de acordo com o verso 24, representavam dez reinos. Os dez reinos são assim enumerados por Marchiaval, o bispo Lloyd e o Dr. Hales: 1) os hunos, 356 d.C.; 2) os ostrogodos, 377 d.C.; 3) os visigodos, 378 d.C.; 4) os francos, 407 d.C.; 5) os vândalos, 407 d.C.; 6) os suevos, 407 d.C.; 7) os burgúndios, 407 d.C.; 8) os hérulos e rúgios, ou turíngios, 476 d.C.; 9) os anglo-saxões, 476 d.C.; 10) os lombardos, 483 d.C. É certo que o império romano foi dividido em dez reinos, e, embora nem sempre esses reinos tenham sido em número de dez, mesmo assim eles ainda eram conhecidos como os dez reinos do império ocidental. – *Scott*.

“Estando eu a observar os chifres, eis que entre eles subiu outro pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que

neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava com insolência” (Daniel 7:8). Esse chifre pequeno é considerado por todos os protestantes como símbolo do papado. Falando sobre esse chifre, o anjo disse: “abaterá a três reis” (Daniel 7:24). Os três reinos que foram arrancados para abrir caminho para o papado foram: 1) os hérulos, em 493 d.C.; 2) os vândalos, em 534 d.C e 3) os ostrogodos, em 538 d.C (Gibbon, *Decline and Fall*). Os santos, os tempos e as leis seriam entregues nas mãos desse poder por um tempo, tempos e metade de um tempo (1.260 anos. Ver Apocalipse 12:6, 14). Contando a partir de 538, quando o papado foi estabelecido, os 1.260 anos chegam até o ano de 1798. É um fato notável da história que, em 10 de fevereiro de 1798, Berthier, um general de Napoleão Bonaparte, no comando do exército republicano da França, entrou em Roma e a sitiou. O governo papal foi abolido e o papa morreu no exílio, em 1799. (Ver o comentário de Croley sobre o Apocalipse, Thiers, *History of the French Revolution* e de Clarke sobre Daniel 7:25). O papado nunca mais foi restaurado ao seu poder anterior. Mediante essa cadeia profética, chegamos ao século 18. E o profeta não vê esse animal transformar sua natureza selvagem e feroz na inocência e gentileza do cordeiro, dando lugar a um milênio temporal; ele olha somente um passo adiante e diz: “estive olhando e vi que o animal foi morto, e o seu corpo desfeito e entregue para ser queimado” (Daniel 7:11).

DANIEL 8

Uma das características das diferentes cadeias de profecia é que, aquela que sucede a anterior, introduz detalhes não fornecidos na que a antecede. O sétimo capítulo de Daniel, depois de cobrir o tema geral representado pela imagem do capítulo dois, nos instrui de maneira mais particular quanto ao desenvolvimento do chifre pequeno, ou o homem do pecado. No oitavo capítulo, somos novamente conduzidos ao longo de um trecho da grande avenida do mundo, com pormenores adicionais concernentes aos poderosos reinos que marcaram o nosso trajeto. Sobre os símbolos desse capítulo – o carneiro, o bode e o chifre que cresceu sobremaneira – o profeta recebeu as seguintes informações:

“Aquele carneiro com dois chifres, que viste, são os reis da Média e da Pérsia” (Daniel 8:20). A divisão persa do império era a mais alta, e veio por último. O carneiro com dois chifres era o famoso símbolo dos medos e persas. Era costume dos reis persas usar um diadema de ouro semelhante a uma cabeça de carneiro. – *Scott*.

“Mas o bode peludo é o rei da Grécia; o chifre grande entre os olhos é o primeiro rei” (Daniel 8:21). Esse foi Alexandre, nascido em 356 a.C., que decidiu a sorte da Pérsia na batalha de Arbela, em 331 a.C., e morreu oito anos depois, em 323 a.C., aos 33 anos de idade, em decorrência de uma convulsão resultante de embriaguez.

“O ter sido quebrado, levantando-se quatro em lugar dele, significa que quatro reinos se levantarão deste povo” (Daniel 8:22). Os quatro chifres eram a Macedônia, a Trácia, a Síria e o Egito, divisões nas quais o império se compartimentalizou logo depois da morte de Alexandre. Esses territórios eram governados, respectivamente, por Cassandro, Lisímaco, Seleuco e Ptolomeu.

“E de uma delas saiu uma ponta mui pequena” (Daniel 8:9, 23-27). Roma não tinha ligação com o povo de Deus e, por essa razão, só é apresentada na profecia após ter conquistado a Macedônia, um dos chifres do bode. Daí ela ser representada como o chifre que saía de um dos outros chifres. As seguintes considerações são provas de que esse pequeno chifre, que cresceu sobremaneira, era Roma:

1. Ele surgiria na parte final do reinado dos quatro reinos. E foi o que aconteceu no que diz respeito ao lugar de Roma na profecia, pois sua ligação com os judeus começou em 161 a.C. (ver 1 Macabeus 8; Josefo, *Antiguidades*, livro 12, cap. 10, seção 6; *Prideaux*, v. 2, p. 166).

2. No começo, o chifre era pequeno. Assim foi com Roma.

3. Ele cresceu sobremaneira “e se tornou muito forte para o sul, para o oriente e para a terra gloriosa” (Daniel 8:9). Assim também foi com Roma. Ela conquistou a Macedônia em 168 a.C., a Síria, etc., até o rio Tigre em 65 a.C. e o Egito em 30 a.C. Comentando sobre esse crescimento do chifre especificamente em direção ao *sul* e ao *oriente*, Sir Isaac Newton infere que ele surgiu na região noroeste do domínio do bode, ou seja, na Itália, o que aponta diretamente para os romanos.

4. Ele lançou por terra alguns do exército e das estrelas. Foi o que Roma fez ao perseguir os discípulos e ministros de Jesus como nenhum outro poder jamais o fez.

5. Ele se engrandeceu até ao Príncipe do exército. Assim fez Roma quando Herodes e Pôncio Pilatos conspiraram contra Jesus.

6. Ele destruiria os poderosos e o povo santo (Daniel 8:24). O saldo de 50 a 100 milhões de mártires confirma essa acusação contra a Roma perseguidora (ver *Religious Encyclopedia*).

7. Ele foi o único poder posterior aos quatro reinos que “se tornou MUITO FORTE” (Daniel 8:9).

8. Nessa visão, a Grécia sucede a Média-Pérsia, exatamente como foi apresentado nas visões anteriores, por *duas vezes*. Assim, é um absurdo supor que o poder que vem depois deles nessa visão seja um poder *diferente* daquele que, por *duas vezes*, nas visões anteriores, foi apresentado *sucedendo-os* (capítulos 2 e 7). E esse poder era Roma.

9. Ele será quebrado sem o esforço de mãos humanas (Daniel 8:25). Que referência clara à pedra “cortada sem auxílio de mãos” que fere a imagem em seus pés (Daniel 2:34)!

Os 2.300 DIAS

Além dos símbolos referentes a governos encontrados em Daniel 8, há um período definido de tempo que requer atenção. Conforme registrado no verso 13, Daniel ouve um santo perguntar para outro santo: “Até quando durará a visão do contínuo sacrifício e da transgressão assoladora, para que seja entregue o santuário e o exército, a fim de serem pisados?” (ARC). O anjo se dirige a Daniel e diz: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado” (Daniel 8:14). Deixando de lado, por ora, a questão sobre o que pode ser o santuário, queremos verificar, se possível, a natureza, o começo e o fim desse período de tempo. Existem dois tipos de tempo na Bíblia: o literal e o simbólico. No tempo simbólico, um dia significa um ano (Números 10:34; Ezequiel 4:6). A que categoria pertencem os 2.300 dias? Considerando que o período foi apresentado em conexão com símbolos, seria fácil e natural concluir que ele compar-

tilhe da natureza do resto da visão e seja simbólico, apresentando-nos um período de 2.300 anos. Isso fica muito evidente a partir do fato – como é mostrado na investigação de Daniel 8 – de que a extensão da visão do profeta abrange os impérios da Pérsia, Grécia e Roma. Os 2.300 anos ali mencionados não podem ser, portanto, dias literais, pois dias literais (algo em torno de seis anos e meio), não poderiam jamais cobrir a duração de nenhum desses impérios, muito menos abarcar a quase totalidade da duração de todos eles, o que, evidentemente, ocorre aqui. Consequentemente, eles devem simbolizar 2.300 anos. É possível determinar o começo desse período? Respondemos: Sim. A chave para essa pergunta está no *nono* capítulo de Daniel. Entre esse capítulo e o oitavo existe uma conexão iniquívoca, a qual passaremos a apresentar.

Após a menção do verso 14, os 2.300 dias não são mais mencionados no capítulo 8, apesar de todas as demais partes da visão terem sido totalmente explicadas. Portanto, deve ter sido o ponto referente ao tempo que deixou o profeta preocupado. E foi isso que o levou a exclamar, no fim do capítulo: “Espantava-me com a visão, e não havia quem a entendesse” (Daniel 8:27).

Foi no terceiro ano de Belsazar, em 553 a.C., que Daniel teve a visão do capítulo 8. Cinquenta e três anos antes, Jerusalém tinha sido tomada por Nabucodonosor, iniciando-se, assim, os 70 anos de cativo; e 35 anos antes, os caldeus haviam destruído completamente a cidade, derrubando seus muros e queimando a casa de Deus (2 Crônicas 36:19). Ao ler a profecia de Jeremias (cap. 25), Daniel tomou conhecimento, no primeiro ano de Dario, em 538 a.C., de que os 70 anos de cativo estavam chegando ao fim, conforme lemos nos primeiros versos de Daniel 9. Fica evidente que ele havia entendido mal o período dos 2.300 dias, a ponto de supor que eles terminariam com os 70 anos de servidão de Israel. Portanto, voltando o rosto na direção da cidade destruída e do templo de seus pais, ele ora arruinado e pede a Deus que faça resplandecer Sua face sobre o santuário assolado (Daniel 9:17).

“Falava eu, digo, falava ainda na oração, quando o homem Gabriel, que eu tinha observado na minha visão ao princípio, veio rapidamente, voando, e me tocou à hora do sacrifício da tarde. Ele queria instruir-me, falou comigo e disse: Daniel, agora, saí para fazer-te entender o sentido.

No princípio das tuas súplicas, saiu a ordem, e eu vim, para to declarar, porque és mui amado; considera, pois, a coisa e entende a visão. *Setenta semanas* estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade [...]” (Daniel 9:20-23).

O contexto, por si só, nos traz evidências suficientes de que a visita do anjo Gabriel tinha como objetivo dar continuidade à visão do capítulo 8, e não precisamos de qualquer argumento especial para provar isso. Mas como existe um ponto vital que depende dessa conclusão, apresentaremos algumas razões que colocam o assunto acima de qualquer contradição.

1. Gabriel foi encarregado (8:16) de fazer com que Daniel entendesse a visão; mas, no fim do capítulo, Daniel diz que ficou espantado com a visão, e que ninguém a entendeu. Gabriel, portanto, não completou sua missão no capítulo 8, mas o encargo ainda estava sobre ele: “Dá a entender a este a visão”.

2. O ser que veio até Daniel enquanto este orava foi o mesmo que lhe aparecera em visão no começo, a saber, Gabriel. Em sua fala, fica evidente que agora ele veio para apontar o erro de Daniel quanto à aplicação do tempo: “Daniel, *agora*, saí para fazer-te entender o sentido”. Por que ele não deu uma compreensão completa a Daniel logo no começo? Respon demos: porque Gabriel lhe havia revelado tudo aquilo que ele poderia suportar naquele momento. Ele enfraqueceu e ficou doente por alguns dias.

3. É feita uma referência direta à visão logo no começo. E, se essa visão não for a do capítulo 8, fica impossível identificá-la. E dizemos ainda mais: se Gabriel não explica no capítulo 9 o que ele omitiu no capítulo 8, é impossível descobrir quando Gabriel teria cumprido sua missão de fazer com que Daniel entendesse a visão.

4. Quando Gabriel começou sua explicação adicional, ele não explicou o símbolo do carneiro, pois já o havia feito. Ele também não explicou o símbolo do bode, pois, semelhantemente, já o havia explicado. Ele tampouco falou sobre o chifre pequeno, pois já explicara isso claramente no capítulo 8. O que ele explicou então? Exatamente o ponto que fora omitido na visão anterior, a saber, o tempo: “*Setenta semanas* estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade” (Daniel 9:24). Esses fatos são suficientes para mostrar a conexão entre Daniel 9 e a visão do capítulo 8. Mas como essas palavras de Gabriel – as 70 semanas determinadas sobre

o seu povo – explicam o período de 2300 dias? A resposta é: a palavra “determinadas” significa, literalmente, *cortadas*. Gesenius, em seu *Léxico do Hebraico*, define o termo da seguinte forma: literalmente, *cortar*; figurativamente, distribuir, demarcar, separar; daí a tradução: determinar, decretar. A *Concordância Hebraica de Englishman* diz: determinadas, literalmente, separadas. De qual período as setenta semanas estão separadas ou cortadas? Dos 2.300 dias, pois não é apresentado nenhum outro período do qual elas possam ser retiradas. Isso é confirmado, não restando espaço para dúvida, pela conexão existente entre os dois capítulos, conforme já demonstrado.

Havendo estabelecido que as 70 semanas de Daniel 4 são os primeiros 490 anos dos 2.300 dias, e que, conseqüentemente, os dois períodos começam ao mesmo tempo, temos a informação adicional de que esse período de semanas data da emissão do decreto para a restauração e construção de Jerusalém (Daniel 9:25). Se pudermos, então, localizar de maneira definitiva esse decreto no tempo, teremos o ponto de partida para o grande período de 2.300 anos. A Bíblia nos fornece quatro provas pelas quais podemos determinar a data correta:

1. A partir da emissão do decreto, 49 anos deveriam testemunhar o fim da construção da rua e do muro de Jerusalém (Daniel 9:25, KJV).

2. A partir desse momento, 62 semanas, ou, no total, 69 semanas, compreendendo 483 anos, estender-se-iam até o Messias, o Príncipe.

3. Sessenta e nove semanas e meia se estenderiam até a crucifixão, quando cessariam “o sacrifício e a oferta de manjares”, no meio da septuagésima semana (Daniel 9:27).

4. O período completo de 70 semanas deveria testemunhar a completa confirmação da aliança com o povo de Daniel.

No capítulo sete de Esdras, encontramos o decreto que estamos procurando. Ele foi emitido em 457 a.C. Muito se poderia dizer sobre esse decreto e sobre a data de sua promulgação, mas uma explicação mais completa e apropriada sobre ele poderá ser dada em outro lugar. Direi, entretanto, que, admitindo que 457 a.C. seja a data correta para o início dos 2.300 anos – fato este corroborado com as mais claras evidências –, ninguém terá dificuldade para compreender como Guilher-

me Miller chegou à conclusão de que esse período profético chegaria a seu fim no ano de 1843.

Subtraindo.....	457
De	2.300
Restam	1.843

Com a solene convicção [escreve o Sr. Miller] de que esses significativos eventos foram preditos nas Escrituras e deveriam se cumprir dentro de um curto espaço de tempo, o assunto me tocou profundamente e com muita força, levando-me a indagar sobre qual era meu dever para com o mundo, em face da evidência que havia iluminado minha mente. Se o fim estava tão próximo, era importante que o mundo soubesse disso. Eu supunha que esse tema atrairia a oposição dos incrédulos, mas nunca me passou pela cabeça que qualquer cristão se oporia a essa mensagem. Eu imaginava que todos os cristãos ficariam tão alegres, tendo em vista a gloriosa perspectiva, que bastaria apresentar esse assunto e eles o receberiam. Meu grande medo era que, em sua alegre esperança da gloriosa herança a ser revelada em breve, eles recebessem a doutrina sem que examinassem suficientemente as Escrituras como prova dessa verdade. Senti receio, portanto, de apresentá-la, temendo a possibilidade de eu estar errado, e, assim, tornar-me um instrumento para desencaminhar quem quer que fosse.

Várias dificuldades e objeções me vinham à mente, de quando em quando. Alguns textos que pareciam desafiar minhas conclusões me chamavam a atenção; e eu estava determinado a não apresentar nenhum ponto de vista a ninguém enquanto ainda houvesse alguma dificuldade relacionada a ele. Continuei, portanto, estudando a Bíblia para ver se eu poderia manter qualquer uma dessas objeções. Meu objetivo não era meramente eliminá-las, mas checar se eram válidas.

Às vezes, em meu trabalho, eu começava a pensar num texto como este: Ninguém sabe nem o dia nem a hora, etc. Portanto, como poderia a Bíblia revelar o tempo do advento? Imediatamente, eu examinava o contexto em que o verso se encontrava e via que, no mesmo contexto, somos informados sobre como podemos saber quando ele está próximo, às portas. Consequentemente, essa passagem não poderia querer dizer que não podemos saber nada sobre a data desse evento. Outras passagens, usadas para apoiar a doutrina de um milênio temporal, surgiam; mas, ao examinar o contexto delas, eu invariavelmente constatava que elas se aplicavam somente ao estado eterno, ou eram tão ilustrativas da pregação do

evangelho aqui que se mostravam totalmente irrelevantes para a posição que elas supostamente apoiavam.

Assim, todas aquelas passagens que falam da vontade de Deus sendo feita na terra assim como no Céu, e da terra ficando cheia do conhecimento da glória de Deus, etc., não poderiam ser aplicadas a um momento em que o Homem do Pecado estivesse prevalecendo contra os santos, ou em que os justos e os ímpios estivessem habitando juntos – que será o caso até o fim do mundo. Os que falam sobre a pregação do evangelho a todo o mundo ensinam que, assim que isso vier a acontecer, o fim virá; de modo que tal fim não poderá ser postergado por mil anos a partir da conclusão da pregação, nem por tempo suficiente para que o mundo se converta após a pregação do evangelho em testemunho a todas as nações.

A questão sobre a ressurreição e o Juízo foi, por algum tempo, uma pedra no caminho. Tendo sido instruído de que todos os mortos seriam ressuscitados ao mesmo tempo, supus que isso devia ser um ensinamento Bíblico, mas logo vi que era apenas uma das tradições dos anciãos.

O mesmo ocorreu com relação ao retorno dos judeus. Vi que essa questão só poderia ser sustentada mediante a negação das declarações do Novo Testamento, que afirmam não haver diferença entre judeu e grego, escravo ou livre, homem ou mulher; mas a Bíblia é clara ao dizer: “E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa” (Gálatas 3:29). Assim, senti-me obrigado a descartar a objeção que defende que há diferença entre judeu e grego; pois os filhos da carne *são* considerados descendentes, etc.

Com isso me ocupei desde 1818 até 1823, tempo em que ponderei as várias objeções que me vinham à mente. Durante esse tempo, mais objeções me vieram à mente do que aquelas que meus oponentes puderam apresentar desde então. De todas as objeções que me foram apresentadas, desconheço alguma que não me tenha ocorrido. Todavia, por mais fortes que parecessem no começo, depois de examiná-las à luz da Palavra de Deus, eu só podia compará-las a palhas espalhadas como obstáculos insignificantes numa estrada muito transitada. A carruagem da verdade passava por cima delas, seguindo avante sem qualquer impedimento.

Miller continuou estudando diariamente a Bíblia, ficando cada dia mais convencido de que tinha um dever pessoal a cumprir quanto ao que ele entendia que a Bíblia ensinava sobre a proximidade do advento. Ele descreve essas impressões da seguinte forma:

Em meio aos meus afazeres, continuamente soava aos meus ouvidos a ordem: “vá e conte para todo o mundo que eles estão em perigo”. Este texto estava sempre na minha mente: “Se eu disser ao ímpio: Ó ímpio, certamente morrerás; e tu não falares, para desviar o ímpio do seu caminho, morrerá esse ímpio na sua iniquidade, mas o seu sangue eu o demandarei da tua mão” (Ezequiel 33:8, 9). Eu tinha a impressão de que, se os ímpios pudessem ser efetivamente advertidos, multidões deles se arrependeriam, e que, se eles não fossem advertidos, o seu sangue poderia ser requerido de minhas mãos. Fiz o que pude para evitar a convicção de que algo era requerido de mim. Pensei que, ao falar livremente sobre isso para todos, eu estaria cumprindo meu dever, e que Deus iria providenciar os instrumentos necessários para o cumprimento da obra. Orei para que algum ministro pudesse compreender a verdade e se dedicasse a sua promulgação. Mas a impressão ainda persistia: Vá e conte para o mundo; o sangue deles eu o demandarei da tua mão. Quanto mais eu falava sobre isso em minhas conversas, mais insatisfeito eu me sentia comigo mesmo por privar as pessoas dessa verdade. Tentei me desculpar diante do Senhor por não sair e proclamá-la para o mundo. Disse a Ele que eu não estava acostumado a falar em público; que não tinha as qualificações necessárias para captar a atenção de um auditório; que eu era muito tímido e temia me apresentar diante do mundo; que eles não acreditariam em mim nem me dariam ouvidos; que eu tinha a língua pesada e dificuldade para falar. Mas apesar de todas as tentativas, não tive sossego.

Quando as opiniões do Sr. Miller a respeito da proximidade e da natureza do milênio se tornaram conhecidas, elas, naturalmente, suscitaram muitos comentários entre seus amigos e vizinhos, como também entre os de longe. Alguns desses comentários – que em nenhum sentido envolviam elogios à sanidade mental – eram ocasionalmente repetidas para ele.

Certa vez, ele ouviu que um médico de sua vizinhança havia dito que o Ilustríssimo Miller, como ele era comumente chamado, era um homem refinado e bom vizinho, mas um monomaníaco quanto ao assunto do advento. Frente a esse relato, o Sr. Miller sugeriu, com bom humor, que talvez o médico lhe desse uma receita para seu caso.

Quando um dos seus filhos adoeceu, o doutor foi chamado. Depois de receitar a medicação para a criança, o doutor, notando que o Sr. Miller estava mudo em um dos cantos do quarto, perguntou-lhe o que o afligia.

– Bem, doutor, não sei ao certo. Gostaria que o senhor me examinasse e prescrevesse a medicação necessária.

O doutor tomou seu pulso, etc., sem conseguir determinar qual era o problema. Perguntou, então, ao Sr. Miller o que ele supunha ser a razão de sua queixa.

– Bem – disse o Sr. Miller –, eu só sei que sou um monomaniaco. Por isso, gostaria que o senhor me examinasse, e, se eu for mesmo um monomaniaco, por favor, me cure. O senhor pode me dizer quando é que um homem é monomaniaco?

O doutor enrubescou e disse achar que podia. O Sr. Miller queria saber como.

– Ora – disse o doutor –, um monomaniaco é racional em todos os assuntos, menos em um. E quando você toca nesse assunto em particular, ele fica furioso.

– Muito bem – disse o Sr. Miller –, eu insisto que o senhor procure saber se eu sou mesmo um monomaniaco, e, se eu for, o senhor vai me prescrever os devidos remédios para que eu fique curado. Portanto, o senhor vai se sentar comigo por duas horas enquanto eu lhe apresento o assunto do advento. Se eu for mesmo monomaniaco, quando terminarem as duas horas o senhor saberá.

O doutor ficou um pouco desconcertado, mas o Sr. Miller insistiu e disse que, como se tratava de um exame médico para avaliar as condições de sua mente, ele poderia cobrar-lhe a consulta.

O doutor finalmente concordou e, a pedido do Sr. Miller, abriu sua Bíblia e começou a ler Daniel 8. À medida que ele lia, o Sr. Miller lhe perguntou qual era o significado do carneiro e dos outros símbolos apresentados. O doutor havia lido Isaac Newton, e aplicou os símbolos à Pérsia, Grécia e Roma, da mesma maneira que o Sr. Miller.

Depois, o Sr. Miller perguntou qual seria a duração daqueles impérios.

– 2.300 dias –, respondeu o médico.

– O quê? – disse o Sr. Miller. – Como é possível que aqueles grandes impérios durassem apenas 2300 dias literais?

– Bem –, disse o doutor –, esses dias são anos, de acordo com todos os comentaristas; e aqueles reinos devem durar 2.300 anos.

O Sr. Miller então pediu que ele fosse ao segundo capítulo de Daniel, e, depois, ao sétimo, capítulos para os quais ele deu a mesma explicação que o Sr. Miller. Ele então perguntou se o doutor sabia quando os 2.300 dias terminariam. Ele não sabia, visto que não sabia quando eles começavam.

O Sr. Miller pediu que ele lesse o nono capítulo de Daniel. Ele leu até chegar ao verso 21, quando Daniel viu o varão Gabriel, a quem vira na visão.

– Em que visão? – perguntou o Sr. Miller.

– Ora – disse o doutor, – na visão do capítulo oito de Daniel.

O Sr. Miller continuou:

– Portanto, considera o sentido e entende a visão. Ele veio e o fez entender a visão, não foi?

– Sim! – disse o doutor.

– Bem, as setenta semanas estão determinadas. Essas setenta semanas fazem parte de quê? – indagou o Sr. Miller

– Dos 2.300 dias –, respondeu o médico.

– Então elas começam com os 2.300 dias?

– Sim –, disse o doutor.

– E quando elas terminam?

– Em 33 d.C.

– Então, por quanto tempo os 2.300 dias se estendem após 33 d.C.?

O doutor subtraiu 490 de 2.300 e respondeu:

– 1810. Ora – ele disse –, isso já passou.

– Todavia –, continuou o Sr. Miller –, devemos contar 1810 a partir de 33. A que ano chegamos?

O doutor logo viu que 33 devia ser adicionado. Somando os dois números, ele respondeu: – 1843.

Diante do inesperado resultado, o doutor se reclinou em sua poltrona e enrubesceu. Logo, pegou seu chapéu e, enraivecido, foi embora.

No dia seguinte, ele procurou o Sr. Miller, aparentando ter passado por uma grande agonia mental.

– Ora, Sr. Miller – ele disse, – eu vou para o inferno. Eu não consegui dormir nem por um minuto desde que estive aqui ontem. Examinei a questão de todos os prismas e a visão deve terminar em torno de 1843 d.C., e eu não estou preparado. Acho que vou para o inferno.

O Sr. Miller acalmou-o e mostrou-lhe o refúgio para o povo de Deus. Dentro de mais ou menos uma semana, tendo procurado o Sr. Miller diariamente, o doutor finalmente seguiu seu caminho com alegria, agora um *monomaniaco igualzinho* ao Sr. Miller. Mais tarde, ele reconheceu que, antes de chegar ao número 1843, ele não tinha ideia do resultado ao qual chegaria.

6. TRABALHOS PÚBLICOS DE MILLER

Os trabalhos públicos do Sr. Miller, de acordo com as melhores evidências a que temos acesso, datam do outono de 1831. Ele continuava muito tenso por causa do dever de contar ao mundo sobre o advento, dever este que muito lhe impressionava a mente. Um sábado, depois do desjejum, ele se sentou em sua escrivaninha para examinar algum ponto e, ao se levantar para ir trabalhar, aquela impressão outra vez lhe veio à mente, agora com mais força do que nunca: Vá e conte para o mundo. Ele escreveu:

A impressão foi tão repentina e veio com tamanha força que eu me sentei na cadeira dizendo: “Não posso ir, Senhor”. “Por que não?”, parecia ser a resposta. E todas as desculpas me vieram à mente: minha falta de habilidade, etc. Mas minha angústia ficou tão forte que entrei em um acordo com Deus de que, se Ele abrisse o caminho, eu iria cumprir meu dever para com o mundo. “O que você quer dizer com abrir o caminho?”, eu parecia escutar. “Ora”, eu disse, “se eu receber um convite para falar em público em algum lugar, irei e falarei para os presentes sobre o que eu encontrei na Bíblia acerca da vinda do Senhor”. Instantaneamente, todas as minhas preocupações desapareceram, e me alegrei achando que nunca receberia um convite assim, pois tal coisa nunca me havia acontecido antes. Minhas provações não eram conhecidas, e minha expectativa de ser convidado para qualquer campo de trabalho era pequena.

Cerca de meia hora depois, antes de eu sair da sala, um dos filhos do Sr. Guilford, de Dresden, que ficava cerca de 20 quilômetros de minha casa, entrou em minha sala e disse que o pai dele o havia enviado à minha casa, pois queria que eu fosse com ele até a sua residência. Supondo que ele queria conversar sobre algum negócio, perguntei-lhe o que seu pai queria. O rapaz respondeu que não havia ninguém para pregar em sua igreja no dia seguinte e que seu pai queria que eu viesse para falar para as pessoas sobre o assunto da vinda do Senhor. Imediatamente, fiquei zangado comigo mesmo por ter feito esse tipo de pacto. Rebelei-me contra o Senhor naquele exato momento e decidi não ir. Deixei o rapaz só, sem dar-lhe nenhuma resposta, e me retirei com grande aflição para um bosque que havia nas imediações. Ali, lutei com o Senhor por cerca de uma hora, tentando me livrar do pacto que fizera com Ele. Mas não tive nenhum alívio. Minha consciência me dizia com toda nitidez: “Você faz um pacto com Deus só para quebrá-lo logo depois?” A excessiva

pecaminosidade de agir daquela forma me subjugou. Finalmente, submeti-me e prometi ao Senhor que, se Ele me sustentasse, eu iria, confiante de que Ele me daria graça e habilidade para desempenhar tudo o que pedisse de mim. Voltei para casa e encontrei o rapaz ainda esperando. Ele ficou até depois do almoço e eu fui para Dresden com ele.

No dia seguinte, o qual, até onde posso lembrar, foi o primeiro domingo de agosto de 1831, apresentei minha primeira palestra pública sobre o segundo advento. O recinto estava cheio e todos estavam atentos. Assim que comecei a falar, toda minha timidez e vergonha desapareceram, e a única coisa que continuou a me impressionar foi a grandeza do assunto que, pela providência de Deus, eu fui capaz de apresentar. Ao término das atividades religiosas daquele domingo, fui convidado a ficar ali para apresentar palestras durante a semana, com o que concordei. As pessoas vieram em grande número das cidades vizinhas. Iniciou-se um reavivamento, e foi-me relatado que, em treze famílias, todos, com exceção de duas pessoas, alegremente se converteram.

Na segunda-feira seguinte, voltei para casa e encontrei uma carta do pastor Fuller, de Poultney, Vermont, pedindo-me que apresentasse minhas palestras sobre o advento. Eles não tinham ouvido a respeito de minha ida a Dresden. Fui para Poultney e apresentei as palestras, obtendo o mesmo resultado.

Dali, fui convidado a ir para Pawlet e outras cidades vizinhas. As igrejas dos congregacionalistas, batistas e metodistas abriram suas portas. Em quase todos os lugares que eu visitava, meu trabalho resultava no retorno de apostatados e na conversão de pecadores. Com frequência, eu era convidado para campos de trabalho pelos pastores das várias congregações que eu visitava, e esses me davam seu apoio. Eu nunca trabalhei em algum lugar ao qual não me houvessem convidado. A partir daquele momento, durante todo o período de minhas apresentações públicas, convites vindos do ministério e dos líderes das igrejas chegavam sem parar, e mais da metade deles eu não podia aceitar. As igrejas de todas as partes abriram suas portas, e eu apresentei palestras em salões superlotados no oeste de Vermont, no norte de Nova York e no leste do Canadá. Meu trabalho produzia reformas poderosas.

A CONVERSÃO DE CEM INCRÉDULOS

O biógrafo de Miller relata:

Em 1 de janeiro de 1838, ele começou uma segunda série de palestras em Lansingburgh, Nova York, atendendo ao convite urgente da igreja batista local e de seu pastor, E. B. Crandall. As palestras continuaram por nove dias e foram ouvidas por auditórios lotados e atentos. O resultado foi extremamente animador. A incredulidade tinha vários redutos naquela localidade, e muitos desses incrédulos assistiram às palestras e foram grandemente tocados por elas. Numa carta datada do dia 25 do mesmo mês, duas semanas depois do término das palestras, um cavalheiro daquela localidade escreveu para o Sr. Miller:

“Eu nunca havia testemunhado, em nenhum lugar, um efeito tão poderoso sobre os ouvintes como esse. Sou da opinião de que não menos que cem pessoas que abrigavam sentimentos de incredulidade foram levadas a crer na Bíblia. Como que amedrontada, a incredulidade emudeceu neste lugar, e são muitos os conversos.”

O seguinte testemunho, de alguém que foi convertido durante as palestras, foi transcrito do Boston Investigator, periódico de posições incrédulas, de janeiro de 1845:

“Sr. Editor: Eu era um ávido apoiador das opiniões de Abner Kneeland, assistia às suas palestras e *prolongadas danças*, não acreditava na revelação divina nem numa existência futura e concordava plenamente com as opiniões do Sr. Kneeland sobre a religião. Tendo lido cada obra importante que pude obter e tendo ouvido muitas palestras contrárias a Deus e à Bíblia, considerava-me preparado para derrubar a fé cristã e não temia nenhum argumento que viesse da Bíblia. Com esses sentimentos, assisti a um curso completo das palestras do Sr. Miller. Ele apresentou suas regras de interpretação e se comprometeu a provar sua posição. Eu aprovei suas regras – as quais lhe recomendo –, e o resultado foi que ele provou que a Bíblia é o que afirma ser: a Palavra de Deus, o que ficou claro em minha mente, sem que restasse nenhuma dúvida. Por isso, decidi aceitá-lo como um conselheiro digno de confiança. Percebo que você tem suas dúvidas sobre a verdade da declaração referente a centenas de incrédulos sendo convertidos como resultado da pregação do Sr. Miller. Talvez isso se deva ao fato de que o senhor nunca se dispôs a escutar, de maneira sincera e cuidadosa, o Sr. Miller. Ele é um homem poderoso na explicação das Escrituras e tem efetuado uma terrível execução nas fileiras dos ‘inimigos do Rei’, com a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus. Conheço pessoalmente quase

cem pessoas que sustentavam opiniões semelhantes às de Abner Kneeland, e que se converteram mediante a pregação do Sr. Miller. E não foi sem lutas e considerações que ficamos convencidos. Cada esteio e cada refúgio de incredulidade foram afastados de nós, e o nosso arenoso alicerce foi varrido pela verdade do Todo-poderoso, como palha levada pelo vento. Contudo, deles nos separamos como um homem se separa de um *dente doente*. Tentamos curar esse dente e mantê-lo em seu lugar, e, quando ficamos sabendo que a raiz estava apodrecida, foi doloroso ter que removê-lo. Mas após a extração, alegramos-nos e nos sentimos melhor, pois há bálsamo em Gileade – ali há um Médico.”

De 24 a 28 de maio, o Sr. Miller deu algumas palestras em Groton, Massachusetts, e de 3 a 9 de junho, em Lynn, Massachusetts. Em relação a sua visita a esse local, ele fez o seguinte comentário no livro de suas memórias: “Assim termina minha viagem pelo Estado de Massachusetts, onde fiz 800 palestras entre 1º de outubro de 1834 e 9 de junho de 1839 – quatro anos, seis meses e nove dias”. O editor do *Lynn Record* deu a seguinte notícia sobre o Sr. Miller e sua visita àquele local:

MILLER E AS PROFECIAS

“Tínhamos preconceito contra esse bom homem quando ele veio aqui pela primeira vez, pois supúnhamos que interpretar as profecias bíblicas de modo a fazê-las apontar para o fim do mundo em 1843 era um erro claro. Ainda estamos inclinados a crer que isso é um erro ou um cálculo mal feito. Ao mesmo tempo, superamos nosso preconceito contra ele ao assistirmos às suas palestras e aprendermos mais sobre o excelente caráter desse homem, e sobre o bem que ele está realizando. O Sr. Miller é um fazendeiro simples cuja única pretensão é a de ter feito, por muitos anos, um extenso estudo das profecias das Escrituras, e de entender algumas delas de maneira diferente da maioria das outras pessoas; e cujo desejo, para o bem de outros, é divulgar suas opiniões diante do público. Ninguém consegue ouvi-lo por cinco minutos sem que se convença de sua sinceridade e se instrua com o seu raciocínio e informações. Todos reconhecem que suas palestras estão repletas de material útil e interessante. Seu conhecimento das Escrituras é muito extenso e detalhado. Além disso, ele demonstra, de modo especial e surpreendente, estar familiarizado com a profecias. A aplicação que faz das mesmas aos grandes eventos do mundo natural e moral é tão

precisa, que as pessoas se convencem da veracidade dela, e ele ganha pronta aprovação de seus ouvintes. Temos razões para acreditar que a pregação, ou as palestras, do Sr. Miller, têm produzido um grande e extenso bem. Como resultado disso, têm havido reavivamentos. Ele tem sido ouvido com atenção em todos os lugares aonde vai.”

“Não há nada de muito especial nos modos ou na aparência do Sr. Miller, que são, no mínimo, iguais ao estilo e aparência dos ministros em geral. Seus gestos são naturais e expressivos, e sua aparência pessoal é, em todos os sentidos, decorosa. Suas explicações e ilustrações sobre as Escrituras são admiravelmente simples, naturais e convincentes. Onde quer que ele pregue, as pessoas manifestam grande entusiasmo ao ouvi-lo.”

Na volta para casa, ele apresentou palestras nos seguintes lugares: No dia 16 de junho, em Westford, Vermont; no dia 23, em Cambridge, Vermont; e no dia 30, em Colchester, Vermont. Como resultado de seus esforços em Colchester, 23 pessoas se uniram à igreja batista entre aquela data e o dia 2 de dezembro do mesmo ano.

As cartas endereçadas para ele e seu filho, nesse período, mostram que havia uma notícia de que ele estava morto. Logo que isso foi desmentido, outra notícia circulou relatando que, ao reexaminar seus cálculos, ele descobrira um erro de cem anos. Ambos os rumores foram várias vezes revividos, e tiveram que ser, com a mesma frequência, refutados.

Em 15 de setembro, cumprindo o desejo de muitos moradores de Rutland, Vermont, que estavam bastante ansiosos para ouvir sua série de palestras, ele visitou aquele lugar, dando palestras diariamente até o dia 22, quando voltou para sua família e fez arranjos para uma segunda visita a Massachusetts.

Seu trabalho teve início em Groton, Massachusetts, em 13 de outubro, onde ele deu palestras por dez dias. Com referência a essas palestras – e a outras, em cidades vizinhas – Silas Hawley, ministro da igreja congregacional, escreveu de Groton, em 10 de abril de 1840:

“O Sr. Miller tem apresentado suas palestras nesta cidade e nas cidades vizinhas com notável sucesso. Suas palestras têm sido seguidas de preciosos reavivamentos da religião em todos esses lugares. Uma classe de pessoas que não seria influenciada por outros tem sido alcançada por ele. Chegou ao meu conhecimento que suas palestras são adaptadas para abalar a supremacia de várias formas de erro frequentes na comunidade.”

Ao término de suas palestras em Groton, o Sr. Miller apresentou uma terceira série de palestras em Lowell, entre 23 de outubro e 1º

de novembro, as quais, a exemplo das anteriores ministradas nesse mesmo lugar, produziram preciosos frutos.

De 2 a 10 de novembro, ele deu palestras em Haverhill, Massachusetts, onde conheceu o pastor Henry Plummer, da igreja cristã, que abraçou suas opiniões e se tornou um fiel amigo do Sr. Miller até o falecimento deste.

Em 11 de novembro, o Sr. Miller começou uma série de palestras em Exeter, New Hampshire, que durou até o dia 19. No dia 12, uma assembleia da Conexão Cristã estava sendo realizada ali, e o Sr. Miller foi convidado para uma das reuniões. Ele era estranho para quase todos ali, e poucos, mais por mera curiosidade, davam atenção a suas opiniões. Vários deles questionaram-no a respeito de sua fé, mas foram rapidamente silenciados pela citação de textos apropriados das Escrituras.

Ele chegou a Boston em 7 de dezembro e, do dia 8 ao dia 16 deste mesmo mês, deu palestras na capela da Rua Chardon – sua primeira série de palestras naquela cidade.

Em 12 de dezembro, o Sr. Miller escreveu de Boston para o seu filho: “Estou agora neste lugar palestrando duas vezes por dia para grandes auditórios. Muitos, mas muitos mesmo, tiveram que ir embora por não haver mais lugar. Tenho informações de que muitos estão seriamente preocupados com sua condição diante de Deus. Espero que Deus opere nesta cidade”.

Em 19 de novembro, ele iniciou uma série de palestras em New Haven, Connecticut, na Igreja Episcopal Metodista do reverendo Law. No domingo dia 20, embora o salão fosse grande, a igreja estava lotada. À noite, muitos não puderam assistir. Ele permaneceu ali até o dia 26, e o interesse do público continuava a série toda. *The Fountain*, um jornal sobre temperança publicado naquela cidade, trouxe a seguinte reportagem sobre a reunião:

“O Sr. Guilherme Miller, celebrado escritor e palestrante do segundo advento do nosso Salvador e da iminente destruição do mundo, visitou recentemente nossa cidade e apresentou uma série de palestras para um enorme grupo de ávidos ouvintes na Primeira Igreja Metodista. Estima-se que não menos de três mil pessoas estiveram presentes na igreja todas as noites, durante uma semana. Pode-se até questionar se o silêncio quase absoluto que reinou em meio à grande multidão, durante as duas ou três horas de cada reunião, reflete o interesse da mesma no assunto de suas palestras; no entanto, não se pode dizer que nossa comunidade está insensível diante dessa importante questão.

“O Sr. Miller estava acompanhado e assistido pelo pastor J. V. Himes, um eficiente ajudante nesta grande e importante obra. Não assistimos à série inteira; só tivemos a oportunidade de ouvir as três últimas palestras. Estamos profundamente desapontados. Tantas coisas extravagantes haviam sido ditas sobre os ‘fanáticos’ na imprensa pública, e tantas declarações distorcidas publicadas com referência a seus artigos de fé, que estávamos preparados para testemunhar manifestações repulsivas e talvez blasfemas do millerismo, como é chamada a doutrina do segundo advento.

“Para fazer jus ao Sr. Miller, somos obrigados a dizer que ele é um dos palestrantes mais interessantes que já ouvimos. Não temos a menor dúvida de que ele está plenamente convencido da verdade da doutrina que ensina com tanta diligência, e ele certamente revela grande sinceridade e imparcialidade em sua maneira de provar seus pontos. E ele também os prova de tal modo que todos os ouvintes ficam convencidos, ou seja: se aceitarmos suas premissas como corretas, não há como escapar de suas conclusões.

“Há um grande número de crentes que vem de outros lugares para assistir às conferências, e eu nunca vi um grupo tão alegre de pessoas. Não temos como determinar o efeito preciso dessas reuniões sobre a comunidade, mas sabemos que muitas mentes têm sido induzidas a contemplar as profecias bíblicas sob uma nova luz, e não são poucos os que estão estudando a Bíblia com interesse peculiar. De nossa parte, essa nova visão do destino do mundo é tão discrepante com a maneira anterior de pensar, que não estamos preparados para dar-lhe pleno crédito, embora não devamos ousar refutá-la.

“A melhor parte da história é que um poderoso reavivamento seguiu-se após o trabalho do Sr. Miller e de seus colaboradores. Soubemos que mais de 50 pessoas se apresentaram para orações diante do altar da igreja metodista na noite de domingo. Na segunda à noite, o número era de 80 pessoas.”

De 6 a 9 de março [de 1842], o Sr. Miller apresentou suas palestras em Medford, Massachusetts. Em sua estadia ali, um amigo o levou a um frenologista conhecido seu, em Boston, que não sabia a quem pertencia a cabeça que iria examinar. O frenologista começou dizendo que a pessoa que estava sendo examinada tinha uma cabeça grande, bem desenvolvida e bem equilibrada. Ao examinar as áreas do crânio responsáveis pela moral e pelo intelecto, ele disse ao amigo do Sr. Miller:

– Deixe-me dizer uma verdade: para o Sr. Miller, não seria fácil fazer *deste homem aqui* um converso à sua tola teoria, visto que ele é um homem dotado de muito bom senso.

Assim, ele foi adiante, fazendo comparações entre a cabeça que estava examinando e a do Sr. Miller, do jeito que ele imaginava que ela seria.

– Ah, como eu gostaria de examinar a cabeça do Sr. Miller!, – disse ele. – Eu daria uma bela espremida nela.

O frenologista, sabendo que o cavalheiro era amigo particular do Sr. Miller, não se furtou em sair da linha e fazer comentários sobre ele. Colocando a mão sobre a área que responde por dotes fenomenais, ele disse:

– Aí está! Sou capaz de apostar que o velho Miller tem nesta parte de seu cérebro um galo do tamanho do meu punho; – e cerrou o punho para ilustrar seu comentário.

Os presentes riram da perfeição da piada, e ele animadamente se juntou a eles, supondo que estavam rindo de seu gracejo com respeito a Miller.

Ele declarou, em relação à cabeça do homem que estava sendo examinado, o oposto, em cada aspecto, de como ele achava que devia ser a do Sr. Miller. Ao terminar, ele preencheu sua planilha e, educadamente, perguntou ao Sr. Miller qual era o nome dele.

O Sr. Miller disse que era desnecessário colocar seu nome na planilha, mas o frenologista insistiu.

– Muito bem – disse o Sr. Miller –, pode me chamar de Miller, se quiser.

– *Miller, Miller* – disse ele. – Qual é o seu primeiro nome?

– Chamam-me de Guilherme Miller.

– O quê? O senhor é o homem que está apresentando palestras sobre as profecias?

– Sim, senhor. Ele mesmo.

Com isso, o frenologista deixou-se cair em sua cadeira, visivelmente atônito e consternado, e não pronunciou uma palavra sequer enquanto o grupo não foi embora. Seus sentimentos podem ser mais facilmente imaginados do que descritos.

A respeito de sua aparência pessoal e personalidade reservada, devemos prestar ao leitor o serviço de dar o seguinte retrato, desenhado por uma delicada pena:

Acabo de ter o privilégio de conhecer esse humilde servo de Deus ao lado da lareira da casa de um amigo, e posso verdadeiramente

dizer que minhas melhores expectativas foram mais do que atingidas nesse encontro. Existe uma bondade de alma, uma simplicidade e um poder, peculiarmente originais, combinados em seus modos. Ele é afável e atencioso com todos, sem qualquer afetação de superioridade. Ele tem estatura média, é um tanto corpulento, e seu temperamento é uma mistura de sanguíneo e colérico. Sua capacidade intelectual é excepcionalmente plena, e pode-se ver em seu rosto grande bondade e firmeza, unidas a uma falta de amor-próprio. Nele não há qualquer deslumbramento, sendo NATURALMENTE cético. Seu semblante é cheio e redondo, bastante parecido com as gravuras que temos visto, embora haja uma peculiar profundidade de expressão em seus olhos azuis, que transmitem sagacidade e amor. Embora tenha 62 anos de idade, seu cabelo não é branco, mas de coloração castanho-avermelhada e lustrosa. Sua voz é cheia e distinta, e seu sotaque contém algo do antigo norte. Em suas relações sociais, ele é gentil e afetuoso e garante a estima de todos com quem se associa. Ao fornecer esse rápido desenho, feito a lápis, para o público, minha intenção é simplesmente corrigir numerosas declarações incorretas e satisfazer o sincero desejo de muitos crentes distantes, apresentando um vago perfil do caráter e aparência do homem que Deus escolheu para dar o “Clamor da Meia-Noite” a um mundo que dorme. – *Midnight Cry*.

Neste ponto, devemos deixar Guilherme Miller por ora para, novamente, apresentar um rápido esboço do surgimento e progresso do adventismo.

7. MEU TRABALHO PÚBLICO

Ao voltar da grande reunião campal no leste de Maine, onde ouvi com profundo interesse homens como Miller, Himes e Preble, eu estava feliz por acreditar que Cristo voltaria por volta de 1843. Eu havia deixado tudo de lado para ensinar essa doutrina a outros, e o meu grande objetivo era me preparar para isso. Eu havia comprado um quadro que ilustrava as profecias de Daniel e de João, usado por palestrantes naquela época, e tinha uma variedade considerável de publicações sobre o modo, o objetivo e a data do segundo advento. Com esse quadro pendurado diante de mim, os livros e a Bíblia em minhas mãos, eu passei várias semanas estudando, o que me proporcionou uma clara visão sobre o assunto.

Em outubro de 1842, houve uma reunião campal em Exeter, Maine, da qual participei. Foi uma grande reunião, com inúmeras tendas e sermões claros e poderosos. As melodias do segundo advento eram cantadas com um poder que eu nunca havia verificado em canções sacras. Minha experiência com o segundo advento foi grandemente aprofundada nessa campal, e, ao terminar o evento, senti que deveria sair para o campo de colheita e fazer o que me fosse possível para que a advertência soasse. Portanto, preparei três palestras: uma para eliminar as objeções de que não se pode conhecer a data do advento e sobre o milênio temporal, outra sobre os sinais dos tempos, e outra sobre a profecia de Daniel.

Eu não tinha cavalo, nem sela, nem arreios, nem dinheiro, mas senti que devia ir. Eu havia gastado o dinheiro ganho no inverno anterior em roupas, nas reuniões sobre o segundo advento e na compra dos livros e do quadro. Meu pai, porém, me ofereceu um cavalo para o inverno, e o pastor Polley me deu uma sela com as almofadas soltas e também vários pedaços de um velho arreio. Feliz, aceitei tudo aquilo e, animadamente, coloquei a sela sobre um cavalete. Com alguns pregos, fixei as almofadas no lugar. Depois, arrumei as peças do arreio com arame. Dobrei, então, meu quadro, peguei alguns panfletos sobre o tema do advento, preendi tudo junto ao peito abotoando meu casaco bem firme, e saí da casa de meu pai montado no cavalo.

Apresentei de três a seis palestras em quatro cidades diferentes, na região de Palmyra. Falar ao público, com a bênção de Deus, deu-me li-

berdade e confiança. À medida que o assunto se desdobrava perante mim, mediante estudo, reflexão e palestras, achei necessário separar os assuntos, de modo que, em cada lugar, acrescentei pelo menos uma palestra à pequena série. Tive boas audiências em todos aqueles lugares, mas não vi nenhum resultado especial.

Um colega de escola tinha começado a lecionar na cidade de Burnham. Ele perdera um olho em um acidente, e seu médico lhe recomendou que descansasse por pelo menos uma semana antes de voltar ao trabalho. Ele insistiu que eu o substituísse nesse período. Eu concordei, e, no primeiro dia de aula, procurei obter a permissão de apresentar palestras à noite. O auditório da escola estava lotado. Apresentei sete palestras, as quais foram ouvidas com interesse e profundo sentimento.

Nesse local, comecei a sentir o fardo do trabalho, as condições das pessoas e um amor pelas preciosas almas que nunca antes havia sentido. Antes disso, eu tinha grande deleite em passar meu tempo estudando as evidências da esperança e da fé no advento. Mas agora eu percebi que havia nessas evidências um solene poder de convencer as pessoas, poder este que eu nunca esperaria verificar. Ao término de minha última palestra, 60 pessoas se levantaram no momento da oração. Eu sentia uma profunda empatia pela condição das pessoas. Mas o que poderia fazer por elas? Eu não havia previsto que teria em minhas mãos 60 pecadores arrependidos, e estava totalmente despreparado para conduzi-los até mesmo um passo adiante. Depois daquelas sete palestras, meu pequeno tanque de reflexões se secara, e eu não ousava apresentar um discurso prático por temer que ele se mostrasse um fracasso, pondo a perder um trabalho que começara bem. Nessa situação, ocorreu-se chamar em meu socorro meu irmão, que tinha entrado no ministério cinco anos antes de mim, e era favorável à doutrina do advento. Ele atendeu ao convite e trabalhou por seis semanas, batizando e organizando uma grande igreja, pelo que lhe pagaram 60 dólares. Ao término da minha semana ensinando e palestrando, paguei um dólar pelos cuidados dados ao meu cavalo, e parti para Kennebeck. Depois disso, meu irmão me contou que todos aqueles que ele batizou atribuíram sua experiência às minhas palestras.

Em um local próximo da minha cidade natal, onde eu havia apresentado palestras, conheci um cavalheiro que parecia estar muito interessado na breve vinda do Senhor. Ele me fez um convite urgente para visitar Brunswick, Massachusetts, declarando que não houvera nenhuma pregação sobre o assunto naquela parte do Estado, e que os batistas do livre arbítrio – que eram bastante numerosos na margem ocidental do rio Kennebeck, de Augusta a Brunswick – estavam dispostos a me ouvir. Daquele momento em diante, senti-me inclinado a me dirigir a Brunswick. Assim, em janeiro de 1843, vestido de maneira humilde e sem dinheiro, montei meu cavalo e parti para uma viagem de quase duzentos quilômetros entre estranhos.

Já era noite quando me aproximei de Augusta, a capital do Estado de Maine. Parei numa humilde casa de campo e indaguei onde poderia me hospedar. Disse que era um pregador sem nenhum dinheiro e que gostaria de descansar na casa de algum cristão, que estivesse disposto a me abrigar e a cuidar do meu cansado cavalo sem cobrar nada.

– Sou membro da Igreja Cristã deste lugar – disse ele. – Pode ficar na minha casa – acrescentou. Com alegria, aceitei o cordial convite.

Durante a noite, meu amigo contou que o pastor Pearl, um ministro cristão, pregaria no próximo domingo, e me convidou para ficar ali e apresentar palestras à noite no salão da escola, passando o domingo com meu velho amigo e conhecido, o pastor Pearl. Assim fiz, e tive uma boa plateia, sendo bondosamente recebido pelo pastor Pearl, que amava a doutrina da breve volta de Cristo. Também fui convidado para falar em outro distrito escolar, ao leste daquele, perto do rio Kennebeck. O recinto estava cheio e muitos ficaram do lado de fora, ouvindo pelas janelas. Um universalista se opôs às doutrinas que eu estava apresentando. Ao ver que não podia prevalecer, trouxe um tal de Sr. W., um conhecido universalista editor do *Augusta Age*, para debater comigo. Ao término de minha palestra, apresentou-o aos presentes, convidando-os a não sair e ouvir o que o editor tinha a dizer. Eu estava demasiado rouco para contestar, e afirmei que eu não tinha nada mais a dizer para a congregação. Uma dúzia de vozes clamou: “Afastem-se e deixem-nos sair”. Apenas cerca de 25 pessoas, e estas de um nível muito baixo, ficaram para ouvir o Sr. W. Naturalmente,

eles estavam prontos para receber o que o orador escolhesse dizer. Ofendido e irritado comigo, o jovem pregador, por ter saído, e com o povo, por ter me seguido, ele estava pronto a incitar neles um espírito de tumulto.

O leitor pode achar que fui imprudente ao privar o editor do *Age* de ser ouvido por todos. Mas eu era um jovem inexperiente e temia um confronto, e tomei essa atitude para evitá-lo. Mas um tipo diferente de batalha aconteceu na noite seguinte. Antes de saírem do salão, os ouvintes do Sr. White haviam decidido reunir todos os que quisessem para impedir a próxima reunião noturna.

Na noite seguinte, quando eu estava para sair de casa para a reunião, vários dos meus amigos vieram me contar que uma multidão de pelo menos 300 pessoas havia cercado o salão da escola. Eles me aconselharam a ficar longe dali, em consideração à minha vida. Levei o assunto ao Senhor e, então, disse para meus amigos que eu devia ir para a reunião confiante de que Deus me defenderia. Ao me aproximar do salão, ouvi o clamor da multidão e, outra vez, fui admoestado pelos amigos que me acompanhavam a não continuar, ou eu poderia ser morto. Eu lhes disse que acreditava que o Senhor, de alguma maneira, me defenderia, e fui adiante. Meus amigos tinham decidido que, se eu fosse até o local da reunião, eles iriam comigo, ficando ao meu lado até o fim. Encontramos o salão da escola repleto de mulheres, todas as janelas abertas e a casa cercada de homens, o suficiente para encher três daqueles salões. Avancei por entre a multidão e me dirigi para a mesa. Havia muito medo no interior do salão, enquanto gritos perturbadores pareciam ser o deleite da multidão do lado de fora. O universalista, que se esforçara para trazer o Sr. White àquele lugar só para me confrontar, estava ao lado da mesa. Quando entrei, ele me disse:

– Senhor, este é o resultado de sua conduta na noite passada, ao se recusar a ouvir o cavalheiro que eu trouxe até aqui para contestá-lo. Suas reuniões serão suspensas.

– Muito bem, senhor – respondi –, se essa for a vontade de Deus, que assim seja.

Dei início, então, à reunião e, pondo-me de pé, orei. Fiz isso por duas razões. Primeiro, por falta de lugar para me ajoelhar e, segundo, por-

que era mais seguro estar de pé e de olhos abertos, vigiando aquele enfurecido universalista, que parecia disposto a me atacar.

Enquanto eu orava, uma bola de neve passou zunindo perto de minha cabeça, atingindo o teto atrás de mim. Li uma passagem de Pedro concernente ao flamejante dia do Senhor e comecei a comentar sobre o texto. Por causa da gritaria da multidão, somente algumas pessoas mais próximas de mim podiam me ouvir. Muitas bolas de neve me foram atiradas das janelas, mas nenhuma me atingiu. Levantei minha voz por sobre o barulho da multidão; contudo, ao usar os textos de apoio, parecia que a multidão levava vantagem sobre mim. E havia demasiada excitação e temor para que meus textos de apoio atingissem a alguém.

Minhas roupas, como também minha Bíblia, estavam molhadas por causa dos fragmentos de centenas de bolas de neve que haviam atingido o teto atrás de mim e respingado sobre mim e sobre meu precioso Livro. Aquela não era a hora de tentar arrazoar com ninguém. Simplesmente fechei minha Bíblia e passei a descrever os terrores do dia do Senhor e o pavoroso fim do ímpio. Toda a cena me veio à mente de modo espantoso. Parece que as palavras e a eloquência da voz me foram dadas exatamente para aquela ocasião.

Praticamente perdi a noção de tudo que estava ao meu redor enquanto o clarão impiedoso das chamas do dia do Senhor parecia iluminar, diante de mim, o campo de morte dos homens ímpios. Exclamei: “Arrependam-se e se convertam para que os seus pecados possam ser anulados, ou beberão da ira de Deus. Arrependam-se e clamem a Deus por misericórdia e perdão. Voltem-se para Cristo e se preparem para a Sua vinda, ou muito em breve estarão suplicando que rochas e montanhas caiam sobre vocês. Hoje vocês zombam, mas naquele dia estarão orando”.

A multidão pareceu se aquietar. Na noite anterior, um objeto pontudo fora atirado em mim, atingindo-me na testa, e caindo sobre minha Bíblia. Eu o apanhei e o coloquei no bolso. Compaixão e amor inexprimíveis pela multidão inundaram meu ser. Enquanto apontava o Cordeiro de Deus para os pecadores, com lágrimas nos olhos eu lhes mostrei aquele objeto, dizendo: “Algum pobre pecador atirou este objeto em mim na noite passada. Que Deus tenha misericórdia dele. O que de pior posso

desejar-lhe é que, neste momento, ele seja tão feliz quanto eu. Por que seu insulto deveria me deixar ofendido, quando pregos transpassaram as mãos do meu Mestre?” Nesse momento, levantei meus braços e coloquei minhas mãos contra o teto na posição de Cristo na cruz.

O Espírito de Deus acompanhou as palavras e o gesto, impressionando os corações da multidão. Alguns deram um grito estridente, e ouviu-se um gemido geral. “Escutem! Escutem!”, vários gritaram. Em um instante, todos estavam em silêncio. Em lágrimas, apelei para que os pecadores se convertessem e vivessem. Falei do amor de Deus, do sacrifício de Cristo e de Sua infinita misericórdia por vis pecadores. Falei, então, de Sua vinda em glória para salvar todos os que agora O buscassem. Mais de uma centena de pessoas estava em lágrimas. “Vocês querem ver um homem feliz?”, eu disse. “Olhem para mim, por favor. Muitos choravam alto, e eu já estava tão rouco que mal podia ser ouvido por causa dos clamores e soluços dos que estavam ao meu redor. “Quem está disposto a buscar a Cristo”, eu disse, “e, comigo, sofrer perseguição e estar pronto para Sua vinda? Quem, nessa multidão, deseja que eu ore por ele ou ela para que esta alegria lhes seja concedida? Todos os que assim desejarem, ponham-se de pé”. Quase cem pessoas se levantaram. Eram nove horas da noite e eu estava rouco e cansado. Encerrei com uma bênção, tomei meu quadro e minha Bíblia e caminhei para a porta, por entre a multidão subjugada. Uma pessoa me tomou pelo braço para me ajudar e proteger. Seu semblante me pareceu bastante familiar, mas não o reconheci. Quando deixei a multidão para trás, eu o perdi de vista e, desde aquela noite, permanece o mistério sobre quem era aquela pessoa, como saiu de perto de mim e para onde foi. Teria sido um anjo de Deus enviado para estar ao meu lado nos perigos daquela noite? Quem pode dizer que não?

Minhas palestras naquele lugar continuaram por três ou quatro noites sem a menor oposição, e uma reforma geral teve lugar. Cerca de oito semanas depois, voltei para aquele lugar. Ao entrar na casa de um amigo especial, perto de onde se desenrolou a batalha, reconheci meu amigo universalista. Ele estava no meio de uma animada conversa com a dona da casa a meu respeito. Ambos pareciam muito agitados quando entrei. A senhora me cumprimentou cordialmente, mas com expressões de espanto por eu

estar novamente em sua casa. O universalista se encaminhou para a porta e foi embora abruptamente. A senhora, então, declarou que aquele homem tinha falado de mim da maneira mais abusiva possível, e que a última afirmação que fizera, enquanto eu entrava, fora a seguinte: “White é um patife. Ele foi surpreendido cometendo crimes, e o seu lugar é na cadeia. Um dos meus vizinhos me disse que o viu ontem numa prisão de Augusta”.

Esse homem se encontrava dominado por sua culposa insensatez de um modo que ele nem imaginava. Nunca mais vi aquele universalista, nem ouvi falar dele, depois de sua apressada retirada, quando demonstrou tanta vergonha quanto o rosto de um homem carregado de culpa é capaz de silenciosamente expressar. Mas eu convido o leitor a voltar comigo para o início dessas oito semanas que antecederam o término do meu trabalho naquele lugar.

Chegou a mim um convite para visitar Sidney e apresentar minhas palestras no salão de reuniões da igreja metodista. Prazerosamente aceitei, e encontrei ali um grande salão repleto de atentos ouvintes. Na primeira noite, falei abertamente sobre o milênio. Ao entrar no salão na segunda noite, disseram-me que o pastor Nickerson, pastor daquela igreja, estaria presente naquela noite. Como jovem, pensei em minha falta de experiência e de conhecimento das Escrituras, e em minha curta vivência com as coisas de Deus. Eu tremia só de imaginar qual poderia ser o resultado daquela reunião, pois ficara sabendo que aquele pastor era contrário à doutrina que eu ensinava. E eu estava em terreno metodista. Isso me levou a orar mais intensamente, pedindo ajuda a Deus. Quando subi ao púlpito, minha confiança de que o Senhor estaria comigo se firmou.

“Fiquei sabendo”, eu disse, “que o pastor Nickerson está na congregação, e gostaria de convidá-lo para que viesse se sentar aqui comigo, na plataforma, para me ajudar no culto desta noite”. Ele alegremente veio à frente. Eu lhe dei um hino do advento, do hinário metodista, para que lesse, e ele prontamente aceitou meu pedido para que orasse. Cantei, então, uma melodia do advento e li o seguinte verso: “Porém daquele Dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, mas unicamente meu Pai” (Mateus 24:36). Eu mencionei os seguintes pontos:

- 1) O tema era o segundo advento.

2) Deus não tinha revelado o dia nem a hora daquele evento.

3) Nesse contexto, Cristo claramente disse que, quando o Seu povo visse os sinais no sol, na lua e nas estrelas, eles saberiam que o tempo estava se aproximando – na verdade, às portas – tão verdadeiramente quanto o homem sabe que o verão está próximo ao ver as árvores do campo se enchendo de brotos e abrindo suas folhas.

4) Assim como foi nos dias de Noé, também será na vinda do Filho do Homem.

A obra de admoestar o povo sobre o iminente dilúvio foi dada ao justo Noé. E, para que ele soubesse quando construir a arca e quando levantar a voz em exortação, o ano do dilúvio lhe foi dado. Assim será também na vinda do Filho do homem. O mundo deve ser avisado sobre a destruição que se aproxima. E as profecias de Daniel e João nos mostram, de maneira especial, que essa destruição deverá ocorrer em nosso tempo. Os sinais nos céus, na terra, na igreja e em um mundo perverso, tudo isso mostra que Cristo e Seu dia de vingança estão às portas.

As pessoas daquele lugar estavam divididas entre o metodismo e o universalismo, e aquele parecia um momento favorável para derrubar, por meio de Mateus 24, a opinião sustentada pelos universalistas de que Cristo veio por ocasião da destruição de Jerusalém. Sobre esse ponto eu tinha algum conhecimento, e consegui agradar o pastor Nickerson, que fez alguns comentários gerais, não se opondo diretamente a mim, por temer, suponho, agradar aos universalistas, que evidentemente estavam agitados com o meu discurso. A reunião terminou com sentimentos amistosos entre nós. Mas ao sair do salão, recebi um pedido urgente, da parte de vários cavalheiros, de que me encontrasse com eles na manhã seguinte, num hotel, às nove, para responder a algumas perguntas sobre o que havia dito a respeito do universalismo.

Na hora marcada, ali estava eu, rodeado por vários universalistas, que não estavam, evidentemente, de muito bom humor, e muitos metodistas, que vieram para certificar-se de que o jovem e inexperiente pregador seria bem tratado. Isso foi uma bondade dos meus amigos metodistas. A entrevista durou até que o relógio marcou meio-dia. Meus amigos meto-

distas se mostraram satisfeitos com minhas respostas. O dono do hotel, que era o líder entre os professos universalistas, levantou-se e me disse:

– Sr. White, por favor, fique para o almoço. Esta tarde, eu quero lhe mostrar que não existe nenhuma conexão entre o Antigo e o Novo Testamentos.

Fiquei surpreso ao saber que esse professo defensor do universalismo era realmente um incrédulo, e recusei o convite para almoçar com ele, dizendo que minha missão era para com aqueles que recebiam as Sagradas Escrituras de ambos os Testamentos, como uma harmoniosa revelação de Deus. Isso pôs fim a nossa entrevista.

Meus amigos metodistas me instruíram a vigiar para que os universalistas, a fim de prejudicar minha influência, não se aproveitassem de alguma expressão descuidada. Isso foi, de fato, uma bondade da parte deles, pelo que terão sempre o meu respeito. Apresentei mais algumas palestras e me despedi dos cristãos daquele local, que se mostraram agradecidos pelo meu trabalho entre eles, e felizes porque o universalismo tinha sido, destemidamente, exposto, sem que os seus adeptos tivessem a chance de me fazer mal.

Minha mente ainda estava no campo de trabalho que ficava rio abaixo, na direção de Brunswick. Minhas atividades até então, em Augusta e Sidney, pareciam mais acidentais, ou providenciais, do que condizentes com meus desígnios quando saí de casa. E agora, com a paz de Deus governando meu coração, continuei minha jornada. Ao passar por uma bela casa de fazenda na cidade de Richmond, senti-me poderosamente impressionado, como se uma voz me dissesse nitidamente: “Visite esta casa”. Obedeci, e fui pedir um copo d’água. Uma senhora de meia idade abaixou o jornal que estava lendo, colocando os óculos em cima dele e, com ar de seriedade, disse: “Sente-se, por favor”. Ao ela se afastar para outro aposento para me providenciar o pedido, peguei o jornal que ela estava lendo. Para minha feliz surpresa, vi que era o *Signs of the Times*, publicado por J. V. Himes, rua Devonshire, 14, Boston. Enquanto eu bebia a água, a seguinte conversa, em suma, se desenvolveu:

– Vejo que a senhora tem o *Signs of the Times*, que ensina sobre os pontos de vista singulares de um certo Guilherme Miller. A senhora é assinante desse jornal?

– Sim, sou. E acho que é um excelente periódico. O senhor gostaria de lê-lo?

Peguei o jornal de suas mãos, e desfrutei da leitura de vários artigos emocionantes escritos por mãos habilidosas. Em seguida, devolvi-o para a senhora e, com um ar indiferente, perguntei:

– E o que a senhora acha da opinião, há muito tempo defendida, com entusiasmo, por inúmeros homens de bem de todas as denominações, de que haverá um milênio temporal, antes de segundo advento, em que terão lugar a conversão do mundo inteiro e o triunfo completo da igreja?

– Eu rejeito essa doutrina. E o senhor está equivocando quanto ao milênio ser uma opinião defendida há muito tempo. Essa doutrina é uma fábula recente, sem apoio bíblico. Ela não fazia parte das crenças da igreja até o século passado. A parábola do trigo e do joio, tal como explicada por nosso Senhor, e Sua declaração de que, assim como foi nos dias de Noé, também será na vinda do Filho do homem, proíbe tal ideia. De fato, os profetas do Antigo Testamento e os apóstolos do Novo descrevem os últimos dias como sendo escuros, tenebrosos e perigosos, e a igreja como estando caída e distante de Deus, e o mundo cheio de crime e violência.

– Admitindo que a senhora esteja certa nesse ponto – eu interrompi –, não seria muito errado estabelecer datas, como tem feito o Sr. Miller?

– O irmão Miller, em seus estudos das Escrituras, encontrou, segundo ele pensa, através dos períodos proféticos, o tempo do fim; e, sendo ele um homem honesto, tem carregado a cruz de ensinar isso para o mundo. Ele também vê, através dos sinais dos tempos, que a vinda de Cristo está próxima, às portas, e fica no lado seguro da questão, preparando-se para ela e advertindo outros a também se prepararem. E todos esses textos, habitualmente citados para mostrar que os homens não podem saber nada sobre a data do segundo advento, não provam aquilo que eles dizem provar.

Era evidente que aquela mulher era uma especialista no assunto, e, ao ela prosseguir com a intenção de apresentar as provas que apoiavam o

tempo determinado, eu a interrompi, declarando que não mais esconderia dela a minha fé e missão. Então eu lhe disse:

– Acredito plenamente no segundo advento de Cristo do modo como é ensinado por Guilherme Miller, e abandonei tudo para proclamá-lo.

– Graças ao Senhor! – ela exclamou. – Minhas orações foram respondidas com a sua chegada aqui. Meu esposo é um ministro da Igreja Batista do Livre Arbítrio, e ficará muito feliz de você falar para os membros de sua igreja sobre a vinda de Cristo. Deixe-me guardar seu casaco e seu chapéu. Pedirei que alguém cuide do seu cavalo, e tomarei as providências para que o senhor possa apresentar sua palestra esta noite na escola.

– Como se chama o seu esposo? – perguntei.

– Andrews Rollins – foi a resposta.

– Ele acredita na doutrina do advento?

– Ele não se opõe e é favorável.

O pastor Rollins logo entrou, e sua esposa me apresentou para ele como um palestrante do segundo advento. Ele me fez algumas perguntas em tom bem sério. Olhando-me atentamente de cima a baixo, disse:

– Você é jovem demais para sair por aí dando palestras sobre as profecias.

Vi que ele era um homem muito zeloso, atento a todas as minhas palavras. Assim, achei que era melhor eu ficar alerta.

A notícia de que eu falaria naquela noite se espalhou rapidamente por aquela parte da cidade e, na hora marcada, o local conhecido como “Salão de reuniões Reed” estava cheio, tanto de crentes, quanto de curiosos. Enquanto eu cantava uma melodia do advento, todos escutaram em solene silêncio e alguns choraram. Depois, o pastor Rollins orou de maneira solene e fervorosa, pedindo que a bênção de Deus repousasse sobre o jovem visitante que estava para falar para aquelas pessoas. Essa oração me trouxe para mais perto dele, e comecei a sentir que eu encontrara um verdadeiro amigo naquele ministro, o que ficou comprovado depois.

Ao término das palestras, havia um interesse geral e uma profunda convicção em todas as mentes. As crianças da escola memorizaram todos os meus textos, e, em quase todos os lugares, era possível ouvi-las repetindo o texto de Daniel 8: “Depois, ouvi um santo que falava; e disse outro

santo àquele que falava: Até quando durará a visão do sacrifício diário e da transgressão assoladora, visão na qual é entregue o santuário e o exército, a fim de serem pisados? Ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.”

Quando eu estava para ir embora, o pastor Rollins me disse:

– Em duas semanas, nosso concílio trimestral, que abrange cerca de trinta igrejas desta localidade, terá sua sessão na vila de Richmond. Eu gostaria que você apresentasse algumas palestras para os pregadores, delegados e irmãos que estarão presentes. Eu tratarei desse assunto numa reunião administrativa e eles provavelmente votarão a favor de recebê-lo, se você decidir vir e falar para nós.

– Ficarei muito feliz em falar sobre o que considero uma importante verdade para os líderes de sua denominação nessa parte do Estado; e, se Deus permitir, estarei na reunião quando ela ocorrer.

Dito isto, saí, montado em meu cavalo, para cumprir meus compromissos em Gardiner e Bowdoinham.

Uma vez cumpridos esses compromissos, voltei para Richmond, para estar presente no concílio trimestral. Ao entrar no salão de cultos, o pastor Rollins, que estava sentado à frente, ao lado do púlpito, levantou-se e disse:

– Irmão White, há uma cadeira para você aqui ao meu lado.

Depois do sermão, foi dada oportunidade para fazermos comentários, e eu falei livremente sobre a vida cristã e o triunfo dos justos no segundo advento de Cristo. Muitos exclamaram “Amém! Amém!”, e muitos naquela grande congregação caíram em lágrimas.

Os batistas do livre arbítrio, naquele tempo, eram, de fato, um povo livre, e muitos daquela congregação estavam bem ansiosos para ouvir sobre o tema do advento. Enquanto eu falava, eles pareciam encontrar alívio de seus sentimentos reprimidos, manifestando-se mediante animadas respostas e lágrimas. Algumas pessoas, entretanto, pareciam impassíveis, e seus semblantes manifestavam insatisfação. O pastor Rollins me informou, então, que seus irmãos tinham votado a favor da palestra no concílio. No dia seguinte, porém, eles anularam o voto. Isso o deixou desgostoso, e o que ele me disse sobre a atitude deles quanto à minha palestra me alertou

a respeito das circunstâncias do momento. Perto do fim da reunião, após ter o meu consentimento, o pastor Rollins se levantou e disse:

– O irmão White, que está sentado do meu lado direito, falará no Salão de reuniões Reed, esta noite, sobre a segunda vinda do nosso Senhor Jesus Cristo. Estejam presentes, irmãos e irmãs, e ouçam por vocês mesmos. Temos lugares suficientes para receber a todos. Venham, irmãos! Ouvir sobre esse assunto não lhes fará mal nenhum.

Ele tinha tanta influência quanto qualquer outro ministro naquele concílio, e, em seu desapontamento e mágoa por seus irmãos terem vetado as minhas palestras e deixado a doutrina do advento fora de suas reuniões, resolveu que eles deviam experimentar seu desapontamento. Ele sabia muito bem que muitos de seus irmãos abandonariam a reunião na vila e viajariam cinco quilômetros para me ouvir, e que a sessão administrativa seria interrompida. E assim foi. Três quartos dos ministros e quase todos os delegados foram embora, e o Salão de reuniões Reed ficou lotado logo cedo. Meu tema foi Mateus 24. O interesse da congregação foi impressionante.

Ao terminar, pronunciando uma exortação para que os cristãos presentes se consagrassem plenamente e estivessem prontos, e para que os pecadores buscassem a Cristo e se preparassem para a vinda do Filho do homem, o poder de Deus desceu sobre mim de tal maneira que eu tive que me apoiar com as duas mãos sobre o púlpito. Foi uma hora solene. Ao ver a condição dos pecadores – perdidos sem Cristo –, fiz um apelo com lágrimas, repetindo várias vezes: “Pecador, venha para Cristo e seja salvo quando Ele aparecer em glória. Venha, pobre pecador, antes que seja tarde demais. Venha, pecador, pobre pecador, venha”.

O lugar estava deveras solene. Os pastores e as pessoas choravam – alguns, bem alto. Ao término de cada apelo dirigido aos pecadores, ouviam-se profundos suspiros por toda a assembleia. Eu estivera de pé, explanando o capítulo e exortando aos ouvintes, por mais de duas horas, e estava ficando rouco. Parei de falar e chorei alto por aquelas pessoas queridas, com um sentimento muito profundo, conhecido apenas pelas pessoas que são chamadas por Deus para pregar Sua verdade aos pecadores. Eram nove horas, e dar liberdade para outros falarem significaria continuar a reunião até a meia-noite. Era melhor encerrar com o profundo sentimento

reinante, mas não antes de dar oportunidade para todos se colocarem ao lado do Senhor. Fiz, então, um apelo para que todos, entre a congregação, que quisessem se unir a mim em oração, bem como todos que desejassem ser apresentados ao trono de misericórdia para estarem prontos para encontrar o Salvador em Seu retorno, pusessem-se de pé. Todos os presentes naquele grande salão, conforme fui informado depois por pessoas que estavam em diferentes lugares, levantaram-se. Depois de alguns momentos de oração, a reunião foi encerrada.

Na manhã seguinte, voltei para a vila acompanhado de, pelo menos, 90 por cento dos participantes do concílio trimestral dos batistas do livre arbítrio. Todos estavam comentando sobre a gloriosa reunião da noite anterior. Isso não ajudou a mudar os sentimentos dos poucos que não compareceram, que eram contrários à doutrina da breve volta de Cristo e haviam impedido que o púlpito da vila fosse usado para pregá-la. Mas a atitude deles só fez aumentar o interesse em me ouvir. A postura independente assumida pelo pastor Rollins possibilitou que eles experimentassem o sabor do alimento espiritual pelo qual estavam famintos.

Durante o intervalo das reuniões, delegados e pastores me convidaram para combinar com eles o momento em que eu poderia apresentar minhas palestras para várias congregações daquele concílio, as quais tinham confortáveis salões de culto. Isso foi em meados de fevereiro, restando apenas seis semanas de gelo firme, o que dava às pessoas uma boa oportunidade para vir assistir às reuniões. Doze lugares importantes foram escolhidos para as minhas seis semanas de trabalho. Eu deveria apresentar dez palestras, o que significava falar vinte vezes por semana. Isso me dava apenas meio dia para viajar os 25 a 30 quilômetros até o próximo lugar de reunião.

Em Gardiner, perto do rio, os pastores Purington e Bush estavam conduzindo uma longa série de reuniões – sem muito sucesso – e estavam dispostos a me ouvir, assim como sua igreja. Alguns se opuseram, expondo seus temores de que a doutrina do advento pudesse destruir sua obra de reforma. Depois de pelejarem por vários dias, na terceira ou quarta noite de suas reuniões e depois de apelar e tentar convencer os ouvintes por meia hora, conseguiram convencer duas pessoas a tomar o que era chamado de

“assento dos ansiosos”¹. No entanto, eu não via nisso nenhuma reforma que pudesse arruinar. Falei para os pastores que estava pronto para começar meu trabalho. Eles hesitaram. Propus que eu fosse aos lugares onde as pessoas estavam ansiosas para me ouvir. Eles não estavam dispostos a me deixar ir. Esperei mais um dia e falei várias vezes em reuniões sociais. Muitos insistiam para que eu apresentasse minhas palestras. Pedi que fossem falar com os pastores. Estes, enquanto isso, tentavam convencer, em particular, meus opositores. Os participantes das reuniões estavam ficando divididos. Decidi levar o assunto para uma decisão, para que, assim, eu pudesse começar a trabalhar, ou ir embora daquele lugar. Os ministros ficaram do meu lado e passaram a trabalhar com a oposição.

Finalmente, diante de toda a congregação, declarei que havia sido convidado àquele lugar e que ali eu ficara, sem poder trabalhar, por causa dos ministros e da maioria da congregação, que estavam esperando alguns poucos indivíduos consentirem que eu apresentasse minha palestra. Disse também que eu não podia esperar mais e que, se eu não comesse as palestras naquela noite, eu iria aonde houvesse pessoas interessadas em me ouvir. Pedi, então, que a congregação votasse. Quase todos votaram para que eu permanecesse e iniciasse as palestras naquela noite. Os ministros disseram: “Continue com suas palestras e nós ficaremos do seu lado”.

Ao ocupar o púlpito naquela noite, pedi a todos que amavam a Cristo e a doutrina de Sua breve volta que orassem por mim. Disse-lhes que desculparia a todos os que não O amavam o suficiente para vê-Lo voltar em glória por não orarem por mim, pois achava que era melhor e mais vantajoso eles orarem por si mesmos. Todos estavam desejosos de ouvir, e cada coração estava sensível à mensagem. O Senhor me deu perfeita liberdade para apresentar as provas do iminente advento e para exortar as pessoas a se prepararem para aquele dia. Muitos estavam em lágrimas. Deixei o púlpito e exortei as pessoas, chamando-as para que viessem à frente. Cerca de 30 vieram. Muitos choravam alto. Voltei-me para os ministros na plataforma e disse:

– Esses temores, revelados por algumas pessoas não consagradas, de que a gloriosa doutrina da segunda vinda de Jesus atrapalharia alguma

¹ Assento reservado nas reuniões de reavivamento para os que estavam angustiados com sua consciência e ansiosos por assistência espiritual (nota do tradutor).

obra de reforma, não têm fundamento. Os senhores acham que a obra de reforma foi prejudicada nesta noite?

– Não! Não! Siga em frente, irmão White. Adiante. O Senhor está presente aqui.

Aparentemente, essa reunião eliminou toda a oposição e preparou o caminho para que um bom trabalho fosse realizado. Mas outros compromissos não me permitiram ficar mais tempo, apenas o suficiente para apresentar mais três ou quatro palestras. A longa série de reuniões prosseguiu com sucesso.

Em Richmond Corners, apresentei sete palestras em seu novo templo, recém-dedicado a Deus. Ao terminar, 200 pessoas se levantaram para o momento de oração. Durante as reuniões, um diácono batista se opôs. Quando falei sobre Daniel 7, eu declarei que era um fato histórico que, em 10 de fevereiro de 1798, no fechamento dos 1.260 dias, Berthier, um general francês, entrou na cidade de Roma e a conquistou, e que no dia 15 do mesmo mês o papa foi aprisionado no Vaticano. Citei o Dr. Adam Clarke como uma das minhas referências. Um instruído católico me interrompeu, acusando-me de falsidade e me oferecendo cinco dólares caso eu pudesse ler essa declaração nos comentários de Clarke sobre Daniel. Diante da promessa de que eu leria Clarke na noite seguinte, e com os rogos e ameaças de seus vizinhos, aquele enfurecido irlandês ficou quieto.

Na noite seguinte, subi ao púlpito com o Comentário de Clarke debaixo do braço. Depois de iniciar a reunião cantando uma melodia do advento, li o que Clarke dissera sobre o domínio sendo retirado do chifre pequeno, o que sustentava completamente aquilo que eu dissera na noite anterior. Depois disso, ofereci o livro para qualquer um que quisesse verificar se eu havia lido corretamente, declarando que eu não me dera ao trabalho de viajar oito quilômetros para buscar o Comentário só para reclamar os cinco dólares. Disse, também, que eu preferia deixar que aquele cavalheiro ficasse com seu dinheiro e, além disso, com a verdade sobre o assunto. Não houve resposta. Um senhor, com ares de um fidalgo e com boa influência sobre a comunidade, e que não reivindicava para si a reputação de ser religioso, levantou-se e disse:

– Gostaria de chamar a atenção desta congregação para o fato de que ninguém, nessa comunidade, manifestou oposição às palestras do Sr. White, exceto um diácono batista e um católico romano.

Muitos se converteram naquela redondeza, e um grupo representativo de crentes surgiu ali. Uma reunião campal teve lugar naquela região, no outono de 1844.

Em Bowdoinham Ridge, minhas atividades foram bem recebidas. Uma longa série de reuniões estava ocorrendo naquela igreja, organizada pelos pastores Quinnum e Hathern. Eles e a igreja cooperaram comigo em todos os aspectos, o que resultou em um bom trabalho. No último dia que passei naquele lugar, falei pela manhã e pela tarde, e então convidei pecadores para virem à frente para que eu me unisse a eles em oração, de joelhos. Quando nos levantamos, o sol estava se pondo, e eu ainda tinha que viajar 25 quilômetros para o meu próximo compromisso, que estava marcado para aquela noite. Um amigo me esperava na porta da igreja com meu cavalo. Eu havia trabalhado demais e estava tão rouco que mal podia falar. Minhas roupas estavam molhadas de suor. Eu precisava descansar. Mas eu ainda tinha outro compromisso. As pessoas estariam reunidas dentro de uma hora, e eu ainda tinha 25 quilômetros pela frente. Assim, despedi-me rapidamente dos amigos com quem e para quem trabalhara, montei em meu cavalo e saí a galope na direção de Lisbon Plains, numa gélida noite de fevereiro. Eu estava gelado, mas não havia tempo para parar e me aquecer. Minhas roupas úmidas estavam a ponto de me congelar, mas segui galopando. Ao parar em frente à porta do templo, um idoso ministro da Igreja Batista do Livre Arbítrio estava dizendo para a multidão:

– Lamento dizer à congregação que estamos desapontados. O orador que esperávamos ouvir esta noite não veio.

Quando o ministro levantou suas mãos para despedir os presentes com uma bênção, eu gritei:

– Esperem! Estou aqui!

– Que bom! – exclamou o ministro.

As pessoas se sentaram. Já fazia mais de uma hora que elas estavam esperando por mim. Com umas poucas palavras de explicação sobre a causa do meu atraso, comecei a falar. Mas eu estava com tanto frio que meus

dentes não paravam de bater, o que fazia com que eu cortasse algumas das minhas palavras. Mas logo me aqueci, e me senti livre para falar.

Mas eu não havia me esquecido do meu pobre cavalo. Com toda aquela correria, era a vez dele de estar molhado de suor e trêmulo de frio. Um amigo estava à porta esperando que eu chegasse. Ele pegou o pobre animal e – assim eu esperava – foi cuidar dele. Mas ele apenas o amarrou a um mourão da cerca. Com o corpo quente, molhado e sem uma coberta, meu cavalo teve que ficar de pé no vento cortante por uma hora e meia, tremendo de frio, até ficar arruinado. Na manhã seguinte, vimos que a pobre criatura estava padecendo de grave enfermidade pulmonar. Causa-nos tristeza ver a maneira como alguns tratam essas pobres criaturas de Deus. Com essa triste circunstância, aprendi a nunca entregar meu cavalo sem antes dar orientações sobre cada uma de suas necessidades.

Três vezes por dia, o grande templo ficava lotado de atenciosos ouvintes, até que chegou o momento de partir para o próximo local. No domingo seguinte, o ministro presbiteriano teve 13 ouvintes. Na segunda-feira, ele veio me ouvir. Eu estava explicando os símbolos de Daniel 8. Quando comecei a aplicar as descrições do chifre pequeno aos fatos históricos relacionados a Roma, ele me interrompeu dizendo:

– O senhor está induzindo seus ouvintes ao erro. Antíoco, não Roma, é o sujeito dessa profecia.

– Por favor, senhor - foi minha resposta -, espere até que eu termine de falar. Então, o senhor poderá falar tanto quanto essas pessoas quiserem ouvi-lo. Seja paciente e me escute enquanto eu mostro que Roma, e não Antíoco Epifânio, é o sujeito dessa profecia.

O assunto foi bem esclarecido, e disseram ao ministro que agora ele poderia falar. Ele se levantou, mas o seu assunto foi o milênio temporal. Todas suas proposições e textos-base, apresentados tediosamente, já tinham sido examinados em minha primeira apresentação. Mas pareceu-se necessário respondê-los, ainda que de forma breve, embora eu tenha utilizado quase uma repetição do que já fora dito para a mesma congregação. Quando terminei, um madeireiro alto, de expressão rude, vestindo uma camisa vermelha, levantou-se e disse:

– A dificuldade do Pastor Merrill é que ele não está pronto e tem medo que o Senhor venha.

Com uma nova bênção, a reunião foi terminada. Bons frutos foram colhidos naquele local.

Em Brunswick, tive uma plateia muito interessada, que se reuniu em um grande templo chamado “Casa de reunião do pastor Lamb”. Minha estadia ali foi curta, e a maioria dos membros daquela numerosa igreja era rica e mundana.

O interesse deles não era suficiente nem mesmo para que eles se opusessem a mim. Assim, eles me ouviram com um grau de aparente interesse, demonstrando pouco mais do que curiosidade, e me deixaram partir.

Em Bowdoin, o pastor Purington me recebeu como a um irmão, ficando ao meu lado até que terminasse meu trabalho naquele lugar. A grande casa de oração estava lotada. As pessoas ouviam com interesse e emoção. Os universalistas enviaram algumas perguntas por escrito para o púlpito, às quais tive o prazer de responder. Pecadores manifestaram seu desejo de ser salvos, e os que amavam a Cristo e Sua volta se regozijavam na esperança e na fé do Advento.

Litchfields Plain foi meu próximo local de trabalho. A igreja estava lotada na primeira noite. De fato, foi com dificuldade que andei até o púlpito. Para que todos se aquietassem, as primeiras palavras que eles ouviram de mim foram cantadas:

Vamos ver Jesus voltando,
Vamos ver Jesus voltando,
Vamos ver Jesus voltando,
N’alguns dias mais.

Ouçam as trombetas,
Ouçam as trombetas,
Ouçam as trombetas,
Resoando pelo ar.

Certamente o leitor não encontrará nenhum mérito poético na repetição desses versos tão simples. E, se o leitor nunca ouviu a doce melodia que os acompanha, ele não conseguirá entender como uma voz pode usá-los para manter quase mil pessoas em um silêncio quase absoluto. Mas o fato é que havia, naqueles dias, um poder tal nos chamados “cânticos do

advento”, o qual não se via em outros cânticos. Tive a impressão de que nenhuma mão e nenhum pé se moveram na multidão até que eu cantasse todas as palavras dessa longa melodia. Muitos choraram, e o clima foi muito favorável para a apresentação do assunto tão sério da noite. Três vezes ao dia, o salão ficava lotado, o que causava uma profunda impressão em toda a comunidade.

West Gardiner foi meu próximo destino. O pastor Getchel me recebeu como a um irmão, e parecia bastante interessado no assunto. As pessoas daquela região da cidade eram quase todas batistas do livre arbítrio. Anteriormente, havia uma grande igreja ali, composta principalmente de fazendeiros, que possuíam mais riquezas do que religiosidade. Uma parte da igreja queria um ministro popular, mas como houve oposição de um grupo mais humilde, eles abandonaram a congregação, construíram um bonito templo vizinho e contrataram um pastor do agrado deles. E ali estavam, à vista de todos, dois templos batistas do livre arbítrio, ambos dirigidos, a cada domingo, por pastores da mesma denominação – nem sempre em termos muito amistosos. Foi um lugar difícil de trabalhar.

Enquanto os membros daquelas igrejas se ocuparam da divisão existente entre eles, ficaram destituídos do espírito de reforma, e seus filhos já haviam praticamente chegado à vida adulta sem passarem pela experiência da conversão. Estes ficaram muito tocados com minhas palestras e buscaram ao Senhor, ao passo que seus pais pareciam impassíveis. Vou deixar esse lugar de lado, por enquanto, em minha narrativa. Voltarei a ele mais tarde, pois, no devido tempo, tenho algo a mais para relatar sobre o bom trabalho que foi realizado ali.

Conforme o que fora acertado na assembleia trimestral na vila de Richmond, cheguei a cumprir todos os meus compromissos e testemunhei a obra de Deus em todos os lugares, em maior ou menor grau, antes de partir. Além disso, minhas palestras, eram seguidas de uma série de reuniões, e essas igrejas cresceram em número de membros. Na assembleia trimestral seguinte, foi relatado publicamente que, durante o período do encontro anterior, mil pessoas declararam ter se convertido durante aquelas seis semanas em que dei palestras.

No dia 2 de abril de 1843, montei em meu pobre e enfermo cavalo e parti para minha cidade natal, muito fatigado pelos trabalhos realizados no inverno. A neve estava bastante funda. Ao passar pelos bancos de neve, as patas do meu cavalo ficavam acima dos mourões das cercas. Minha única muda de roupa estava muito gasta e eu estava sem dinheiro. Eu não havia recebido o pagamento de cinco dólares pelo meu trabalho. No entanto, eu estava feliz e esperançoso. Na viagem para casa, ao cruzarmos com grupos que vinham de outra direção, meu cavalo ficava extremamente irritado por ter que desviar, com frequência, para camadas duras ou profundas de neve. Várias vezes, ao passar por mulheres e crianças, ele quase atropelava os trenós onde estes estavam. Temendo que ele pudesse ferir gravemente alguma pessoa, resolvi que, ao nos aproximarmos de algum grupo, era melhor eu descer, conduzir o cavalo por fora do caminho e contê-lo com mão firme até que todos passassem.

Quando eu estava entrando na cidade de Augusta, um fazendeiro estava voltando para casa com um trenó de carregar feno, vazio e puxado por seis bois. Eu decidi passar ao lado desse grupo. O condutor estava sentado na parte da frente do trenó, e os bois se mantinham no meio da estrada. Ao ser forçado a sair da estrada, meu cavalo ficou muito bravo e se lançou sobre algumas das estacas fincadas no trenó. Percebendo que havia grande probabilidade de eu ser arremessado contra alguma outra dessas afiadas estacas, pertencente ao segundo conjunto, saltei do cavalo, caindo sobre a neve do outro lado. O condutor do trenó de bois seguiu seu caminho, agora com meu cavalo bem acomodado sobre o trenó. Quando, finalmente, eu me levantei da neve, o trenó já se afastara vários metros de mim.

– Ei! – gritei. – Por favor, pare para que eu recupere meu cavalo.

O bom fazendeiro parou seus bois e me ajudou a tirar o cavalo de cima do trenó. Quando voltei a montá-lo, ele galopou com a mesma energia de antes.

Começou a chover, e os compactos bancos de neve ficaram amolecidos, de modo que o meu cavalo, com todo o meu peso em cima dele, frequentemente afundava seu corpo na neve. Cavalguei todo o dia sem apoiar meus pés nos estribos; assim, quando o cavalo afundava, eu imediatamente desmontava para aliviar o animal do meu peso, permitindo que

ele saísse, com muito esforço, da neve. Sempre que ele não conseguia sair sozinho, eu o ajudava.

Em 5 de abril, cheguei à casa do meu pai. Depois de descansar por algumas semanas até que as estradas se tornassem transitáveis, voltei ao campo de trabalho, alegrando-me em saber que o espírito de reforma tinha tomado conta dele. Mas havia chegado a hora de as pessoas das regiões das fazendas se apressarem a cultivar o solo, e vi que teria poucas chances de ter uma plateia, a não ser no domingo. Entretanto, logo tive um chamado para trabalhar no leste de Augusta.

Antes, porém, de ir para aquele lugar, sonhei que um boi com chifres muito altos me perseguia com grande fúria, e que eu fugia dele para salvar minha vida. Ele me seguia tão de perto que eu tive que entrar correndo em uma casa próxima e trancar a porta. O boi derrubou a porta e entrou. Saí da casa por uma janela que estava aberta e fugi para o celeiro. O boi derrubou a porta do celeiro e entrou. Escapei por outra porta e me arrastei para baixo do piso do celeiro, meu último recurso para estar seguro. O boi rachou as tábuas com os chifres e me expulsou de meu refúgio, embaixo do piso do celeiro. Quando ele passou a me perseguir no campo aberto, senti seus chifres espetando minhas costas. Nesse momento, me foram dadas asas e eu subi, voando tranquilamente até o telhado da casa. Desapontado, o boi ficou olhando para mim, balançando constantemente os chifres, com uma aparência selvagem e feroz. Meu livramento estava completo. Exultante, voei daquela casa para perto da cabeça do boi. Depois, subi rapidamente para o telhado do celeiro. Isso se repetiu várias vezes, e eu acordei. Esse sonho causou uma forte impressão em minha mente, mas ela logo passou, e eu não pensei mais nele até que, devido a algo que ocorreu em meus trabalhos no leste de Augusta, a lembrança do sonho retornou à minha mente.

Quando entrei no salão da escola para cumprir o meu primeiro compromisso, a única pessoa presente era um homem de meia idade, alto e atlético. Como a noite estava fria, ele estava acendendo a lareira. Ele falou comigo num tom amistoso, mas não tirava os olhos de mim. Mais tarde me disseram que Walter Bolton – assim ele se chamava – era um incrédulo. Ele era considerado um bom cidadão, mas nunca antes fora conhecido

como alguém interessado em assistir a reuniões religiosas. Mas ele esteve presente em todas as minhas palestras e parecia estar profundamente interessado nas mesmas. Com frequência eu escutava comentários do tipo: “O que deu em Walter Bolton para estar aqui assistindo às reuniões? Eu nunca o vi em reuniões religiosas antes, salvo em funerais”. Mas deixaremos o Sr. Bolton de lado por ora e passaremos a outras ocorrências que tiveram lugar nessa série de reuniões.

Durante a semana, apresentei palestras todas as noites para um número pequeno de presentes. Mas no domingo pela manhã, logo cedo, o salão estava cheio. Meu assunto foi o milênio. Esforcei-me para mostrar:

1) que os textos habitualmente citados para provar que o mundo inteiro se converteria não provavam o que diziam provar.

2) o que eles de fato ensinavam. Ao falar sobre Isaías 65, mostrei que não seria nesse estado de mortalidade, nem sobre esta velha terra amaldiçoada pelo pecado, que o leopardo se deitaria com uma criança, e o leão comeria palha como o boi, mas na nova terra, como diz claramente o profeta. Acrescentei que os animais, restaurados dos efeitos da maldição, viveriam na Nova Terra do mesmo modo quando foram criados, antes da queda.

3) que certos textos do Antigo e do Novo Testamentos, com linguagem extremamente clara e enfática, ensinam que não haverá um momento, neste mundo caído, em que todos serão santos.

Ao término desse discurso, um pregador universalista presente se levantou e disse:

– Quero cinco minutos para mostrar que essa doutrina não tem fundamento, nem na Bíblia nem no senso comum.

Ele tinha sido um pastor batista atuante, mas envolvera-se na compra e venda de bebidas alcoólicas, apostatara-se, e agora estava pregando a salvação incondicional de todos os homens.

– O senhor vai precisar de mais de cinco minutos para tanto – respondi. – São doze e meia, e o povo precisa de descanso e comida. À tarde, quando eu terminar, o senhor pode falar pelo tempo que eles desejarem escutá-lo.

– Não. Este é o momento e o lugar para eu falar, e as pessoas querem me ouvir.

– Vamos submeter o assunto à congregação e deixar que ela decida por nós – foi minha resposta. Pedi, então, que os que estivessem de acordo de que era melhor o cavalheiro esperar até a tarde, se levantassem. Quase toda a congregação imediatamente se pôs de pé. Pedi, então, para que os que preferiam que ele falasse imediatamente, pusessem-se de pé. Dez ou doze jovens, que pareciam bandidos consumados, se levantaram. A congregação foi imediatamente dispensada por uma hora.

À tarde, falei sobre Mateus 24. Na expectativa de uma batalha com o pregador universalista, dediquei algum tempo para examinar a ideia de que Cristo veio pela segunda vez por ocasião da destruição de Jerusalém. Meus argumentos impressionaram a congregação, e o pastor sentiu isso. Ao terminar meu discurso, eu disse:

– Agora há espaço para que aquele cavalheiro fale, pelo tempo que as pessoas quiserem ouvir.

Desconcertado, ele se levantou e, em essência, disse:

– Eu não quero passar por zombador ou me enquadrar no grupo daqueles que são acusados de dizer “Meu Senhor demora-se” e “passam a espancar seus companheiros”. Mesmo assim, gostaria de fazer alguns comentários sobre uma passagem das Escrituras comentada pelo orador, na parte da manhã, a qual os senhores poderão encontrar no capítulo 65 de Daniel.

Ele, imediatamente, começou a ridicularizar a ideia de animais no Céu. Logo percebi que ele estava se referindo a Isaías 65, e não a Daniel. Depois de ele ter se estendido o bastante em seu discurso, eu chamei sua atenção para o fato de ele ter cometido um erro, ao dar crédito ao profeta Daniel, quanto ao leão e ao boi comerem palha e o leopardo se deitar com uma criança. Eu disse que não foi Daniel, mas outro profeta, que falara isso. Ele me repreendeu por interrompê-lo. Eu declarei que, se era para ele mostrar, em cinco minutos, que a doutrina sobre a qual eu preguei não tinha fundamento nas Escrituras, ou no senso comum, eu tinha que verificar se sua referência era correta. Mas ele afirmou estar correto citando Daniel e continuou com seus comentários, num estilo cujo resultado não seria outro senão deixar as pessoas indignadas com ele e torná-las solidárias comigo. E, enquanto sua língua profana se movia a toda velocidade, eu o interrompi outra vez dizendo:

– Não estou disposto a permitir que o cavalheiro prossiga sem que leia antes, em Daniel 65, o verso sobre o qual ele está falando. Por favor, senhor, encontre e leia esse verso, e nos convença de que o senhor está correto. Então, permitirei que continue.

Ele pegou sua Bíblia e a folheou, para frente e para trás, enrubescou e, muito agitado, disse:

– O livro de Daniel foi rasgado da minha Bíblia.

– Aqui está a minha, senhor – eu disse. E, enquanto eu a estendia em sua direção, eu disse aos que estavam sentados ao meu lado:

– Por favor, passem-na para ele, pois a minha Bíblia tem o livro de Daniel.

Enquanto minha Bíblia era passada, de um em um, para aquele homem, ele se mostrava aflito. Ele não conseguiu encontrar o livro de Daniel de pronto, pois não tinha familiaridade com a Bíblia, e certamente apelou àquela falsa declaração, dizendo que o livro havia sido rasgado de sua Bíblia.

Ele pegou minha Bíblia e, por várias vezes, procurou, de capa a capa, o livro de Daniel; mas, de tão agitado que estava, não o pôde encontrar. As pessoas o olhavam fixamente, alguns com pena, outros com evidente raiva, enquanto outro grupo ria dele. Senti pena do homem e declarei que podia ajudá-lo. Mencionei que era Isaías, e não Daniel, que ele queria citar; que havia somente 12 capítulos em todo o livro de Daniel e que ele desejava falar sobre Isaías 65:17-25. Citei, então, esses nove versos de memória e disse:

– O senhor se refere a esses versos, certo?

– Sim – foi a resposta. Depois de alguns comentários desconexos que mostravam sua total confusão, ele se sentou e cobriu o rosto com as mãos. As pessoas ficaram envergonhadas por ele, e pareciam abismadas de que eu soubesse, a partir de seus comentários, que capítulo e verso ele queria mencionar, e que, sem minha Bíblia, eu pudesse repetir quase metade de um capítulo.

Se o propósito do meu sonho do boi era mostrar o esforço daquele ministro universalista para me esmagar, dessa vez eu obtive a vitória ao voar com asas por cima dele. Exortei, então, esse pobre apóstata a que abandonasse seus pecados e procurasse estar preparado para a vinda de

Cristo. Ao sentir a condição daquelas pessoas, pois dificilmente haveria ali sequer um homem ou mulher de oração, eu também os exortei por meia hora. Quase todos choravam. O ministro não levantou a cabeça.

Marquei outra reunião noturna. Setenta homens e mulheres estavam presentes. Ao término do sermão, pedi que aqueles que sentiam a necessidade de Cristo e desejavam que eu orasse por eles, para se tornarem cristãos, pusessem-se de pé. Todos se levantaram, até mesmo o ministro universalista. Então, ele declarou o seguinte:

– Eu já fui um cristão, e fui chamado por Deus para pregar. Caso eu, afinal, venha a sofrer no inferno, terei isto para me confortar: que eu fui um instrumento nas mãos de Deus para a salvação de pecadores.

O leitor pode julgar que, a essa altura, a fé daquele homem na salvação universal já estava muito abalada. Pedi, então, que os que haviam se levantado, e consideravam um privilégio vir adiante e prostrar-se comigo, viessem para os primeiros bancos do salão. Todos os 70 vieram, e logo o espaço em frente dos primeiros bancos ficou tão cheio que se tornou impossível se ajoelhar. Eu lhes disse, então, que voltassem para seus lugares, ajoelhassem-se como fosse possível e entregassem o coração ao Senhor. Quando eu me ajoelhei, todos os presentes se prostraram comigo. Não houve nenhum sequer, na congregação, que se unisse a mim em oração audível, pois nenhum deles desfrutava da comunhão com Deus.

No dia seguinte, fui até a casa de Walter Bolton. Ele e sua família me receberam bondosamente e conversaram comigo livremente sobre as reuniões, e sobre o assunto de religião em geral. Antes de eu sair, o Sr. Bolton disse:

– Sr. White, quando o senhor entrou nesta cidade, foi como se eu o conhecesse de vista há anos. Seu semblante, seu chapéu, seu casaco, seu cavalo, sua sela e seus arreios, tudo me parecia familiar. Antes de o senhor vir aqui para apresentar suas palestras, eu sonhei que um jovem entrava na cidade montado a cavalo, para falar sobre a segunda vinda de Cristo. De maneira particular, notei sua aparência e vestimenta. As pessoas lhe faziam muitas perguntas, que eram respondidas de forma que elas ficavam fortemente convencidas de que a doutrina era verdadeira. Entre essas perguntas, estavam aquelas relacionadas ao milênio, que sugeriam a ideia de

que haveria mil anos de paz e prosperidade para a igreja, tempo em que todos os seres humanos se tornariam santos. Esses foram os pontos que o senhor examinou em seu sermão de domingo de manhã, os quais chamaram a atenção daquele ministro universalista. Quando eu o vi entrar na cidade, meu sonho me veio à mente com tamanha intensidade que senti que deveria ir ouvi-lo falar. É por essa razão que tenho assistido a todas as suas reuniões, e observado o desenrolar delas com interesse. De maneira especial, quando o senhor citava os mesmos textos mencionados em meu sonho, e quando o senhor fazia os comentários, acerca desses textos, que eu me lembrava claramente de ter ouvido, meus sentimentos foram mais intensos do que se pode descrever.

Qualquer um que não conhecesse o Sr. Bolton, e estivesse ouvindo sua conversa comigo, não poderia sequer imaginar que ele tivera problemas com a incredulidade. O Espírito Santo estava trabalhando profundamente em seu coração, e ele parecia estar escolhendo a religião da Bíblia como seu tema de conversação. Prostrei-me para orar com aquela querida família, e me despedi deles com lágrimas. O caso de Walter Bolton nos apresenta alguns meios simples mediante os quais o Senhor, às vezes, suaviza o coração e ilumina a mente daqueles aprisionados pela rigidez e cegueira da incredulidade, preparando-os para receber a luz e a verdade.

Em poucos dias, voltei para Palmyra, onde fui ordenado para a obra do ministério pelas mãos de ministros da denominação Cristã, da qual eu era membro. Logo voltei a Augusta e batizei três pessoas. Uma quarta candidata se apresentou para entrar na água; mas, por não estar convencido de sua sinceridade, eu me recusei a batizá-la na presença de uma grande congregação. Essa jovem ficou desapontada, unindo-se a seus pais em expressões e manifestações de raiva. Assim, eles mandaram chamar o Pastor Hermon Stinson, um instruído e conhecido ministro da Igreja Batista do Livre Arbítrio, o qual fez o batismo da jovem e organizou uma pequena igreja. Passadas menos de quatro semanas, o pastor Stinson foi outra vez chamado para fazer parte da comissão que examinava o caso daquela mulher, a qual votou desligá-la da igreja por má conduta. Temendo que os sentimentos amargurados daquela família a meu respeito pudessem me causar dificuldades, não voltei mais àquele lugar.

Durante o verão de 1843, não consegui despertar interesse especial no assunto do segundo advento em nenhum outro lugar. Visitei a congregação de crentes em Portland e Boston, trabalhei no campo de feno para comprar roupa para o inverno e preguei em vários dos lugares em que tinha apresentado palestras no inverno anterior.

No outono daquele ano, na companhia de meu pai e de duas irmãs, assisti à Conferência Cristã do Leste de Maine, da qual eu era membro. As reuniões tiveram lugar na cidade de Knox. Antes de chegar ali, caiu a noite e uma forte chuva nos forçou a procurar um hotel. Naqueles dias, cantar era o nosso maior deleite. Meu pai tinha sido professor de canto, e minhas irmãs eram cantoras de primeira classe. E, como sentíamos que o tempo estava se aproximando, encontrávamos conforto ao cantarmos algumas das mais emocionantes melodias de reavivamento existentes na época.

O dono do hotel, sua família e muitos dos que recorreram àquele lugar por causa da chuva, assim como nós, pareciam apreciar nossa música, e, ao terminarmos uma peça, eles logo pediam outra. Com isso, passamos aquela noite de maneira muito agradável. Na manhã seguinte, quando meu pai pediu a conta, o dono do hotel disse que não devíamos nada, pois a conta fora paga com a música que cantamos na noite anterior. Ele também disse que, em qualquer ocasião em que nos hospedássemos ali, ele aceitaria o pagamento em forma de canções.

A denominação Cristã no Maine, como também em outros Estados, havia estado profundamente imbuída do espírito da esperança e da fé no advento. Mas, antes da conferência terminar, ficou evidente que muitos, especialmente entre os ministros, estavam recuando e compartilhando do espírito de oposição. As reuniões religiosas e as sessões administrativas, contudo, ocorreram com um grau de aparente harmonia. Ninguém pregava ou falava em favor do breve advento de Cristo, com receio de ofender alguém. Por outro lado, ninguém se opôs diretamente a ele. Mas o grupo de crentes convictos que estava assistindo à conferência percebia uma falta de espírito de liberdade. Esse grupo constituía a maioria e, no domingo, o último dia do encontro, fui convidado para pregar. No entanto, eu era jovem e sabia muito bem que, segundo o costume, os mais capazes entre os presentes já haviam sido selecionados para pregar para o povo naquele dia. Mesmo assim, senti

a convicção, da parte do Espírito de Deus, de que eu tinha a palavra do Senhor para falar ao povo naquela ocasião, o que me deu segurança.

Quando o culto da tarde estava para começar, senti uma impressão muito forte de que devia pregar, tão forte que vários ministros notaram, só de verem meu semblante. Eles me disseram: “É seu dever falar, e nós tentaremos garantir o tempo para que você o faça ainda esta tarde”. Afastei-me, então, do povo de dentro e de fora do salão, para orar sobre o assunto. Ao prostrar-me diante do Senhor, decidi que me encaminharia diretamente para o púlpito e que, se os ministros me dessem espaço e tempo, eu falaria. Ao me dirigir para o púlpito, vi que o banco da plataforma estava totalmente ocupado por ministros, e que um pastor de larga experiência no ministério estava bem no centro, exatamente atrás da grande Bíblia. Esse homem havia sido escolhido para apresentar o último discurso. Ele se opusera a mim quando apresentei minhas palestras no oeste do Estado, e concluí que não consentiria em me dar a oportunidade de falar.

Mas, enquanto eu me aproximava do púlpito, meu irmão Samuel, que era, então, membro da conferência, e certo irmão chamado Chalmers, desceram da plataforma, puxaram-me pelos braços e insistiram para que eu me assentasse com eles, declarando que, se eu desejasse pregar, eu teria uma oportunidade. Respondi que, se um deles lesse hinos do advento, e o outro orasse, e se eu pudesse usar aquela enorme Bíblia, eu falaria. Meu irmão leu um hino e, enquanto o irmão Chalmers orava, eu peguei a Bíblia do púlpito e a folheei até encontrar alguns textos comprovatórios. Quando a oração terminou, um certo desconforto foi manifestado por vários ministros, ao verem que eu tinha a Bíblia em minhas mãos. O segundo hino foi lido e cantado enquanto eu segurava a Bíblia bem firme. Minha intenção de pregar, a essa altura, já era conhecida de todos os ministros. Contudo, ninguém se adiantou para me tomar a Bíblia ou me abordar e impedir que eu usasse aquele momento. O caminho parecia estar totalmente aberto, e eu me levantei, com liberdade, enquanto se ouviam manifestações por meio de “améns”, vindas de diferentes pontos do auditório, da parte dos que acalentavam a bendita esperança na breve volta de Jesus.

Ao término do culto, a ceia do Senhor foi celebrada e, enquanto os amigos de Jesus estavam reunidos em volta de Sua mesa, eu me uni a minhas irmãs no cântico “Você verá o Senhor voltar”, etc.

Naqueles dias, nossas vozes eram claras e fortes, e nosso espírito, triunfante no Senhor. Ao cantarmos o coro de cada estrofe – “Ouçam as trombetas”² –, um bom irmão, chamado Clark, que sempre parecia ter um senso solene da proximidade do grande dia de Deus, levantava-se, batia palmas com as mãos em cima da cabeça, exclamava “Glória!” e logo se asentava. Nunca vi um homem de aparência tão solene. Cada repetição do coro fazia com que o irmão Clark se pusesse de pé e exclamasse o mesmo grito de glória. O Espírito de Deus desceu sobre os irmãos, que, a essa altura, estavam sentados e prontos para receber os emblemas do Cristo que foi morto. A influência da melodia, acompanhada pela solene manifestação e pelos brados do irmão Clark, parecia eletrizante. Muitos derramavam lágrimas, enquanto respostas de “Amém” e “Glória” eram ouvidas de quase todos os que amavam a esperança do advento. Os emblemas foram distribuídos, e assim terminou aquela reunião anual.

Em poucas semanas, voltei para o meu antigo campo de trabalho, e apresentei palestras em Brunswick e Harpswell, onde um bom grau de interesse foi manifestado. O campo de trabalho parecia estar aberto diante de mim, à medida que o inverno se aproximava. Tive a oportunidade de conhecer o irmão John Pearson Junior, de Portland, que estivera trabalhando, em tempo parcial, com palestras sobre a proximidade do advento, e eu o convidei para unir-se a mim. Trabalhamos juntos boa parte do tempo, em diferentes regiões do Maine, por quase um ano. Na região de Reed, em Richmond, testemunhamos uma boa obra. O pastor E. Cromwell, pastor da igreja, abraçou plenamente a fé. Ali, batizei várias pessoas.

Trabalhamos em Litchfield e tivemos bons resultados. Muitos professos cristãos abraçaram a fé, e pecadores foram convertidos. O ministro congregacionalista sentiu que o trabalho ia de encontro aos seus interesses, e, dentro de círculos privados, manifestou sua oposição. Ao voltar àquele lugar, depois de uma ausência de algumas semanas, me en-

² Essa frase vem do hino milerita “Vamos Ver Jesus Voltando” [You will see your Lord a-coming].

contrei com esse ministro no caminho. Ao passar por mim, ele pareceu surpreso por me ver, e disse:

– Ora, Sr. White, o senhor ainda está na terra dos vivos?

– Não, senhor – foi a resposta. – Estou na terra dos mortos, mas na breve vinda do Senhor, espero ir para a terra dos vivos. – E cada um seguiu seu caminho.

O ano de 1843 do calendário judaico, que, de acordo com o Sr. Miller, deveria abranger o período entre 21 de março de 1843 e 21 de março de 1844, passou, e muitos ficaram tristemente desapontados por não testemunharem a vinda do Senhor naquele ano. Mas eles logo encontraram conforto na clara e convincente aplicação, dos textos bíblicos que estabeleciam o tempo de tardança, ao desapontamento.

Já no início de 1842, a profecia de Habacuque sugeria a ideia do gráfico profético à mente de um santo homem de Deus chamado Charles Fitch. Naquela ocasião, ninguém viu que havia um tempo de tardança na profecia, mas depois desse desapontamento inicial, eles puderam ver tanto o gráfico quanto a tardança. Aqui está a profecia:

Então, o Senhor me respondeu e disse: Escreve a visão e torna-a bem legível sobre tábuas, para que a possa ler o que correndo passa. Porque a visão é ainda para o tempo determinado, e até ao fim falará, e não mentirá; se tardar, espera-o, porque certamente virá, não tardará” (Habacuque 2: 2, 3).

Os crentes verdadeiros ficaram muito consolados e fortalecidos por esta porção da profecia de Ezequiel, que parecia tratar da questão de maneira precisa, como se vê a seguir:

E veio ainda a mim a Palavra do Senhor, dizendo: Filho do homem, que ditado é este que vós tendes na terra de Israel, dizendo: Prolongar-se-ão os dias, e perecerá toda visão? Portanto, dize-lhes: Assim diz o Senhor Jeová: Farei cessar este ditado, e não se servirão mais dele como provérbio em Israel; mas dize-lhes: Chegaram os dias e a palavra de toda visão. Porque não haverá mais nenhuma visão vã, nem adivinhação lisonjeira, no meio da casa de Israel. Porque eu, o Senhor, falarei, e a palavra que eu falar se cumprirá; não será mais retardada; porque em vossos dias, ó casa rebelde, falarei uma palavra e a cumprirei, diz o Senhor Jeová. Veio mais a mim a palavra do Senhor, dizendo: Filho do homem, eis que os da casa de Israel dizem: A visão que este vê é para muitos dias, e ele profetiza de tempos que estão longe. Portanto, dize-lhes: Assim diz o Senhor Jeová: Não

será mais retardada nenhuma das minhas palavras, e a palavra que falei se cumprirá, diz o Senhor Jeová (Ezequiel 12:21-28).

Havia um consenso geral, entre os que ensinavam a vinda imediata de Cristo, no que diz respeito à aplicação da parábola das dez virgens de Mateus 25 aos eventos ligados ao segundo advento. E o fato de o tempo de espera ter passado, bem como o desapontamento e a demora, pareciam ser convincentemente ilustrados pela tardança do noivo da parábola. O tempo determinado havia passado, mas os crentes estavam unidos na fé de que o evento estava próximo. Logo ficou evidente que eles estavam perdendo um pouco de seu zelo e devoção à causa, caindo no estado ilustrado pelo cochilo das dez virgens da parábola que se seguiu à tardança do noivo.

Em 1º de maio, recebi um chamado urgente para visitar West Gardiner e realizar batismos. Um mensageiro percorreu 32 quilômetros para trazer-me o comunicado. Ele mencionou que havia ali dez ou doze juvenis que se converteram graças às minhas palestras. Eles já tinham realizado reuniões por conta própria, buscado e encontrado o Senhor e tomado a decisão de que eu os devia batizar. Seus pais se opuseram, dizendo-lhes que seria o pastor Getchel, pastor daquela igreja, que os batizaria. Mas os jovens fizeram uma rápida reunião e decidiram que não desceriam às águas a menos que eu os batizasse. Dessa forma, seus pais cederam e mandaram me buscar. Mas antes que eu chegasse ao local, foi feito um esforço para intimidar aqueles queridos juvenis e, se possível, assustá-los, para que não fizessem o que era seu dever fazer. “Que tipo de experiência o Sr. White pensa que esses bebês têm para contar?”, disse um ministro batista da mais rígida estirpe dos tempos passados.

Na hora marcada, o salão da escola estava lotado, e ali estavam três ministros hostis que vieram assistir à cerimônia. Então eu disse:

– Por favor, desocupem esses bancos da frente para que os batizados possam se sentar.

Doze meninos e meninas, de sete a doze anos de idade, vieram para frente. Foi uma linda cena que emocionou minha alma profundamente, e senti o dever de tomar conta deles como o faria com uma classe da escola. Eu estava determinado a ajudar, tanto quanto possível, a cumprir o desejo daqueles juvenis e repreender os que os perseguiam.

Depois de ler a passagem bíblica, “Não temas, ó pequeno rebanho, porque a vosso Pai agradou dar-vos o Reino” (Lucas 12:32), um texto bastante apropriado para a ocasião, eu declarei que não iria exigir que aqueles meninos e meninas relatassem suas experiências perante a congregação. Disse que seria cruel determinar se poderiam seguir ao Senhor, pela ordenança do batismo, com base em sua auto-confiança e liberdade de falar perante aqueles professos cristãos, que eram hostis a eles, e que eu lhes faria algumas perguntas ao terminar meu discurso. As crianças ficaram muito confortadas e animadas com minhas palavras. De fato, eu estava decididamente desfrutando de bons momentos com aquelas ovelhinhas do rebanho. Um a um, eles se levantaram e responderam a algumas perguntas, relatando alguns detalhes quanto à sua convicção do pecado, à transformação que haviam experimentado e ao amor que sentiam por Jesus. Ao final, a congregação pôde testemunhar os relatos das comoventes e inteligentes experiências daqueles doze juvenis. Convém dizer que, quando eu percebia que eles estavam ficando confusos e prontos para resumir suas histórias, justamente nesses momentos eu lhes fazia perguntas, e isso lhes dava confiança e lhes ajudava a entrar em todos os detalhes de suas experiências.

Pedi, então, que todos os presentes que fossem contrários ao batismo daquele pequeno rebanho se pusessem de pé. Ninguém se levantou. Declarei que aquele era o momento para as objeções, se alguém as tivesse. Mas se não houvesse objeções naquele local e naquele momento, então que se calassem para sempre. Então eu disse para os juvenis que não havia ninguém contrário, que o caminho estava plenamente aberto diante deles e que, daquele dia em diante, ninguém teria o direito de se opor ao seu batismo. Fomos para um bonito tanque cheio de água, onde eu imergi aqueles queridos meninos e meninas na tumba líquida e os sepultei com o seu divino Senhor. Nenhum deles se sentiu sufocado ou demonstrou qualquer sinal de agitação. E, ao conduzi-los para fora da água e apresentá-los aos seus pais, as crianças os saudaram com um sorriso celestial de alegria. Eu louvei ao Senhor com voz de triunfo. Aquela reunião e aquele maravilhoso batismo têm me acompanhado como uma das mais agradáveis lembranças do passado. E, ao trabalhar com os jovens de diferentes Estados, eu prova-

velmente já repeti uma centena de vezes os detalhes daquela linda reunião e do feliz batismo daqueles juvenis.

No mês de junho de 1844, houve uma Conferência do Segundo Advento em Poland, Maine, a que assisti na companhia do pastor Pearson. Eu tinha viajado de forma tão extensiva no calor e na poeira do verão que minhas roupas ficaram manchadas e gastas. Por não estar gozando de minha habitual liberdade de espírito, preferi permanecer em silêncio e dar oportunidade para outros falarem. Todavia, apreciei as pregações e os momentos sociais dessa excelente conferência. Ao término da mesma, recuperei minha costumeira força e liberdade espiritual.

Estava presente nessa conferência certo pastor H., do leste de Maine, que tinha muito a dizer em seu estilo peculiarmente barulhento. Ele professava ser um homem de grande fé e maravilhosamente cheio do Espírito Santo. Se o barulho, as expressões duras, a linguagem grosseira e os frequentes e vazios gritos de “Glória, aleluia” constituem a totalidade dos frutos do Espírito, então esse pastor H. era um homem de excessiva bondade. Mas se forem o amor, a paz, a longanimidade, a benignidade, a bondade, a fé, a mansidão e a temperança os verdadeiros frutos do Espírito, então esse pobre homem era tristemente deficiente. Em realidade, esses preciosos frutos não eram exibidos por ele. Ele gostava de dar gritos junto com os que a ele se uniam, e sempre aparentava sentir-se forte e seguro de que iria para o Céu. O eu era o que aparecia nesse homem, e não Cristo. Ele tinha muito a dizer sobre a humildade, mas esta, evidentemente, passara longe dele. Seu estilo de adoração e de pretensa humildade é bem descrito pelo apóstolo como “culto de si mesmo e falsa humildade” (Colossenses 2:23). Às vezes ele era tão humilde (?) que preferia não se sentar à mesa com os demais para comer. Entretanto, esquecendo as palavras do apóstolo, “mas faça-se tudo decentemente e com ordem”, ele se servia da comida da mesa e ia comê-la atrás da porta, atraindo a atenção para sua maravilhosa humildade por meio de gritos. Mas se alguém o corrigia por causa de alguma falha, o demônio dentro dele emergia imediatamente. Esse homem não tinha palavras de ternura e conforto para com o fraco e enfermo. Longe disso, ele até se vangloriava de passar por cima – como ele mesmo dizia – desse e daquele. Ele falava e agia como se, naquelas

reuniões, estivesse numa exposição, como um maravilhoso espécime de fé e bondade. Sua carreira, desde aquela época, por permanecer naquele espírito que parecia dominá-lo nessa conferência, tem provado que o homem estava erroneamente supondo ser conduzido pelo Espírito de Deus, enquanto estava sendo controlado por Satanás.

O leitor pode estar desapontado com a apresentação desse desagradável assunto, e talvez preferisse ler apenas as experiências relacionadas com as vitórias da obra e do poder de Deus. Mas aprender com as provocações da vida e com os ardis do diabo pode servir para a segurança e para o progresso de jovens discípulos, e daqueles com pouca experiência nos conflitos da vida cristã, de maneira que a vida deles experimente apenas o poder e o amor de Deus, e os triunfos de Sua verdade e Seu povo. Os vários ataques de Satanás, que visam a enganar e, em última instância, destruir até mesmo homens e mulheres honestos, podem receber o nome de legião, por sua grande quantidade. E a ordem para todos, como foi proferida por nosso Senhor, é: “Vigiai e orai para que não entreis em tentação”.

Mas a pessoa que está cheia de orgulho das coisas espirituais – que é incapaz de aprender, que julga estar sendo guiada de maneira especial pelo Espírito Santo e entender tudo sobre a obra do Senhor, e que se considera uma cristã excepcional, mas cai facilmente em tentação, tornando-se desagradável e desconfiando de que será menosprezada se não receber uma grande quantidade de atenção – é uma ferramenta do diabo e é extremamente perigosa. Ela é um instrumento nas mãos de Satanás, mediante a qual ele ataca e induz ao erro o precioso rebanho de Cristo. Estejamos todos alerta para que nenhum de nós, de nenhuma maneira, fique, em maior ou menor grau, sob a influência de tais pessoas e, como consequência, introduza no tecido de sua experiência cristã fios indesejados de uma religião vã.

Coisas assim sempre existiram e sempre existirão enquanto durarem os esforços de Satanás para arrancar almas preciosas das mãos de Jesus Cristo. O apóstolo Paulo afirma: “E até importa que haja entre vós heresias, para que os que são sinceros se manifestem entre vós” (1 Coríntios 11:19, ARC). Tais heresias, na providência do Senhor, constituem parte do combustível que aquece a fornalha de aflição na qual o cristão

verdadeiro perde sua escória e é refinado, para que possa refletir, em sua vida, a mansidão e a pureza do amoroso Cordeiro de Deus. Não é sem razão que o apóstolo Pedro nos adverte:

Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo; pelo contrário, alegrai-vos na medida em que sois coparticipantes dos sofrimentos de Cristo, para que também, na revelação de sua glória, vos alegreis exultando (1 Pedro 4:12, 13).

Convido o leitor a voltar à conferência de Poland. Certa manhã, cerca de 40 irmãos e irmãs se prostravam no altar da família, na casa do irmão Jordan, enquanto o Pastor H. os dirigia em oração. Uma parte daquela estranha oração foi, em essência, o seguinte:

Ó Senhor, tem piedade do irmão White. Ele é orgulhoso e vai se perder, a menos que se livre de seu orgulho. Tem piedade dele, Senhor, e salva-o do orgulho. Ó Senhor, tem piedade dele e afasta-o do orgulho da vida. Quebranta-o, Senhor, e faz dele uma pessoa humilde. Tem piedade dele. Tem piedade.

Ele continuou contando uma longa história a meu respeito, informando ao Senhor sobre o meu orgulho e sobre a certeza da minha destruição, a menos que eu rapidamente me arrependesse. Ele terminou com veementes gritos de “Tem misericórdia! Tem misericórdia! Misericórdia! Misericórdia!” Essa era sua maneira de tratar os que não o recebiam com grande reverência, honrando-o por sua especial humildade e santidade extrema. Seu objetivo, nesse caso, era impor medo sobre os que o cercavam e, assim, colocá-los diretamente sob sua influência, a fim de que eles lhe mostrassem o respeito que seus dotes especiais exigiam.

Mas ele não teve sucesso comigo. Após todos se sentarem e, por algum tempo e em doloroso silêncio, ponderarem sobre o que aquelas coisas podiam significar, eu puxei minha cadeira para perto do Pastor H. e, de maneira bondosa, lhe disse:

– Irmão H., temo que o senhor tenha contado uma história errada para Deus. O senhor diz que eu sou orgulhoso. Acho que isso não é verdade. Mas por que contar isso a Deus? Ele sabe mais sobre mim do que o senhor. Ele não precisa ser instruído sobre o meu caso. Mas não era esse o seu objetivo. O senhor quis me apresentar a esses irmãos e irmãs como um homem orgulhoso, e preferiu fazer isso mediante uma oração a Deus.

Agora, se eu sou orgulhoso a ponto de o senhor informar a Deus sobre o assunto, talvez o senhor possa me dizer, diante dos presentes, em que aspecto eu sou orgulhoso. Seria em minha aparência geral, no meu jeito de falar, orar ou cantar?

– Não, irmão White. Não é nessas coisas – ele respondeu.

– Bem, estaria meu orgulho sendo manifestado nessas roupas desgastadas e manchadas? Por favor, olhe bem para mim. Ele está em minhas botas remendadas? Em meu casaco desbotado? Nesse colete gasto? Nessas calças com manchas, ou, talvez, no chapéu velho que uso?

– Não, não vejo orgulho em nenhuma dessas coisas que o senhor mencionou. Mas, irmão White, quando eu vi o seu colarinho engomado, só Deus sabe como me senti.

E foi nesse momento que o homem chorou como se estivesse com o coração partido. Isso de fato ocorreu. Era seu recurso habitual quando precisava de argumentos para um caso difícil. Em casos extremos, as lágrimas são, com frequência, o mais poderoso argumento de uma mulher. Nas mulheres, no entanto, se a causa for justa, as lágrimas são desculpáveis, sendo até apropriadas e bonitas. Mas ver um homem como aquele – grosseiro, duro de coração, cuja delicadeza era pouco superior à de um crocodilo e cuja formação moral e religiosa era praticamente como a de uma hiena – derramando lágrimas hipócritas só para impressionar, é suficiente para tirar o bom humor do santo mais contemplativo possível.

– Mas, irmão H., permita que eu lhe explique sobre este colarinho engomado. Creio que posso ajudá-lo. Quando eu vim para esta conferência, a irmã Rounds se ofereceu para lavar minhas roupas. Como eu não tinha nenhuma muda de roupa limpa, ela gentilmente me emprestou uma camisa do seu esposo, a qual, infelizmente, tem um colarinho engomado. A minha tem apenas uma faixa estreita em volta do pescoço. Eu não uso colarinhos, a não ser por necessidade, como nesse caso. E foi isso que criou toda a confusão dessa manhã. Eu normalmente uso um colete preto de alpaca, mas não tenho nenhum colarinho. O senhor certamente contou para Deus uma história equivocada a meu respeito, sob circunstâncias absolutamente indesculpáveis. E eu acho que o mais importante, agora, é que o senhor resolva essa questão com Ele.

O Pastor H. se prostrou de joelhos e disse, em essência:

– Ó Senhor, eu orei pelo irmão White e ele se aborreceu comigo por isso. Tem misericórdia dele! Tem misericórdia! Misericórdia! Misericórdia!

Ao ver que ninguém se unia a ele, nem mesmo chegava a se ajoelhar, ele sentiu que estava fracassando e, em um tom um tanto brando, voltou-se para mim e disse:

– Por que o senhor não se ajoelhou comigo? Ó, irmão White, eu me compadeci do senhor, eu orei pelo senhor, chorei pelo senhor e certamente espero que o senhor não tenha se ofendido.

– É claro que eu não me ofendi – respondi. – Não há nada de ofensivo nisso. Eu tenho pena do senhor. O senhor está sofrendo de sentimentos não santificados oriundos de uma infeliz aplicação de ideias falsas. Para mim, suas orações não são mais do que o uivo do vento. E, quando o senhor, sob tais circunstâncias, recorre às lágrimas, sentimentos de vergonha e de inexprimível repugnância e pesar vêm sobre mim. Eu o aconselho a não levar essa questão adiante, e espero que tenha aprendido uma boa lição com essa tolice que o senhor manifestou essa manhã.

A essa altura, eu já havia perdido de vista aquela melancolia e aquele desânimo que me haviam feito sofrer por vários dias, podendo desfrutar bastante do encerramento da conferência; e, a partir de então, senti minha habitual liberdade de espírito. Essa foi a primeira vez que encontrei e re-preendi o fanatismo, o que serviu para me preparar para lidar com ele, em suas variadas formas, dali para frente.

De fato, esse fanatismo se levantou naquele tempo e fez o que pôde – isso eu não poderia negar – para se vincular à causa do advento. Entretanto, de maneira nenhuma admito serem verdade os exagerados relatórios dos amargurados inimigos da causa. Apenas um em dez desses caluniosos relatórios tinha uma mínima aparência de verdade. Homens cheios de preconceito e amargura contra a proclamação do iminente retorno de Cristo, misturados ao medo de que isso fosse verdade, representavam a fé, os motivos e as ações dos crentes de maneira inadequada. Não há boas razões para que os que apresentam a história do advento fidedignamente hesitem em admitir os fatos relativos ao fanatismo, que surgiu com a intolerância e com o zelo cego de homens como o Pastor H., e

outros mais astutos e perspicazes, que têm ostentado o nome “advento” e professado a fé no movimento.

Não é evidente na história sacra que, sempre que Deus opera de forma especial pelo Seu povo, Satanás aproveita a oportunidade para fazer esforços adicionais? E, durante todo o conflito entre Cristo e Seus anjos e Satanás e seus anjos, quando os filhos de Deus vêm se apresentar diante do Senhor, não deveriam eles esperar que Satanás também compareça? Isso não tem sido verdade na história do povo de Deus? Não é verdade que a triste experiência da igreja de Jesus Cristo, desde os tempos registrados pela história sacra, assemelha-se à dos patriarcas e profetas?

Lemos sobre as perplexidades de Lutero e sobre sua angústia ao se deparar com a conduta dos fanáticos e com a terrível influência que esses homens exerceram sobre a grande reforma; numeramos essas coisas entre as evidências de que Deus favoreceu a Martinho Lutero. Temos também os Wesleys, e um exército de outros homens bons, que foram erguidos na grande roda da reforma e abençoaram o mundo com a inspiradora influência de sua fé viva. Esses homens, que se mantinham em harmonia com o espírito da reforma, foram, por sua vez, a cada passo molestados por Satanás, que os perseguiu de muito perto, empurrando para o fanatismo almas desprotegidas, zelosas ao extremo e desequilibradas. As experiências desses homens harmonizam-se às dos santos homens de outrora, e atestam o fato de que, quando e onde Deus opera por Seu povo, ali é a hora e o lugar em que Satanás se apoderará daqueles sobre quem puder exercer sua nociva influência.

Teria Satanás incitado o fanatismo em conexão com o movimento do advento? Essa é a prova da genuinidade da sua obra. Será que Satanás suportaria ver o mundo sendo alertado sobre a sua destruição, e sobre a destruição dele próprio, sem entrar em ação diante disso? Ou ver a igreja despertar-se para a ação e preparar-se para o dia de Deus – com pecadores, aos milhares, deixando suas fileiras, buscando preparar-se para encontrar o Rei dos reis – e ao mesmo tempo ficar em silêncio? Não. Ele sabe que seu tempo é curto, e é por isso que mostra sua ira e recorre a toda sorte de artimanhas. Isso é bem ilustrado por uma história, a qual se diz ter sido um sonho. Um viajante viu Satanás sentado em um poste em frente de

uma igreja, dormindo. O viajante o acordou do seu sono e se dirigiu a ele da seguinte maneira:

– Como é que você pode estar dormindo com tanta tranquilidade? Creio que isso é anormal para você, considerando sua fama de estar sempre ativo naquilo que faz, não é mesmo?

– Sim – foi a resposta –, mas as pessoas nesta igreja estão dormindo e o pastor está dormindo. Por isso, achei que seria uma boa hora para eu tirar uma soneca.

No entanto, se as pessoas se despertarem para viver as verdades da Palavra de Deus e para uma vida de fé e santidade; se elas receberem de bom grado as novas sobre a volta e o reino de paz Daquela que é Justo; se elas se consagrarem e dedicarem tudo o que têm ao Senhor, e a uma só voz proclamarem: “Eis que Ele vem”, então ficará mais do que evidente que os poderes das trevas estão bem ativos. Em circunstâncias assim, Satanás não ficará dormindo. Com toda vigilância ele manifestará sua ira e, convocando todos os anjos caídos sob seu domínio para o ajudarem, fará com que suas artimanhas enganem todos aqueles que se unem ao povo sem estarem adequadamente instruídos e protegidos.

Mas é preciso entender claramente que a proclamação do tempo determinado, na mensagem simbolizada pelo primeiro anjo de Apocalipse 14:6 e 7 e no clamor “Eis o Noivo!”, dado com grande poder no outono de 1844, não causou fanatismo. Nesses solenes movimentos, os crentes estavam ternamente unidos numa única esperança e numa única e viva fé. Mas foi quando eles foram deixados sem nenhuma definição a respeito da data, durante o verão de 1844, que ideias extremistas sobre a guia do Espírito prevaleceram e, de certa maneira, trouxeram fanatismo, divisão e um fogo incontrolável, com seus perversos resultados, entre aqueles que esperavam felizes pelo Rei da glória. Mas quando veio a proclamação de tempo definido, no outono de 1844, o fanatismo, a santidade extravagante, as infelizes divisões e seus resultados se derreteram diante dessa proclamação, como uma geadá matinal de outono se desfaz diante do nascer do sol.

8. SURGIMENTO E PROGRESSO DO ADVENTISMO

Um vasto campo está diante de mim, e cumpre-me ser breve ao tratar desse assunto, ou matérias mais importantes ficarão fora deste volume por falta de espaço. Portanto, posso dar só um rápido esboço dos aspectos mais proeminentes desse grande movimento. Devo, principalmente, a um artigo publicado no *Advent Shield* [Escudo do Advento] de maio de 1844, escrito por Josiah Litch, o que comentarei sobre o tópico. O primeiro período de espera havia acabado de passar quando o Sr. Litch revisou todo o movimento do advento, apresentando fatos a respeito dele que serviram para a edificação e para o ânimo de todos os crentes. Esses fatos nunca devem ser perdidos de vista pelos crentes verdadeiros, até que a fé no advento seja consumada. Segue o relato:

O surgimento da causa do advento, tal como desenvolvida pelo Sr. Miller, pode ser datada de 1831 d.C., pois, embora ele tenha descoberto seus princípios já em 1818, foi somente em 1831 que ele começou a divulgá-los publicamente.

Seu primeiro passo nessa obra foi a publicação de uma série de artigos sobre a segunda vinda de Cristo, que apareceram no *Vermont Telegraph* [O Telégrafo de Vermont], um jornal batista publicado em Brandon, Vermont. Esses artigos foram escritos para que ele se sentisse aliviado da forte impressão que o acompanhava de que devia anunciar essas ideias para o mundo.

Mas depois de escrever e publicar essas informações, em vez de encontrar alívio de suas responsabilidades, como esperava, ele passou a ouvir, com mais intensidade ainda, seu admoestador interior a pressioná-lo dizendo: “Vá e conte ao mundo, ou o sangue deles será requerido de suas mãos”. Para livrar-se dessa forte impressão, ele escreveu uma sinopse de suas ideias, e, na primavera de 1832, publicou-a em forma de panfleto, o qual foi espalhado pelo país e enviado a diferentes partes do mundo, entre os postos missionários.

Chegaram convites de todas as partes para o Sr. Miller, os quais ele aceitou, viajando e trabalhando com muito sucesso entre as pessoas, mas com pouco incentivo dos ministros.

Em 1836, o Sr. Miller encontrou um amigo que se comprometeu a publicar um volume de suas palestras, a série que ele normalmente ministrava como um curso. A publicação dessas palestras constituiu uma nova era na história da causa do advento, pois, a partir daquele momento, onde quer que ele fosse pregar, as palestras que eram deixadas escritas continuavam a pregar, confirmando os que estavam parcialmente convencidos da verdade. Dessa maneira, sua obra deixou de ser, por assim dizer, escrita na areia, como anteriormente. Temos aqui uma forte e marcante demonstração do poder e da influência da página impressa, para o bem ou para o mal.

Esses livros gradualmente se espalharam por lugares onde ele nunca estivera presente, criando no público o interesse em pesquisar o assunto por si mesmo. Todavia, foi somente no inverno de 1837-38 que o trabalho passou a atrair a atenção de muitos em Massachusetts. Por volta do mês de fevereiro, em 1838, várias cópias das palestras chegaram a essa região, despertando grande comoção. Uma cópia caiu nas mãos do editor do *Boston Daily Times*, e a maior parte das palestras foram republicadas naquele jornal, alcançando grande número de leitores. O efeito dessas publicações foi tão grande, que um antídoto fez-se necessário, o que foi providenciado na forma de duas cartas da autoria do reverendo Ethan Smith.

O Sr. Litch apresenta sua interessante experiência com a causa do advento na seguinte linguagem:

Por ocasião da publicação dessas palestras no *Boston Times*, uma cópia do trabalho foi posta nas mãos deste escritor, com um pedido de que ele a lesse e desse sua opinião sobre seus méritos. A ideia de tentar descobrir a data do segundo advento de Cristo era tão estranha para ele que mal lhe passou pela mente o desejo de examinar o livro. Ele não tinha dúvida de que, em cinco minutos, poderia derrubar o argumento todo, pois, pensava ele, de acordo com Paulo (2 Tessalonicenses 2), primeiro deveria vir a apostasia, e ser revelado o Homem do Pecado, o qual era considerado, por um grande número de comentaristas, o sistema papal. Mas, de acordo com Daniel e João, esse poder devia durar 1.260 dias ou anos; e a data, aceita pelos escritores mais eruditos da época, para o começo do período, era 606 d.C. Consequentemente, esse período não terminaria antes de 1866. Era um argumento decisivo. Todavia, para agradar a um amigo, e pela curiosidade de saber que argumentos eram utilizados para apoiar uma doutrina tão inusitada, o livro foi lido. Não houve dificuldade em adotar a maioria dos pontos de vista propostos na primeira palestra. O preconceito começou a ceder, e

a ideia do glorioso reino de Deus na terra renovada passou a ser muito deleitosa. A partir daí, vieram os 1.260 dias, e eu me deparei com as claras evidências de que esse período, que começara em 538, havia terminado em 1798. Meu grande argumento contra o retorno do Senhor, que parecera tão forte e indestrutível, logo desvaneceu, e uma nova visão sobre o assunto brilhou a partir do argumento de Paulo, cuja essência era a seguinte: com o término do período predito, o papado é consumido pelo sopro da boca do Senhor, devendo, em seguida, ser destruído pelo fulgor da vinda de Cristo. Portanto, não pode haver milênio algum antes da volta de Cristo, pois o reinado do Homem do Pecado e um milênio glorioso não podem coexistir. Assim, a velha fábula do milênio estava perdida.

Antes de concluir a leitura do livro, fiquei plenamente convencido de que os argumentos eram tão claros e simples, e ao mesmo tempo tão bíblicos, que era impossível refutar a posição que o Sr. Miller se empenhara em estabelecer.

O dever se apresentou, então, na seguinte pergunta: “Se essa doutrina é verdadeira, não deveria você, como ministro do evangelho, apresentá-la e proclamá-la?” Certamente, eu tinha que fazê-lo. “Então, por que não o faz?” Ora, se no final ela se mostrar falsa, o que será de minha reputação? Além disso, se não for verdadeira, ela colocará a Bíblia em descrédito, depois que a data passar. Mas há outra questão a ser considerada sobre esse assunto. Como saberemos se a doutrina é verdadeira ou falsa? Não é apenas pelo testemunho das Escrituras que podemos verificar sua veracidade? O que elas ensinam? Esta é a verdadeira pergunta. Se for verdade que o Senhor voltará tão brevemente, o mundo deve saber; se não for, o assunto deve ser discutido, e o erro, exposto. Eu creio que a Bíblia ensina a doutrina, e se eu acredito assim, é meu dever torná-la tão conhecida quanto puder. Trata-se de um assunto bíblico, e de suprema importância; e discuti-lo não fará mal a ninguém. Essas profecias e períodos estão na Bíblia e significam alguma coisa – e se não for isso, qual o significado deles? Assim raciocinei até que o Senhor, através de um sonho, me mostrou minha própria indignidade, e me deu coragem para suportar o opróbrio em favor de Cristo. Decidi, então, que, custasse o que custasse, apresentaria a verdade sobre esse assunto.

Assim que o Sr. Litch chegou a essa decisão, ele publicou uma sinopse das ideias do Sr. Miller num panfleto intitulado *Midnight Cry* [O Clamor da Meia-Noite]. Ele continuou apresentando palestras, e também publicou uma segunda obra com 204 páginas, intitulada “A Probabilidade da Segunda Vinda de Cristo por Volta de 1843 d.C.”.

Foi nessa obra que o cálculo de que a supremacia otomana cairia no dia 11 de agosto de 1840 foi anunciado ao mundo pela primeira vez, e também o argumento sobre os 1.260 dias, mostrando que todos os eventos que predeceriam o tempo, tempos e metade de um tempo giravam em torno do ano 538 d.C., embora o decreto de Justiniano tivesse sido promulgado em 533.

Essa obra circulou pela Nova Inglaterra e provocou certo interesse. O assunto parou por aí, com exceção de alguns artigos publicados nos jornais *Zion's Herald* [O Arauto de Sião], de Boston, e *Zion's Watchman* [O Atalaia de Sião], de Nova York, até a primavera de 1839.

Naquele ano [1839], o Sr. Miller foi convidado para apresentar suas palestras em Massachusetts. Nessa viagem, ele visitou Randolph, Lowell, Groton e Lynn, onde apresentou palestras. O acesso dele a esses lugares se deu principalmente graças à influência do pastor T. Cole, de Lowell, um ministro da Conexão Cristã. Novamente, no outono e no inverno do mesmo ano, ele voltou ao estado de Massachusetts e fez apresentações em Exeter, New Hampshire e Haverhill, onde se produziu um bom efeito.

Foi na reunião de Exeter que ele conheceu o pastor J. V. Himes, e recebeu seu primeiro convite para visitar Boston e apresentar uma série de palestras na capela da Rua Chardon. Sua primeira série de palestras naquele lugar estabeleceu uma nova era na história do adventismo. Em Boston, foi produzido um entusiasmo que exigiu um maior esclarecimento do assunto e, ao mesmo tempo, preparou a mente do público para custear o aluguel da Capela Marlboro para uma série de palestras. Dali em diante, estendeu-se uma influência que permeou todas as localidades adjacentes. O desejo de luz sobre o tema foi tanto, que decidiu-se fazer a impressão de uma edição nova e revisada das palestras. Esse trabalho foi assumido por aquele devoto amigo da causa, que não cobrou nenhuma taxa nem honorários. Ele alegremente assumiu o papel de revisor da obra e a superintendência da publicação, a qual um editor de Boston concordou em fazer, se pudesse ficar com os lucros decorrentes de uma edição de cinco mil cópias. E ele conseguiu. O Sr. Miller tem sido acusado com frequência de ter reservado os direitos de publicação a esse editor. Por isso, para fazer jus a ele e à causa, vale dizer que essa era a única condição sob a qual o editor assumiria o trabalho. Depois de vender cinco mil cópias, o Sr. Mussey, o editor, concluiu que já não havia mais demanda. A fim de suprir o público, o Sr. Himes, diante das insistentes solicitações e conselhos de amigos, assumiu ele mesmo a publicação da obra. Ao mesmo tempo, ele abriu mão dos direitos autorais, e, assim, para poupar a causa de censuras, expôs-se à

concorrência de todos os que quisessem competir com ele. O mesmo curso de ação tem sido seguido em relação a todas as suas demais publicações. Mesmo assim, tudo o que a língua da difamação foi capaz de inventar foi despejado sobre ele, em decorrência da posição que assumiu e da atitude abnegada que tomou nessa questão.

Durante as palestras do Sr. Miller em Boston, apareceu uma obra intitulada “Illustrations of Prophecy, by David Campbell” [Ilustrações da Profecia, por David Campbell]. Outras obras de caráter efêmero, oriundas de ortodoxos, incrédulos, universalistas e outros “istas”, apareceram mais ou menos na mesma época, cada uma cumprindo sua obra de derrotar, não o Sr. Miller, mas uma à outra.

Diante desses repetidos ataques vindos do púlpito e da página impressa, sentiu-se a necessidade de criar um órgão de comunicação, através do qual a opinião pública quanto aos vários relatórios que circularam falando sobre o Sr. Miller e suas ideias pudesse ser esclarecida. Por muito tempo ele procurou alguém que assumisse a supervisão de um jornal através do qual ele pudesse falar ao público, mas não conseguia encontrar um homem, que, por amor ou por dinheiro, assumisse a tarefa e suportasse o menosprezo de um mundo descrente.

O PERIÓDICO *SIGNS OF THE TIMES* [SINAIS DOS TEMPOS]

A essa altura, quando as tormentas oposicionistas se intensificaram, a providência divina levantou um homem para realizar essa obra. O incansável amigo dessa causa, J. V. Himes, que tão nobremente permaneceu firme diante das hostes inimigas e do intenso fogo, deu um passo adiante e se lançou nessa empreitada, a fim de reparar a brecha. Em 20 de março de 1840, sem dinheiro, sem patrocinadores e com raros amigos, ele publicou o primeiro número do *Signs of the Times*. O recebimento desse panfleto foi saudado com alegria por muitos corações ansiosos que aguardavam a consolação de Israel. O periódico foi mantido, em seu primeiro ano, com gastos consideráveis da parte do próprio editor, sem contar que sua labuta não era valorizada. Como seria de se esperar, os inimigos da causa ficaram muito incomodados com a publicação de tal arma, tanto ofensiva quanto defensiva. Tudo que um coração cheio de amargura pudesse inventar ou uma língua invejosa conseguisse pronunciar foi dito e escrito contra o editor. Mas sua posição a esse respeito era: “Nada disso me incomoda”. Ele estava suficientemente convencido sobre a verdade da doutrina, e sabia que ela era digna de, pelo menos, uma

investigação completa e sincera, e isso ele estava determinado a fazer, mesmo que para fazê-lo tivesse que pagar um alto preço.

O jornal foi publicado quinzenalmente nos primeiros dois anos e, desde então, é um periódico semanal. Ele é lido com profundo interesse por multidões em todos os Estados Unidos, e nas províncias britânicas. Para muitos, ele é um anjo de misericórdia e amor. O bem que ele tem operado só será conhecido no grande dia do Senhor.

Durante o mesmo inverno (1839-40), o Sr. Miller foi convidado a apresentar suas palestras em Portsmouth, New Hampshire, e em Portland, Maine. Em ambos os lugares, como também em Boston e nas cidades vizinhas, suas apresentações eram acompanhadas de revigorantes chuvas da graça divina. Muitos abraçaram a doutrina da breve volta do Senhor, e ainda estão firmes na fé, dando glórias a Deus. Essa campanha de inverno produziu grande ânimo por toda a Nova Inglaterra, e produziu amigos em quase todas as cidades.

Com o fim da primavera e início do verão, toda a comunidade estava eufórica e depositava grandes expectativas no dia 11 de agosto e nos eventos preditos para essa data – a queda do império otomano, etc., etc. Muitas foram as predições de que, quando esse dia passasse, como certamente passaria, sem que o evento ocorresse, então o encanto seria quebrado e o adventismo morreria. Mas o tempo chegou – e deve-se reconhecer que, para muitos, foram algumas semanas de prova. Mas o “Deus que dá o frio conforme o cobertor” teve compaixão de Seus pequeninos e não permitiu que fossem tentados acima do que podiam suportar. E poucos, muito poucos, mesmo sob essa provação, abandonaram sua fé. O dia chegou e se foi. Naturalmente, a distância de Constantinopla não podia ser percorrida sem que se consumisse um período considerável de tempo. Mas quando o fato chegou até nós, descobrimos que no exato dia previsto – 11 de agosto – a supremacia desse império foi retirada das mãos dos muçulmanos. Esse fato desconcertou completamente as hostes do inimigo. Outra vez, a causa reviveu e seguiu seu caminho, com poder ainda maior do que antes.

ESFORÇOS CONJUNTOS

Até este período, tudo o que havia sido realizado fora resultado de esforços individuais. Nessas circunstâncias desanimadoras, foi determinado que houvesse uma ‘Conferência do Segundo Advento’ em Boston, onde os amigos da causa poderiam se congregar e

expressar seus sentimentos, envidando esforços para acordar o país e o mundo para o sentimento de sua iminente condenação. Essa reunião, que recebeu o título de 'Primeira Conferência Geral dos Crentes do Segundo Advento' se deu na capela da Rua Chardon, em 15 de outubro de 1840, e durou dois dias. Foram momentos de conforto e refrigério para os amantes do glorioso aparecimento do nosso bendito Senhor.

Na primavera de 1840, o autor deste artigo escreveu e publicou uma terceira obra intitulada: 'Discurso para o Clero', que abrangia, de maneira resumida, uma exposição da natureza do reino de Deus, como também um artigo sobre o [pretense] retorno dos judeus e seu direito à terra que foi prometida a Abraão como possessão eterna. O livreto apresentava o assunto com um enfoque um tanto diferente do que havia sido apresentado anteriormente neste país. O efeito sobre o clero foi considerável. Alguns foram impressionados a examinar o assunto e ficaram convencidos de que a posição do autor era correta. A obra também continha o argumento sobre a queda do império otomano. A segunda edição, publicada em 1841, foi revista, apresentando fatos históricos que mostravam o cumprimento da contagem do tempo.

De 15 a 17 de junho de 1841, a segunda Conferência Geral dos Crentes do Advento teve lugar em Lowell, Massachusetts. Foi uma ocasião de profundo interesse, que deu grande impulso à causa.

Durante o verão seguinte, o Sr. Litch visitou as sedes das quatro Conferências Anuais da Igreja Metodista Episcopal da Nova Inglaterra, e apresentou palestras a um número razoável de ministros presentes nos eventos. Seus esforços nessa direção removeram o preconceito e causaram uma boa impressão.

O adventismo seguia avante, firme em seu curso, tanto entre o clero quanto entre os leigos da Nova Inglaterra.

Foi no outono daquele ano que o devoto e querido irmão Charles Fitch voltou a examinar a questão da vinda do Senhor, tornando-se um decidido advogado da doutrina. Ele imediatamente entrou no campo de trabalho, e tem se mostrado um auxílio eficiente para a causa.

O irmão Guilherme Miller continuou seu trabalho em várias partes do país, com grande sucesso. O irmão Himes também passou a dedicar tanto tempo quanto seus deveres pastorais, e outros deveres, permitissem, para apresentar palestras sobre o assunto.

Em outubro, outra conferência ocorreu em Portland, Maine, e deu um novo impulso ao trabalho naquela parte do país. Outra conferência foi planejada para o Tabernáculo Broadway, na cidade de Nova York, o que de fato aconteceu. Este foi o primeiro esforço bem-sucedido feito nessa cidade até aquele momento.

De Nova York, fomos para Low Hampton, onde residia o irmão Miller, e começamos outra conferência. Foi uma temporada de refrigério para todos, especialmente para o próprio irmão Miller. Foi a primeira conferência a que ele assistiu. Para ele, encontrar aquela grande multidão de gente vinda do leste, oeste, norte e sul, tanto do Canadá quanto dos Estados Unidos, todos a postos para proclamar essa verdade graças às bênçãos que Deus havia derramado sobre seus esforços, foi uma experiência muito animadora e revigorante.

Durante o inverno de 1841-42, ocorreram conferências em vários lugares, todas com grande audiência: Boston, Massachusetts; Dover, New Hampshire; Sandy Hill, Nova York; Pomfret, Connecticut; Colchester, Vermont; Ashburnham e Lunenburg, Massachusetts, etc. Somente a eternidade vai revelar o resultado delas, mas muitos frutos logo apareceram. Naquele inverno, um grande número de ministros do evangelho foi despertado para o dever de investigar o assunto, sendo induzidos a pregar, com certa frequência, em seus púlpitos sobre ele. Alguns deles se dedicaram inteiramente à causa do advento e se tornaram eficientes palestrantes.

Ao chegar a primavera, o irmão Himes decidiu fazer o clamor soar de maneira mais intensa na cidade de Nova York e, de acordo com sua decisão, em maio, ele e o irmão Miller foram para aquela cidade começar suas atividades. O Apollo Hall, na Broadway, foi alugado a um elevado custo, e eles começaram o trabalho.

As atividades da visita anterior foram tão obliteradas que não havia ninguém para hospedá-los em sua casa por uma noite. Consequentemente, eles fizeram de uma antessala, contígua ao salão, sua sala de estar e seu quarto de dormir, por certo período de tempo, até que alguns amigos se despertaram e trouxeram um colchonete, para que não precisassem dormir no chão duro. Duas semanas sob essas circunstâncias, trabalhando dia e noite, pagando a maior parte de suas despesas (pois as ofertas públicas eram muito baixas), foram necessárias antes de causarem alguma impressão. Um fato deve ser registrado: Havia se espalhado um boato de que os adventistas eram monstros, ou tudo, menos pessoas civilizadas. O boato havia causado uma impressão tão forte e tão generalizada que, mesmo depois de muitos dias, quase nenhuma mulher apareceu para assistir

às reuniões. A imprensa religiosa soara o alarme, espalhando pânico pela comunidade, o qual foi difícil de remover. Mas, à medida que um após outro se aventurava a dar uma olhada e, depois, a ouvir, o preconceito começou a desaparecer. A congregação passou a crescer e, antes que se encerrassem as reuniões, no período anual de reuniões religiosas e benevolentes [*anniversary week*], o salão estava cheio de ouvintes atentos, os quais demonstravam interesse constante. Foi uma grande empreitada, mas a vitória, afinal, foi alcançada, e uma grande e gloriosa colheita foi feita. Essa reunião terminou sob circunstâncias animadoras e encheu os presentes de esperança para o futuro.

A ERA DAS REUNIÕES CAMPAIS

Enquanto as reuniões em Nova York prosseguiam, os amigos em Boston decidiram fazer uma reunião geral naquela cidade, durante a tradicional semana de eventos religiosos e benevolentes. Assim, o Melodeon foi assegurado para a ocasião, e nossas reuniões começaram nas mais auspiciosas circunstâncias. O adventismo nunca vira dias mais promissores. Foi grande a audiência durante toda a reunião. Embora as atrações daquela semana fossem expressivas, nenhuma reunião recebeu mais atenção do que a Conferência de Celebração Anual do Advento. Durante aquela semana, entre os variados temas de interesse trazidos à discussão, havia a proposta de se organizar uma reunião campal, ou algumas, durante o verão seguinte. Para muitos, essa era uma empreitada muito grande. Um pequeno punhado de adventistas fazendo uma reunião campal? Ora, eles mal conseguem encher um salão, que dirá uma reunião campal! Entretanto, havia naquela reunião fé e zelo suficientes para que disséssemos: TENTEMOS. Os devidos arranjos foram feitos pelo comitê da campal, o qual se encarregou de colocar o plano em ação. Foi decidido envidar o mais vigoroso esforço, durante o verão, para a disseminação dessa grande luz. Nessa época, tínhamos dúvidas se chegaríamos a mais uma semana de celebrações anuais.

Imediatamente depois de terminadas as celebrações anuais, o presente escritor partiu para o leste do Canadá para cumprir um compromisso em Stanstead. Deixei Boston na manhã de segunda-feira, cheguei a Stanstead e comeci as reuniões na quarta-feira. O interesse cresceu de maneira consistente desde o começo, e, antes que terminasse a semana, toda a região, num raio de 50 a 60 quilômetros, foi despertada para o assunto da vinda do Senhor. Multidões enormes se reuniram, no Canadá e em Derby, Vermont, onde

uma série de palestras foi apresentada. Foi tão grande o interesse em ouvir sobre o assunto, como também o despertar entre as pessoas, que ficou imediatamente decidido que haveria uma reunião campal no Canadá. De acordo com essa determinação, um lugar foi escolhido, e o terreno, preparado; e a reunião ocorreu na cidade de Hadley, no leste do Canadá. O resultado dessa primeira reunião foi tão bom que as pessoas de Bolton quiseram que houvesse outra em sua cidade. Essa campal começou na semana seguinte, depois de encerradas as reuniões de Hadley, e terminou em 3 de julho. Durante o trabalho daquele mês, foi estimado que quinhentas a seiscentas almas se converteram a Deus.

Na última semana de junho, a primeira reunião campal adventista começou em East Kingston, New Hampshire, onde uma imensa multidão se reuniu para ouvir sobre o reino e para adorar o Deus de Abraão. Assim, em vez de uma reunião campal adventista durante a temporada, que, pela incredulidade de alguns, jamais seria realizada, um mês após a decisão de *tentar*, três dessas reuniões tiveram lugar e foram bem sucedidas. Além dessas reuniões campais, houve enormes reuniões de pessoas no norte de Vermont e New Hampshire, e pelo estado de Maine.

A GRANDE TENDA

Enquanto essas operações prosseguiam, nasceu um plano para a construção de uma tenda suficientemente grande para acomodar quatro mil pessoas, com a qual se poderia ir às cidades onde não houvesse salões disponíveis para as palestras. Essa proposta foi imediatamente aceita pelas pessoas, e o irmão Himes, com a ajuda de outros amigos, encarregou-se do trabalho. A tenda foi terminada e armada em Concordia, New Hampshire, na segunda quinzena de julho. A comoção gerada por esse movimento foi ainda maior do que aquela ocasionada pelas reuniões campais adventistas.

Depois disso, a tenda foi armada em Albany, Nova York; depois, em Springfield e Salem, Massachusetts, e Benson, Vermont. E, finalmente, para encerrar a temporada, em Newark, Nova Jersey. Em todos esses lugares, a palavra fez efeito e produziu os maiores e mais positivos resultados. Além das reuniões da grande tenda e das numerosas séries de palestras, ocorreram seis ou oito reuniões campais na Nova Inglaterra durante o verão e o outono. A obra se espalhou com um poder que não encontra paralelo na história dos despertamentos religiosos.

Durante a temporada, o irmão Charles Fitch fez uma visita ao instituto Oberlin, onde proclamou a doutrina da vinda do Senhor para os estudantes e para os docentes da instituição, como também em vários outros lugares de Ohio. Nessa viagem, o Senhor o abençoou de maneira maravilhosa, concedendo-lhe favor aos olhos das pessoas. Foram feitos arranjos para sua família vir àquela região do país, para que ele pudesse passar o inverno ali e apresentar suas palestras em Cleveland e redondezas. Esse movimento despertou interesse naquela região, interesse que vem aumentando até o presente.

Depois do encerramento das reuniões campais em Newark, sob a grande tenda, o tempo frio se instalou, tornando impraticável a continuação das reuniões públicas ao ar livre. Os obreiros começaram, então, a fazer os arranjos para realizar uma campanha de inverno. O irmão Himes, junto com o irmão Miller e outros irmãos, voltaram para Nova York e começaram uma série de palestras numa igreja que ficava no cruzamento das ruas Catherine e Madison, onde o irmão Storrs estivera trabalhando com grande sucesso por algumas semanas. O interesse continuou a aumentar, bem como as expectativas. Chegou um outro convite para realizar uma série de palestras na igreja metodista protestante, na rua Anthony, sob os cuidados pastorais do irmão E. Jacobs. Esse convite foi aceito pelo irmão Apollos Hale, cujo desempenho foi muito abençoado. O irmão Jacobs abraçou a doutrina, juntamente com muitos de sua igreja e, imediatamente, começou a proclamá-la com poder.

O PERIÓDICO *MIDNIGHT CRY* [CLAMOR DA MEIA-NOITE]

Tal foi o interesse na cidade de Nova York, que o irmão J. V. Himes determinou que fosse criado um jornal do Advento, para ser publicado por, pelo menos, quatro semanas. Nele, seriam apresentados os principais argumentos que sustentavam nossas ideias. O jornal seria oferecido ao público num formato barato e popular. A publicação do periódico foi iniciada no final de novembro de 1842, sob o título *The Midnight Cry*. O principal supervisor-editor era o nosso querido e fiel irmão N. Southard. Foram publicados e distribuídos vinte e quatro números, cada um com dez mil cópias. A maior parte dessas cópias foi distribuída gratuitamente via correio, com o subsídio do editor. Naturalmente, essa distribuição não poderia deixar de despertar o mais salutar interesse por todo o país. Milhares foram iluminados e instruídos, abraçando a doutrina sem que nunca tivessem ouvido uma palestra

sobre o assunto. O “*Clamor*” continua sendo um jornal semanal até o presente, e, a cada semana que passa, tem aumentado sua esfera de utilidade e animado os corações de milhares de peregrinos solitários em todas as partes da nação.

Em fevereiro de 1843, o irmão Miller e o irmão Himes visitaram a Filadélfia, apresentando uma série de palestras com grandes resultados. A cidade ficou completamente convulsionada pela influência das palestras. Os santos rejubilavam, os ímpios tremiam, os apostatados estremeciam e a palavra do Senhor seguia em frente, sendo glorificada. Provavelmente o Sr. Miller nunca tenha apresentado uma série de palestras com maiores resultados do que esta. Ela construiu um alicerce permanente para a causa na cidade, e preparou o caminho para estendê-la até o Sul e o Oeste. Foi aberta uma livraria na cidade, no início de janeiro, e um pequeno jornal, cujo custo era de um centavo [*penny paper*], o *Philadelphia Alarm* [Alerta de Filadélfia], foi lançado. Treze números, com cerca de quatro mil cópias cada um, foram publicados.

Agora, os esforços se voltaram para Washington D.C. e Pittsburgh, Virginia.

De fato, o Oeste inteiro parecia maduro e pronto para a colheita. Cartas recebidas de Pittsburgh, e publicadas no *Midnight Cry*, logo despertaram os amigos no Leste, e um grande número de conferencistas imediatamente partiu para aquele campo de trabalho. A bandeira do advento foi desfraldada em Cincinnati, e de lá a luz tem se espalhado por toda a região oeste e sul do país.

Voltando de Pittsburgh, em meados de março, o *Philadelphia Alarm* se fundiu com o *Trumpet of Alarm* (Trombeta de Alerta), um jornal contendo os diagramas das visões de Daniel e João, e uma visão lógica e coerente da doutrina do Advento, que foi fundado com o propósito principal de circular no Oeste e no Sul. Aproximadamente 25 a 30 mil cópias dele já foram distribuídas.

Enquanto essas coisas aconteciam no Oeste, o Senhor ainda estava operando no Leste. Por Sua graciosa providência, os queridos irmãos N. N. Whiting, J. B. Cool e F. G. Brown foram convertidos à fé e começaram a proclamá-la em alto som. O efeito dessa obra foi eletrizante. Muitos, que antes achavam que o assunto não era digno de qualquer atenção, começaram a sentir que era possível, afinal, que houvesse algo importante ali. Isso levou a um exame das evidências, o que produziu convicção da verdade da doutrina.

A causa do advento avançou, durante aquele inverno, de maneira mais veloz do que se pode registrar. Estou ciente de que a história

perde muito de seus atrativos pela ausência de detalhes; mas esses são os limites a que este esboço se restringe. É impossível adentrar à minúcia dos acontecimentos. Tudo que podemos fazer é registrar as linhas gerais da história.

Então, mais uma vez, a missão do irmão Fitch no estado de Ohio teve como resultado o estabelecimento de um jornal dedicado ao segundo advento, na cidade de Cleveland, o qual tem se mostrado um instrumento valioso para a causa naquela parte do país. O irmão H. B. Skinner e o irmão L. Caldwell, que passaram o inverno no leste do Canadá, também iniciaram ali a publicação de um jornal dedicado à causa.

No início do verão, foram feitos preparativos para a realização de reuniões em tendas e campais. Foram convocadas e realizadas reuniões no Leste, Oeste e Norte. A maioria delas testemunharam a bênção especial de Deus sobre o povo, e ampliaram, em grande medida, o conhecimento sobre o tema do advento. A mesma expectativa de ouvir sobre o assunto, que tem caracterizado o público que recebe a proclamação da doutrina, desde o seu início, ainda era notada. Não apenas nos lugares onde ela obtivera guarida, mas em novos lugares, onde nunca fora proclamada, manifestava-se grande entusiasmo para ouvi-la.

O irmão Himes novamente assumiu a responsabilidade de levar a *grande tenda* ao oeste de Nova York. Juntamente com outros irmãos, ele cumpriu essa missão. Até aquele momento, nenhum interesse permanente havia sido despertado naquela região do país. Mas a partir das reuniões nas tendas ocorridas em Rochester e Buffalo, o assunto recebeu grande acolhida da comunidade, em toda aquela região, e tem seguido firme desde então.

De Buffalo, a tenda foi levada para Cincinnati, Ohio, e uma exposição completa das doutrinas do advento foi realizada para as pessoas daquela cidade. Várias séries de palestras, entretanto, tinham sido previamente apresentadas lá. Dessa maneira, as pessoas estavam preparadas para tirar grande proveito das palestras. Várias reuniões campais também haviam sido realizadas nos arredores da cidade, de modo que um grande interesse em obter luz sobre o assunto prevalecia naquela região.

Acompanhando com cada uma das reuniões na tenda, publicava-se um jornal sobre o advento, no qual os principais pontos da doutrina eram apresentados para as pessoas, com grandes resultados.

Não temos espaço para um relato completo dos numerosos incidentes que marcaram o trabalho do verão e do outono de 1843.

Mas deve ser registrado, para o louvor da gloriosa graça de Deus, que a obra do Senhor seguia firme, derrubando toda oposição, não importando de onde viesse.

Durante toda a primavera e verão, fomos privados do trabalho de nosso querido irmão Miller, que, durante alguns meses, ficou confinado a sua casa por conta de uma dolorosa enfermidade. No outono, ao recobrar sua saúde, ele novamente começou seu árduo trabalho, fazendo primeiro uma viagem pela Nova Inglaterra e, depois, pelo oeste do estado de Nova York. Durante as oito semanas de seu último itinerário, ele pregou 85 vezes, além dos demais deveres que recaíam sobre ele, decorrentes dessa viagem. Seus trabalhos nunca tiveram resultados tão bons, nem foram recebidos com tanto prazer, quanto durante esse percurso. “A boa semente”, “a palavra do reino”, ainda encontrou terreno fértil, no qual caiu, criou raiz e produziu fruto.

Durante essa visita ao oeste, entre outros lugares, ele visitou Lockport, estado de Nova York, onde residia o pastor E. Galusha, muito conhecido na igreja batista dos Estados Unidos. Havia vários meses que ele demonstrava certa preocupação com o tema da vinda do Senhor. Ele já havia feito um exame bastante honesto do assunto, mas nunca se comprometera plenamente com ele, até a apresentação das palestras do irmão Miller na igreja em que era pastor. Dali em diante, ele se tornou um decidido advogado da doutrina, e, desde então, tem-na defendido com dedicação.

A VISITA DO SR. MILLER A WASHINGTON

Por muito tempo, o irmão Himes e o irmão Miller tinham desejado visitar a cidade de Washington, Distrito de Columbia, e fazer soar o alarme na capital da nação, mas foi somente no inverno passado que surgiu a oportunidade de fazê-lo. Eles começaram apresentando palestras na cidade de Boston, e, dali, foram para Nova York, onde apresentaram uma série de palestras para uma numerosa audiência. De Nova York, seguiram para a Filadélfia, onde passaram uma semana apresentando uma série de palestras para uma multidão de pessoas, e obtiveram grande resultado. De lá da Filadélfia, ele, na companhia deste escritor, foi para Washington, e começou ali uma série de palestras, em 20 de fevereiro de 1844. Duas semanas foram passadas ali, em diferentes localidades da cidade, onde as doutrinas do adventismo e as evidências da breve vinda do Senhor foram apresentadas. A audiência foi boa, e o interesse em ouvir foi profundo. Revolução maior, na opinião pública, do que a que se testemunhou

em Washington – e num curto espaço de tempo – raramente tem sido vista em referência à doutrina adventista.

Durante nossa estadia em Washington, além dos periódicos e livros que foram trazidos do Norte, a publicação de um jornal chamado *Southern Midnight Cry* [O Clamor da Meia-noite do Sul] foi iniciada ali. Dois números foram publicados e circularam em Washington e arredores, e outro em Baltimore, enquanto o irmão Miller estava apresentando sua série de palestras naquela cidade. Assim terminou o inverno de 1843-44, o que nos trouxe até o momento pelo qual havíamos esperado tanto – o fim do ano judaico de 1843.

O TÉRMINO DOS TEMPOS PROFÉTICOS

Como era de se esperar, ao se aproximar o momento crítico, ou seja, o dia 21 de março, houve uma expectativa geral de que todo o sistema do adventismo seria derrotado. Supunha-se que, aqueles que o haviam abraçado, iriam esquecer o assunto caso o tempo apontado passasse. Mas não foi isso que eles aprenderam na Bíblia. A doutrina não consiste meramente em traçar períodos proféticos, embora isso seja uma parte importante do trabalho. No entanto, toda a história profética do mundo se encontra nas páginas da inspiração, está registrada na história e proporciona indubitável evidência do fato de que chegamos a um momento crítico e decisivo. E nenhum desapontamento referente a um ponto definido no tempo pode demovê-los ou afastá-los de sua posição quanto à breve vinda do Senhor. Mas ainda precisa ficar claro se os cálculos sobre a data não estão corretos, ou se o erro diz respeito apenas ao evento que marcou seu término, o que é mais provável. Existem, atualmente, alguns que se encontram hesitantes; relativamente poucos, entretanto, desistiram da causa. A maioria continua firme em meio a todas as zombarias e escárnios de um mundo ultrajante.

MODOS DE OPOSIÇÃO

Normalmente, o que tem ocorrido é que, assim que a doutrina da breve vinda do Senhor é apresentada em algum lugar, o clero, dentro de uma ou duas semanas, começa a fazer seus ataques do púlpito. Os argumentos mais comuns têm sido:

1. “Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe”; mas esses homens professam conhecer o tempo preciso da vinda do Senhor. Sim, eles professam saber mais do que os anjos, ou até mesmo do que o próprio Filho de Deus.

2. O Senhor só pode vir depois do milênio, durante o qual o mundo inteiro se tornará justo, e o leão comerá palha como o boi, etc.

3. Os judeus devem ser reunidos e restaurados na Palestina antes que chegue o dia.

4. O dia deve vir como um ladrão, uma armadilha, etc., sobre todos os que habitam sobre a terra. Mas atualmente há tantos buscando por ele que esse dia já não pode vir como uma armadilha.

5. O dia não pode vir exatamente agora, pois existem tantos ministros santos e cristãos que, se o dia viesse agora, ele os pegaria de surpresa. O Senhor não virá sem que eles o saibam.

6. O mundo ainda está em sua infância; as artes e as ciências estão apenas começando a atingir sua maturidade, tornando o mundo adequado para se viver. O Senhor não poderia vir agora e destruir tudo isso.

7. Além disso, existe tanta terra para ser ocupada no oeste do país, terra que ainda não foi cultivada, que não é, de maneira alguma, razoável que o Senhor possa destruí-la antes que ela seja ocupada e trabalhada.

8. Mas o grande argumento, aquele que tem provado ser o mais eficaz, é que essa visão de Daniel 8 não tem nada que ver com a vinda de Cristo nem com o estabelecimento do reino eterno de Deus. Ela simplesmente se refere a Antíoco Epifânio, sua perseguição aos judeus e à profanação do templo cerca de 160 a.C. Se esse for o caso, teremos então o cumprimento da abominação da desolação falada pelo profeta Daniel – e pela qual o Salvador instruiu Seu povo a esperar – cerca de duzentos anos antes da instrução acontecer!

Poderíamos acrescentar à lista acima muitos outros argumentos semelhantes, cuja alegação é de que tenham sido extraídos da razão e das Escrituras, mas nenhum deles é mais incrível do que os já mencionados. Você ri, prezado leitor, diante da ideia de se recorrer a esses argumentos? Entretanto, pode estar certo de que cada um deles, a sua vez, foi utilizado por homens sérios, que se chamam de doutores em divindade.

Todavia, o mais fenomenal e impressionante de todos os argumentos que já foram apresentados contra a doutrina é: “O Sr. Miller construiu um muro de pedra em sua fazenda!” Mas estava

me esquecendo: eu disse o mais fenomenal, pois há outro bastante parecido: “O Sr. Miller se recusa a vender sua fazenda!!” Oh! Como Cristo pode vir se o Sr. Miller não quer vender sua fazenda?

Mas isso não é tudo, pois a verdade é que “o Sr. Himes publicou e distribuiu (grande parte deles gratuitamente) mais de cinco milhões de livros e jornais. Ele deve estar envolvido em alguma negociata. Como o Senhor poderia vir? Oh! Como Ele poderia vir?”

Mas é adequado dizer uma palavra sobre este assunto a esses homens e à causa que eles têm defendido. Para os que conhecem Guilherme Miller e sua história pessoal nem é preciso que escrevamos. Mas há os que não o conhecem. É para esses que este lembrete é aqui inserido.

Quando o Sr. Miller começou a advogar a doutrina do advento, ele estava envolvido em atividades agrícolas. Ele tinha sua própria fazenda, estava rodeado por sua peculiar família e possuía tudo o que podia fazer sua vida fácil e agradável. Quando o Senhor o chamou e o impeliu para este trabalho, sua vida estava em declínio, sem as vantagens de uma educação acadêmica, sem experiência como orador público, sem cargo eclesiástico, exceto o de ser um valoroso e digno membro leigo da igreja batista. Os preconceitos acariciados pela igreja e pelo mundo eram contrários a todas as tentativas de entender as escrituras proféticas, e isso se somava a muitas outras circunstâncias desencorajadoras. Mesmo assim, diante de tantos motivos para desanimar, ele foi adiante, sem receber nada em troca. Ao contrário, de graça deu aos outros a luz que Deus lhe dera, assim como de graça ele a havia recebido.

Após ter iniciado esse trabalho, ele viajou extensivamente por muitos anos, apresentou frequentes palestras, sofreu privações e zombarias e pagou as despesas de suas viagens de seu próprio bolso. Ao mesmo tempo, ele tinha uma família grande, que dependia dele para receber o sustento, além de manter suas portas abertas para todos os servos do Senhor que escolhessem ficar debaixo do seu teto, onde sabiam poder contar com calorosas boas-vindas.

Depois de seguir esse ritmo de vida por alguns anos, ele arrumou seus negócios domésticos, passando a fazenda para as mãos dos filhos, de maneira a garantir o sustento de sua família, e passou a ter uma anuidade de cem dólares para se vestir e arcar com as despesas decorrentes de seu trabalho. Dessa maneira, ele continuou a viajar para longe e para perto, onde quer que a Providência abrisse caminho, arcando, ele mesmo, com suas despesas, na maioria das vezes. Assim ele fez até que suas viagens se tornaram tão numerosas, longas e dispendiosas que chegaram a exceder às suas rendas.

Só então ele permitiu que as pessoas, entre as quais ele trabalhava, pagassem suas despesas com a viagem. Mas desde que começou o trabalho, ele não ganhou o suficiente para se sustentar. A venda de seus livros não lhe trouxe nenhum lucro. Não faz parte de suas atividades acumular tesouros na terra, nem acumular riquezas por meio do evangelho da graça de Deus.

Em meio a todos os adjetivos vis e reprováveis que se acumularam sobre ele, bem como a todos os relatórios falsos e baixos que circulavam pelos púlpitos e pela imprensa, como também em círculos privados, ele segue avante, com sua postura equilibrada, cumprindo a missão que ele se propôs a realizar. Não é de admirar que os seus comentários concernentes aos ataques dirigidos a ele às vezes pareçam severos, uma vez que não se tratam de nada mais do que a severidade da verdade. Não temos a pretensão de dizer que ele nunca errou, mas podemos dizer que, embora confessemos que “errar é humano”, poucos homens passaram por uma empreitada como essa com menos erros ou manchas que Guilherme Miller.

Da mesma forma, ao expor e reprovar a crescente corrupção da igreja e do ministério, muitos o têm considerado muito severo. Mas trata-se do seu rigor ao lidar com verdades que poucos, numa era degenerada como esta, tinham a autonomia ou a coragem de expressar. Ele tem proclamado em alta voz aquilo que outros têm pensado e repetido somente em círculos privados. Todavia, apesar de tudo, quem passa a conhecê-lo não consegue deixar de amá-lo. Analisando o Sr. Miller como um todo, onde se poderia encontrar um instrumento mais bem qualificado para a posição que ele ocupa?

Agumas palavras a respeito do fiel e dedicado amigo da causa do adventismo, J. V. Himes, deverão encerrar esta parte da presente obra. Na posição que ele tem ocupado à frente da batalha, os dardos mais mortais do inimigo têm sido apontados para ele. O generoso espírito de autossacrifício com o qual ele se apresentou e empregou cada nervo no avanço desta grande obra, imediatamente provocou inveja, rancor, raiva e calúnia vinda de todo um batalhão de inimigos da doutrina. E todo o meio que pode ser concebido para destruir sua influência tem sido empregado desde aquele tempo até hoje. Mas, pela graça de Deus, ele tem triunfado até agora. Eu creio que a providência divina levantou J. V. Himes como associado e colaborador do Sr. Miller, na grandiosa obra de despertar a igreja e o mundo para se prepararem para a vinda do Senhor; e ele, de maneira honrada, tem feito o trabalho com fidelidade a Deus e ao homem.

A EXTENSÃO DO TRABALHO

Consideramos a proclamação que tem sido feita como o clamor do anjo que anunciou: “é chegada a hora do Seu juízo” (Apocalipse 14:6, 7). É um som que deve ressoar a todas as nações; é a proclamação do ‘evangelho eterno’, ou ‘este evangelho do reino’. De um modo ou de outro, esse clamor tem sido espalhado por toda a terra, onde quer que se encontrem seres humanos, e estamos tendo a oportunidade de ouvir sobre esse fato. Nos últimos seis anos, têm sido enviadas publicações sobre o assunto a praticamente cada posto missionário, inglês e americano, presente no globo – pelo menos a todos a que tivemos acesso.

Além disso, todos os grandes jornais religiosos do país têm ajudado nessa tarefa, pois alguns deles têm amistosamente aceitado que publiquemos nossas ideias; outros têm publicado críticas e ataques, e nesses jornais nossos argumentos são apresentados a fim de serem refutados. Por meio deles, a verdade tem sido espalhada em muitos lugares onde ela não teria chegado pelos meios comuns. Nesse contexto, até mesmo as caricaturas que vêm sendo disseminadas entre a rale têm levado consigo os pontos essenciais da mensagem: a vinda do Senhor para julgar e o dia de sua vinda.

A imprensa secular tem contribuído, em grande medida, para aumentar e disseminar o interesse nessa questão. Até as declarações tolas e falsas feitas têm servido, em alguns casos, para avançar a obra de Deus. A história, por exemplo, que foi mostrada pelo jornal *Sun* de Nova York, de que o Sr. Miller tinha estabelecido a data de 23 de abril de 1843 como o dia da vinda de Cristo, embora fosse inteiramente falsa e carecesse de embasamento, circulou de maneira tão ampla que não havia quase nenhum lugar onde o relato não tivesse sido ouvido, e o interesse, despertado.

LIVROS ADVENTISTAS

Os livros adventistas têm sido grandemente multiplicados nos últimos quatro anos. Como já foi mencionado, a primeira e mais importante obra publicada foi a série de palestras do Sr. Miller. Esse volume pode ser considerado a semente da qual todas as demais publicações germinaram. As obras de Miller, Ward, Hale, Bliss, Fitch, Storrs, Brown, Hervey, Cook, Whiting, Starkweather, Hawley, Litch, Fleming, Cox, Sabine, etc. constituem a biblioteca

do Segundo Advento. Elas contém as ideias que têm sido apresentadas ao público através das palestras. Outros folhetos e panfletos têm sido publicados.

Alguns dos folhetos que foram publicados e divulgados têm feito um bem muito grande. O *Clue to the Time* [Indícios do Tempo], escrito pelo irmão L. Hersey, um sapateiro e guarda municipal em Boston, acompanhado de um diagrama, tem sido instrumento de grande bênção. Só a eternidade revelará as muitas almas preciosas que foram levadas a esperar a vinda do Senhor pela leitura de um desses folhetos.

PALESTRANTES E ESCRITORES

O grande número de palestrantes que se levantou e se lançou ao trabalho possui mente sadia, e também coração caloroso e cheio de zelo por Deus e pela salvação de homens. Esses homens não têm mostrado grandes pretensões quanto à erudição, conforme é comumente entendida. Mesmo assim, em termos gerais, eles têm sido estudantes atentos da Bíblia, fazendo dela um livro auto-interpretativo. Eles também têm sido atentos à história, segundo lhes permitem seu tempo e meios. É verdade que, sempre que alcançaram sucesso, todo mérito por sua obra, e pelo poder da mesma, pertencem a Deus.

Mas, em nosso meio, têm surgido alguns palestrantes com notáveis talentos e aptidões, homens que não precisam enrubescer ao ficarem lado a lado com os sábios e letrados da terra. Eles surgiram no momento em que sua ajuda era necessária, e Deus tem realizado Sua obra por meio deles. Os escritos sobre o advento presumem que mentes acostumadas a pensar e a raciocinar, como também a ler, os tenham elaborado. Embora a maior parte dos livros não reivindique nenhum mérito literário, eles têm feito mais para promover uma literatura edificante e de qualidade do que qualquer outro livro em nossos dias. Eles selecionaram e organizaram eventos históricos ligados às escrituras proféticas, que abrangem a história do mundo, de tal forma que revestiram essa história de um interesse nunca visto ou sentido pela maioria dos leitores. Se eles promoveram o estudo da história, provocaram um estudo ainda mais cuidadoso das Escrituras.

É lamentável que, embora esta seja uma época de Bíblias, o grande corpo de professos cristãos pouco conhece aquilo que a Bíblia contém. E, onde quer que circulem livros do advento, em vez de suplantarem o uso da Bíblia, como é o caso da maioria dos livros, eles quase invariavelmente remetem o leitor ao celeiro sagrado. Nada

jamais dado ao público tem causado tanto interesse no estudo da Bíblia como a proclamação da “hora do Seu juízo”. Uma série de palestras numa vila é capaz de abrir portas para a venda, em uma semana, de uma quantidade de Bíblias superior à que se costumava vender, antes, num período de anos. Seja qual for o resultado final dessa questão, até agora os seus frutos têm sido os da melhor espécie.

O QUE O ADVENTISMO REALIZOU

1. Logo que esse clamor teve início, as profecias eram vistas como um livro de mistérios. Tentar entendê-las ou explicá-las era uma presunção, e até mesmo um sacrilégio. Esse feitiço foi quebrado, e o público cristão entende que essas porções da Palavra de Deus, profundamente interessantes, também são uma parte de Sua revelação para o homem. Até mesmo o clero, em todas as suas categorias, tem sido levado a se manifestar e dar alguma explicação sobre as profecias, por mais rudes que sejam.
2. A fábula da conversão do mundo e do triunfo universal do cristianismo, que prevalecia de modo quase universal dez anos atrás, foi aniquilada e, agora, a igreja entende que o Homem do Pecado há de permanecer no mundo até que o Senhor venha e o destrua com o brilho de Sua vinda; compreende também que não deverá ocorrer um milênio antes da “primeira ressurreição”, por ocasião da vinda do Senhor. Essa ideia perdeu a força que tinha no passado.
3. A doutrina semelhante, a do retorno dos judeus para a Palestina, que prega que ali eles deverão gozar de privilégios especiais, é desmascarada; e a antiga doutrina apostólica, de que para Deus não há acepção de pessoas, é vigorosamente destacada, de modo que a igreja deve reconhecê-la como sendo a verdade de Deus.
4. A pregação adventista trouxe uma convicção muito generalizada, na mente do público, de que estamos perto do fim dos tempos, prestes a comparecer diante do tribunal de Deus. Os esboços gerais da profecia, tal como exibidos nos quatro grandes impérios, são vistos e reconhecidos por muitos como acontecimentos quase completamente cumpridos. Por isso, está se firmando na mente das pessoas a convicção de que o fim de todas as coisas está às portas.
5. O adventismo tem exposto uma grande quantidade de racionalismo alemão e infidelidade no seio da igreja, bem como toda uma redefinição de termos teológicos e religiosos [*neology*], e tem demonstrado que quase todas as escolas teológicas estão sob sua

influência. Tem ficado claro que, se o Senhor não vier logo para acabar com a contenda, o país logo será inundado com esse sistema de redefinição teológica do racionalismo alemão.

6. Onde quer que tenha chegado, a doutrina do advento tem despertado pecadores, reconquistado apóstatas, reavivado os crentes e promovido a causa de Deus. Milhares de milhares podem testemunhar a verdade dessa declaração em sua própria experiência, tendo motivos para bendizer eternamente a Deus pela doutrina do advento e por sua pregação.

7. Essa doutrina tem mostrado que ministros, alegadamente ortodoxos, estão tão degenerados em seus pontos de vista que têm se unido com incrédulos e universalistas na luta contra a causa da vinda do Senhor. Ela também tem mostrado que a igreja está tão degenerada que chega a expulsar seus membros por buscarem e falarem da volta do Senhor.

8. Ela tem dado à igreja e ao mundo um sistema claro e simples de interpretação do cânon sagrado, que apela ao bom senso, de modo que cada pessoa que se dispuser a ler a Bíblia e comparar suas diferentes porções, poderá entender a Palavra de Deus, sem a ajuda de versados comentários.

A PERMANÊNCIA DA OBRA

Nenhuma provisão tem sido feita para o estabelecimento de instituições permanentes entre os adventistas. De fato, não temos como determinar o número de ministros e de membros que têm abraçado a fé adventista. Sabemos apenas que há várias centenas de congregações, e um número ainda maior de ministros, que têm professado publicamente a fé, além dos muitos que ainda a abrigam dentro das igrejas da nação. Os que esposaram essa causa têm crido sinceramente na vinda do Senhor para “cerca de 1843 d.C.”, e, como homens honestos, têm continuado o trabalho de fazer soar o alarme. Todas as peculiaridades de credos e normas têm sido perdidas de vista, na absorvente indagação concernente à vinda do Noivo celeste. Os que se engajaram nessa empreitada são oriundos dos variados segmentos religiosos desta nação: Protestante Episcopal, Metodista Episcopal, Metodista Protestante, Metodista Primitivo, Metodista Wesleyano, Batista da Comunhão Fechada, Batistas Calvinistas e Armênios, Presbiterianos, Congregacionalistas da Escola Nova e Antiga, Luteranos da Escola Nova e Antiga, Refor-

mada Holandesa, etc., etc. Todos esses concordaram em trabalhar juntos para o cumprimento de um objetivo específico. E a organização a que esse movimento conduziu, caso exista algo que possa ser chamado de “organização”, é de natureza extremamente simples, voluntária e primitiva. Embora o caráter absorvente e espiritual do grande objetivo tenha mantido os que estão sob sua influência acima das opiniões que dividem a família da fé, ele também os tem feito francos e bondosos, ao expressarem suas pequenas diferenças, e tolerantes uns com os outros em questões secundárias, sobre as quais tenham pontos de vista diferentes. Nisso está sua força.

Em 1842, Robert Winter, de nacionalidade inglesa, e professo metodista primitivo, simpatizou-se com os adventistas deste país e abraçou suas doutrinas. No outono daquele ano, ele decidiu voltar para a Inglaterra e proclamar a vinda do Senhor. Ele voltou, de fato, e começou o trabalho. Deus honrou a proclamação de Sua verdade, ela produziu frutos e muitos se juntaram a ele para espalhar a luz por aquelas ilhas. No verão passado, houve reuniões campais em diferentes partes da Inglaterra, as quais obtiveram grande sucesso.

Livros e folhetos foram enviados em grande quantidade para a Inglaterra, e espalhados por todo o país. Vários livros e folhetos foram republicados naquele país, obtendo grandes resultados.

Os territórios britânicos próximos aos Estados Unidos foram visitados e receberam a luz. Nosso querido irmão Hutchinson, de Montreal, publicou uma grande quantidade de material em seu jornal *The Voice of Elijah* [A Voz de Elias], e o enviou para os Reinos Unidos.

Mas devo encerrar este breve esboço do surgimento e progresso do adventismo, ou o meu espaço ficará mais que repleto. Apenas alguns acontecimentos, dentre os muitos que deveriam figurar em um trabalho desse tipo, foram apresentados. Mas esse é todo o espaço que temos neste esboço. O Juiz está às portas, e Ele há de apresentar um desdobramento dessa grande obra que será mais pleno e preciso do que o coração humano pode descrever ou a mão registrar. Poder-se-á dizer verdadeiramente sobre o adventismo: “Que coisas tem feito Deus!”

É provável que nenhuma causa, de caráter moral ou religioso, tenha feito progresso tão rápido quanto a causa do adventismo. Seus seguidores têm sido geralmente os membros mais humildes, piedosos e devotos das diferentes igrejas; são homens e mulheres que amam o Senhor, e para quem o pensamento do Seu glorioso advento tem sido fonte da mais doce satisfação. A mão da Providência tem aberto o caminho em todos os lugares, e provido os recursos

para fazer tudo o que os meios humanos podem fazer. Nenhum dos palestrantes ficou rico, nem sequer manteve o pouco que tinha, ao embarcar nesta empreitada. Tudo foi sacrificado quando a causa assim exigiu. Nunca um grupo de homens labutou mais fiel e zelosamente na causa de Deus, ou com motivos mais puros. Mas sua obra está registrada pelo Senhor lá nas alturas.

Perguntam-nos o que pretendemos fazer, agora que o tempo estabelecido passou. Nossa resposta é: pretendemos, com a ajuda do Senhor, espalhar as boas novas do reino de Deus até que Ele apareça. Os argumentos que foram apresentados sobre a história e os períodos proféticos, juntos com os sinais dos tempos, não perderam sua força; pretendemos continuar a apresentá-los até que o Mestre venha, para que sejamos encontrados dando a Sua casa “o alimento no tempo certo”.

9. A REUNIÃO CAMPAL DE EXETER, NEW HAMPSHIRE

Foi no mês de agosto de 1844 que teve lugar a memorável Reunião Campal do Segundo Advento em Exeter, New Hampshire. Foi uma grande reunião. Ela proporcionou um encontro de pessoas de todas as partes da Nova Inglaterra, como também de outros Estados, e até do Canadá. Havia muitas tendas armadas no chão, algumas fazendo lembrar casas de oração, por seu tamanho e formato, mais do que as pequenas tendas normalmente vistas nos acampamentos metodistas. Aquelas tendas forneciam acomodações amplas para os milhares de crentes presentes.

Havia um consenso geral, entre todos os adventistas daquele tempo, de que a providência especial de Deus tinha dirigido o movimento adventista. Mas o ponto mais distante que o ano judaico podia atingir, que ia de março de 1843 a março de 1844, tinha passado; e os crentes foram deixados num estado de suspense e incerteza, sem mais desfrutar da inspiradora influência da esperança e da fé no advento que sentiram com a proclamação do tempo estabelecido. E havia outras coisas, além da passagem do tempo, que lançavam um grau de melancolia sobre a causa do segundo advento naquela ocasião.

Os Seis Sermões de Storrs sobre a questão da imortalidade estavam circulando amplamente entre os adventistas, e a doutrina da não-consciência do homem na morte, bem como a da destruição dos ímpios, estava sendo adotada por alguns, e considerada favoravelmente por muitos outros. Chegara o tempo, na providência de Deus, para que essa questão viesse à tona. Mas na época, sua importância não era vista como o é agora, após o surgimento e a ampla divulgação do espiritualismo e de sua desoladora influência. Editores e palestrantes do segundo advento como Litch, Hale, Bliss, Himes e Miller, que não concordavam com o Sr. Storrs, além de não perceberem que a agitação causada pelo assunto poderia ter resultados bons, estavam aflitos com o fato de que o rebanho, que uma vez estivera unido, feliz e ansioso pela volta imediata do grande Pastor, agora tinha sua mente dividida por essa questão. E tais homens, que sentiam a

responsabilidade pela grande causa do advento, não devem ser censurados duramente por seus medos, nem culpados severamente por seus esforços para evitar discutir essa questão tão delicada.

De um lado, temia-se que uma porção do corpo do advento estivesse desviando sua mente de sua importante obra – a de alertar o mundo sobre a breve vinda do Filho do homem – por causa de uma discussão desnecessária sobre a questão da imortalidade. De outro lado, alguns estavam causando divisões e dando muito trabalho e preocupação aos líderes da causa, ao apresentarem ao rebanho, com insistência, ideias extremas sobre a consagração completa e sobre a perfeição cristã, ensinadas na época pelos metodistas, pelos homens da escola Oberlin e outros. Muitos homens e mulheres apareceram nas fileiras do Advento professando ser guiados, de modo maravilhoso, pelo Espírito Santo, e tomaram suas posições à frente de seus irmãos. Muitos deles logo se mostraram cheios de justiça própria e, não obstante sua aparente humildade, orgulhavam-se de suas realizações espirituais. Uma vez que eram, de forma tão maravilhosa, inspirados a fazer isso ou aquilo, e ensinados diretamente pelo Espírito Santo sobre todos os seus deveres, como poderiam eles errar? A ideia de cometerem erros, seja em doutrinas, seja em deveres, foi banida do meio deles.

Eles enxergavam a si mesmos como estando muito à frente de seus irmãos, e estavam prontos a ensinar até mesmo a seus mestres. E supondo serem instruídos diretamente pelo Espírito Santo, eles estavam prontos para rejeitar as instruções e correções dos que trabalhavam para ajudá-los. Pessoas assim normalmente progridem rapidamente em sua desvairada carreira. Eles logo caem sob o poder direto de Satanás, deixando-se impressionar e ser tentados por ele a fazer uma coisa ou outra que possam ser pecaminosas. Eles trabalham sob o terrível engano de que todas as suas impressões vêm do Espírito Santo, e de que essas devem, de qualquer forma, ser prontamente obedecidas. Que Deus tenha piedade do pobre fanático que é incitado pelo diabo a desgraçar-se para ferir a causa de Cristo. O maior e mais estonteante golpe que Satanás pode dar sobre a causa do advento, expondo-a à mais vergonhosa censura, ocorre quando ele conduz certas pessoas, que carregam o nome do advento, ao insano caminho do fanatismo.

E ele sabe quando atacar. O mundo tinha acabado de tremer perante a solene mensagem da hora do juízo, proclamada com grande coragem e poder. Crentes tinham unido suas vozes em confiante testemunho sobre o período de suas jubilosas expectativas. Mas o tempo passou, o mundo respirou mais tranquilo, o zombador triunfou e os crentes sentiram que tinham no que se agarrar para não serem arrastados para a perdição. Esse era o momento exato para Satanás atacar.

Alguns que haviam abraçado a fé no advento eram provenientes de grupos religiosos onde prevalecia a ideia de que a santificação, a pureza e a santidade bíblicas consistiam, principalmente, em um feliz enlevo dos sentimentos, e em se deixar levar por impressões, mesmo nos mínimos detalhes, para viver a vida cristã. Tais pessoas foram agitadas profundamente em sua alma pela proclamação da segunda vinda de Cristo. Eles sentiam que, se a santidade sempre fora uma necessidade, precisavam mais ainda dela agora, para capacitá-los a permanecer em pé quando Ele aparecesse; e, se seguir as orientações do Espírito Santo sempre fora um dever, mais ainda naquele momento, em que estavam envolvidos no trabalho de preparação para o juízo. E, com sua falsa noção de total consagração, eles estavam prontos para empunhar a tocha do fanatismo. Se Satanás conseguisse controlá-los, trazer censura à causa do advento, e entristecer o coração dos que não podia destruir, ele alcançaria uma vitória que traria triunfo aos ímpios e aos demônios.

No acampamento de Exeter, havia uma tenda de Watertown, Massachusetts, repleta de fanáticos, como aqueles descritos acima. No início das reuniões, eles atraíram muita atenção pelo estilo peculiar de conduzir os momentos de culto em sua tenda. Esses cultos eram irregulares e muito demorados, frequentemente estendendo-se por horas, com intervalos para descanso, continuando noite adentro, sempre com grande excitação, gritos e palmas, acompanhados de gestos e exercícios singulares. Alguns gritavam tão forte e ininterruptamente que ficavam roucos e silentes, simplesmente porque não podiam mais gritar, enquanto outros, literalmente, faziam bolhas nas mãos de tanto bater palmas.

A tenda de Portland, Maine, da qual eu era membro, fora armada perto dessa tenda de Watertown, antes que a condição dos que a ocupa-

vam fosse conhecida de todos. Ninguém imaginava os aborrecimentos que nós estávamos para enfrentar por causa daquelas pessoas fanáticas. Mas, por um tempo, os irmãos de Portland suportaram aquilo, esperando que eles fossem corrigidos e censurados. Vendo, contudo, que eles não eram pessoas que pudessem ser reformadas, e que eles não estavam melhorando, mas piorando, os irmãos levaram sua tenda para um local mais afastado do terreno. Mas esse ato, que mostrou aos milhares de pessoas ali reunidas que nós não tínhamos qualquer união com eles, despertou simpatia da parte de muitos, para com esses fanáticos, apesar de verem todos os perigos da atitude daqueles que estavam dispostos a seguir o caminho do formalismo. Tais simpatizantes se uniram ao grupo de Watertown em seu grito de perseguição, e, em tom ainda mais alto, davam glória a Deus, como se uma nova e brilhante vitória tivesse sido ganha.

A essa altura, uma melancolia geral pairava sobre a reunião, e os ministros responsáveis pela obra estavam plenamente conscientes da situação. Aquele fogo descontrolado estava se espalhando, e precisavam descobrir como detê-lo. As pessoas foram informadas sobre os perigos do magnetismo espiritual, e alertadas a se manter longe da tenda. Mas isso só fez com que uma multidão de curiosos incautos, e dos que se achavam no direito de investigar, julgando não terem de dar satisfação a ninguém, se reunisse ao redor daquela tenda. Era evidente que, a cada hora, alguns acabavam sendo influenciados, vários dos quais permitiram que o impulso superasse a razão.

Um ministro que possuía mais eloquência natural do que piedade e verdadeira dignidade moral, ao tentar pregar de uma plataforma, foi repreendido por uma voz clara vinda da tenda, e ficou todo confuso. “Não me deixem cair, irmãos”, dizia ele para a grande congregação que voltara a atenção para a tenda de onde viera a voz. “Orem e mantenham suas mentes focadas no assunto”. Mas ele, de fato, teve uma queda no espírito e na liberdade, e seus esforços foram, decididamente, um fracasso.

O Pastor Plummer, de Haverhill, Massachusetts, encarregado especial da reunião, fez comentários apropriados sobre a situação apresentada, com grande solenidade e profundo sentimento. Ele orou, então, pedindo que Deus os guiasse e ajudasse naquele momento crítico. Ele orou como um homem forte que enfrentava agonia, e cuja única esperança de livramento

estava em Deus. Ele então expressou algumas de suas opiniões sobre o espírito de fanatismo no campo, e exortou o povo a buscar a ajuda de Deus, não permitindo que suas mentes ficassem distraídas por causa da interrupção e do barulho da facção ali presente, a qual não estava em harmonia com os grandes objetivos da reunião. De maneira muito solene, ele declarou não ter objeções a gritos de louvor a Deus por vitórias alcançadas em Seu nome. Mas, depois de as pessoas terem gritado “glória a Deus” 999 vezes, sem nenhuma evidência de vitórias alcançadas, criando bolhas nas mãos de tanto bater palmas violentamente, ele achava que estava na hora de parar com aquilo. Mas se eles não mudassem de atitude, era a hora dos que desejavam ser cristãos coerentes retirarem sua simpatia para com eles e mostrarem que desaprovavam sua atitude, mantendo-se totalmente afastados deles.

Essas observações ajudaram as pessoas em geral, mas não aqueles que estavam em estado frenético devido ao fanatismo. Nenhum dos pregadores e oradores havia deixado claro, até o momento, que eles eram os responsáveis pela reunião, com exceção do pastor Plummer, que tomou a iniciativa de reprovar os erros existentes. Vários falaram da plataforma, mas não conseguiram emocionar as pessoas. Evidentemente, Deus tinha uma mensagem especial para aquele povo, a qual seria acompanhada de Sua notável bênção. Homens hábeis falaram das grandes profecias que provavam que o advento de Cristo seria o próximo grande evento, e dos sinais de que este evento estava às portas; mas isso era tão familiar para aquela multidão de crentes inteligentes quanto o era o alfabeto. Foi então que, enquanto alguém estava falando de maneira débil e desinteressante, e o povo ficando cansado de ouvir, num estilo maçante e enfadonho, aquilo que já sabia, uma senhora de meia idade, de aparência modesta, levantou-se do meio da audiência e, de maneira calma e com voz clara, forte, mas agradável, dirigiu-se ao orador com as seguintes palavras:

– É tarde demais, Irmão _____, é tarde demais para gastarmos nosso tempo com essas verdades, com as quais temos familiaridade, e que nos abençoaram no passado e cumpriram seu propósito no tempo devido.

O irmão se sentou e a senhora continuou, enquanto todos os olhos se fixavam nela.

– É tarde demais, irmãos, para perdermos nosso precioso tempo, como tem acontecido desde que essa reunião campal começou. O tempo é curto. O Senhor tem servos aqui que têm o alimento certo para oferecer ao Seu povo. Que eles falem e que o povo os escute. “Eis o noivo! Saí ao seu encontro!”

Esse testemunho pareceu eletrizante, e foi respondido com sufocadas expressões de “Amém” de toda a vasta multidão presente no acampamento. Muitos estavam em lágrimas. O que os oradores anteriores tinham dito foi esquecido, e o espírito de fanatismo que, uma hora antes, pairava sobre os sentimentos sobrecarregados dos irmãos e irmãs como um insuportável peso de chumbo, também foi esquecido. A atenção dada aos que se entregaram ao fanatismo e a oposição que eles conseguiram suscitar nada mais eram do que o cobiçado combustível para alimentar as chamas profanas. E eles estavam destinados ao triunfo, a menos que a atenção das pessoas fosse dirigida para outro conteúdo. Com isso, seu poder seria quebrado.

Na manhã seguinte, a pedido de muitos irmãos, os argumentos foram apresentados da plataforma, formando a base do movimento do décimo dia do sétimo mês. O orador falou com solenidade e dignidade, e apresentou, de maneira satisfatória, ao vasto corpo de crentes inteligentes os seguintes pontos:

1. Que todas as evidências sobre as quais se baseou a contagem dos 2.300 dias proféticos de Daniel 8, e a prova de que eles terminariam no ano de 1843, evidenciavam, na verdade, que esse período teria seu fim em 1844. Todo o corpo de crentes esteve unido, concordando com Guilherme Miller que os 2.300 dias começavam na promulgação da ordem para restaurar e construir Jerusalém, em 457 a.C. Uma vez estabelecido esse ponto, o número 1843 foi rapidamente encontrado:

De	2.300
Subtraindo.....	457
Restam	1.843

Mas o orador mostrou um erro nesse cálculo. Ele declarou que eram necessários 457 anos *completos antes* de Cristo, e 1.843 anos *completos depois* de Cristo para totalizar os 2.300 anos completos, de modo que, se

os 2.300 anos começaram no primeiro dia de 457 a.C., eles chegariam até o primeiro dia de 1844 d.C.

2. Que esse período profético não começou na primavera do ano de 457, mas no outono desse ano. Suas razões eram:

a. Como as setenta semanas proféticas correspondem aos primeiros 490 anos dos 2.300 anos, e como as primeiras sete semanas das setenta semanas marcam o momento da restauração e construção de Jerusalém em tempos angustiosos, o grande período deve começar com o início da obra de restauração e construção – o que não ocorreu na primavera, no primeiro mês, quando Esdras saiu de Babilônia, e sim depois que ele chegou a Jerusalém, no outono, provavelmente no sétimo mês. “No primeiro dia do primeiro mês partiu de Babilônia, e no primeiro dia do quinto mês chegou a Jerusalém” (Esdras 7:9). Seriam, então, necessários mais que dois meses para as devidas preparações, para que a obra de restauração e construção começasse no sétimo mês, imediatamente após o grande Dia da Expição.

b. Uma vez que as palavras ditas pelo anjo ao profeta Daniel – “na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares” – significam que, na metade da última das setenta semanas, Cristo seria crucificado, e, uma vez que Ele foi crucificado na primavera, essa semana profética de sete anos deve começar e terminar no outono. Consequentemente, as setenta semanas começaram e terminaram no outono, e, portanto, os 2.300 dias terminam no outono.

3. O orador, então, apresentou os argumentos extraídos dos tipos, pré-figurados na lei de Moisés, que apontam para Cristo, para provar que o segundo advento dAquele que é, atualmente, nosso Sumo Sacerdote, ocorreria no outono, no décimo dia do sétimo mês judaico. Ele raciocinou que, da mesma forma que os tipos da primavera, que apontavam para os grandes eventos relacionados com o primeiro advento de Cristo, foram cumpridos, não somente quanto a sua natureza e ordem, mas inclusive quanto ao tempo, assim também os tipos do outono, que apontavam para o segundo advento, serão cumpridos inclusive quanto ao tempo. Ver Levítico 23. A imolação do cordeiro pascal era um tipo da crucifixão de Cristo. Paulo diz que “Cristo, nosso cordeiro pascal, foi sacrificado” por nós (1 Coríntios 5:7).

O molho das primícias da colheita, movido perante o Senhor, era um tipo da ressurreição de Cristo. Novamente, ao falar da ressurreição do Senhor e de todo o Seu povo, Paulo diz: “Cristo, as primícias; depois os que são de Cristo, na Sua vinda “ (1 Coríntios 15:23). Esse molho era semelhante ao cereal do restante da vasta colheita, com exceção de que ele era o primeiro cereal maduro. Da mesma forma, Cristo ressuscitou dos mortos como uma amostra de todos os justos que serão ressuscitados em Sua segunda vinda. Então todos os santos terão corpos gloriosos como o do seu divino Senhor (ver Filipenses 3:21).

A nova oferta de manjares era um tipo da descida do Espírito Santo no dia do Pentecostes.

O orador declarou que Cristo foi oferecido em sacrifício pelos pecadores, no décimo quarto dia do primeiro mês judaico, o mesmo dia e mês em que o cordeiro pascal tinha sido imolado por dezesseis longos séculos, e que Ele ressuscitou dos mortos, como uma amostra de todos os ressurretos, exatamente no mesmo dia do mês em que o primeiro cereal maduro era movido perante o Senhor. Afirmou, também, que a descida do Espírito Santo no dia do Pentecostes – palavra que significa cinquenta – ocorreu no dia do mês em que a nova oferta de manjares era apresentada ao Senhor. Essa nova oferta de manjares acontecia cinquenta dias depois que se trazia o molho da oferta movida. A descida do Espírito Santo sobre os discípulos expectantes foi no dia de Pentecostes, o quinquagésimo dia após a ressurreição de seu divino Senhor. E, portanto, assim como o Sumo Sacerdote saía do santuário e abençoava o povo no décimo dia do sétimo mês, o grande Dia da Expição, também Cristo, nosso Sumo Sacerdote, no mesmo dia do mesmo mês, viria do Céu para abençoar Seu anelante povo com a imortalidade. Tal conclusão parecia inevitável. E, o que lhe dava ainda mais força, era a harmonia dessa posição com as provas de que o período profético de 2.300 dias terminaria no outono.

A mais profunda solenidade pairava sobre todo o acampamento. Mas, depois da apresentação do assunto, uma ideia ficou na mente de quase todos os presentes, a saber, que o orador muito provavelmente estava correto, e que, em poucas semanas, o tempo de graça para a raça humana cessaria para sempre.

Mas o que dizer dos fanáticos de Watertown? Frente ao grande interesse, da parte de toda a multidão, no assunto do tempo estabelecido, eles foram esquecidos. Ninguém parecia ser afetado por eles ou estar preocupado com eles. Na realidade, eles ficaram quietos até deixarem o local do acampamento, silenciosos como se a repreensão especial do Senhor estivesse sobre eles. Esse fato – de que o fanatismo se receou diante da solene e perscrutadora mensagem do tempo estabelecido, a ser cumprido em 1844, como o orvalho da madrugada se seca ante o sol de verão – é muito importante para os que supõem que aquela comovedora proclamação causou o fanatismo.

No dia seguinte, por requisição unânime do povo, o mesmo orador repetiu, com ainda maior clareza e força, as mesmas provas em apoio à posição de que o outono – que se aproximava, célere – era o momento para o término dos grandes períodos proféticos, e que os tipos apontavam para o décimo dia do sétimo mês como o tempo para que o nosso grande Sumo Sacerdote saísse do Céu e abençoasse Seu povo expectante.

Seguiram-se a isso discursos solenes e comoventes, que se harmonizavam com a mensagem do tempo estabelecido, feitos pelos pastores Heath, Couch e Eastman. A parábola das dez virgens, até o ponto em que se menciona o clamor da meia-noite, parecia se aplicar de forma natural e convincente ao grande movimento do advento até aquele momento; e as palavras “Eis o Noivo! Saí ao Seu encontro!”, que já saíam dos lábios dos que estavam olhando para o sétimo mês judaico como o momento da vinda do Senhor, tinham um poder de persuasão jamais sentido em outras palavras até então proferidas. Comentarei sobre a primeira parte da parábola e a aplicação feita na época:

Então, o Reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do Noivo. E cinco delas eram prudentes, e cinco, loucas. As loucas, tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo. Mas as prudentes levaram azeite em suas vasilhas, com as suas lâmpadas. E, tardando o Noivo, tosquenejaram todas e adormeceram. Mas, à meia-noite, ouviu-se um clamor: Eis o Noivo! Saí ao Seu encontro! Então, todas aquelas virgens se levantaram e prepararam as suas lâmpadas (Mateus 25:1-7).

1. As dez virgens representavam os que estavam interessados, naquela época, no assunto do iminente retorno de Cristo.

2. As lâmpadas que as virgens traziam para iluminar o caminho, à meia-noite, representavam a palavra profética do Senhor. “Lâmpada para os meus pés é Tua palavra, e luz para os meus caminhos” (Salmo 119:105). “E temos, mui firme, a palavra dos profetas, à qual bem fazéis em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia esclareça, e a estrela da alva apareça em vosso coração” (2 Pedro 1:19).

3. As cinco virgens sábias, que traziam azeite em suas lâmpadas, representavam os que tinham fé, nos quais a obra da graça de Deus operava.

4. As cinco virgens loucas representavam os professos crentes que careciam da fé verdadeira, em quem a obra da graça e do Espírito de Deus não operava.

5. A tardança do Noivo, a demora na parábola, o tosquenejar e o sono das virgens representavam a passagem do ano judaico, 1843, o desapontamento, o suspense e a incerteza, cujo resultado foi a perda da fé e do zelo que os crentes manifestavam antes da passagem do tempo. Parecia evidente que o período de esperança adiado, e a melancolia que dominava desde o encerramento do ano judaico, 1843, eram a noite de sono e de cochilo.

6. O clamor da meia-noite da parábola – “Eis o Noivo! Saií ao Seu encontro!” – representava a solene mensagem de que o tempo se cumpriria em 1844, com base no décimo dia do sétimo mês, a qual já estava sendo ouvida. Foi sugerido que a noite de tardança da parábola representava metade do dia profético, ou seis meses, que se estendiam desde a passagem do tempo, na primavera, até o sétimo mês, no outono, e que o despertar, desencadeado pelo clamor “Eis o Noivo! Saií ao Seu encontro!”, começou em julho, no meio do tempo de tardança, ou seja, à meia-noite.

Agora, a obra de despertar os crentes que tosquenejavam, e de dar ao mundo o último alerta, parecia se resumir a poucas semanas. Os que recebiam a mensagem sentiam a responsabilidade do trabalho que lhes pesava nos ombros. A linguagem não é capaz de descrever a solenidade daquela hora. Ninguém conseguiria senti-la de forma verdadeira, somente as testemunhas oculares presentes no acampamento, que viam, ouviam e sentiam por si mesmas. O tempo para as aclamações, para as exhibições de talento para falar, cantar e orar parecia ter passado. Os irmãos e irmãs calmamente se consagraram a si mesmos, e tudo o que tinham, ao Senhor e a Sua cau-

sa, e com humildes orações e lágrimas buscavam Seu perdão e Seu favor. Todas aquelas infelizes divisões e extravagâncias que haviam ameaçado a prosperidade da causa do advento foram perdidas de vista, e os sentinelas, juntamente com o povo, começaram a erguer, unidos, uma única voz, com poder e sincera solenidade: “Eis o Noivo! Saí ao Seu encontro”.

Ao voltar das reuniões campais de Exeter, visitei a congregação adventista de Poland, Maine, e fui às reuniões campais de Litchfield e Orlington. Nessas duas reuniões campais, os ministros e os demais ouvintes ficaram imbuídos do espírito da mensagem do sétimo mês. As evidências em que ela estava baseada pareciam conclusivas, e um poder quase irresistível a acompanhava. Os frutos dessa mensagem, por toda a parte, eram, igualmente, excelentes. As diferenças de opinião, as divisões de sentimentos e de planos de ação, ou cismas de qualquer espécie que haviam surgido durante o tempo de suspense representado pela tardança do noivo e pelo tosquenejar das virgens, agora desvaneciam e eram esquecidas diante do progresso desse poderoso movimento. Os corações dos crentes se uniam como nunca dantes.

Na primeira noite da reunião de Orlington, eu preguei aos ouvintes e declarei minhas convicções de que Cristo viria no décimo dia do sétimo mês judaico daquele ano. Em uma tenda da campal, havia um grupo de pessoas um pouco afetadas pelo espírito de fanatismo. Havia, também, uma grande carência daquela solenidade, na maioria dos presentes, que havia marcado as recentes reuniões campais de Exeter, Nova Hampshire, onde as evidências em favor do décimo dia do sétimo mês foram apresentadas.

Quando eu falei do desapontamento, da tardança, do tosquenejar, do sono e do clamor “Eis o Noivo! Saí ao Seu encontro!”, um silêncio sepulcral reinou sobre os presentes na tenda. A aplicação da história do advento, até aquele momento, às especificações da parábola, parecia muito natural e impressionante, e era capaz de convencer a todos.

Depois da reunião daquela noite, não se ouviu mais o grito irreverente do fanático, nem a fria oração do formalista. Como nos dias dos primeiros apóstolos de Cristo, todos os corações estavam aflitos, e pareciam indagar o que deviam fazer para serem salvos. O trabalho para aquela reunião, desde aquele momento até o encerramento, foi o de apresentar as

evidências de que os 2.300 dias proféticos de Daniel terminariam naquele outono, e de que os tipos apontavam o décimo dia do sétimo mês judaico como sendo o momento do segundo advento, e que tínhamos chegado ao ponto em que os que tosquenejavam seriam despertados pelo clamor da meia-noite, na história do segundo advento. A isso foram adicionados sermões práticos e solenes exortações, estabelecendo a necessidade de abandonar o mundo e consagrar tudo ao Senhor. As reuniões sociais foram marcadas por grande solenidade. Os pecados eram confessados com lágrimas, e houve uma entrega geral a Deus, fortes súplicas por perdão e uma disposição para encontrar o Senhor em sua vinda. E os humildes discípulos do Senhor não buscaram Seu rosto em vão. Antes de terminarem as reuniões, centenas testemunharam, com lágrimas de felicidade, que haviam buscado e encontrado o Senhor, experimentando as alegrias de ter seus pecados perdoados.

A despedida foi muito solene. Aquela era a última reunião campal que os irmãos esperavam assistir na terra dos mortais. E, quando um irmão apertava a mão do outro, cada um mencionava para o outro a reunião final no lar eterno, que ocorreria na grande reunião campal dos santos na Nova Jerusalém. As lágrimas jorravam abundantemente, e homens fortes choravam alto. Que Deus possa conceder aos que leem estas linhas um dia assim, tão feliz. Mesmo agora, embora mais de vinte anos tenham se passado desde aquelas reuniões e aquelas cenas de despedida, enquanto escrevo, meu ser parece inspirado pelo espírito solene e humilde ali presente, e lágrimas me vêm aos olhos.

Todos os ministros acreditavam plenamente que o tempo era curto, e agora o trabalho diante de nós era levar a mensagem para todas as partes do vasto campo. O alarme devia soar, despertando os que tosquenejavam e dormiam. Acompanhado de alguém que professava a verdade, eu visitei duas cidades a cada dia e, às vezes, preguei em três cidades diferentes no mesmo dia. Os salões ficavam lotados, e cada reunião era maravilhosamente marcada pela presença do Espírito Santo.

A NATUREZA DA OBRA

A natureza da obra que resultava de fazer soar o chamado “clamor da meia-noite” revelava que ela era, de fato, a obra especial de Deus. Ao contrário do que muitos pensavam, não era resultado de fanatismo. Eis as razões:

1. A obra trazia as marcas da providência especial de Deus. Esse trabalho não se caracterizava pelos extremos, sempre manifestados, onde a emoção humana, e não a Palavra e o Espírito de Deus, tem influência controladora. Ele estava em harmonia com manifestações de humildade, com a entrega do coração, a confissão e a plena consagração de todos, atitudes que são históricas no Antigo Testamento e consideradas uma questão de dever no Novo Testamento.

2. O movimento era antagônico a todas as formas de fanatismo que, de alguma maneira, apareceram conectadas à causa do segundo advento. É fato que Satanás havia adornado alguns dos que levavam o nome do advento com todos os tipos de diademas de fanatismo que ele já inventou. Mas estes foram, de imediato, engolidos pelo poder solene do clamor da meia-noite, da mesma forma que as varas dos mágicos foram tragadas pela vara de Arão.

3. A obra era marcada por sobriedade, humildade, solenidade, reverência, introspecção, arrependimento, confissão e lágrimas, em vez de leviandade, exaltação, frivolidades, expressões irreverentes, autojustificação, orgulho das coisas espirituais, falsa humildade e culto de si mesmo, coisas que, geralmente, caracterizam a conduta dos fanáticos.

4. A obra produzia o fruto do Espírito de Deus, como mencionado no Novo Testamento. Evidentemente, ela era guiada pela sabedoria vinda do alto. O apóstolo Tiago declara que essa sabedoria “é, primeiramente, pura, depois, pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade e sem hipocrisia” (cap. 3:17). Paulo diz que o fruto do espírito é amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança (Gálatas 5:22, 23). Esses são os bons frutos da obra e do Espírito de Deus, e todos esses, de fato, eram demonstrados, de modo eminente, como resultado do clamor da meia-noite.

Mas o fanatismo é obra da carne, é o poder de Satanás sendo trazido para nutrir a mente carnal.

É verdade que Satanás procura revestir seu trabalho, tanto quanto possível, com aquilo que possa parecer uma vestimenta de verdade e justiça. Mas o observador experiente não deixará de ver que ele, como também os que estão sob sua influência, estão infinitamente longe de contrafazer a obra de Deus. Ele pode ter sucesso em cegar os olhos dos homens, de maneira que eles não consigam notar a diferença entre a obra de Deus e sua imperfeita imitação. Mas ele não consegue imitar a obra dos altos Céu. E, quando o trabalho de Satanás é realizado por meio do fanatismo, e o seu terrível fruto amadurece e fica amargo, seu contraste com o fruto da obra verdadeira e do Espírito de Deus é tão claro quanto o contraste entre Belzebu e Cristo, a perdição, com todo seu terror e negror de desespero, e as glórias imensuráveis do reino de Deus.

Leitor, existe uma diferença entre a estrada para a vida e a que leva para a morte. Essas estradas não vão na mesma direção, e, sim, em direções opostas. Não se deixe enganar pelos que misturam o fanatismo com a obra de Deus, afirmando que toda essa mistura vem do Céu. Tampouco deixe-se enganar por aqueles que, vendo evidências de fanatismo em alguns integrantes da causa do advento, denunciam todo o movimento, alegando ser ele obra de homens, ou até de Satanás. Apresento aqui meu solene protesto contra qualquer um que tente transformar o movimento do segundo advento em um enorme caldeirão de sopa, em que tudo aquilo que, de alguma forma, tenha tido conexão com essa obra – seja a verdade ou o erro, a sabedoria vinda do Céu ou o espírito de fanatismo – esteja misturado e, então, apresentar tudo isso como o resultado exclusivo do trabalho de Satanás ou do trabalho de Deus. Isso insulta a Deus, ao torná-Lo o autor do fanatismo e da confusão. Tal procedimento também agrada ao diabo, pois atribui a seu satânico poder a obra de Deus, que ele tem tentado desfigurar. A maior ambição de Satanás é que as pessoas façam isso, de forma que não haja diferença entre a pura obra de Deus e os resultados de seus miseráveis esforços de contrafação.

Mas, de todos os grandes movimentos religiosos, desde os dias dos primeiros apóstolos de nosso Senhor, nenhum foi mais puro e livre das imperfeições da natureza humana e artimanhas de Satanás, do que aquele do outono de 1844. De fato, ao olhar para trás, nesse trajeto de mais de

vinte anos em que Deus tem guiado Seu povo, não há um ponto mais puro, e não vejo como poderia ter sido melhor, pelo menos no que diz respeito à providência direta de Deus e à Sua atuação. O que ocorreu nessa época estava além do controle de mãos ou mentes humanas. Homens e demônios procuraram atrapalhar e desfigurar essa obra, mas o poder que a assistia afastou sua influência, como se alguém removesse uma teia de aranha e visse ao fundo a obra de Deus, livre dos vestígios da mão humana.

Mas cremos que o leitor terá uma visão melhor ao ler as declarações e experiências desses ministros, que tiveram sobre si o fardo do trabalho, e que estavam imbuídos do espírito dessa mensagem solene. Portanto, deixarei que eles fale aqui, confirmando as declarações anteriores.

Em 24 de setembro de 1844, em Nova York, o pastor George Storrs disse:

Tomo minha pena com sentimentos nunca antes experimentados. *Não tenho a menor dúvida* de que o *décimo dia* do *sétimo mês* será testemunha da revelação do nosso Senhor Jesus Cristo nas nuvens do céu. Estamos, então, a *alguns dias* desse evento. Um momento terrível para os que estão despreparados, mas glorioso para os que estão prontos. Sinto que estou fazendo o último apelo que farei através da imprensa. Meu coração está pleno. Vejo o ímpio e o pecador desaparecerem de vista e, agora, estão diante da minha mente apenas os *professos crentes* na breve chegada do Senhor. Mas que deverei dizer a esses? Infelizmente, estivemos *tosquenejando* e dormindo, tanto as “*virgens sábias*” quanto as “*virgens loucas*”. Mas assim nosso Salvador nos disse que seria, e “*assim se cumprem as Escrituras*”, e trata-se da última profecia relativa aos eventos que precedem o advento pessoal do nosso Senhor. Agora vem o verdadeiro clamor da meia-noite; o anterior não foi senão o alarme. Agora, o real está soando. Oh! Que hora solene! As “*virgens*” têm estado a *tosquenejar* e a dormir; sim, todos nós. Adormecidos quanto ao tempo, essa é a verdade. Alguns, de fato, pregaram sobre o sétimo mês, mas tinham dúvidas se o ano seria este ou algum outro. Essa dúvida já foi removida da minha mente. “*Eis o Noivo!*”, neste ano; “*Saí ao Seu encontro*”. Cumprimos nossa obra com as igrejas e com todos os ímpios, conscientes da relutância deles em ser tocados por esse clamor. Nosso trabalho, agora, é despertar as “*virgens*” que, “*tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do Noivo*”. Onde estamos agora? “*Se [a visão] tardar, espera-[a]*”. Não tem sido essa a nossa resposta desde março e abril? Sim. O que aconteceu enquanto

tardava o Noivo? Todas as virgens tosquenejaram e dormiram, não foi? As palavras de Cristo não falharam, “a Escritura não pode falhar”, e não adianta fingir que estávamos despertos. Ficamos tosquenejando, não a respeito da vinda de Cristo, mas quanto ao tempo. Entramos no tempo de tardança. Não sabíamos “quanto tempo” tardaria, e foi nesse ponto que tosquenejamos. Em nosso sono, alguns de nós dissemos: “Não marquem outro tempo”; e, assim, dormimos. Agora, o problema é termos que nos despertar. Senhor, ajuda-nos, pois é vã a ajuda do homem. Fala, Senhor. Oh! Que o “Pai” possa, agora, nos “anunciar” o tempo.

Vou ilustrar a posição que ocupamos. O tempo – a pregação do tempo definido para a vinda do Senhor – foi o que nos levou a tomar nossas lâmpadas e sair ao encontro do Noivo. A grande verdade, a de que nosso Senhor Jesus Cristo está voltando pessoalmente a esta terra, foi, por assim dizer, a corda baixada do Céu, amarrada ao trono de Deus, tão inamovível quanto o próprio trono. Pela fé, seguramos essa corda com as duas mãos. Tínhamos o tempo definido como sólida plataforma sob nossos pés, e nenhum dos oponentes podia removê-la, nem fazer com que soltássemos a corda. Ali permanecemos e nos alegramos na ‘bendita esperança’. O que nossos oponentes nunca puderam fazer, e nunca fizeram, o fim do suposto ano judaico de 1843 efetuou, ou seja, retirou nossa plataforma de debaixo de nós, deixando-nos quase sem nada, apenas com a corda em que podíamos nos agarrar. Nós a soltamos? Alguns o fizeram, sendo arrastados para a perdição. Mas muitos continuaram segurando a corda. Os ventos da zombaria nos açoi-taram severamente, e ficamos a balançar no ar, para o deleite de nossos oponentes. Eles nos disseram que agora estávamos como eles, esperando pela vinda do Senhor, mas sem um tempo definido. Fomos impelidos a admitir o fato, mas nos recusamos a soltar a corda, afirmando: “Se [a visão] tardar, espera-[a]”. Não sabíamos, porém, por quanto tempo teríamos que balançar presos à corda, sem um fundamento para nossos pés. Não sentimos a mesma alegria e glória que havíamos sentido antes, quando estávamos firmes na plataforma do tempo definido. Deus estava provando nossa fé para ver se permaneceríamos firmes. Agora, uma vez mais, Ele nos oferece uma plataforma para nos apoiar. Ela está no capítulo 25 de Mateus. Ali temos a cronologia do tempo de tardança e sua duração. “Se a receberdes”, vocês outra vez se encontrarão firmados sobre a rocha, e a glória produzida pela crença no primeiro tempo definido, estará de volta em vosso peito, em intensidade muito maior, trazendo-vos uma “indizível alegria cheia de glória”.

O forte clamor atual sobre o tempo começou em meados de julho, e se espalhou com grande rapidez e poder, sendo acompanhado de uma demonstração do Espírito que nunca testemunhei antes, quando o clamor era direcionado para “1843”. Agora, ele desperta literalmente o “Saí-lhe ao encontro”. Há um abandono de tudo, algo que nunca antes se sonhara. Onde quer que esse clamor tome conta do coração, fazendeiros deixam suas fazendas e plantações por colher, para sair e fazer soar o alarme, e mecânicos abandonam suas oficinas. Há grande pranto e muitas lágrimas, e uma consagração de todos a Deus, como nunca antes testemunhei. Existe uma confiança nesta verdade que nunca foi sentida no clamor anterior no mesmo grau, como também um pranto, ou uma glória enternecedora, que ultrapassa toda a compreensão, exceto para aqueles que a sentiram.

Nesta verdade presente, eu, pela graça, ousou arriscar tudo, e sinto que, incorrer em dúvida sobre ela, seria uma ofensa a Deus, e traria sobre mim “repentina destruição”. Estou convencido de que, agora, “quem quiser preservar a sua vida”, onde este clamor tem soado com clareza – por contentar-se com um: “e se essa hora não chegar”, ou por temer se aventurar nesta verdade – “perde-la-á”. Requer-se a fé que levou Abraão a oferecer Isaque, ou Noé a construir a arca, ou Ló a deixar Sodoma, ou os filhos de Israel a ficar toda a noite esperando pela partida do Egito, ou Daniel a ir para a cova dos leões, ou os três hebreus a enfrentar a fornalha de fogo ardente. Pensávamos que iríamos para o reino sem esse teste de fé; mas estou convencido de que não será esse o caso. Esta última verdade traz consigo grande prova, e ninguém se aventurará nela sem ser taxado de louco, tolo, ou qualquer outra coisa que os antediluvianos, os sodomitas, uma igreja morna ou virgens sonolentas estejam dispostos a amontoar sobre os que nela creem. Uma vez mais eu apelo: “Livra-te, salva a tua vida”. Não olhem para trás. “Lembrai-vos da mulher de Ló”.

N. Southard, editor do *Midnight Cry*, disse em 26 de setembro de 1844:

Perante Deus, cujo juízo vindouro e repentino trará cada segredo à luz, quero dizer que, até este momento, minha professa consagração a Ele não tem sido completa. Se esse fato faz de mim um hipócrita, tenho sido um. Não morri para o mundo. Se todos os cristãos estão mortos para o mundo, não tenho sido um cristão. Mas digo agora: que Cristo seja tudo e que eu não seja nada. Ele tem um bálsamo para cada ferida, pois o Seu sangue purifica de todo o pecado. E eu, até eu, posso me tornar completo Nele.

Após escrever essas palavras, ajoelhei-me e pedi que Deus dirigisse o que eu devia dizer depois. Levantei-me, abri minha Bíblia e li Apocalipse 7:9-17: “Depois destas coisas, olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono e perante o Cordeiro, trajando vestes brancas e com palmas nas suas mãos; e clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro [...]”. Se essa grande multidão é admitida perante o trono, existe algo que me impede de estar lá? Eles diferem um do outro em todos os detalhes concebíveis, com exceção de dois. Todos eles lavaram suas vestiduras no sangue do Cordeiro e todos sofreram grande tribulação pelo Seu nome. Aqui está, então, a pedra-de-toque. As suas vestiduras estão todas purificadas no sangue de Cristo? Ou você O tem insultado ao tentar remendar uma vestimenta a partir dos trapos de imundícia de sua justiça própria? Pobre de mim! Eu pensava que podia descansar em parte em mim mesmo e em parte em Cristo. Agora, lanço-me desnudo e desamparado sobre a misericórdia que salvou o ladrão na cruz, que recebeu o Pedro que o negou, que honrou Maria Madalena como a primeira testemunha de Sua ressurreição e que transformou o perseguidor Saulo em um dos principais apóstolos.

Mas será que posso receber a segunda marca? Posso, alegremente, suportar tribulações por Jesus? Não por minha própria força, mas Sua graça me basta. Nessa graça eu creio; Senhor, ajuda-me em minha incredulidade.

Um dos meus pecados acariciados tem sido um desejo de agradar a todos que estão ao meu redor, em vez de simplesmente indagar o que o Senhor gostaria que eu fizesse, fosse ou dissesse. Eu confesso isso diante do mundo, mas não acho que estava fazendo algo errado ao publicar as evidências da breve vinda de Cristo. Meu despertamento não tem sido equivalente nem à metade da grandeza do assunto. Que Deus me perdoe quanto a isso, e me conceda a graça de estar plenamente desperto até que Ele venha. Querido leitor, você está desperto? Se não está, já passou da hora de despertar do sono.

Em 2 de outubro de 1844, o pastor F. G. Brown disse:

Gostaria de dizer a todos os meus queridos irmãos e irmãs, que comigo têm esperado pelo reino do Céu, que estou plenamente convencido de que estamos, agora, na parte da parábola das dez virgens representada pelo clamor da meia-noite: “Eis o Noivo! Saí ao Seu encontro!” De maneira plena respondo ao clamor. Minha bruxuleante lâmpada foi acendida outra vez e, pela graça de Deus, é-me permitido ver uma

luz adicional fulgurando das Escrituras, tudo convergindo para um glorioso ponto: o advento de nosso bendito Senhor ocorrerá neste mês. Meus queridos amigos, tenho estado em um terrível estado de sonolência. Tenho estado à beira da perdição, apesar de nunca ter cessado de acariciar em meu coração as grandes e norteadoras doutrinas da vinda do Senhor. Há algumas semanas, pensava estar em boa condição – terrível ilusão! Cuidado com os enganosa! Despertem e preparem suas lâmpadas, ou acabarão se perdendo!

Em outubro de 1844, o pastor Josiah Litch, editor do *Advent Herald* [Arauto do Advento] disse:

Gostaria de dizer aos meus queridos irmãos e irmãs, que esperam pela vinda do Senhor no décimo dia do sétimo mês, mas especialmente aos que têm hesitado a esse respeito, que as fortes objeções que existiam em minha mente contra ela já se resolveram. Agora, estou convencido de que os tipos, junto com os sinais dos tempos, são autoridade suficiente para que creiamos na vinda do Senhor nesse momento. Doravante, estarei anelante por esse dia com a expectativa de contemplar o Rei em Sua beleza. Louvo o nome do Senhor por enviar esse clamor da meia-noite para despertar-me, de maneira que eu possa sair ao encontro do Noivo. Que o Senhor nos torne aptos para a herança dos santos.

Em 11 de outubro de 1844, Guilherme Miller, em Low Hampton, Nova York, disse:

Acho que nunca vi tamanha fé como esta que se tem manifestado, entre nossos irmãos, na mensagem do sétimo mês. “Ele virá”, é a expressão comum. “Ele não tardará uma segunda vez”, é a resposta geral. Existe um abandono do mundo, uma ausência de preocupação pelas necessidades da vida, uma sondagem geral do coração, uma confissão de pecados e um profundo desejo de orar para que Cristo venha. Preparar o coração para encontrá-Lo parece ser o labor das almas angustiadas. Existe algo no presente despertamento que difere de tudo que já vi antes. Não há grandes expressões de alegria. Esta, por assim dizer, está reprimida para uma ocasião futura, quando todo o Céu e a terra rejubilarão juntos com alegria indizível e gloriosa. Não há gritos, pois isso também, está reservado para o brado que virá do Céu. Os cantores estão silentes. Eles estão esperando para se juntarem às hostes angelicais, o coro celestial. Não há discussões, pois já não são necessárias; todos parecem convencidos de que têm a verdade. Não há choques de opiniões; há uma unidade de coração e de mente. Em nossas reuniões, todos estão ocupados com a oração

e com exortações ao amor e à obediência. A expressão geral é ‘Eis o Noivo! Sai ao Seu encontro!’ Amém. Ora, vem, Senhor Jesus.

Para encerrar, darei aqui um testemunho relativo ao caráter do movimento do sétimo mês, que está no “Advent Shield”, publicado em janeiro de 1845. Tenha em mente que o “Shield” era uma obra padrão de 440 páginas para todos os adventistas daquela época, e que o testemunho abaixo, extraído dele, só foi publicado três meses depois do movimento do sétimo mês, numa época em que os adventistas já haviam dedicado tempo para rever o passado e se firmar, conforme se supunha, sobre uma posição segura e unificada.

Em todas as partes havia a mais profunda sondagem do coração e grande humilhação da alma perante o Deus do Céu. [O movimento do sétimo mês] provocou um afastamento das coisas deste mundo, uma cura das controvérsias e animosidades, uma confissão de erros, uma rendição perante Deus e muitas súplicas por Seu perdão e aceitação, oriundas de corações quebrantados e penitentes. Ele também provocou humilhação e prostração de alma, tais como nunca haviam sido testemunhadas. Aconteceu o que Deus ordenou através de Joel: “Rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes, e convertei-vos ao Senhor vosso Deus”, “com jejuns, com choro e com pranto” (Joel 2:13, 12). Conforme Deus disse por meio de Zacarias, houve um “espírito de graça e de súplicas” derramado sobre Seus filhos; eles olharam para Aquele a quem haviam traspassado. Houve um grande pranto na terra, “cada família à parte [...] e suas mulheres à parte” (Zacarias 12:10-12); e os que estavam buscando o Senhor afligiram suas almas perante Ele. Esse foi o efeito do movimento do advento sobre os filhos de Deus.

Ninguém podia negar, na época, a possibilidade da vinda do Senhor, e o cumprimento de alguns tipos cronológicos referentes ao primeiro advento de Cristo tornavam altamente provável o cumprimento dos tipos cronológicos referentes ao segundo advento. Nesse cenário, um despertamento tão generalizado, e com frutos tão abençoados, não podia ter outro efeito senão o de impressionar muitas mentes; e, aqueles que não estavam convencidos da solidez do argumento sobre os tipos, foram levados a considerá-lo como um cumprimento da parábola das dez virgens, de Mateus 25 – do momento em que elas se levantaram para preparar suas lâmpadas, depois de terem saído para encontrar o Noivo e de tosquenejarem enquanto Ele tardava. Assim, o tempo definido foi finalmente abraçado por quase todos os que criam no advento. É um movimento tão universal entre aqueles

que, pouco tempo antes, estavam relativamente adormecidos sobre essa questão, não podia passar despercebido pelo mundo.

Os ímpios, conseqüentemente, ajuntavam-se nos vários lugares de reunião, alguns curiosos por ouvir, outros preocupados com seus interesses espirituais e outros, ainda, para zombar de coisas solenes. Os que criam que, muito em breve, estariam na presença de seu Salvador, e cujas obras acompanhavam sua fé, sentiam uma proximidade de acesso a Deus e uma doce comunhão com Ele. A alma destes era grandemente abençoada. Com o senso de que compreendíamos que o maior de todos os eventos estava às portas, e ao nos aproximarmos daquele ponto no tempo, todas as demais preocupações desnecessárias foram deixadas de lado, e a alma se dedicou à preparação para o grande evento. Por estar mais pronto para dar do que nós estamos prontos para receber, Deus não permite que ninguém suplique em vão; Seu Santo Espírito desceu como chuva copiosa sobre a terra ressecada. Ficou evidente que havia fé na terra, uma fé que leva à prontidão para agir em conformidade com o que a alma crê que Deus falou. Essa fé era tal que, em obediência a uma ordem divina, dava adeus a todos os prazeres deste mundo, pois contemplava o galardão. Era uma fé como a de Abraão, o qual, ao receber a ordem divina, saiu sem saber para onde ia e nem mesmo poupou seu único filho. E ali estavam todos, prontos para se unir à multidão que, pela fé, herdará as promessas.

10. A PASSAGEM DO TEMPO

O décimo dia do sétimo mês do ano judaico de 1844 veio e passou, deixando impressões nas mentes dos crentes que não seriam facilmente apagadas. E, embora um quarto de século tenha se passado desde aquele período memorável, essa obra não perdeu sua atratividade e sua força sobre as mentes dos que dela participaram. Ainda hoje, quem participou daquela obra bendita, e sente sua sagrada influência sendo novamente acesa em sua mente – em obediência à determinação do apóstolo: “Lembraí-vos, porém, dos dias passados, em que, depois de serdes iluminados, suportastes grande combate de aflições. Em parte, fostes feitos espetáculo com vitupérios e tribulações e, em parte, fostes participantes com os que assim foram tratados” –, falará daquela obra solene, daquela grande consagração provocada pela visão das cenas eternas, e daquela paz e alegria santas que encheram o coração dos que aguardavam. Suas palavras certamente tocarão os sentimentos de todos os que partilharam das bênçãos daquela obra e se mantiveram firmes.

Os que participaram desse movimento não são os únicos que podem, agora, reviver sua experiência e se banquetear com as inspiradoras realidades do passado que lhes reavivaram a fé. Os que abraçaram a fé e a esperança do advento depois, e os que têm compreendido o significado das três mensagens de Apocalipse 14 – as quais falam da consagração, das bênçãos do passado, da presente obra de preparação e da glória futura – podem voltar conosco ao outono de 1844 e partilhar do reacender da iluminação celestial. Teria sido esta a nossa Jerusalém, onde deveríamos aguardar e desfrutar do derramamento do Espírito Santo? Da mesma forma que os cristãos de todos os tempos, a começar pelos discípulos de Cristo que estiveram presentes na ocasião, têm olhado em retrospectiva para o dia de Pentecostes com prazer e aprendizado, que os que, desde o memorável movimento do sétimo mês até hoje, abraçam a doutrina do segundo advento, relembrem aquele período com tanto interesse quanto os que dele participaram.

As impressões deixadas nas mentes dos crentes foram profundas e duradouras. Não importa quão distante alguém tenha ido, desde en-

tão, de Deus e de Sua verdade, ainda permanecem na alma do apóstata vestígios da Sua obra. Que ele ouça sobre o assunto novamente. Que os fatos simples sejam outra vez trazidos perante sua mente, e seu sentimento sobre esse assunto será superior ao que sente por qualquer outro. Os que tomaram parte naquela obra e que estão distantes de Deus, mas ainda têm consideração por Sua Palavra e pela experiência cristã, sentirão profunda emoção em relação a esse assunto, e a fé de muitos deles ganhará vida. Permita Deus que estas páginas possam ser uma bênção para muitos deles.

O desapontamento pela passagem do tempo foi amargo. Os crentes verdadeiros tinham renunciado a tudo por Cristo, tendo sentido Sua presença como nunca antes. Eles acreditavam que haviam dado a última advertência ao mundo, e se separado, em maior ou menor grau, da multidão de incrédulos e zombadores. E, tendo as bênçãos divinas sobre eles, desejavam associar-se mais com seu Mestre, a quem esperavam ver em breve, e com os santos anjos, do que com aqueles de quem haviam se separado. O amor de Jesus enchia cada alma, brilhando em cada rosto. Com desejos inexprimíveis, eles oravam: “Vem, Senhor Jesus, e vem logo”. Mas Ele não veio. E, voltar agora para as preocupações, perplexidades e perigos da vida, à vista dos zombadores e dos incrédulos, que agora os insultavam e ridicularizavam como nunca antes, foi uma terrível prova de fé e paciência. Quando o pastor Himes visitou Portland, Maine, poucos dias depois da passagem do tempo, e declarou que os irmãos deviam se preparar para outro frio inverno, quase perdi o controle sobre os meus sentimentos. Saí do local da reunião e chorei como uma criança.

Mas Deus não abandonou Seu povo. Seu Espírito ainda repousava sobre eles, a saber, sobre todos os que não negaram nem denunciaram precipitadamente a boa obra do movimento do advento até aquele momento. Passagens como a seguinte, endereçada aos hebreus, vieram às mentes e corações dos que foram provados pela espera, trazendo força e conforto especiais: “Não abandoneis, portanto, a vossa confiança; ela tem grande galardão. Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa. Porque, ainda dentro de pouco tempo, Aquele que vem virá e não tardará; todavia o justo viverá pela fé; e: se retroceder, nele não Se compraz a Minha alma. Nós, porém,

não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, daqueles que creem para a conservação da alma” (Hebreus 10:35-39, trad. lit. KJV). Os pontos interessantes desse trecho das Escrituras são:

1. Os destinatários correm o risco de duvidar e perder a confiança naquilo que havia sido feito corretamente.
2. Eles haviam feito a vontade de Deus, e haviam sido conduzidos àquela circunstância probante, que exigiria paciência.
3. O justo, nessas circunstâncias, tem que viver pela fé, não duvidando de que tenha feito a vontade de Deus, mas crendo que a fez.
4. Os que não suportassem a provação, perdendo sua confiança na obra que havia sido feita segundo a vontade de Deus e recuando, tomariam o caminho direto para a perdição.

Mas, por que aplicar tudo isso ao tema do segundo advento? Resposta: Paulo o faz. Suas palavras, que estão no centro da citação seguinte, extraída de sua epístola aos hebreus, proíbem qualquer outra aplicação: “Ainda dentro de pouco tempo, Aquele que vem virá e não tardará”. Ninguém questionará, por um momento sequer, que o segundo advento seja o assunto tratado pelo apóstolo. A situação peculiar dos que deveriam estar esperando o segundo aparecimento de Jesus é o cerne de sua exortação. Suas palavras são maravilhosamente aplicáveis aos que foram tristemente desapontados, tentados e provados no outono de 1844. Eles tinham proclamado a vinda do Senhor com grande confiança, e com a certeza de que estavam fazendo a vontade de Deus. Mas, com a passagem do tempo, eles se viram em uma situação que provou sua fé e paciência ao extremo. Daí as palavras de Paulo dirigidas a eles, no momento certo e no lugar certo. “Não abandoneis, portanto, a vossa confiança [...]. Tendes necessidade de perseverança, [...] [haveis] feito a vontade de Deus”. Cada verdadeiro adventista, que provou a boa palavra de Deus e os poderes do mundo por vir durante o movimento de 1844, a essas palavras do apóstolo, responderá: Amém!

Mas quão atemorizantes são as palavras que se seguem: “Mas o justo viverá pela fé; e: se retroceder, nele não se compraz a Minha alma”. Enquanto os adventistas aguardavam expectantes na fulgurante luz da profecia não mais selada, e estando diante dos sinais que rapidamente se cumpriam, indicando que o retorno de Cristo estava às portas, eles cami-

nhavam, por assim dizer, pela vista. Mas, agora, estavam com suas esperanças frustradas e seus corações feridos, e viviam pela fé na firme Palavra e operação de Deus, que haviam testemunhado em sua experiência com o movimento do segundo advento. Deus fica muito satisfeito com os que permanecem fiéis; mas nos que retrocedem, Ele não tem nenhum prazer. Os primeiros creem para a salvação da alma deles, enquanto os últimos, que ficam impacientes, deixam de confiar na maneira como Deus os tem guiado, e passam a considerar a direção de Deus como um resultado do trabalho do homem, ou de Satanás. Esses são arrastados para a perdição.

Essa e outras porções das Escrituras, de igual importância, tendo direta aplicação para a condição dos crentes daquele tempo, serviram não apenas de encorajamento para que eles se apegassem a sua fé, mas de alerta para que não se apostatassem. Uma impressão geral pairava nas mentes dos crentes, por algum tempo depois do desapontamento, a saber, a de que o movimento do sétimo dia estava nos planos de Deus, e os que tinham se engajado nessa obra haviam feito a Sua vontade.

E, de acordo com a luz que tinham, havia um consenso geral de que o movimento do sétimo dia fora o último grande teste, de que a ceifa da terra estava madura para a foice do Filho do homem, e de que a porta [da graça] estava fechada. Eu não tenho dúvida de que a salvação da alma, ou sua perdição, dependia da maneira como os que a ouviam tratavam aquela solene mensagem. E isso está bem claro no caso dos crentes desapontados depois da passagem do tempo. Se permanecessem firmes em sua crença, teriam salvação; se retrocedessem, o resultado seria a perdição. A ideia, contudo, de que a ceifa estava madura e de que a porta estava fechada, foi logo abandonada. Embora todos, desde então, tenham abandonado essa posição, por considerá-la incorreta, não consigo ver por que eles deveriam ser censurados por assumir tal posição por ocasião da passagem do tempo [em 1844]. De fato, a conclusão parece muito natural, e não vejo como eles poderiam ter chegado a outra conclusão. Mencionarei aqui algumas das razões por que essa conclusão era razoável, se não inevitável.

1. Guilherme Miller e outros haviam ensinado que a porta seria fechada e que a provação se encerraria um pouco antes do segundo advento. Em uma carta ao pastor J. V. Himes, de 6 de outubro de 1844, ele

disse: “Estou certo sobre minha opinião de que o próximo dia do Senhor será o último em que os pecadores terão a oportunidade de salvar-se. E, dez ou quinze dias depois dessa data, eles verão Aquele a quem odiaram e desprezaram, para sua própria vergonha e desprezo eterno”.

2. O fechamento da porta da graça anterior ao segundo advento é ensinado claramente no enfático testemunho de Apocalipse 22: 11, 12: “Quem é injusto faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda. E eis que cedo venho [...]”. Descreverei apenas qual é a ordem dos eventos aqui apresentados: primeiro vem a decisão final sobre o caso de todos os que estiverem vivos ao se fechar a porta da graça, e, segundo, segue-se o advento dAquele que diz: “E eis que cedo venho”.

3. Todos os verdadeiros crentes esperavam que a porta da graça se fechasse exatamente no décimo dia do sétimo mês. E, ao aproximar-se o tempo pelo qual tanto esperavam, o coração aflito de cada crente sentia ainda mais o peso e a responsabilidade de cumprir todo dever para com os outros. Mas, ao chegar, finalmente, a data que aguardavam com expectativa, todo esse fardo imediatamente caiu ao chão. Isso era verdade tanto para o irmão ou irmã que estavam isolados, em alguma parte do país, quanto para os que estavam nas cidades cheias de gente, misturando-se com centenas de outros crentes. O fato era uma verdade para todos. Todos sentiam que sua obra de alertar os pecadores estava terminada. Ninguém pode imaginar como foi essa grande mudança, somente aqueles que participaram do movimento e viram a chegada do tempo que aguardavam, tendo sobre si o fardo daquela solene obra. Jesus não havia vindo, como eles esperavam, o que fazia com que o motivo dessa grande mudança fosse uma pergunta legítima de se fazer. E, para dizer o mínimo, a conclusão natural era que a porta da graça havia se fechado.

4. A mudança que, subitamente, veio sobre os ímpios, parecia fortalecer a convicção de que a porta estava fechada. Embora a passagem do tempo, cujo efeito foi o de remover seus medos, possa agora ser considerada causa suficiente para a mudança ocorrida nestes, mesmo assim, naquele momento, a conduta de muitos, parecida com a de demônios, depois que o décimo dia se encerrou – dos mesmos que, algumas horas ou dias antes,

pareciam penitentes – dava a impressão de que a influência repressora do Espírito de Deus os havia deixado para sempre.

Tendo em vista tais coisas, não é nenhuma surpresa que os adventistas concordassem que o clamor da meia-noite havia sido o último grande teste, que a obra de alertar o mundo estava terminada e que a porta estava fechada. Ao se examinar os escritos dos líderes da causa, publicados imediatamente após a passagem do tempo, pode-se notar que essa era sua fé.

Guilherme Miller, numa carta endereçada a J. V. Himes, diz:

Fizemos nosso trabalho de advertir os pecadores e de tentar despertar uma igreja formal. Em Sua providência, Deus fechou a porta. Podemos apenas animar um ao outro a sermos pacientes e diligentes para nos certificarmos do nosso chamado e eleição. Estamos vivendo, agora, no tempo especificado em Malaquias 3:18, como também em Daniel 12:10 e Apocalipse 22:10-12. Nessa passagem, não podemos deixar de ver que, um pouco antes de Cristo vir, haveria uma separação entre o justo e o injusto, o crente e o incrédulo, entre os que amam Seu aparecimento e os que o odeiam. E nunca, desde os dias dos apóstolos, houve uma linha divisória tão bem traçada como a que foi presenciada no décimo dia do sétimo mês judaico. Desde então, eles dizem que “eles não têm confiança alguma em nós”. Precisamos, agora, de paciência, depois de termos feito a vontade de Deus, para que possamos receber a promessa.

J. V. Himes, Sylvester Bliss e Apollos Hale, editores do *Advent Herald*, em 13 de novembro de 1844, publicaram o seguinte:

Mas o alarme soou em todas as partes. O clamor foi dado em todos os lugares. Novamente pudemos ver que Deus estava conosco. Foi um trabalho purificador de alma. Os filhos de Deus se prostravam em Sua presença, recebendo bênçãos para suas almas, algo sem precedentes na história da causa do advento. No entanto, estamos desapontados. O dia passou e ainda estamos aqui. Os que apenas observavam e passavam de largo, estavam prontos para exclamar que tudo foi uma ilusão e que agora, certamente, deveríamos renunciar a todas as nossas esperanças e abandonar todas as nossas expectativas. Nós, porém, não pensamos assim. Por maior que seja o paradoxo para nossos oponentes, podemos, contudo, discernir nessas coisas a direção da providência divina. Quando somos insultados e censurados por aqueles a quem o mundo vê como os Gamaliéis de nosso tempo, sentimos que eles estão apenas falando de coisas sobre as quais nada entendem.

Os que não participaram desse último movimento não podem apreciar nada a respeito dele. Nós o consideramos como uma prova mais perscrutadora do que a primeira proclamação do tempo. Ele vasculhou Jerusalém à luz de velas; ele expurgou o velho fermento; ele testou os corações de todos os que ouviram sobre ele, e despertou um amor pelo aparecimento do Senhor. Em outros, provocou um ódio, mais ou menos perceptível, mas conhecido por Deus, de Sua vinda. Ele traçou uma linha e despertou a sensibilidade, de modo que os que examinarem seus próprios corações, poderão saber em que lado seriam achados, caso o Senhor viesse; se teriam exclamado “Eis que este é o nosso Deus, a quem aguardávamos, e ele nos salvará”, ou se pediriam que as rochas e montanhas caíssem sobre eles, para que pudessem se esconder do rosto dAquele que está sentado no trono e da ira do Cordeiro. Cremos, portanto, que Deus provou Seu povo, bem como a fé deste. Ele os provou e pôde ver se eles recuariam, na hora da provação, da posição na qual Ele achou por bem colocá-los, e se eles renunciariam a este mundo e dependeriam, com implícita confiança, do trabalho de Deus.

Acreditamos plenamente que fizemos a vontade de Deus ao fazer soar o alarme, como também cremos que Jonas a fez ao percorrer Nínive, caminho de um dia, dizendo: “Daqui a quarenta dias Nínive será destruída” (NVI). Nínive não foi destruída então, tampouco o Senhor operou, ainda, o livramento na terra, nem nos habitantes do mundo caído. Jonas foi um falso profeta ao pregar sobre o *tempo* da destruição de Nínive? Não. Ele tinha apenas pregado sobre aquilo que Deus lhe ordenara. Mas Deus havia dito que “no momento em que eu falar contra uma nação e contra um reino, para arrancar, e para derribar, e para destruir, se a tal nação, contra a qual falar, se converter da sua maldade, também eu me arrependerei do mal que pensava fazer-lhe” (Jeremias 18:7, 8). “E os homens de Nínive creram em Deus, e proclamaram um jejum, e vestiram-se de panos de saco, desde o maior até ao menor. E Deus viu as obras deles, como se converteram do seu mau caminho; e Deus se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria e não o fez”. A pregação de Jonas serviu como um teste para os habitantes de Nínive, e cumpriu o propósito de Deus tanto quanto o teria cumprido se a cidade tivesse perecido.

Acreditamos, pois, que esse último clamor foi um teste, e que, com nossa visão do dever, teríamos igualmente pecado contra Deus se tivéssemos nos recusado a dar a mensagem, assim como aconteceu com Jonas quando “se levantou para fugir de diante da face do Senhor para Târsis”. Teríamos igualmente pecado se tivéssemos nos recusado a atentar para a mensagem, da mesma forma que

os ninivitas, se estes tivessem se recusado a se arrepender diante da pregação de Jonas. E, todos os que estão com raiva de nós, por termos pregado sobre um tempo que não se concretizou, são tão culpados quanto Jonas, ao ele se aborrecer e orar para Deus tirar sua vida quando Ele poupou aquela grande cidade.

O trecho seguinte foi extraído do *Advent Herald* de 30 de outubro de 1844, referente à suspensão das reuniões no Tabernáculo do Advento, em Boston. O artigo do qual o texto foi extraído tinha sido, anteriormente, inserido em vários dos jornais diários daquela cidade. Ele é importante, pois descreve corretamente as ideias e sentimentos dos adventistas daquele tempo. Tendo em vista tais testemunhos, é inútil qualquer tentativa de negar que os adventistas criam, no outono de 1844, que sua obra para o mundo estava para sempre terminada. Depois de apresentar algumas razões pelas quais eles esperavam o Senhor no décimo dia do sétimo mês, o autor do artigo diz:

Com essa expectativa, estávamos desejosos de nos reunir uma vez mais, para nos unirmos em oração e para animarmos um ao outro na última obra de preparação. Foi com esse propósito que nos reunimos no conhecido lugar de adoração desta cidade. Não fizemos alarde sobre nossa reunião, nem apelos para o público. Essa reunião se caracterizou pela ausência, por parte de toda a comunidade, de atividades cuja intenção fosse causar júbilo ou espírito de vingança.

Estávamos compenetrados, e nos curvamos em arrependimento e oração perante Deus, sinceramente afetados pelas confissões mútuas dos amigos sinceros. Não tínhamos nenhum sentimento negativo por nenhuma pessoa; sentíamos que nossa missão para com este mundo estava terminada, e que havíamos perdoado as muitas injúrias com que elas nos haviam afligido. Mas as velhas e tolas calúnias contra nós foram reavivadas; o espírito inquieto da comunidade acabou se despertando; não podíamos nos reunir em paz e, conseqüentemente, nossas reuniões foram suspensas. Fazemos essas observações agora para esclarecer ao público, e com a esperança de que alguns, que de outra maneira não dariam atenção aos apelos do tempo presente, possam abrigá-los em seu coração.

Somos gratos às autoridades da cidade, que prestaram fielmente seus serviços, embora não pudéssemos promover a causa da reunião quando precisávamos de tal proteção.

Perdoamos nossos inimigos. Eles não nos magoaram. E quem dera se eles pudessem ver o quanto magoaram a si mesmos.

Mas já cumprimos nossa missão em relação a eles. Esperamos o cumprimento da promessa de Deus. Aquele que livrou Noé e Ló, e tirou Seu povo do Egito e da Babilônia, prometeu (como cremos) finalmente salvá-los “mediante Seu Filho vindo do Céu”. Por isso, esperamos essa libertação. Arriscamos tudo por essa expectativa, e pedimos apenas que Deus nos dê, e a todos que O buscam, graça para sustentar essa esperança.

Em nome dos adventistas de Boston e arredores,
 JOSUÉ V. HIMES.

Não tenho nenhuma palavra de censura para a alma que chegou à honesta conclusão de que a obra de alertar pecadores encerrou com a pregação do clamor da meia-noite. E mais: creio solenemente que a providência de Deus nos trouxe a essa posição. As hostes do advento deveriam ter permanecido ali, esperando pacientemente, vigiando e orando, até que nossa verdadeira posição pudesse ser vista claramente à luz do santuário celestial.

ARGUMENTO COM BASE NOS TIPOS

Pela providência de Deus, no movimento do sétimo dia a atenção das pessoas foi voltada para os tipos da lei de Moisés. O argumento apresentado havia sido o de que, assim como os tipos da primavera, a saber, a páscoa, o molho movido e a oferta de manjares, haviam se cumprido na ordem e no momento certo quando na crucifixão de Cristo, em Sua ressurreição e na descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes, assim também os tipos do outono seriam cumpridos, no tempo certo, nos eventos relacionados com o segundo advento. Tal raciocínio parecia ser conclusivo e convincente. A posição assumida era a de que, assim como o sumo sacerdote saía do santuário típico no décimo dia do sétimo mês, e abençoava o povo, Cristo, nosso Sumo Sacerdote, também sairia naquele dia do Céu para abençoar seu povo expectante.

Mas deve-se ter em mente que, nessa época, os tipos que apontavam para a obra no santuário celestial não eram compreendidos. Na realidade, ninguém tinha a compreensão correta sobre o tabernáculo de Deus no Céu. Agora vemos que os dois lugares santos do santuário típico, feitos sob a ordem do Senhor a Moisés, com seus dois ministérios distintos – os

serviços diários e anuais – eram, na linguagem de Paulo aos hebreus, “figuras das coisas que estão no céu”, “figura do verdadeiro” (capítulo 9). Ele também fala da obra dos sacerdotes judeus no capítulo 8: “os quais servem de exemplar e sombra das coisas celestiais”. Suas palavras significam o seguinte: Existe, no Céu, um santuário onde Cristo está ministrando, e esse santuário tem dois lugares santos e dois ministérios diferentes, exatamente como tinha o santuário terrestre. Se suas palavras não significarem isso, não significam nada. É natural, portanto, concluir que, da mesma forma que os sacerdotes judeus ministravam diariamente no lugar santo do santuário, e, no décimo dia do sétimo mês, ao término de seu ciclo anual de serviço, o sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo para fazer expiação para a purificação do santuário, Cristo, igualmente, ministrou no lugar santo do santuário celestial desde o momento de Sua ascensão até o fim dos 2.300 dias de Daniel 8, em 1844. No décimo dia do sétimo mês daquele ano, Ele entrou no lugar santíssimo do tabernáculo celestial para fazer uma expiação especial, a fim de apagar os pecados de Seu povo, ou, o que seria a mesma coisa, purificar o santuário.

“Até dois mil e trezentos dias”, disse o anjo ao profeta, “e o santuário será purificado”.

O santuário típico era purificado dos pecados do povo pela oferta de sangue. Sendo assim, a natureza da purificação do santuário celestial pode ser compreendida a partir de seu tipo. De porte de Seu próprio sangue, Cristo entrou no santíssimo para fazer uma expiação especial para a purificação do santuário celestial. Para exposições claras e completas sobre o santuário e a natureza de sua purificação, ver obras da autoria de J. N. Andrews e Uriah Smith sobre o assunto, à venda no escritório da Review, em Battle Creek, Michigan.

Com essa visão do santuário celestial diante do leitor, pode-se perceber a falha na teoria do sétimo mês. Agora parece evidente que, a conclusão de que Cristo sairia do Céu naquele dia, não se justifica pelas premissas expostas. Mas, se o ministério de Cristo no santuário celestial estivesse determinado para durar somente um ano, e, no último dia desse ano Ele devesse fazer a expiação para a purificação do santuário celestial,

assim como no tipo, então a conclusão de que Ele, naquele dia, sairia para abençoar Seu povo expectante, seria inevitável.

Devemos nos lembrar, no entanto, de que “a lei tem sombras dos bens vindouros, não a imagem real das coisas” [Hebreus 10:1]. Na sombra, o ciclo anual de rituais era repetido, primeiro, no lugar santo durante todo o ano, com exceção de um dia, e, segundo, no lugar santíssimo, no último dia desse ano. Mas não é assim que ocorre no ministério de Cristo. Ele entrou, de uma vez por todas, no lugar santo do santuário celestial, por ocasião de Sua ascensão. Ali, Ele ministrou até a chegada do momento da purificação do santuário, no fechamento dos 2.300 dias, no outono de 1844. Para realizar esse trabalho, Ele entrou, então, no lugar santíssimo, também de uma vez por todas. Cristo não sofreu na cruz repetidas vezes, mas de uma vez por todas. Ele entrou no lugar santo para realizar Sua obra de uma vez por todas. Ele purifica o santuário celestial, em favor dos pecados do Seu povo, de uma vez por todas. Seu ministério no lugar santo, desde sua ascensão na primavera de 31 d.C. até o outono de 1844, totaliza 1.813 anos e seis meses. Da mesma forma que a duração do tempo do ministério de Cristo no lugar santo só pôde ser definida quando esse período se encerrou, assim, a duração de Seu ministério no santíssimo não pode ser definida antes do seu encerramento. Portanto, por mais que a expiação para a purificação do santuário típico, que ocorria no décimo dia, provasse que nosso grande Sumo Sacerdote entraria no lugar santíssimo do tabernáculo celestial no décimo dia do sétimo mês, isso não prova que Ele sairia naquele dia do lugar santíssimo.

Mas o que, exatamente, foi realizado no décimo dia do sétimo mês, tornou-se objeto de discussão. Alguns tomaram a precipitada posição de que o movimento não havia sido dirigido pela providência divina. Eles abandonaram sua confiança naquela obra, não tendo fé nem paciência suficientes para “esperar” e “vigiar” até que tudo fosse explicado, à luz do santuário e das três mensagens de Apocalipse 14; eles se afastaram, para dizer o mínimo, em direção à perdição.

Outros tremiam por esse passo temerário, e sentiam a mais profunda preocupação pelo bem-estar do rebanho, exortando os irmãos a esperar e vigiar com paciência pela vinda do Senhor, crendo plenamente que Deus

estivera presente naquela obra. Entre estes estava Guilherme Miller. Numa carta publicada no *Advent Herald* de 11 de dezembro de 1844, ele diz:

Querido Irmão Himes: Seja paciente e mantenha-se firme em seu coração, pois a vinda do Senhor está próxima. Você precisa ter paciência para que, depois de ter feito a vontade de Deus, possa alcançar a promessa. Porque ainda dentro de pouco tempo, Aquele que vem virá e não tardará.

O trecho que se segue foi escrito pela animadora pena do Irmão F. G. Brown, que não foi apenas um homem de muitas habilidades, mas alguém que teve uma experiência profunda com o movimento adventista. Ele viu e sentiu o perigo de desertar, e escreveu a carta seguinte para animar seus irmãos a permanecerem firmes e crerem, para a salvação de sua alma. A carta foi escrita em 11 de novembro de 1844 e publicada no *Advent Herald*.

Queridos irmãos e irmãs: O grande Deus tem lidado de maneira maravilhosa conosco. Quando estivemos num estado alarmante de cegueira em relação à vinda do grande e terrível dia do Senhor, Ele achou por bem nos despertar, do nosso sono mortal, para um conhecimento dessas coisas. Quão pouco de nossa própria ação e de agentes humanos foi empregado nesse trabalho, vocês sabem. Nossos preconceitos, educação, gostos – tanto intelectuais quanto morais – estavam todos em oposição à doutrina da vinda do Senhor. Sabemos que foi o braço do Todo-poderoso que nos preparou para receber essa graça. O Espírito Santo operou-a no mais profundo de nossas almas, incorporando-a em nosso próprio ser, de modo que ela é, agora, uma parte de nós, e ninguém a poderá tomar. Ela é nossa esperança, nossa alegria; ela é tudo para nós. A Bíblia fala sobre ela. Cada uma de suas páginas está carregada com o assunto da imediata vinda do Senhor, e muito do que vemos no mundo nos fortalece na crença de que o Juiz está às portas! No presente, tudo está a nos provar. Bem, até agora tivemos paz quase ininterrupta e tremenda alegria. É verdade que enfrentamos algumas provações no passado, mas o que foram elas em comparação com a glória a ser revelada? É-nos permitido viver nos dias do Filho do homem, o qual Jesus disse ser um dia desejável. Que honra especial! Que privilégio indizível!

Seríamos tão egoístas a ponto de não estar dispostos a enfrentar uma pequena provação, apenas por esse dia, quando todos os nossos dignos e honrados predecessores se submeteram, com tanta paciência, aos labores e sofrimentos em sua peregrinação e de sua época? Que isso jamais se passe! Como nunca antes, sentimos que Ele não Se afastou de nós nem por um momento. Começaremos,

agora, tais quais os filhos de Israel, a duvidar, temer e lamentar, depois de Ele haver, de maneira tão frequente e clara, nos livrado vez após outra com Sua mão? Teria Deus nos abençoado com santificação, salvação e glória, só para depois nos repreender e nos destruir? Tal pensamento é quase blasfemo. Fora com ele! Será que, apesar de termos estado com o Senhor por tanto tempo, ainda não O conhecemos? Será que lemos nossa Bíblia em vão? Será que nos esquecemos do registro de Seus maravilhosos feitos para com Seu povo em todas as eras passadas? Façamos uma pausa, esperemos, leiamos, oremos antes de agir precipitadamente ou pronunciar um julgamento apressado sobre os caminhos e as obras de Deus. Se tudo estiver escuro e não enxergarmos tão claramente quanto antes, não sejamos impacientes. A luz brilhará quando Deus enxergar que isso será para o nosso bem. Notem o seguinte, queridos: nosso grande Josué certamente nos levará à terra prometida. Não tenho nenhum temor quanto a isso, e não desistirei Dele enquanto Ele não desistir de mim.

Ele está realizando Sua obra de maneira correta. Glória seja ao Seu nome! Lembrem-se de que vocês têm navegado por muito, muito tempo, e começaram a se considerar marinheiros bastante habilitados, até que se aproximaram da costa. O dever de vocês era ceder o comando a Ele, mas como é difícil entregar a preciosa carga e a nobre nau em Suas mãos! Vocês tremem e temem que a heroica embarcação naufrague, e que o carregamento adquirido a um custo tão elevado vá para o fundo do oceano! Mas eu lhes digo: não temam! Renunciem ao comando do barco e, como um bom oficial livre de suas obrigações e amante da vida familiar, voltem ao convívio de seus queridos. Animem-nos com as palavras “está tudo bem”.

Vocês terminaram seu trabalho. Agora, sejam pacientes e receberão sua recompensa.

Era preciso que nossa ‘fé’ e ‘paciência’ fossem provadas, antes que nossa obra se completasse. Encerramos nossa missão para com o mundo algum tempo atrás. Essa é minha convicção. Agora, Deus nos deu uma curta temporada de autopreparação, para nos provar perante o mundo. Quem agora suportará o teste? Quem está decidido a ver a consumação de sua fé, a viver ou morrer? Quem irá para o Céu mesmo se tiver que ir sozinho? Quem enfrentará a batalha até o fim, embora os que portam as armaduras desfaleçam, temam e fracassem? Quem manterá o olhar fixo na tremulante bandeira de seu Rei e, se necessário for, sacrificará sua última gota de sangue por ela? Somente esses são dignos de ser coroados; somente esses colherão os gloriosos lauréis.

Devemos estar já a pouca distância do porto. A obra recente de Deus por nós é prova disso. Precisávamos justamente dessa obra, uma vez que Cristo está vindo em breve. Louvo a Deus por essas gloriosas manifestações de Si mesmo ao Seu povo. Não O desonrem, indagando se a obra não passou de obra de homens, pois Ele, muito em breve, há de reivindicá-la, bem como Sua Palavra. Creio nisso solenemente. Não se deixem seduzir pelas iscas que podem ser lançadas para minar sua confiança em Deus. O mundo e a igreja nominal não sabem absolutamente nada sobre a esperança de vocês. Não há como fazer com que eles nos entendam. Vamos deixá-los em paz. Vocês já sepultaram uma vez o nome e a reputação de vocês, e não se deem ao trabalho de desenterrá-los novamente, agora que vocês, por amor a Cristo, estão sendo falsamente difamados com toda espécie de calúnias. Orem por seus inimigos. Olhem para a frente, para que suas mentes não venham a se ocupar com as coisas desta terra outra vez: seus negócios, preocupações, labutas, prazeres e amigos. A Bíblia, a Bíblia é o melhor dos mestres agora. A oração, a oração é a melhor auxiliadora. O próximo sinal que teremos será o derradeiro. Oh! Que nenhum de nós seja encontrado com as lâmpadas apagadas quando o Mestre vier! Oh, quão solene é a admoestação repetida pelo Senhor: *Vigiem, vigiem, vigiem.*

Muitos concluíram que grandes mudanças, intimamente ligadas ao destino final do homem, ocorreram no décimo dia do sétimo mês, embora não tivessem, até o momento, uma posição bem definida sobre o que, de fato, ocorrera.

Joseph Marsh, editor de *Voice of Truth* [Voz da Verdade], disse, em 7 de novembro de 1844:

Nós realmente acreditávamos que Ele viria naquele tempo; e agora, embora estejamos tristes por conta de nosso desapontamento, alegramo-nos por termos agido de acordo com nossa fé. Tivemos, e ainda temos, uma consciência limpa, para com Deus e com os homens, nessa questão. Deus nos tem abençoado abundantemente, e não temos dúvida de que, muito em breve, todas as coisas cooperarão para o bem de Seu querido povo e para a Sua glória.

De bom grado, admitimos que estivemos errados quanto à natureza do evento que esperávamos no décimo dia do sétimo mês, mas ainda não podemos admitir que nosso grande Sumo Sacerdote não tenha realizado, naquele dia, tudo o que o tipo justificava que esperássemos. Agora acreditamos que Ele o fez.

A que altura do cumprimento da profecia nos encontramos? Essa pergunta logo se tornou objeto da mais interessante indagação. Alguns se renderam aos clamores da igreja e do mundo, que os incitavam a confessar que tinham se equivocado, pelo menos, quanto ao tempo. Entre esse número estavam vários ministros qualificados. A temerosa conduta deles aumentou, em grande medida, a ansiedade para compreender nossa verdadeira posição. Foi um momento de grande provação. Muitos pareciam ter uma forte inclinação à deserção, o que acabou por amadurecer neles uma debandada geral na direção do Egito. Finalmente, um grande número se firmou, com maior ou menor clareza, sobre uma posição que abarcava os seguintes pontos:

1. A parábola das dez virgens representava o grande movimento do advento, e cada aspecto da narrativa correspondia a um evento da história do segundo advento.

2. Em resposta à indagação “Onde estamos?”, ficou definido que estávamos no momento ao qual se aplicavam as palavras de nosso Senhor: “Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora” (Mateus 25:13), proferidas após a parábola.

3. Havia chegado o tempo de comparar a experiência dos que estavam buscando o reino, aqui chamado de “reino dos céus”, com um casamento oriental, e que, para tanto, tal experiência já deveria ter se tornado histórica, pois isso permitiria ver que cada especificação da parábola já havia sido cumprida.

4. O momento em que a comparação da experiência do segundo advento com os eventos das bodas deveria ocorrer foi apontado por nosso Senhor, ao Ele dizer: “*Então*, o reino dos céus será semelhante a dez virgens”. Quando? Ele havia acabado de concluir uma descrição de dois tipos de servos, no capítulo 24: um servo dando o alimento no tempo certo à casa de seu senhor, e o outro servo espancando esse servo bom e fiel, e dizendo em seu coração: “O meu senhor tarde virá”. É exatamente nesse momento que os eventos, ligados à história do advento, são comparados com as especificações da parábola. Esses dois servos estavam envolvidos no mesmo trabalho. Mas, por alguma razão, um deles começa a dizer em seu coração: “O meu senhor tarde virá”, e espanca o seu conservo. Qualquer pessoa, que estivesse disposta a enxergar, perceberia um claro cumprimento dessa pará-

bola nos trabalhos e no procedimento dos ministros do advento, logo após a passagem do tempo. Todos chegaram àquele momento como um grupo de irmãos. Mas o tempo passou. Alguns, como consequência, ficaram impacientes, abandonaram sua confiança na obra e fizeram confissões a uma igreja e a um mundo escarneadores, dizendo que haviam sido controlados por uma influência humana ou satânica; e, já que outros não agiram como eles, e continuaram fortalecendo e alimentando a casa do Senhor com o pão do Céu, esses ministros estavam prontos para espancá-los.

O alimento espiritual para aquele tempo não era, sob hipótese alguma, aquele ensinamento que os fazia deixar a posição que haviam assumido, fazendo-os voltar para o Egito com choros e lamentações. Mas o “alimento no tempo certo” eram as exposições da Palavra de Deus, que mostravam Sua mão guiando o movimento, e os animadores testemunhos mencionados nas páginas acima, vindicando o movimento do advento. É humilhante e doloroso perceber que foi permitido a Satanás trazer guerra para dentro das fileiras do movimento do segundo advento.

5. Com base no significado da parábola, o Noivo havia chegado. Chegado aonde? Resposta: Às bodas. As bodas do Cordeiro deveriam ocorrer neste nosso mundo, por ocasião do segundo aparecimento de Cristo, uma vez que o Noivo não chegou? Mas, se as bodas do Cordeiro devessem acontecer no Céu, a posição poderia estar correta. É exatamente aqui que a ordem do nosso Senhor aos que esperam se encaixa, de forma especial: “Estejam cingidos os vossos lombos, e acesas as vossas candeias. E sede vós semelhantes aos homens que esperam o seu senhor, quando houver de voltar das bodas” (Lucas 12:35, 36). Se o nosso Senhor, em Seu segundo aparecimento, volta das bodas, então as bodas do Cordeiro devem acontecer no Céu, antes de Sua volta. Portanto, a vinda do noivo na parábola ilustra alguma mudança na posição e na obra do nosso grande Sumo Sacerdote, no Céu, mudança essa relacionada às bodas do Cordeiro.

Numa carta para o *Voice of Truth*, na edição de 19 de fevereiro de 1845, Guilherme Miller diz:

Presumo, Irmão Marsh, que você tenha visto o *Advent Mirror* dos irmãos Hale e Turner, impresso em Boston, edição de janeiro de 1845, a respeito das bodas da parábola das virgens. Creio que, no geral, eles estão certos – que não pode ser a vinda pessoal de Cristo.

Por quê? Dirá você. Leia Lucas 12:36: “E sede vós semelhantes aos homens que esperam o seu senhor, quando houver de voltar das bodas, para que, quando vier e bater, logo possam abrir-lhe”. Veja que a Sua vinda, pela qual esperamos, ocorrerá depois das bodas.

Teria Cristo vindo no sentido mencionado em Mateus 25:10? Eu acho que sim.

Eu sei que muitos dos meus irmãos, por quem tenho grande estima, discordarão de mim nessa questão. Eu os aconselharia e não apresentar resistência. Lembrem-se do que diz Tiago 5:9: “Irmãos, não vos queixeis uns contra os outros, para que não sejais condenados. Eis que o juiz está à porta”. Parece que, neste exato momento, quando precisamos de paciência, o apóstolo, por inspiração do divino Espírito, previu o risco de queixas e ofensas mútuas, e advertiu-nos a não praticá-las, para que não sejamos condenados, pois “o juiz está à porta!”

Peço que os queridos irmãos tomem providências para que ofereçamos o devido alimento no tempo certo. Que ninguém diga em seu coração “meu Senhor tarde virá”, e comece a espancar, ferir e odiar a seu conservo. Aquele que procurar salvar sua vida agora, conformando-se com o mundo ou com os mundanos, perdê-la-á; e, aquele que perder sua vida agora, por amor à verdade, esse achará a vida eterna.

6. A ideia estabelecida de que, nas bodas do Cordeiro, a igreja é a noiva de Cristo, estava entre os erros do passado. Através de pesquisa, viu-se claramente que havia duas coisas que as Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos ilustram como bodas. Primeiro, a união do povo de Deus com seu Senhor, em todas as eras passadas, e também no tempo presente. Segundo, o recebimento, por parte de Cristo, do trono de Davi, que está na Nova Jerusalém. Mas a união de crentes com seu Senhor tem existido desde os dias de Adão, e não pode ser considerada como as bodas do Cordeiro. Supõe-se que Isaías [54:5] fala da igreja ao dizer: “Porque o teu Criador é o teu marido”. Mas Paulo, em Gálatas 4:26 e 27, aplica essa profecia à Nova Jerusalém.

João diz, referindo-se a Cristo: “O que tem a noiva é o noivo” (João 3:29). É verdade que Cristo, aqui, é representado, em Sua relação com Seu povo, como o Noivo, e Seus seguidores, como a noiva. Mas não é verdade que Ele e Seus seguidores, aqui, sejam chamados de “Noivo” e “noiva”. Ninguém crê que o evento chamado de “bodas do Cordeiro” tenha ocorrido há 1.800 anos.

Paulo, ao escrever para a igreja, em 2 Coríntios 11:2, diz: “Porque estou zeloso de vós com zelo de Deus; porque vos tenho preparado para vos apresentar como uma virgem pura a um marido, a saber, a Cristo”. Mas será que isso prova que as bodas do Cordeiro ocorreram em Corinto? Ou teria Paulo apenas procurado representar, por meio do casamento, a união que ele efetuara, através do evangelho, entre Cristo e a igreja de Corinto?

Ele também diz, em Efésios 5:23: “Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja”. Mas, por favor, leia a partir do verso 22, e ficará claro que o assunto de Paulo aqui diz respeito à relação e aos deveres mútuos do esposo e da esposa. Isso é ilustrado e reforçado pela relação de Cristo com a igreja. Os que supõem que Paulo está definindo, aqui, quem é a esposa do Cordeiro, estão muito enganados. O assunto não é esse. Ele começa: “Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor” (Efésios 5:22). Ele acrescenta: “Vós, maridos, amai vossas mulheres” (Efésios 5:25). Esse é, de fato, um excelente assunto, mas não tem nenhuma pretensão de definir quem é a esposa.

As bodas do Cordeiro não cobrem todo o período de graça em que os crentes se unem ao seu Senhor, ou seja, desde Adão até o fechamento da porta da graça. Trata-se de um evento único que deverá ocorrer em um ponto específico do tempo, exatamente antes da ressurreição dos justos.

Então, quem é a noiva nas bodas do Cordeiro? Disse o anjo para João: “Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro” (Apocalipse 21:9). O anjo mostrou a igreja para João? Deixemos que João testifique: “E me transportou, em espírito, até a uma grande e elevada montanha, e me mostrou a santa cidade, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus” (Apocalipse 21:10).

A Nova Jerusalém também é apresentada como a mãe. “Mas a Jerusalém que é de cima é livre, a qual é mãe de todos nós” (Gálatas 4:26). Cristo é apresentado (Isaías 9:6) como o “Pai da Eternidade” de Seu povo. A Nova Jerusalém é a mãe, e os que participam da primeira ressurreição são os filhos. E não há dúvida de que a ressurreição dos justos é representada pelo nascimento. Sendo assim, a ideia de que as bodas do Cordeiro ocorrem no Céu, antes da volta do Senhor e antes de os filhos da grande família do Céu ressuscitarem na ressurreição dos justos, é muito apropriada.

Aqueles que estão decididos a abraçar a antiga ideia de que a igreja é a esposa, e de que as bodas ocorrem depois da vinda de Cristo, no momento em que os santos são arrebatados ao Céu, devem responder às seguintes perguntas:

1. Que pessoas são representadas pelo homem encontrado nas bodas (Mateus 22) sem as vestes nupciais?

2. Será que alguém será arrebatado por engano, a ponto de ser amarrado pelos pés e pelas mãos e lançado de volta para a terra?

3. Se a igreja é a esposa, quem são os convidados das bodas?

4. A Jerusalém do alto é a mãe dos filhos da promessa. Mas, se a igreja é a esposa do Cordeiro, quem são seus filhos?

5. A porta se fechou. A clara luz, vinda do santuário celestial, que mostrava que uma porta, ou ministério, foi aberta ao término dos 2.300 dias, enquanto outra era fechada, não havia ainda sido compreendida. Na ausência de luz quanto à porta fechada e à porta aberta no santuário celestial, fica fácil para o leitor compreender porque os que se mantiveram firmes em sua experiência do advento, conforme ilustrado na parábola das dez virgens, concluíram que o tempo de oportunidade para os pecadores havia terminado.

Mas logo veio a luz referente ao assunto, e, então, foi visto que, embora Cristo tivesse encerrado um ministério ao término dos 2.300 dias, Ele iniciara outro no lugar santíssimo, e ainda apresentava Seu sangue diante do Pai em favor dos pecadores. Assim como o sumo sacerdote, no tipo, no décimo dia do sétimo mês, entrava no lugar santíssimo, diante da arca da aliança e do propiciatório, com o sangue que iria oferecer pelos pecados do povo, assim também Cristo, quando se encerraram os 2.300 dias, colocou-Se diante da arca de Deus e do propiciatório, para pleitear em favor dos pecadores, pelos méritos de Seu sangue. Observem o seguinte: o grande Redentor, neste momento, aproximou-Se do propiciatório para interceder em favor dos pecadores. A porta de misericórdia foi fechada? Essa é uma expressão não bíblica, mas, se me permitem usá-la, eu poderia dizer que, no sentido mais pleno da expressão, a porta de misericórdia foi aberta no décimo dia do sétimo mês de 1844, não?

Todos os crentes contemplaram, então, seu misericordioso Sumo Sacerdote ao lado da arca de Deus, que contém os dez preceitos de Sua

santa lei, e sobre a qual estava o propiciatório. Por ocasião da passagem do tempo [em 1844], eles estavam em harmonia com todo o batalhão do advento, então representado como a “igreja de Filadélfia”, que significa “amor fraternal”. Com que inexprimível doçura as seguintes palavras, endereçadas àquela igreja, chegaram aos seus aflitos corações: “E ao anjo da igreja que está em Filadélfia escreve: Isto diz o que é santo, o que é verdadeiro, o que tem a chave de Davi, o que abre, e ninguém fecha, e fecha, e ninguém abre: Eu sei as tuas obras; eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a pode fechar” (Apocalipse 3:7, 8).

Os adventistas concordavam que as sete igrejas de Apocalipse 2 e 3 simbolizavam as sete condições da igreja cristã, durante todo o período desde o primeiro advento de Cristo até Seu segundo aparecimento, e que a sexta condição representava aqueles que, a uma só voz, proclamavam que a vinda de Jesus ocorreria no outono de 1844. Essa igreja estava para entrar num período de grande provação, do qual encontrariam alívio, no que diz respeito à compreensão de sua verdadeira posição, por meio da luz sobre o santuário celestial. Depois que a luz viesse, viria também a controvérsia sobre a porta fechada e a porta aberta. Aqui se viu o elo que uniu a obra de Deus no movimento do advento, ao dever presente de guardar os mandamentos de Deus e à glória e recompensa futuras. Mas, à medida que essas ideias eram ensinadas, vindicando, assim, o movimento do advento e o sábado do quarto mandamento, houve homens, especialmente os que haviam renunciado a sua experiência com o movimento do advento, que se sentiram chamados a se opor. E sua oposição, em termos gerais, foi extremamente violenta, amarga e perversa.

O assunto da porta aberta e da porta fechada, no santuário celestial, constituiu o ponto nevrálgico para o qual a discussão se voltou. Se nós estávamos corretos quanto à purificação do santuário, então a porta, ou ministério, do lugar santo, estava fechada; a porta, ou ministério, do lugar santíssimo, estava aberta; os 2.300 dias haviam terminado; a pregação sobre o tempo estava correta; e todo o movimento estava correto. Mas, se nossos oponentes mostrassem que estávamos errados sobre o assunto do santuário, e que Cristo não tinha entrado no lugar santíssimo para purificar o santuário, então os 2.300 dias não teriam terminado; a pregação

sobre o tempo seria um erro; e todo o movimento estaria equivocado. Vale, também, ressaltar o seguinte: se a porta, ou ministério, do lugar santíssimo estava aberta, e a fé dos que aguardavam consistia em ver Jesus perante o propiciatório e perante a arca dos dez mandamentos, no Céu, os argumentos em favor da perpetuidade e das reivindicações de toda a lei de Deus, inclusive do quarto mandamento, eram muito convincentes. A mão do Senhor estava com aqueles que tomaram a posição firme de que o grande movimento do advento vinha diretamente de Sua providência, e de que havia chegado o momento da reforma quanto ao sábado. Muitos abraçaram essas ideias. Foi então que nossos oponentes se levantaram, com espírito de perseguição, manifestando a ira do dragão contra os que guardavam os mandamentos de Deus, e tentaram abrir a porta que estivera fechada e fechar a porta que estivera aberta, para pôr um fim à questão. Daí as fortes expressões citadas acima – “o que abre, e ninguém fecha, e fecha, e ninguém abre”. “Eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a pode fechar”. O texto deixa mais do que evidente que haveria pessoas, perto do fechamento da história da igreja, que guerrearão contra a verdade de Deus, no que diz respeito à porta fechada e à porta aberta.

Até os dias de hoje, os que abrigam espírito de guerra contra os que guardam os mandamentos de Deus, fazem da crença na porta fechada e na porta aberta algo odioso, e colocam a culpa disso nos adventistas do sétimo dia. Muitos deles, entretanto, são conscientes dessa injustiça. Alguns deles acreditavam, de fato, na porta fechada, à semelhança da maioria dos adventistas logo depois da passagem do tempo. Alguns de nós mantivemos essa posição por mais tempo que os que desistiram de sua experiência no movimento adventista, e desertaram rumo à perdição. E, graças a Deus que nós a mantivemos, até que a questão fosse explicada através da luz sobre o santuário celestial.

Talvez compense destacar que, apesar de a crença na posição da porta fechada, ou a rejeição dela, ter sido geral, houve duas maneiras distintas e opostas de abandoná-la. Uma classe o fez abandonando sua confiança no movimento adventista, dizendo, a todos que se opuseram e zombaram deles, que haviam errado, e atribuindo a obra poderosa do Es-

pírito Santo às influências humanas ou satânicas. Esses, ao abandonarem a posição da porta fechada, puseram-se no lado da perdição.

Outra classe deu atenção às muitas exortações de Cristo e de Seus apóstolos, aplicáveis a sua posição, que alertavam-nos de suas provações, perigos e deveres: Vigiai; sede, pois, pacientes; não abandoneis, portanto, a vossa confiança; é preciso ter perseverança; conservem-se firmes. Eles esperaram, vigiaram e oraram até que receberam a luz, e, pela fé na Palavra, viram a porta aberta do santuário celestial e Jesus, ali, reivindicando Seu precioso sangue diante da arca, no lugar santíssimo.

Mas o que era a arca? Era a arca do testemunho de Deus, os dez mandamentos. Leitor, por favor, junte-se aos que confiam e esperam, enquanto eles, pela fé, entram no santuário celestial. Eles o levarão ao lugar santo e lhe mostrarão “o candelabro, a mesa, os pães da proposição” e outros móveis. Depois, eles o levarão ao lugar santíssimo, onde Jesus está vestido com as vestes sacerdotais, diante do propiciatório que está sobre a arca – que contém a lei de Deus –, servindo-lhe apenas de cobertura. Eles levantarão essa cobertura e pedirão que você olhe para dentro da arca sagrada, e ali você contemplará os dez mandamentos, uma cópia dos quais Deus deu a Moisés. Sim, querido leitor. Ali, protegidos da ira do homem e do ódio dos demônios, ao lado de Sua santidade, estão os preceitos da santa lei de Deus.

Os que esperavam, vigiavam e oravam abraçaram o quarto preceito daquela lei e, com as forças renovadas, seguiram em frente, rumo aos portais dourados da cidade de Deus, encorajados pela bênção final do Filho de Deus: “Bem-aventurados aqueles que guardam os Seus mandamentos, para que tenham direito à árvore da vida e possam entrar na cidade pelas portas” (Apocalipse 22:14, KJV). Assim, eles abandonaram a posição da porta fechada mantendo sua lealdade ao Deus do Céu, tendo direito à árvore da vida e à cidade eterna dos remidos. O leitor verá a diferença entre a conduta deles e a daqueles que abandonaram a posição da porta fechada indo para o lado da perdição. Deus tenha piedade dos apóstatas.

11. O SÉTIMO ANJO

Acreditava-se que o sétimo anjo, o último dos sete anjos com trombetas, era o mesmo que tinha a “última trombeta”, que despertará os justos mortos. Mas muitos entre os adventistas, naquela época, estavam adotando uma visão diferente sobre a questão, que será descrita aqui: os primeiros seis anjos com trombetas eram símbolos, e cada um representava um período de tempo, durante o qual vários eventos ocorreram. Sendo assim, o sétimo anjo não seria também um símbolo, representando um período de tempo durante o qual vários eventos ocorreriam?

As cenas mencionadas pelo apóstolo em referência à última trombeta, acontecem “num momento, num abrir e fechar de olhos”. Mas não é assim com os eventos relacionados ao som da trombeta do sétimo anjo. “Mas nos dias da voz do sétimo anjo”, é o testemunho de Apocalipse 10:7. Uma vez que todo o capítulo tem relação direta com o assunto do grande movimento do advento, conforme simbolizado pelas três mensagens de Apocalipse 14, farei aqui alguns breves comentários sobre sua aplicação.

E vi outro anjo forte, que descia do céu, vestido de uma nuvem; e por cima da sua cabeça estava o arco celeste, e o rosto era como o sol, e os pés, como colunas de fogo; e tinha na mão um livrinho aberto e pôs o pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra; e clamou com grande voz, como quando brama o leão; e, havendo clamado, os sete trovões fizeram soar as suas vozes. E, sendo ouvidas dos sete trovões as suas vozes, eu ia escrevê-las, mas ouvi uma voz do céu, que dizia: Sela o que os sete trovões falaram e não o escrevas. E o anjo que vi estar sobre o mar e sobre a terra levantou a mão ao céu e jurou por aquele que vive para todo o sempre, o qual criou o céu e o que nele há, e a terra e o que nela há, e o mar e o que nele há, que não haveria mais demora [ou “tempo”, conforme a KJV].

Quero chamar a atenção, brevemente, na citação acima, para os seguintes pontos:

1. De maneira muito solene, o anjo jurou que não haveria mais tempo. Isso não significa que, com o juramento do anjo, o tempo, medido por dias, meses e anos, cessaria, pois o próximo verso fala dos “dias” da voz do sétimo anjo. Além disso, a partir do segundo advento de Cristo e da ressurreição dos justos, há um período de mil anos, que dura até a ressur-

reição dos ímpios. Com efeito, enquanto a terra, o sol e a lua durarem e continuarem a girar, haverá dias, meses e anos. Não há evidências bíblicas de que esses corpos celestes deixarão de existir. O juramento do anjo, portanto, deve se referir ao tempo profético.

2. Ao jurar a respeito do tempo, o anjo tem na mão um livro aberto. Pode-se inferir, com base nessa linguagem, que esse livro esteve fechado em algum momento. Isso é verdade quanto ao livro de Daniel. “E tu, Daniel, fecha estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo [tempo do fim, ARA]; muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência [o saber, ARA] se multiplicará” (Daniel 12:4). O livro deveria permanecer selado até o tempo do fim, quando deveria, então, ser aberto. Com isso, o conhecimento sobre o assunto tratado no livro aumentaria, e muitos correriam de uma parte para outra, dentro das Escrituras, e obteriam conhecimento sobre ele. Se esse livro que está aberto na mão do anjo representa o livro, também aberto, de Daniel, a aplicação desse solene juramento à maneira como o encerramento do tempo profético foi proclamado, em 1844, é muito convincente.

O juramento desse anjo deve ser considerado como um símbolo de uma mensagem muitíssimo solene e positiva, proclamada pelos servos de Deus. O pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra representam o alcance da mensagem, e mostram que ela deveria ser levada às pessoas pelo mar e pela terra. O profeta continua:

Mas, nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver para tocar a trombeta [começar a tocar, KJV], cumprir-se-á [será terminado, KJV], então, o mistério de Deus, segundo ele anunciou aos seus servos, os profetas (Apocalipse 10:7).

Por que apresentar o sétimo anjo desse modo, a menos que o somido de sua trombeta começasse com o término do tempo profético? Seu somido deveria durar por um período de dias, provavelmente proféticos, o que significaria anos. No começo do somido, ou durante a primeira parte do período de seu somido, o mistério de Deus deveria se cumprir, ou terminar. Esse mistério é o evangelho, mencionado com especial referência aos meios pelos quais suas bênçãos são garantidas às nações da terra. É algo que, antes dos dias dos apóstolos, e mesmo desde a fundação do mundo, não foi dado a conhecer da maneira como foi revelado aqui (ver Romanos 16:25, 26; Efésios 3:3-5). Sabia-se que a semente da mulher

feriria a cabeça da serpente e que, em Abraão e em sua semente, todas as nações da terra seriam abençoadas. Mas não se sabia a forma com que isso se cumpriria, até chegar mais revelação sobre esse mistério, por ocasião do primeiro advento do Salvador, e da apresentação de Seus princípios através da pregação de Seus apóstolos. Antes disso, não se havia percebido que, quando o Redentor fosse manifestado ao mundo, todas as paredes de separação seriam derribadas, todas as diferenças seriam obliteradas, e, judeus e gentios, homens e mulheres, servos e livres, seriam iguais e igualmente abençoados através Dele. Por isso, Paulo apresenta como característica distintiva do mistério de Deus o fato de que “os gentios são cordeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho”, e de que, em Cristo, todos poderão ser unidos em um corpo (Efésios 3:6; 1:9, 10). Assim, definimos de maneira mais plena o mistério de Deus como sendo o grande plano da salvação, centralizado na obra de Cristo e revelado no Novo Testamento. Ver também Efésios 6:19; Colossenses 4:3; Gálatas 1:11, 12. Comparar com Efésios 3:3.

O término do ministério de Deus consiste no encerramento do grande plano da salvação, evento ligado ao ministério de Cristo no santuário celestial. No tipo, o ciclo anual de serviços se encerrava no décimo dia do sétimo mês. No antítipo, Cristo entrou no lugar santíssimo do santuário celestial, no fim dos 2.300 dias, para completar o grande plano da salvação. O mistério de Deus deveria ser encerrado, como Ele havia declarado pelos Seus servos, os profetas. A purificação do santuário, mencionada pelo profeta Daniel, é mais uma expressão utilizada para representar o término do mistério de Deus. Assim, o sétimo anjo começou a fazer soar sua trombeta ao se encerrarem os 2.300 dias, em 1844, quando a purificação do santuário, ou o término do mistério de Deus, teve seu início.

Uma série de eventos, que deveria ocorrer durante o somido da trombeta do sétimo anjo, é mencionada no capítulo 11 de Apocalipse. Depois do anúncio da sétima trombeta (Apocalipse 11:15-17), momento em que todos os reinos da terra devem vir a ser do Rei dos reis – um evento que interessa à terra e ao Céu e demanda a gratidão dos bondosos de ambos os mundos –, os eventos são apresentados da seguinte maneira:

1. “E iraram-se as nações”. Essa deve ser uma referência às comoções políticas e às guerras das nações, que os profetas de Deus têm descrito como indicativos do encerramento do tempo de graça.

2. “E veio a tua ira”. Isso se refere às sete últimas pragas, que serão derramadas imediatamente após o ministério de Cristo no santuário celestial.

3. “E o tempo dos mortos, para que sejam julgados”. Este não é o juízo investigativo dos justos, pois ele termina com o ministério de Cristo no santuário celestial. Trata-se aqui do juízo dos ímpios mortos. Somos, portanto, conduzidos, neste terceiro evento, até o tempo do aparecimento de Cristo nas nuvens do céu, e da ressurreição dos justos, quando Ele e os salvos sentarão para julgar os casos dos ímpios durante os mil anos.

4. “E o tempo de dares o galardão aos profetas, teus servos, e aos santos, e aos que temem o teu nome, a pequenos e a grandes”. É verdade que todos esses recebem a imortalidade na segunda vinda de Cristo, no começo desse grande período de julgamento. Mas sua recompensa consiste na herança prometida, a nova terra, a qual não aparecerá antes do término dos mil anos. “Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra”. Então, ao terminarem os mil anos, os profetas, os santos e todos os que temem o nome de Deus, pequenos e grandes, receberão sua plena recompensa.

5. “E o tempo de destruíres os que destroem a terra”. Este também é o momento da aniquilação final dos inimigos de Deus, que participaram da destruição, ou corrupção, da terra. E aqui termina o somido do sétimo anjo, ou o terceiro ai. O profeta ainda continua:

E a voz que eu do céu tinha ouvido tornou a falar comigo e disse: Vai e toma o livrinho aberto da mão do anjo que está em pé sobre o mar e sobre a terra. E fui ao anjo, dizendo-lhe: Dá-me o livrinho. E ele disse-me: Toma-o e come-o, e ele fará amargo o teu ventre, mas na tua boca será doce como mel. E tomei o livrinho da mão do anjo e comi-o; e na minha boca era doce como mel; e, havendo-o comido, o meu ventre ficou amargo (Apocalipse 10:8-10).

Nessa porção figurativa da profecia, João, ao receber o livrinho da mão do anjo, representa os que receberam a doutrina sobre a vinda do reino de Cristo, conforme proclamada em associação com o tempo, com base na profecia de Daniel. Comer o livrinho e apreciar sua doçura representa o deleite santo que as pessoas desfrutaram ao aceitarem o evangelho

da vinda do reino. No símbolo, o livrinho na boca de João era doce como mel. “O que é mais doce que o mel?” Em que mais poderia se regozijar a alma consagrada, imbuída do amor de Jesus, senão nas novas de Sua breve volta em glória, com todos os santos anjos, para redimir os que amaram e esperaram Seu aparecimento?

Mas o símbolo apresenta uma mudança: a doçura do mel se transforma em amargura. Isso representa a transformação da alegria da brilhante esperança na dolorosa tristeza do desapontamento, vivenciada pelos crentes por ocasião da passagem do tempo. A esperança e a fé tinham sido, para eles, uma âncora na tempestade, um escudo na batalha, e um motivo de grande alegria por todo o dia. E, ao se aproximarem da razão de sua esperança, suas expectativas ficaram ainda mais brilhantes, sua fé se fortaleceu e suas alegrias ficaram completas. O tempo passou, e somente os que experimentaram aquele desapontamento podem ter ideia da amargura que ele representou. É provável que nunca tenha havido um tempo, desde a crucifixão, em que as grandes expectativas e as brilhantes esperanças dos discípulos de Jesus tenham sido tão esmagadas quanto na passagem do tempo, em 1844. E os sentimentos dos milhares de desapontados foram como aqueles expressos por Maria: “Levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram”.

Entretanto, logo após aquele desapontamento experimentado pelos crentes, um grande alívio foi trazido pela posição de que haveria um período de espera pelo Senhor, e de prova de fé. E, com isto, veio também a impressão geral de que, nosso trabalho, de dar testemunho ao mundo, havia terminado. O solene anúncio da hora do Juízo de Deus, contido na primeira mensagem de Apocalipse 14, tinha sido proclamado. O comovedor testemunho sobre a condição daqueles que rejeitaram essa mensagem, e ainda se apegavam ao cristianismo corrompido, simbolizado pela segunda mensagem, havia sido dado. Entre os crentes de todas as partes, o solene clamor havia sido ouvido: “Caiu, caiu a grande Babilônia”. “Sai dela, povo meu”. E todos entendiam que essas mensagens apontavam para acontecimentos que já haviam ocorrido.

Mas, quando deveria ser dada a terceira mensagem? Ela faz parte de uma sequência de eventos que deve ser proclamada, na história do

povo de Deus neste estado de mortalidade. Essa terceira mensagem recebe uma ênfase tão marcante e distinta, no esboço profético de Apocalipse 14, quanto a primeira e a segunda. E, embora os desapontados tenham sentido, por um tempo, que sua obra de advertir o mundo havia sido completada, Deus planejava colocar novamente sobre eles a responsabilidade de realizar Seu trabalho, e enviar-lhes a proclamar a terceira mensagem. Essa obra, querido leitor, está claramente definida no último verso do capítulo sobre o qual estou comentando: “E ele disse-me: Importa que profetizes outra vez a muitos povos, e nações, e línguas, e reis” (Apocalipse 10:11).

Profetizar, às vezes, significa simplesmente ensinar, como em 1 Coríntios 11:4, 5; 14:3, 24; Mateus 7:22. Na primeira e segunda mensagens, as profecias foram abertas para as pessoas, e elas aprenderam as verdades solenes e comoventes relacionadas ao Juízo. Os crentes haviam chegado ao período de espera, tendo um testemunho para as pessoas, e o fardo da obra sobre eles. O tempo passou e, com ele, também passou a responsabilidade pela obra, e eles se viram, subitamente, destituídos de qualquer mensagem para o povo. Pensavam que a missão deles para com o mundo havia terminado. E essa era a posição na qual eles deveriam esperar, até que as grandes verdades ligadas à terceira mensagem fossem vistas à luz do santuário celestial, e o Espírito de Deus os impressionasse com a nova obra diante deles. Essa obra seria a de proclamar a terceira mensagem, expressa pelas palavras proféticas: “Importa que profetizes (ensines o povo) outra vez”. A essa altura, faz-se necessário que eu comente brevemente as três mensagens de Apocalipse 14.

12. A PRIMEIRA MENSAGEM

“E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo com grande voz: Temei a Deus e dai-Lhe glória, porque vinda é a hora do Seu juízo. E adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” (Apocalipse 14:6, 7).

Ele é chamado de “primeiro anjo” porque é o primeiro da série (Apocalipse 14:9). João o chama de “outro anjo”, uma vez que, antes deste, o profeta já tinha visto um primeiro anjo voando no meio do céu.

Essa proclamação é de proeminente importância. Não se trata meramente de um julgamento local, mas de um julgamento que envolve todos os habitantes da terra. Portanto, faz-se referência aqui à cena do Juízo Final. O evangelho, aqui chamado de “evangelho eterno”, é o mesmo evangelho que Paulo pregou. Mas a grande verdade pronunciada por esse anjo não teria sido uma verdade pronunciada por Paulo, pois ele viveu no começo da dispensação do evangelho, e essa proclamação está relacionada com suas cenas finais. Ela parece corresponder a “esse evangelho do reino”, que nosso Senhor apresenta em Mateus 24:14 como o sinal do fim dessa dispensação, e que deveria ser pregado em todo o mundo, para testemunho a todas as nações, antes que viesse o fim.

A verdade sobre esse ponto está bem expressa na seguinte citação do falecido Sr. Bliss, editor do *Advent Herald*, na edição de 14 de dezembro de 1850:

Como indicação da aproximação do fim, entretanto, seria visto outro anjo voando no meio do céu, tendo o evangelho eterno para proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda nação, e tribo, e língua, e povo (Apocalipse 14:6). A responsabilidade desse anjo era proclamar o mesmo evangelho que tinha sido anunciado antes; mas, associado a ele, estava o motivo adicional, a proximidade do reino: “dizendo com grande voz: Temei a Deus e dai-Lhe glória, porque vinda é a hora do Seu juízo. E adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” (Apocalipse 14:7). Nenhuma mera pregação do evangelho, que não anunciasse a proximidade do reino, poderia representar o cumprimento dessa mensagem.

Em harmonia com esse testemunho do editor do *Herald*, apresentarei aqui um outro, extraído de um folheto sobre profecias publicado por J. V. Himes, mais ou menos na mesma época, que também fala sobre a natureza da mensagem e o tempo de sua aplicação. O título do folheto é “Our Specific Work” [Nosso Trabalho Específico].

A proclamação de um evangelho eterno, “é chegada a hora do Seu juízo” (Apocalipse 14:6, 7), é a principal proclamação do advento.

Em resumo, os fatos são os seguintes: João, olhando para o futuro distante, contemplando o drama do conflito final, vê um mensageiro, um ministro de um evangelho eterno, voar no meio do céu com uma proclamação especial, elevada, alegre e pública, a qual requeria celeridade e extraordinária energia em sua apresentação. A proclamação contém um fato e uma ordem, alicerçada sobre esse fato. 1. O fato: “Vinda é a hora do Seu juízo”. 2. A ordem: “Temei a Deus [...]” Esses são os elementos dessa comissão especial. A obra desse agente simbólico é, assim, claramente definida. Não há termos que possam ser mais específicos.

Esse mensageiro simboliza uma classe de mestres? Essa tem sido a compreensão geral de expositores. O Sr. Wesley e o Dr. Benson interpretam a passagem dessa forma. Existe grande unanimidade sobre esse ponto. Isso fica claro pelo fato de o texto dizer que é para pregar. Essa classe de pessoas vive no período da modernidade. O Sr. Wesley e o Dr. Benson creem que esse mensageiro é um símbolo dos reformadores protestantes nos dias de Lutero. Um grande número de expositores concorda com essa ideia. Essa comissão, todavia, não pode ser a de Lutero.

Esse grupo deve existir em algum lugar e, considerando seu caráter e a natureza de sua obra, ele deve estar em acordo com o mensageiro simbólico. Os participantes desse grupo devem estar em harmonia, como se estivessem diante de um espelho. Será que esse grupo pode ser encontrado? A proclamação acima mencionada foi ouvida. O mundo pode dar testemunho disso. O clamor “Vinda é a hora do Seu juízo” soou por toda a cristandade. As multidões o ouviram e zombaram, ou tremeram. Por qual corpo de crentes essa proclamação foi feita? Não foi pelos que ensinavam que esse juízo ocorreria no futuro, após mil anos. Nenhuma igreja que defenda a doutrina de um reino espiritual pode ser definida como sendo esse grupo, pois os elementos de sua proclamação contradizem frontalmente os elementos acima mencionados. Esse grupo, ora existente, pode apenas ser encontrado entre os que constituem os crentes do advento, na Europa e na América.

Como prova de que essa mensagem não foi cumprida na história da igreja em eras passadas, apresento os seguintes fatos:

1. Nenhuma proclamação da chegada da hora do Juízo de Deus foi feita em nenhuma era passada.

2. Se uma proclamação como essa tivesse sido feita muitos séculos atrás, como alguns querem defender, ela teria sido falsa.

3. As profecias em que se baseia essa proclamação, dirigida à humanidade ainda vivendo em tempos de oportunidade de salvação, foram encerradas e seladas até o tempo do fim.

4. As Escrituras claramente datam a mensagem de advertência com respeito ao Juízo para um breve período, imediatamente anterior ao advento do nosso Senhor, contrariando diretamente, assim, a ideia que coloca essas mensagens em eras passadas.

Apresentamos, agora, provas em apoio às proposições acima mencionadas. Se elas forem sustentadas, fica estabelecido que as mensagens angélicas se destinam à geração presente. Convidamos, sinceramente, todos os que desejam conhecer a verdade, a ponderar sobre esta parte do argumento, com especial cuidado.

1. A proclamação da vinda da hora do Juízo de Deus foi feita em alguma época passada? Se essa proclamação nunca foi feita em séculos passados, põe-se um ponto final em qualquer controvérsia sobre esta parte do assunto. Ninguém jamais foi capaz de mostrar que tal proclamação aconteceu no passado. Os apóstolos não fizeram tal proclamação. Ao contrário, eles nos informam claramente que o dia do Senhor não estava, então, às portas. Martinho Lutero não fez tal proclamação, pois achava que o Juízo viria cerca de trezentos anos no futuro. E, finalmente, a história da igreja não relata que tal proclamação tenha ocorrido no passado. Se o primeiro anjo tivesse pregado para cada nação, tribo, língua e povo que a hora do Juízo de Deus havia chegado, a notoriedade de tal proclamação seria garantia suficiente de que a história do mundo conteria o registro dessa pregação. Mas seu total silêncio com respeito a essa proclamação é prova suficiente de que ela nunca foi feita, e deveria silenciar os que fazem tal afirmação.

2. Estamos em terreno firme, também, quando dizemos que, se essa proclamação tivesse sido feita ao mundo em eras passadas, ela seria uma

proclamação falsa. Quatro razões sustentam essa declaração: 1) Não existe nenhuma parte da Bíblia na qual essa mensagem, em séculos passados, pudesse estar baseada. Assim, se tal proclamação tivesse sido feita, ela não teria fundamento bíblico e, conseqüentemente, não seria uma mensagem proveniente do Céu. 2) Ela estaria em direta oposição àquelas passagens bíblicas que datam o Juízo, bem como a advertência a respeito de sua proximidade, para o período da última geração. Os versos que sustentam essas duas razões serão citados. 3) A história mundial apresenta amplas evidências de que a hora do Juízo de Deus não veio em eras passadas. 4) Tal mensagem também não seria verdadeira, em épocas passadas, se fosse limitada à Babilônia, pois Apocalipse 18:8-10 mostra claramente que a hora do juízo da Babilônia ainda está no futuro. Dessa forma, o anjo que tinha a proclamação a respeito da hora do Juízo de Deus com certeza não a deu em um momento em que, além de destituída de apoio escriturístico, ela também estaria em contradição absoluta a seu próprio e claro testemunho.

3. As profecias que nos apresentam o tempo certo para o Juízo, e que apresentam a sucessão de eventos que levaria a esse momento decisivo, foram encerradas e seladas até o tempo do fim. Referimo-nos, particularmente, às profecias de Daniel (ver cap. 8:17, 26; 12:4, 9). Assim, é evidente que Deus reserva a advertência somente à geração que dela precisa. A advertência de Noé acerca do dilúvio era aplicável somente aos que o testemunharam. Portanto, assim também a advertência a respeito do Juízo só é aplicável à geração que vive nos últimos dias.

4. A Bíblia data essa mensagem para o período que precede imediatamente o segundo advento, e nos adverte claramente contra a proclamação do Juízo iminente antes desse momento. Temos, aqui, um ponto de controvérsia com nossos oponentes. Em vez de acharmos que os apóstolos fizeram essa proclamação, como ensinam alguns, encontraremos incontestáveis evidências de que eles dataram essa advertência para um futuro distante, e que eles admoestaram a igreja a cuidar para que ninguém antecipasse um tempo estabelecido. Se recorrermos ao livro de Atos, encontraremos Paulo pregando perante Felix, sobre o Juízo vindouro, e, perante os atenienses, sobre o dia apontado por Deus, no qual Ele julgará e justificará o mundo em Cristo Jesus (Atos 24:25; 17:31). Em nenhum

lugar, no entanto, esse livro insinua que Cristo viria imediatamente para realizar tal Juízo. Pedro direciona seus ouvintes para o futuro, afirmando que os céus que, então, haviam recebido a Cristo, deviam retê-Lo até o tempo da restauração (Atos 3:21).

Pode parecer que a primeira epístola aos Tessalonicenses ensina que os apóstolos esperavam a vinda de Cristo, para julgar, ainda em seus dias. Com efeito, é evidente que tal ideia foi interpretada pela igreja tessalonicense com base nessa suposição. Em consequência disso, em sua segunda epístola para eles, Paulo achou necessário falar explicitamente sobre essa questão. Ele lhes disse que a vinda de Cristo para julgar não poderia ocorrer antes da grande apostasia, e que, como resultado dessa apostasia, o homem do pecado seria revelado, ostentando-se como Deus e se levantando contra tudo que se chama Deus, ou é adorado. Ninguém negará que esse mistério da iniquidade é a grande apostasia romana, exceto um defensor da supremacia papal.

Paulo lembrou os tessalonicenses de que ele lhes falara sobre essas coisas quando esteve entre eles. E, onde Paulo poderia ter aprendido essa verdade sobre a qual lhes falou? Ele estava acostumado a arrazoar com base nas Escrituras, e não em opiniões pessoais. Assim, é bastante evidente que ele está se referindo à profecia do livro de Daniel, o qual, no capítulo sete, apresenta a sucessão de eventos que aconteceria entre o tempo determinado na profecia e o Juízo. Nessa série de eventos, está descrito, com maravilhosa precisão, o poder ao qual Paulo se refere como o homem do pecado. Nenhum protestante negará a identidade do chifre pequeno de Daniel, e a do homem do pecado de Paulo. E, visto que Daniel a colocou dentro de uma série de eventos que termina com o Juízo e o estabelecimento do reino eterno, foi fácil para Paulo estabelecer onde, nessa série de eventos, ele se encontrava, e se o Juízo era o próximo evento, ou não, da sequência. O apóstolo, portanto, diz claramente que aquele dia não estava às portas, pois o homem do pecado, o chifre pequeno, devia se levantar e fazer sua obra, conforme predito, e, quando isso se cumprisse, Cristo deveria vir, para consumir “o iníquo” com Seu fulgor.

Quando o chifre pequeno deveria se levantar? Foi dito a Daniel que o chifre pequeno se levantaria depois dos dez chifres do quarto ani-

mal. Ou, em outras palavras, depois que o quarto império fosse dividido em dez reinos, o que se cumpriu cerca de quinhentos anos depois de Cristo. O juízo, portanto, não poderia vir antes desse momento. Mas, por quanto tempo esse chifre pequeno teria poder para destruir os santos? Daniel nos informa que seria “por um tempo, e tempos, e metade de um tempo”. Quanto dura esse período? Apocalipse 12 mostra que são 1.260 dias proféticos, ou anos (versos 6, 14). Conclui-se, portanto, que o apóstolo leva em conta que se passariam quinhentos anos a partir de seu tempo, até o aparecimento do homem do pecado e, daí, mais 1.260 anos, referentes ao período de seu triunfo, antes que o Juízo pudesse ser pregado como um evento iminente. Quem ler cuidadosamente Daniel 7 compreenderá a origem do argumento de Paulo em 2 Tessalonicenses 2, e não deixará de ver a força de sua declaração.

A supremacia papal começou em 538 e terminou em 1798, com a queda do poder temporal do papa. A advertência de Paulo contra uma falsa proclamação a respeito do Juízo iminente, portanto, expira nessa data – não antes – pois nela encontramos o ponto, no tempo, em que ocorreu o último evento importante antes do Juízo, em Daniel 7. Se um anjo do Céu pregasse, num passado distante, que a hora do Juízo de Deus era chegada, ele estaria apresentando um evangelho diferente daquele pregado por Paulo. Os que interpretam que o aparecimento do anjo de Apocalipse 14:6, 7 ocorreu em eras passadas põem, para todos os efeitos, sobre sua cabeça o anátema de Paulo, em Gálatas 1:8.

É muito interessante que o ponto, no tempo, no qual expira a advertência de Paulo, corresponda ao começo do tempo do fim – o mesmo momento até o qual as visões de Daniel estariam encerradas, fechadas e seladas. Compare Daniel 11:33, 35 com Daniel 7:25, e ficará óbvio que a perseguição dos santos de 1.260 anos termina com o começo do tempo do fim. Essa visão sobre o assunto faz a verdade de Deus resplandecer gloriosamente, pois a advertência do apóstolo, contra uma falsa proclamação do Juízo iminente, expira quando o selo é retirado das profecias que mostram o momento em que se assenta o Juízo. É a respeito desse período, o tempo do fim, que é dito que “muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência [o saber, na ARA, ou seja, o conhecimento justamente sobre o assunto

que antes foi ocultado] se multiplicará”. Então, o tempo do fim é o período em que deve ser dado o clamor sobre a hora do Juízo e apresentadas as mensagens subsequentes (Daniel 8:17, 26; 12:4, 9).

Outro argumento importante sobre esse ponto é encontrado nas palavras de nosso Senhor quanto aos sinais do segundo advento. A igreja devia perceber a proximidade de Sua vinda mediante o cumprimento de certos sinais prometidos. Até que eles fossem vistos, eles não estavam autorizados a esperar pelo advento imediato do Senhor. Mas, quando os sinais que nosso Senhor prometeu comesçassem a aparecer, Sua igreja devia, então, saber que Sua vinda para julgar os vivos e os mortos seria iminente. É interessante que Cristo indicou o momento em que esses sinais começariam a surgir. Consequentemente, as mensagens anunciando tal evento não podiam ser apresentadas antes desse tempo. “E, logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas” (Mateus 24:29). “Ora, naqueles dias, depois daquela aflição, o sol se escurecerá, e a lua não dará a sua luz. E as estrelas cairão do céu, e as forças que estão nos céus serão abaladas” (Marcos 13:24, 25). Acreditamos não haver equívoco de que, nessas passagens, nosso Senhor está se referindo à tribulação papal de Daniel, o profeta. Os sinais de Sua segunda vinda deveriam começar “*naqueles dias*”, mas “*depois* daquela aflição” [“após a referida tribulação”, ARA]. Em outras palavras, os 1.260 anos proféticos não estariam totalmente encerrados, mas sua tribulação estaria concluída quando o sol se escurecesse. O sol se escureceu em 1780, juntamente com a tribulação daqueles dias, mas os dias expiraram apenas em 1798. Assim, nota-se que os sinais do imediato advento de nosso Senhor começaram a ocorrer à medida que o tempo do fim se aproximava – o período em que devia ser retirado o selo da visão, e em que muitos correriam de uma parte para outra, tendo a palavra de advertência para um mundo a perecer.

A extensão dessa proclamação é digna de nota. Um escritor inglês, Mourant Brock, comenta:

Não é apenas na Grã-Bretanha que a expectativa do breve retorno do Redentor é acolhida, e a voz de advertência, levantada. Também na América, na Índia e na Europa continental. Na América, cerca de trezentos ministros da Palavra estão pregando “este evangelho do

reino”, enquanto, neste país, cerca de setecentos ministros da Igreja da Inglaterra estão erguendo o mesmo clamor (*Advent Tract*, v. 2, p. 135).

O Dr. Joseph Wolfe viajou pela Arábia Felix, numa região habitada pelos descendentes de Hobabe, sogro de Moisés. No Iêmen, ele viu um livro sobre o qual ele menciona o seguinte:

Os árabes deste local têm um livro chamado “Seera”, que trata da “segunda vinda de Cristo, e Seu reino em glória”.

No Iêmen, ele passou seis dias com os recabitas. “Eles não bebem vinho, não plantam vinhas, não semeiam, vivem em tendas e se lembram das palavras de Jonadabe, filho de Recabe. Com eles, se encontravam filhos de Israel, da tribo de Dã, que residem perto de Terim em Hadramaute, e que esperam, assim como os filhos de Recabe, a breve chegada do Messias nas nuvens do Céu” (*Wolfe’s Mission to Bokhara* [A Missão de Wolfe em Bokhara]).

Em Wirtemberg, há uma colônia cristã com centenas de pessoas que anelam o breve advento de Cristo. Há outra com uma crença semelhante às margens do Cáspio, como também os Molokaners, um grande grupo de dissidentes da igreja russa grega, os quais residem às margens do Báltico – um povo devoto, de quem se diz: “adotando apenas a Bíblia como fundamento de sua crença, a *norma* de sua fé consiste simplesmente nas Santas Escrituras”. Estes se caracterizam pela “espera do imediato e visível reino de Cristo sobre a terra”. Na Rússia, a doutrina da vinda e do reinado de Cristo é pregada em certa medida, e aceita por muitos da classe mais baixa. Essa doutrina tem sido debatida na Alemanha, particularmente na região sul, entre os morávios. Na Noruega, gráficos e livros sobre o advento têm circulado extensivamente, e a doutrina tem sido recebida por muitos. Entre os tártaros, na Tartária, prevalece uma expectativa de que o advento de Cristo ocorra por volta desta época. Publicações inglesas e americanas sobre essa doutrina têm sido enviadas para a Holanda, Alemanha, Índia, Irlanda, Constantinopla, Roma e para quase cada posto missionário na face da terra. Nas ilhas Turks, ela foi recebida, em certa medida, entre os wesleyanos. O Sr. Fox, um missionário escocês entre o povo telugo, era um crente na breve vinda de Cristo. James McGregor Bertram, um missionário escocês da ordem batista de Santa Helena, fez soar extensivamente o clamor naquela ilha, fazendo muitos conversos e premilenialistas. Ele também pregou a doutrina em postos missionários da África do Sul. David N. Lord nos informa que, uma grande proporção dos missionários que deixaram a Grã-Bretanha para dar a conhecer o evangelho aos pagãos, e que agora estão trabalhando na Ásia e na África, são mile-

nialistas. Joseph Wolfe, D.D., de acordo com seus diários, entre 1821 e 1845, proclamou o breve advento de Cristo na Palestina, no Egito, na costa do Mar Vermelho, Mesopotâmia, Crimeia, Pérsia, Geórgia, por todo o império otomano, na Grécia, Arábia, Turquestão, Bocara, Afeganistão, Cashemira, Hindustano, Tibete, Holanda, Escócia, Irlanda, Constantinopla, Jerusalém, Santa Helena, dentro de navios no Mediterrâneo e na cidade de Nova York, para todas as denominações. Ele declara ter pregado entre judeus, turcos, muçulmanos, parses, hindus, caldeus, yesedes, sírios, sabeus, paxás, xeiques, xás, reis de Organtsh e Bocara, a rainha da Grécia, etc. Sobre os extraordinários trabalhos de Wolfe, o *Investigator* [Investigador] diz: “Ninguém, talvez, tenha dado maior publicidade à doutrina da segunda vinda do Senhor Jesus Cristo do que esse conhecido missionário mundial. Onde quer que vá, ele proclama o iminente advento do Messias em glória” (*Voice of the Church*, p. 342-344).

O trecho que se segue, da pena do editor do *Voice of Truth*, edição de janeiro de 1845, representa adequadamente a posição de todos os adventistas americanos daquela época:

Estamos indubitavelmente próximos da auspiciosa hora quando a seara da terra será colhida, tal como descreve Apocalipse 14:14-16. A história do povo de Deus descrita naquele capítulo, em seu estado de mortalidade antes de ser glorificado, está quase completa. O evangelho eterno, tal como descrito nos versos 6 e 7, tem sido pregado em cada nação, tribo, língua e povo, dizendo em grande voz: “Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo. E adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.” A pregação da breve volta de Cristo, às portas, ou no ano de 1843, foi levada a cada nação e língua debaixo do céu, nesses poucos anos passados. Com efeito, nenhum acontecimento pode ser mais claramente comprovado com fatos do que esse. Mediante palestras e publicações, o somido tem chegado a toda a terra, e a palavra, até os confins do mundo.

Mas os que esperavam que o Senhor viesse em 1843 e 1844 ficaram desapontados. Esse fato, para muitos, é razão suficiente para rejeitar todos os testemunhos em favor da mensagem. Para eles, é absurda a posição de que o movimento do advento foi um cumprimento da profecia, sendo que, ao mesmo tempo, os que participaram do movimento ficaram amargamente desapontados. Reconhecemos o desapontamento, mas não podemos reconhecer que isso represente uma razão justa para negar a pre-

sença da mão de Deus nessa obra. É fato que o povo de Deus cumpriu a profecia, e, ao mesmo tempo, foi desapontado em suas esperanças. O mesmo ocorreu com os discípulos e a ruidosa multidão, na ocasião da entrada do nosso Senhor em Jerusalém, quando eles bradaram: “Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas alturas!” O profeta de Deus havia dito: “Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis que o teu rei virá a ti, justo e Salvador, pobre e montado sobre um jumento, sobre um asninho, filho de jumenta” (Zacarias 9:9). Essas palavras precisavam ser cumpridas. O que inspirou os gritos dos discípulos foi a expectativa de que o Mestre iria, naquele momento, ascender ao trono de Davi, para reinar entre eles. Mas eles ficaram desapontados nesse ponto. Em alguns dias, suas esperanças se desvaneceram ao Ele expirar sobre a cruz. Eles cumpriram a profecia? Ninguém negará que eles a cumpriram. As expectativas que os levaram a cumprir a profecia foram atingidas? Eles foram profundamente desapontados.

Embora eles tenham ficado desapontados em cada aspecto de suas expectativas, os adventistas, em 1844, estavam certos em três dos quatro pontos principais de sua fé. Esses pontos eram: 1) o modo e o objetivo do segundo advento de Cristo; 2) a aplicação dos símbolos proféticos do livro de Daniel; 3) o tempo profético; 4) o evento que deveria ocorrer no fim dos períodos proféticos. A respeito dos três primeiros pontos, os adventistas de 1844 estavam certos. Quanto ao quarto, estavam equivocados. O anjo não disse para Daniel que Cristo voltaria no fim dos 2.300 dias. Suas palavras ao profeta são: “Até duas mil e trezentas tarde e manhãs, e o santuário será purificado”. O assunto da purificação do santuário de Daniel 8:14 é, agora, compreendido e visto como algo bem diferente da segunda vinda de Jesus Cristo nas nuvens do céu, para redimir Seu povo e destruir Seus inimigos com o fogo do último dia.

Um desapontamento não prova, de forma alguma, que Deus não esteja guiando o Seu povo com Sua mão. Ele deveria levá-los a corrigir seus erros, mas não levá-los a abandonar sua confiança em Deus. Foi por ficarem desapontados no deserto que os filhos de Israel, com frequência, negaram a guia divina. Eles servem de advertência para nós, para que não caiamos no mesmo problema de incredulidade.

Mas deve ficar evidente, para cada estudante das Escrituras, que o anjo que proclama a hora do Juízo de Deus não dá a última mensagem de misericórdia. Apocalipse 14 apresenta duas outras proclamações posteriores, que ocorrerão antes do fechamento da porta da graça. Esse fato, apenas, é suficiente para provar que a vinda do Senhor não ocorre ao término da proclamação do primeiro anjo.

13. A SEGUNDA MENSAGEM

“**E** outro anjo seguiu, dizendo: Caiu! Caiu Babilônia, aquela grande cidade que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição!”

Esse anjo é mencionado como o segundo, pois o que vem depois dele, na própria linguagem inspirada, é chamado de “terceiro”. Ao tecer comentários sobre uma linguagem tão simbólica, a primeira coisa a se fazer é determinar o significado do símbolo apresentado.

1. O que é, então, a Babilônia nesta mensagem? Aqui, ela é chamada, simplesmente, de “aquela grande cidade”. Mas em outro lugar, no livro de Apocalipse, fala-se dela de um modo que nos mostra uma solução correta dessa questão. Em Apocalipse 17:18, essa mesma cidade é chamada de mulher. “E a mulher que viste é a grande cidade que reina sobre os reis da terra”. Ora, quando usada como símbolo, a mulher, nas Escrituras, sempre representa uma organização religiosa, sendo que a igreja verdadeira é representada por uma mulher virtuosa – como no capítulo 12 – e a falsa, por uma mulher corrupta – como no texto acima e em muitos outros lugares. Babilônia é algo distinto dos poderes civis da Terra, pois, com ela, os reis da Terra formam conexões ilícitas. É o lugar onde o povo de Deus, como um corpo, está, pois ele é, em um determinado momento, chamado a sair de sua comunhão. Essas considerações mostram que não devemos olhar para a Babilônia de Apocalipse como uma cidade literal ou poder civil, mas como organizações eclesiais. Seria o caso, então, de alguma igreja em particular, excluindo todas as outras, ser designada pelo termo Babilônia? Não seria consistente assim supor, pois: 1) O termo Babilônia, que vem de Babel, onde Deus confundiu a linguagem dos homens, significa mistura, confusão. No sentido em que, conforme demonstramos, o termo é usado no livro de Apocalipse, ele deve denotar credos e sistemas religiosos conflitantes e discordantes. Mas isso não seria aplicável a alguma denominação religiosa específica, pois cada uma dessas denominações é, em maior ou menor grau, uma unidade. 2) O povo de Deus, que é chamado a sair de Babilônia, não está, como um corpo, ligado a nenhuma denominação em particular. Portanto, precisamos entender, pelo termo, todos os sistemas falsos

e corruptos do cristianismo. Poucos estarão dispostos a negar que as igrejas romana e grega estão incluídas aqui. Quanto às igrejas protestantes, é triste dizer que estas, em maior ou menor grau, se encontram identificadas com a guerra, têm sido por longo tempo o baluarte da escravatura americana, estão fatalmente conformadas com o mundo e são culpadas de uma longa lista de pecados, atribuída por Paulo aos professos cristãos dos últimos dias (2 Timóteo 3:1-5). Por essas razões, devem também ser consideradas como membros da família. Nesse ramo da família, encontramos esta mescla e confusão da multiplicidade de denominações e credos que, muito adequadamente, fazem jus à definição do termo.

2. O que é a queda de Babilônia? É uma queda moral, evidentemente. Em Apocalipse 18:1-5, onde um segundo e subsequente anúncio desse evento parece ser dado, lemos: “Caiu! Caiu a grande Babilônia e se tornou morada de demônios, e abrigo de todo espírito imundo, e refúgio de toda ave imunda e aborrecível!” Isto é, como resultado de sua queda, ela submergiu nessa deplorável condição. Tendo caído, sua iniquidade aumentou rapidamente, seus pecados chegaram ao Céu e o povo de Deus é chamado a sair dela (Apocalipse 18:4 e 5). Assim, sua queda é moral. Evidentemente, é absurdo aplicar isso a Roma, ou a qualquer outra cidade literal, onde habitam só uns poucos do povo de Deus, e de onde eles não puderam ser chamados para fora depois de sua queda ou destruição. A harmonia de aplicar o símbolo a um corpo religioso, que pode apostatar e se corromper, e do qual o povo de Deus pode ser, subsequentemente, chamado a sair, é igualmente clara, e a necessidade de tal aplicação, não menos evidente. Nenhuma outra é admissível.

É dito que a causa da queda de Babilônia foi o fato de ela ter feito com que “todas as nações [bebessem] do vinho da ira da sua prostituição”. Sua prostituição foi sua ligação ilícita com os reis da terra. O vinho é aquilo com que a igreja intoxicou as nações da terra. Existe apenas uma coisa à qual isso pode se referir: à falsa doutrina. Essa meretriz, como resultado de sua união ilícita com os poderes da terra, corrompeu as puras verdades da Bíblia, e com o vinho de sua falsa doutrina, intoxicou as nações. Alguns dos erros grosseiros que ela apresentou às massas como verdades bíblicas serão mencionados a seguir: 1) Que a alma é imortal. 2) Que a aspersão e

o derramamento de água são o batismo. 3) Que o domingo é o dia de descanso, ou o sábado cristão. 4) Que haverá mil anos de paz e prosperidade antes da vinda do Senhor. 5) Que a herança dos santos não é a terra renovada, mas uma região imaterial, intangível, além dos limites do tempo e do espaço. 6) Que o segundo advento deve ser entendido espiritualmente, ou que ele ocorreu por ocasião da destruição de Jerusalém, ou que ocorre por ocasião da conversão ou da morte. 7) Que é correto e bíblico manter seres humanos em escravidão. 8) Que não é importante, a julgar pela prática da igreja, sair ou separar-se do mundo. Denominações protestantes receberam a maior parte desses erros perniciosos da mãe romana, e outros erros tiveram, nelas próprias, sua origem. Isso mostra, de maneira conclusiva, que elas são nada menos que as filhas da grande apostasia.

Vimos que Babilônia é composta de várias divisões, e sabemos que seu nome é, frequentemente, aplicado para qualquer de suas partes. Portanto, o nome Babilônia pode ser aplicado para qualquer dessas divisões. Consequentemente, quando é anunciado que Babilônia caiu, isso não necessariamente significa que, como um todo, ela tenha experimentado uma mudança moral para pior. Isso seria verdade se essa mudança ocorresse em cada uma de suas grandes ramificações. O clamor “caiu, caiu Babilônia”, sendo dado após a primeira mensagem, é uma evidência de que a queda ocorreu naquela época.

As verdades ligadas à proclamação do primeiro anjo foram calculadas para corrigir muitos dos erros fundamentais de Babilônia, e para abrir o caminho para a recepção de toda a verdade, em lugar de suas falsas doutrinas. É inquestionável que esses erros foram mantidos, pelas diferentes igrejas, por ignorância. Mas, depois que uma pessoa recebe luz suficiente, de maneira que ela possa abandonar um erro, ela se torna culpada ao manter-se nesse erro. Assim, quando Babilônia, através da proclamação da primeira mensagem, foi chamada a corrigir seus erros e a resgatar sua influência sobre as pessoas, e se recusou a fazê-lo, ela se tornou culpada de, deliberadamente, recusar receber a verdade, fazendo com que as nações ficassem intoxicadas com seus falsos ensinamentos. Da mesma forma, quando o povo de Deus é chamado a sair dela, depois de sua queda, ele também se torna culpado por manter sua ligação com ela. Portanto,

a proclamação da queda de Babilônia vem após a primeira mensagem, e descreve as consequências de rejeitá-la. Já foi mostrado que essa primeira mensagem diz respeito à presente geração. E Apocalipse 18 mostra que a queda de Babilônia deve ocorrer nos últimos dias, pois esta queda tem lugar exatamente antes de sua destruição final dessa grande meretriz. Mas, ao olharmos para a cristandade apóstata, vemos que as igrejas romana e grega não são mais corruptas agora do que o foram em várias eras no passado, seja na doutrina, seja na prática. Nenhuma mudança notável ocorreu, para pior, nessas corporações, na presente geração, e quase não há espaço para que se tornem piores do que já têm sido por séculos. Olhamos, portanto, para as corporações religiosas que compõem a grande família protestante, para identificar o cumprimento da segunda mensagem, especialmente em nosso próprio país, os Estados Unidos da América, onde a primeira mensagem foi proclamada de maneira mais definida. Levanta-se, agora, a indagação: Tem havido algum declínio moral nessas corporações, de que a presente geração possa se lembrar? Será que essa mudança ocorreu por volta do período da primeira mensagem? Têm elas, desde então, enchido sua taça de iniquidade, conforme representado em Apocalipse 18? Se sim, encontramos o alvo para uma inequívoca aplicação da segunda mensagem.

Mas, para não parecer que estamos julgando essas denominações, já que poderíamos ser acusados de não estar fazendo um julgamento imparcial, deixaremos que seus próprios membros falem. O seu testemunho responderá à questão. E, para mostrar que não estamos sozinhos ao classificar as denominações protestantes populares como parte da Babilônia, apresentaremos os trechos seguintes. Se eles mesmos o afirmam, não estamos dispostos a contestar.

O Sr. William Kinkade, em seu livro “Bible Doctrine” [Doutrina Bíblica], p. 294, diz:

Eu também acho que Cristo tem uma igreja verdadeira na terra, mas os seus membros estão espalhados entre várias denominações, estando, em maior ou menor grau, sob a influência da misteriosa Babilônia e de suas filhas.

O Sr. Hopkins, num tratado sobre o milênio, diz:

Não há nenhuma razão para considerar que o espírito e as práticas anticristãs estejam confinados àquilo que, agora, se chama Igreja

de Roma. As igrejas protestantes têm muito do anticristo dentro delas, e estão longe de ser inteiramente reformadas de suas corrupções e perversidades.

O Sr. Simpson, em seu “Plea for Religion” [Apelo pela Religião], diz: Embora o papa e a Igreja de Roma estejam à frente do grande engano dos 1.260 anos, todas as demais igrejas, não importando a denominação, seja estabelecida, seja tolerada, que partilham do mesmo espírito ou que tenham instituído doutrinas ou cerimônias hostis ao puro e inalterado evangelho de Cristo, mais cedo ou mais tarde compartilharão da sorte desse imenso tecido de ordenanças humanas. E, o fato de que as igrejas protestantes estejam imitando a Igreja de Roma, na pior parte de sua conduta, nunca pode ser lamentado o suficiente.

Alexander Campbell diz:

Os estabelecimentos de adoração, ora em uso pela cristandade, aumentados e sedimentados por suas respectivas e volumosas confissões de fé e constituições eclesiásticas, não são igrejas de Jesus Cristo, mas as filhas legítimas da mãe das meretrizes, a Igreja de Roma.

Lorenzo Dow diz da Igreja Romana:

Se ela é a mãe, quem são as filhas? Devem ser as igrejas corrompidas e estabelecidas nacionalmente que dela saíram (*Dow's Life*, p. 542).

Na *Religious Encyclopedia* (Art. Anticristo), lemos:

O escritor do livro de Apocalipse nos diz que ouviu uma voz do Céu dizendo: “Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados e para que não incorras nas suas pragas”. Se é verdade que essas pessoas se encontram na “mãe das meretrizes”, com muito menos hesitação se pode inferir que elas estão ligadas às suas impuras filhas, aquelas igrejas nacionais que estão fundamentadas sobre o que é chamado de “princípios protestantes”.

Na primavera e verão de 1844, uma mensagem distinta foi proclamada, anunciando a condição caída das igrejas, e o resultado foi que, cinquenta mil crentes na imediata vinda de Cristo, aceitaram o chamado para sair delas. Os testemunhos das igrejas que eles haviam deixado só contribuíram para convencê-los de que estavam corretos quanto à condição caída delas, e de que tinham feito a vontade de Deus ao separar-se dessas igrejas.

O *Christian Palladium* [Salvaguarda do Cristão] de 15 de maio de 1844, diz o seguinte, em tom lamentoso:

Ouvimos esse doloroso som vindo de todas as direções, pairando sobre cada brisa do céu, enregelante como as rajadas dos icebergs do norte, o qual se acomoda, qual opressivo fardo, sobre o peito dos tímidos, e suga por completo as energias dos fracos. Essa mornidão, divisão, anarquia e desolação estão desgraçando as fronteiras de Sião.

O *Religious Telescope* [Telescópio Religioso] de 1844 usa a seguinte linguagem:

Nunca testemunhamos um declínio tão generalizado da religião como agora. Verdaderamente, a igreja deveria despertar e pesquisar a causa desse mal, pois cabe a cada um que ama Sião estar atento a qualquer calamidade. Quando paramos para pensar como são “poucos e raros” os casos de verdadeira conversão, e como a impenitência e a dureza atuais dos pecadores se mostram quase sem paralelo, exclamamos quase involuntariamente: “Terá Deus Se esquecido de ser gracioso, ou estaria já a porta da misericórdia fechada?”

Estes são apenas alguns dos muitos testemunhos, igualmente importantes, que poderiam ser citados, pois são amostras do todo. Pode ser dito que nossas ideias sobre a queda moral e a morte espiritual das igrejas se mostram incorretas, diante dos grandes reavivamentos de 1858. Mas sobre os frutos desses reavivamentos, deixemos que os principais jornais congregacionais e batistas de Boston deem testemunho. Diz o *Congregationalist* de 19 de novembro de 1858:

A piedade resultante do reavivamento de nossas igrejas não é algo que se possa inferir, confiantemente, a partir de sua mera existência, e de seus frutos legítimos e práticos. Por exemplo, deveria ser bastante evidente, depois de tamanha chuva de graças, que as tesourarias de nossas sociedades beneficentes estivessem cheias, como acontece após uma abundante chuva, que faz com que os riachos transbordem em seus leitos. Mas os administradores de nossas sociedades estão lamentando a insignificante ajuda e solidariedade das igrejas.

Há outra ilustração, ainda mais triste, da mesma verdade. O *Watchman and Reflector* [Sentinela e Refletor] recentemente declarou que nunca houve, entre os batistas, uma propagação tão lamentável de dissenção na igreja como a que se vê hoje. E o fato triste que foi mencionado é que esse pecado infecta as próprias igrejas que participaram mais intensamente do último reavivamento. Outro fato ainda mais desanimador é acrescentado, a saber, que esses antagonismos surgiram, na maioria dos casos, em meio ao próprio cenário no qual havia ocorrido o despertar. Uma simples passada de olhos pelos jornais semanais de nossa denomi-

nação evidenciará que o mal não está, de modo algum, confinado aos batistas. Talvez nossas próprias fileiras jamais tenham exibido um registro tão humilhante de contendas e de litígios eclesiásticos, como os testemunhados durante os últimos meses.

Um pastor presbiteriano de Belfast, Irlanda, usa a seguinte linguagem ao se referir aos recentes reavivamentos nos Estados Unidos:

A determinação de esmagar todos os ministros que pregam contra o pecado nacional deles [a escravidão], e a determinação de sufocar e suprimir o ensinamento claro das Escrituras, podem avançar e ser concretizadas, ao mesmo tempo em que os cristãos de Nova York esperam que o mundo religioso aclame seus reavivamentos. Até que as igrejas da América, em deplorável estado de degradação, façam a obra de Deus em sua própria terra, elas não terão vitalidade espiritual para comunicar a outros. Seus reavivamentos, no mundo religioso, equiparam-se a seus gritos exibicionistas de liberdade, no meio político, misturados aos gemidos dos escravos (*New York Independent*, dezembro de 1859).

Durante o período do grande reavivamento irlandês, no ano passado [1859], a Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana da Irlanda teve sua sessão em Belfast. Diz o *News-Letter* de Belfast de 30 de setembro:

Dentre este venerável corpo de ministros e anciãos, encontramos dois ministros abertamente desmentindo um ao outro, e a Assembleia Geral inteira virou um cenário de confusão, beirando um motim.

Não é necessário comentar esses tristes fatos. Na Irlanda, os ministros do evangelho se mostram incapazes de se reunir em assembleia geral, sem que haja um tumulto. Na América, orações pelos escravos não eram permitidas nas reuniões de reavivamento. Não é à toa que o fruto da genuína piedade dificilmente seja encontrado.

Quão diferente se tornou essa grande cidade daquilo que Deus designou para o Seu povo! A igreja de Cristo deveria ser a luz do mundo, uma cidade construída sobre um monte, a qual não se pode esconder (Mateus 5:14-16). Em vez disso, porém, Seu professo povo se uniu com o mundo, e estabeleceu afinidades com ele. Essa união ilícita da igreja com o mundo (Tiago 4:4) resultou em sua rejeição por parte de Deus; pois, como pode o Deus da verdade e da santidade reconhecer como Seus os que, além de terem se afastado do seu Senhor, também rejeitaram, com escárnio, as novas de Sua breve volta?

O seguinte parágrafo foi extraído de uma palestra apresentada na Escola de Teologia de Cambridge, Massachusetts:

Acredito que nenhum homem, em são juízo, possa entrar numa de nossas igrejas sem sentir que, qualquer influência que o culto público pudesse ter sobre as pessoas, desapareceu, ou está desaparecendo. Ele perdeu o seu impacto sobre as afeições dos bons e sobre o temor dos maus. Há indícios de que o caráter e a religião estão sendo afastados das reuniões religiosas. Ouvei uma pessoa devota, que amava o dia de descanso sagrado, dizer com amargura de coração: “Parece perverso ir à igreja aos domingos”. E os motivos que ainda mantêm os melhores ali são a esperança e a expectativa.

O Prof. S. C. Bartlett, de Chicago, diz, no *Independent* de Nova York:

A religião, agora, está numa posição diferente do metodismo de então. De certa maneira, ela é bem respeitada. O cristianismo, em nossos dias, é bem sucedido. Os homens “falam bem dele”. Ex-presidentes e estadistas têm estado dispostos a associar a imagem de suas carreiras ao reconhecimento de suas reivindicações. E, a popularidade da religião tende, em grande medida, a aumentar o número dos que desejam garantir seus benefícios sem cumprir, com honestidade, os deveres dela. A igreja corteja o mundo e o mundo acaricia a igreja. A linha de separação entre os religiosos devotos e os sem religião se dissipa em uma espécie de penumbra, e homens zelosos, em ambos os lados, estão trabalhando arduamente para obliterar todas as diferenças entre seus modos de ação e recreação.

Para mais testemunhos vindo de seus próprios lábios a respeito da situação das igrejas, sua cobiça, seu orgulho quanto aos seus edifícios, o canto operístico que há em seus cultos, suas apostas religiosas, seu endosso à dança, seu zelo pelos prazeres mundanos, seu orgulho e apego à moda, recomendamos ao leitor as obras intituladas “As Três Mensagens” e “A Situação das Igrejas”, à venda nos escritórios da Review, Battle Creek, Michigan.

14. A TERCEIRA MENSAGEM

“**E**os seguiu o terceiro anjo, dizendo com grande voz: Se alguém adorar a besta e a sua imagem e receber o sinal na testa ou na mão, também o tal beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro. E a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm repouso, nem de dia nem de noite, os que adoram a besta e a sua imagem e aquele que receber o sinal do seu nome. Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (Apocalipse 14:9-12).

Esta é a mais solene advertência contida na Bíblia. Uma vez que a pena da inspiração registrou esse alerta para nossa instrução, será sábio, de nossa parte, ouvi-lo e obedecê-lo. É certo que a história da igreja não apresenta qualquer testemunho de que essa mensagem tenha sido ouvida no passado. E, o fato de que o primeiro e o segundo anjos dessa série se dirigem à presente geração, estabelece muito claramente que mensagem não pertence a épocas passadas. Disse J. V. Himes, em 1847:

Mas o capítulo 14 [de Apocalipse] apresenta um retumbante clamor, nunca antes ouvido, como uma advertência à humanidade, nessa hora de grande provação (versos 9-11). Nenhuma outra denúncia, tão assustadora quanto esta, de ira, pode ser encontrada no livro de Deus. Não seria ela o anúncio de uma intensa provação, já que exige uma admoestação tão terrível?

Convém destacar, aqui, três símbolos empregados nessa mensagem, a saber, a besta, sua imagem e sua marca, e chamar a atenção para outros quatro pontos específicos abordados por ela. São eles: a paciência dos santos, os mandamentos de Deus, a fé de Jesus e a ameaça do castigo.

1. A besta. O modo familiar com que a besta, sua imagem e sua marca são apresentadas nessa mensagem, mostra que estes são símbolos explicados em outro lugar da Palavra profética, pois quando um símbolo é, pela primeira vez, apresentado na profecia, especificações e características particulares são fornecidas, a fim de conduzir o humilde investigador da verdade à compreensão dele. Não encontramos essas características particulares, concernentes aos símbolos aqui apresentados, nessa mensagem.

Portanto, devemos procurá-los em outras partes do livro de Apocalipse. No capítulo 13, do verso 1 em diante, encontramos um poder apresentado sob o símbolo e sob o nome de “uma besta”. O momento em que ela surgiria e o modo como atuaria são fornecidos, suas características são apresentadas, sua obra é descrita, o tempo de sua duração é declarado e o término de sua trajetória é predito. É certo que esta é a besta mencionada na terceira mensagem, pois ela é o único símbolo, no livro de Apocalipse, que leva o título de “a besta”, sem qualquer descrição adjacente. No verso 11 do capítulo 13, outra besta é apresentada, mas, depois de ser chamada pela primeira de “outra besta”, ela passa a ser designada, na *King James Version*, em inglês, pelo pronome “he” [ele]. Esta outra besta faz uma imagem para a primeira besta, e faz com que todos recebam a marca daquela besta. Nenhuma outra imagem ou marca referentes a qualquer besta são apresentadas em qualquer outro lugar. Assim, essas são as bestas a que se refere a terceira mensagem. Portanto, os símbolos diante de nós são, todos eles, descritos no capítulo 13 de Apocalipse.

Perguntamos, então: que poder é representado pela besta? Para responder a essa pergunta, temos que voltar ao capítulo 12, onde encontramos um poder simbolizado por um grande dragão vermelho, que é o que precede de forma imediata a besta do capítulo 13. As sete cabeças e os dez chifres desses dois símbolos mostram que eles representam duas fases do mesmo poder. Por consenso universal dos comentaristas protestantes, o grande dragão vermelho é considerado uma representação da Roma pagã. A forma seguinte assumida por Roma, após a sua forma pagã, foi a forma papal. A Roma papal sucedeu à Roma pagã. O dragão cedeu seu trono, poder e grande autoridade para a besta. Assim, a besta não representa nenhum outro poder além da Roma papal.

Isso é mostrado, com clareza adicional, pela semelhança que existe entre essa besta e o chifre pequeno de Daniel 7:8, 19-26, o qual simboliza o papado – e nesse ponto todos os comentaristas protestantes concordam. Se o leitor comparar cuidadosamente os versos mencionados de Daniel 7 com Apocalipse 13:1-10, verá que: 1) Os dois poderes são blasfemos e falam insolências e blasfêmias contra Deus. 2) Os dois poderes fazem guerra contra os santos e prevalecem contra eles, ou os derrotam. 3) Os

dois têm bocas que proferem insolências. 4) Os dois sucedem à forma pagã do império romano. 5) Os dois continuam por um tempo, tempos e metade de um tempo, ou 1.260 anos. 6) Os dois perdem o domínio no fim do período especificado. Ora, aí estão pontos que provam a semelhança e identificação entre os poderes. Na realidade, quando temos, na profecia, dois símbolos, como nesse exemplo, representando poderes que sobem ao cenário ao mesmo tempo, ocupam o mesmo território, mantêm o mesmo caráter, executam a mesma obra, duram pela mesma extensão de tempo, surgem na mesma época, e, ao término de seu período de duração, têm a mesma sorte, esses símbolos representam o mesmo poder. Ora, todos esses detalhes se aplicam tanto ao chifre pequeno de Daniel 7, como à besta de Apocalipse 13, mostrando, de forma conclusiva, que ambos representam o mesmo poder. Não é preciso dizer mais nada para mostrar que a besta é o papado. Para os que desejarem investigar o assunto de forma mais extensa, há obras publicadas pela *Review and Herald* que tratam do tema.

2. A imagem. Esta é a imagem da besta que acabamos de considerar. Uma imagem é uma representação, uma semelhança, cópia ou imitação de alguma pessoa ou coisa. Como a besta é a igreja papal, uma igreja que tem poder civil para aplicar seus decretos e para determinar qualquer castigo que desejar para o crime de heresia, uma imagem dessa besta deve ser uma organização eclesiástica que possua essas mesmas características essenciais, e esteja estabelecida sobre as mesmas bases. Podemos encontrar, em algum lugar, a possibilidade ou qualquer indicação de um movimento desse tipo? O poder que faz a imagem é a segunda besta de Apocalipse 13, que é chamada de outra besta, e que tem dois chifres como os de um cordeiro. Qualquer indagação com respeito à imagem requer um exame prévio do que simboliza essa besta com dois chifres. Mas não há espaço para isso nesta obra. Apenas algumas proposições essenciais podem ser apresentadas aqui, que julgamos suficientes para nossa argumentação. Amplas provas para essas afirmações podem ser encontradas em outras publicações. 1. A besta com dois chifres é um símbolo dos Estados Unidos da América. 2. Seus dois chifres representam os dois princípios fundamentais desse governo, a saber, o republicanismo e o protestantismo. 3. Ela ocupa o território que satisfaz as especificações da profecia, pois, como

ela é a outra besta, deve estar localizada fora do território ocupado pela primeira besta e seus dez chifres. 4. Ela foi vista emergindo no momento certo, ou seja, quando a primeira besta foi levada cativa, em 1798. Essa nação estava, então, começando a atrair a atenção do mundo como um poder em desenvolvimento e em rápida ascensão. 5. Ela tem a forma correta de governo, o qual, de acordo com a profecia, deve ser republicano, não monárquico. 6. Ela está desempenhando a obra que lhe foi especificada na profecia. Em resumo, ela se encaixa, de maneira muito admirável, em cada aspecto da descrição profética.

A formação da imagem ainda é futura, mas, se estivermos certos quanto à aplicação das características da besta com dois chifres, temos que procurar por essa imagem em nosso próprio país, e não em um futuro muito distante, pois a carreira de todos os governos terrestres deve logo se encerrar com a vinda do dia do Senhor. Notemos, então, como o caminho está sendo preparado para este último grande ato da besta de dois chifres. Sob a branda influência de um dos chifres, semelhante ao de um cordeiro, representando o princípio protestante de que todos têm liberdade para adorar a Deus de acordo com os ditames de sua própria consciência – princípio este que o governo tem, até agora, garantido a todos os seus cidadãos –, igrejas têm se multiplicado neste país. Mas essas igrejas rejeitaram a luz e a verdade, e, como um corpo, sofreram uma queda moral. Uma lista de vinte características imorais, sem nenhuma boa sequer, compõe a fotografia apresentada por Paulo, em 2 Timóteo 3:1-5, das igrejas populares destes últimos dias. Mas muitos do povo de Deus ainda mantêm ligação com essas igrejas e precisam ser chamados (Apocalipse 18:4). Quando isso se concretizar, quando todos os bons tiverem deixado as igrejas nominais e toda sua influência salvadora tiver sido retirada dessas comunidades religiosas, então teremos os elementos adequados para a formação de uma imagem da besta, pois elas estarão prontas para quaisquer atos de perseguição e opressão contra o povo de Deus – atos que aqueles que voluntariamente se tornaram cativos de Satanás praticarão, instigados por ele. Onde poderíamos encontrar uma imagem da mãe das meretrizes senão nas filhas? Podemos ter certeza de que a criança se desenvolverá de acordo com a perfeita imagem de sua mãe. Quando essas igrejas caídas,

das quais os bons terão saído e a graça de Deus terá sido retirada, formarem uma organização eclesiástica, e o governo lhes conceder poder (o qual, naturalmente, não terão até que o governo lhes conceda) para impor seus dogmas sob a pena da lei civil, o que teremos, então? Uma imagem exata da primeira besta, uma igreja revestida de poder para impor suas doutrinas sobre os dissidentes, sob fogo e espada. A história e a analogia provam que as igrejas, sob a condição para a qual estão rapidamente se dirigindo, estarão prontas para esse trabalho. Aqui estaria uma organização separada do governo, sem representar parte dele, mas por ele criada, formando uma réplica perfeita para a cumprimento da profecia da imagem da besta.

Perguntamos agora: há algum indício da formação de um movimento desse tipo? Respondemos que sim, como demonstrarão algumas das muitas citações que podem ser apresentadas, as quais mencionaremos a seguir. Convém lembrar que primeiro é “dito” aos que habitam na terra, o povo da nação, que eles devem fazer uma imagem para a besta (cf. Apocalipse 13:14). A questão deve ser primeiro discutida, e o movimento, recomendado, antes que a opinião pública seja preparada para uma ação decisiva quanto ao assunto.

O Dr. Lyman Beecher, citado por Lorenzo Dow, diz:

Há um estado social a ser formado por uma combinação extensa de instituições religiosas, civis e literárias, que não pode existir sem a cooperação de um ministério letrado.

O Reverendo Charles Beecher, em seu sermão proferido na dedicação da Segunda Igreja Presbiteriana de Fort Wayne, Indiana, em 22 de fevereiro de 1846, disse:

Assim se encontram os ministros das denominações evangélicas protestantes: além de todo o seu processo de formação ser realizado sob uma tremenda pressão de medo meramente humano, eles vivem, se movem e respiram em meio a um estado de coisas radicalmente corrupto, que apela a cada momento, falando a todo elemento mais baixo de sua natureza, a que silenciem a verdade e dobrem os joelhos ao poder da apostasia. Não foi assim que aconteceu com Roma? Não estamos vivendo sua vida uma vez mais? E o que vemos bem diante de nós? Outro Concílio Geral! Uma convenção mundial! Aliança evangélica e credo universal!

Em um discurso apresentado em Nova York, o Sr. Havens disse:

De minha parte, espero ver o dia em que um Lutero se levantará neste país para fundar uma grande Igreja Católica Americana, em vez de uma grande Igreja Católica Romana. Ele ensinará aos homens que eles podem ser bons católicos sem professar fidelidade ao pontífice do outro lado do Atlântico.

O *Northwestern Christian Advocate* [Advogado Cristão do Noroeste], de 10 de dezembro de 1862, diz o seguinte a respeito da mensagem do presidente:

O Magistrado Chefe não vê nos dogmas do passado silencioso algo que seja semelhante ao tempestuoso presente. Ele vê que é preciso fazer a história. Ele vê, ainda, que a União poderá ser salva se o cristianismo e o estado derem as mãos.

Já existem alguns movimentos que foram inaugurados para formar uma grande união de igrejas populares. O Reverendo J. S. Smart (metodista), num sermão publicado sobre os “deveres políticos dos homens e ministros cristãos”, diz:

Eu afirmo que temos, e devemos ter, tanta preocupação com o governo deste país como quaisquer outros homens. [...] Somos a maioria do povo. A virtude neste país não é fraca; suas fileiras são fortes em números e invencíveis, graças à justiça de sua causa. Invencíveis se estiverem unidas! Não permitamos que suas fileiras sejam fraturadas por nomes de partidos.

Em um discurso proferido na cidade de Nova York sobre “O Conflito Vindouro”, em fevereiro de 1866, o orador disse:

Está chegando o momento em que será feita uma tentativa de enxertar uma religião nas leis do país, tornando absolutamente necessário que candidatos a cargos públicos estejam vinculados a essa forma de religião.

Acaba de ser formada uma associação, com o propósito de assegurar a adoção de certas medidas que visam a uma emenda da Constituição Nacional, de maneira que ela manifeste as ideias religiosas da maioria e, especialmente, imponha a guarda do domingo sob o nome popular de “sábado cristão”. Ela é chamada de “Associação Nacional”, e entre seus oficiais está incluída uma longa lista de reverendos, doutores em divindade, excelências, cavalheiros, etc. Eles dizem:

Homens de alta reputação, de todas as origens, de cada parte do país e de cada matiz de convicção política e crença religiosa concordaram com a medida.

Em seu apelo, eles pediram com seriedade para que todos os que amam seu país se unam na formação de associações auxiliares, que circulem documentos, assistam a convenções, assinem o memorial para o Congresso, etc., etc.

Em seu pedido por uma emenda constitucional, eles convidam o povo a que:

Considere o fato de que Deus não é, nem uma vez, mencionado em nossa Constituição Nacional. Não há nada nela que exija um “juramento por Deus”, como a Bíblia o chama (o qual, afinal, é a grande garantia de lealdade do cidadão e de fidelidade do magistrado), nada que exija a observância do dia de descanso e de adoração, ou que se refira a sua santidade. O fato de não termos entrega de correspondência nem agências de correios abertas aos domingos, é consequência de termos um Diretor Geral dos Correios que respeita o dia. Se nossa Suprema Corte não funciona no domingo, e se o Congresso não se reúne nesse dia, é o costume, não a lei, que assim o determina. Nada na Constituição impõe o descanso do domingo à alfândega, ao arsenal da marinha, aos quartéis ou a qualquer outro departamento do governo.

Considerem que eles expressam, em boa medida, o pensamento da maior parte do povo americano. Este povo é um povo cristão. Essas emendas estão de acordo com a fé, os sentimentos e as formalidades de cada igreja ou denominação cristã. Os católicos e os protestantes, os unitarianos e os trinitarianos professam e aprovam tudo o que está sendo proposto aqui. Por que os seus desejos não se tornariam leis? Por que não fazer com que a Constituição se adeque e represente um grupo de pessoas que constitui tão esmagadora maioria? [...] Essa grande maioria está se tornando, diariamente, mais consciente, não apenas de seus direitos, mas também de seu poder. Seu número está crescendo e suas fileiras se tornando mais sólidas. Sem fazer alarde, eles se opõem à infidelidade, até o ponto de se tornarem, no mínimo, politicamente impopulares. Eles têm assegurado os direitos do homem e os direitos do governo, chegando a fazer com que a fé da nação nesses pontos se torne declarada e mensuravelmente firmada. E, agora que o fim da guerra nos dá oportunidade de fazer emendas na nossa Constituição, para que ela possa representar clara e plenamente o pensamento do povo sobre esses pontos, eles acham que ela também devia sofrer emendas a fim de reconhecer

os direitos de Deus sobre o homem e sobre o governo. Não seria mais do que legítimo que eles, depois de sua longa espera paciente, tenham, finalmente, a permissão de reconhecer, corajosamente, os grandes fatos e princípios que dão ao governo sua dignidade, estabilidade e benevolência?

Apresentamos essas citações apenas para mostrar a tendência da agitação popular quanto a esse assunto. Elas mostram o que vai no coração de líderes das igrejas populares, e o que eles planejam fazer assim que chegarem ao poder. São evidências confirmatórias de que as aplicações que fazemos da besta com dois chifres e da imagem formada por ela estão corretas.

3. A marca e a adoração da besta. A besta com dois chifres faz com que as pessoas adorem a primeira besta e recebam sua marca. A adoração e a marca são igualmente impostas pela besta com dois chifres. É contra essa adoração e essa marca que o terceiro anjo nos adverte. Torna-se, então, muito solene indagar o que querem dizer essas expressões, uma vez que sua mensagem faz, contra essas coisas, não importando o que representem, uma denúncia mais séria do que qualquer outra ameaça que possa ser encontrada na Palavra de Deus. Seu pecado deve ser de natureza extremamente presunçosa e atrevida. Mas qual será ele? Muitos estão prontos para afirmar que nunca poderemos descobrir, e também nos acusar de bisbilhotar coisas secretas ao fazermos tal pergunta. Mas isso é possível? Se não pudermos descobrir o que são a marca e a adoração, ficaremos sujeitos a, respectivamente, recebê-la e prestá-la sem saber. Ficaremos, assim, sujeitos à terrível ameaça de castigo. Mas será que Deus castigaria uma pessoa por pecados que ela não sabe estar cometendo? Nunca. Seria contrário aos princípios que fundamentam, até hoje, Seu trato com a humanidade, e contrário à justiça de Sua própria natureza. E uma mensagem especial, a do terceiro anjo, é enviada para advertir as pessoas, não contra algo que nunca conhecerão, mas contra um ato claro e aberto de deslealdade a Deus, o qual a besta de dois chifres irá requerer deles. Caso cedam, elas deverão beber da ira sem mistura de Deus. Voltamos a indagar: o que é a marca da besta?

A besta, conforme já vimos, é o papado. A besta com dois chifres, que há de impor a marca, é o nosso próprio governo. Qual é a marca do papado que esta nação vai impor? Deve ser algo que eles têm em comum e

em que ambos estão igualmente interessados. A marca de qualquer poder precisa ser algo que possa distinguir os adeptos desse poder. Isso ninguém pode discutir. E o que distingue os adeptos de qualquer poder deve ser alguma lei, requerimento ou instituição desse poder. Não pode ser outra coisa. A marca da besta, então, deve ser, naturalmente, algum requerimento de natureza religiosa, instituído pelo papado, e para o qual ele reclama a obediência de seus seguidores, como um sinal de seu direito de legislar sobre assuntos religiosos. Com base nos princípios mencionados acima, que devem ser admitidos como sólidos, essa é uma conclusão inevitável.

Novamente, foi mostrado que a besta é idêntica ao chifre pequeno de Daniel 7. Sobre esse poder, é dito que ele “cuidar[ia] em mudar os tempos e as leis”. Que leis são essas, que o papado cuidaria em mudar, sem ter, no entanto, o poder de mudá-las? Devem ser as leis divinas, as leis de Deus, pois todas as leis humanas podem ser mudadas por poderes terrestres. Esse poder é novamente trazido à tona, sob o título de “o homem do pecado” (2 Tessalonicenses 2:3), e é dito que ele “se levanta contra tudo que se chama Deus”. Como ele poderia fazer isso? Há uma maneira, e apenas uma, de fazer isso: mudar a lei de Deus, colocando um decreto de sua própria autoria no lugar de alguns dos requerimentos dela, e exigindo obediência a essa mudança, em violação à lei de Deus.

Em todos esses testemunhos, as evidências, de forma maravilhosamente harmoniosa, nos levam à conclusão de que o papado iria promulgar algum decreto envolvendo uma mudança na lei de Deus; e a obediência a essa mudança significaria reconhecer a supremacia do papado em assuntos religiosos. Se pudermos encontrar um decreto papal dessa natureza, este certamente corresponderá à marca da besta. Será mais fácil avançar com nossas investigações se recorrermos diretamente à igreja romana em busca de informações. Encontramos, entre suas afirmações e instituições, algo dessa natureza? Certamente que sim. E alguns protestantes podem se surpreender ao descobrir que consiste na instituição do domingo como substituto do sábado do quarto mandamento. Veja o que a igreja afirma sobre a assunto da mudança do Sábado:

Pergunta: Vocês têm alguma outra maneira de provar que a *Igreja tem poder* para instituir festas religiosas como preceitos?

Resposta: Se não tivesse tal poder, ela não teria conseguido fazer aquilo que todos os religiosos modernos reconhecem que ela fez: ela não poderia ter *substituído* a observância do sábado, o sétimo dia, pela *observância do domingo*, o primeiro dia da semana, uma mudança para a qual não há nenhuma autoridade bíblica” (*Doct. Catechism*).

Pergunta: Como vocês provam que a igreja *tem poder* para ordenar festas e dias santos?

Resposta: Pelo *próprio ato de transformar o sábado em domingo*, o que os protestantes acatam. Portanto, eles ingenuamente se contradizem, ao guardar estritamente o domingo e quebrar a maioria das outras festas ordenadas pela mesma igreja.

Pergunta: Como vocês provam isso?

Resposta: Ao guardarem o domingo, eles *reconhecem o poder que a Igreja tem* de ordenar festas, etc. (*Abridgement of Christian Doctrine*, p. 57-59).

Essas são citações de obras oficiais da Igreja Católica, que estabelecem claramente a reivindicação dessa igreja. Quando uma pessoa é acusada de um crime e o confessa, geralmente se considera que isso é suficiente para definir a questão, e descarta-se a necessidade de qualquer nova investigação. A profecia declara que o chifre pequeno cuidaria em mudar os tempos e as leis, e aqui o papado afirma ter realizado exatamente esse ato. Ou admitimos sua afirmação, ou descartamos a profecia por ser deficiente, pois não se pode apresentar nenhum outro cumprimento para ela. Que necessidade haveria de maiores evidências? Note, também, como essa obra do papado está em admirável conformidade com todas as profecias que lhe dizem respeito. 1. É uma mudança da lei de Deus, exatamente como aquela que o chifre pequeno haveria de realizar, pois o quarto mandamento requer a observância do sétimo dia como memorial da criação, ao passo que a ordenança papal requer a observância do primeiro dia por outra razão. 2. É uma obra por meio da qual o papado se coloca acima de Deus, como o homem do pecado faria, pois ele coloca sua instituição no lugar da de Jeová e exige obediência, com base em sua própria autoridade, em detrimento do requerimento de Deus. 3. Envolve, da parte dos que deliberadamente se submetem a essa instituição, a adoração que a besta deveria receber dos que habitam sobre a terra (Apocalipse 13:8). 4. Ela entra em choque com os mandamentos de Deus, que guardarão aqueles que se

recusam a receber a marca da besta e a adorá-la (Apocalipse 14:12). 5. Ela é considerada um sinal da autoridade da igreja para ordenar instituições religiosas, exatamente o que a marca da besta tem a intenção de mostrar, pois as palavras “[o] *próprio ato* de transformar o sábado em domingo”, são consideradas, por essa igreja, como uma prova do seu poder para ordenar festas e dias santos; e a observância dessa instituição é, por eles, considerada como um *reconhecimento* de tal poder. 6. Os protestantes aprenderam esse erro com a igreja romana, e, embora se baseiem em motivos diferentes para praticá-lo, eles são igualmente cuidadosos quanto à observância da instituição, e igualmente zelosos em sua preservação. Como citado acima, no discurso da “Associação Nacional” para a emenda constitucional, católicos e protestantes estão igualmente interessados nessa questão. E, naturalmente, os protestantes estarão prontos a se unir aos católicos para sustentar aquilo que lhes é igualmente precioso.

Temos aqui, então, uma instituição do papado que, de maneira admirável, satisfaz a cada especificação da profecia. Além disso, é bastante curioso que esta nação, embora protestante, esteja dando passos para fazer dela uma instituição nacional, e logo estará pronta para impô-la através da autoridade civil. Para obter provas de que a guarda do domingo não tem fundamento nas Escrituras, mas que se trata de uma instituição do papado, como afirmam os católicos, ver História do Sábado de J. N. Andrews e outras obras publicadas pela Review.

Sendo assim, se a guarda de um falso sábado, o primeiro dia da semana, por tanto tempo observado, constitui a marca da besta, não há dúvida de que muitos perguntarão se os devotos do passado, que viveram em observância a essa instituição, teriam recebido a marca da besta e prestado adoração a esse poder anticristão, e se os muitos cristãos da atualidade, que ainda estão guardando o primeiro dia, estão adorando a besta e recebendo a sua marca. Os que desejam suscitar um preconceito cego contra as ideias dos adventistas do sétimo dia, descrevem-nos como se ensinássemos assim. Mas essa descrição é falsa. Esse não é nosso ensinamento, e nossas premissas não geram tal conclusão. Já foi mencionado que a marca e a adoração da besta são, ambas, impostas pela besta com dois chifres. Ora, tendo em vista esse fato, não pode haver adoração nem recebimento da

marca, tal como contemplado pela profecia, antes que isso seja imposto por esse poder. A grande maioria dos protestantes que guarda o primeiro dia da semana como o dia de descanso, embora esta seja uma instituição do papado, não tem a menor ideia de que ela tenha qualquer ligação com esse falso sistema de adoração. Esses protestantes, ao guardarem o domingo sem qualquer consciência do poder que o originou, supondo, honestamente, estarem guardando uma instituição bíblica, estariam adorando a besta? De maneira nenhuma. Eles receberam a marca da besta? Absolutamente não. A denúncia contida na terceira mensagem é contra os que, conscientemente, guardam o domingo como uma instituição da besta. Ela tem a ver com os que têm luz sobre o assunto, e apenas com esses. E, quando essas pessoas esclarecidas, que conhecem o que Deus requer e o que a besta requer, vierem a se submeter servilmente aos ditames da besta para evitar perseguições, afastando-se covardemente daquilo que sabem que Deus requer, motivadas por interesses mundanos, elas fazem, com esse ato, com que seu pecado se torne demasiadamente presunçoso e desafiador aos olhos de Deus. É isso que leva o terceiro anjo a pronunciar sua terrível ameaça. Mas os bons cristãos do passado não guardavam o dia com esse conhecimento, nem por qualquer um desses motivos.

O mesmo ocorre com a massa de protestantes dos nossos dias. Mas a terceira mensagem é dada para nos advertir quanto a um assunto que ainda está no futuro. O povo de Deus está caminhando rumo à translação. Ele precisa se libertar dos erros do papado. A verdade precisa ser disseminada, e o antagonismo entre os requerimentos de Deus e os dos poderes anticristãos precisa ser apresentado diante do povo, com uma luz clara e distinta. A questão precisa ser vista de maneira compreensível: de um lado, a besta com dois chifres está exigindo de seus súditos que recebam a marca, e que adorem à primeira besta, sob pena de morte; e, do outro lado, Deus está nos ordenando a recusar a marca e a adoração da besta, e a guardar Seus mandamentos, sob pena de beber do cálice de Sua ira, sem mistura. Os que cederem aos requerimentos da besta em lugar dos de Deus, mesmo tendo conhecimento disso, adorarão a besta e receberão sua marca. Ao procurarem, dessa forma, salvar sua vida evitando a ira dos poderes terrestres, eles a perderão, por se exporem à ira de Deus. Até que essa

questão fique clara diante das pessoas, quando da promulgação de uma lei civil, não acusamos ninguém de adorar a besta ou receber a sua marca. E a terceira mensagem é dada para advertir as pessoas a abandonarem seus erros e receberem a verdade, para que estejam preparadas para resistir quando esta tremenda provação vier. E, finalmente, se tiverem alcançado a vitória sobre a besta, sua imagem, sua marca e o número do seu nome, poderão cantar o cântico da vitória sobre o mar de vidro.

4. A paciência dos santos. A cronologia da terceira mensagem é claramente definida como sendo o período da “paciência dos santos”, que vem após a proclamação das duas mensagens anteriores. “Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus” (Apocalipse 14:12). Esse período da paciência dos santos é marcado por um fato muito importante, a saber, a guarda dos mandamentos de Deus e a fé de Jesus. Vimos que a mensagem do primeiro anjo se refere à solene proclamação do imediato retorno de Cristo. Consequentemente, o período de paciência visto aqui deve ser o mesmo que é descrito, em muitas passagens, como ocorrendo imediatamente antes do segundo advento. Alguns poucos textos são suficientes para exemplificar a questão.

Não abandoneis, portanto, a vossa confiança; ela tem grande galardão. Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa. Porque, ainda dentro de pouco tempo, Aquele que vem virá e não tardará; todavia o justo viverá pela fé; e: se retroceder, nele não se compraz a Minha alma. Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, daqueles que creem para a conservação da alma (Hebreus 10:35-39, trad. lit. KJV).

Sede, pois, irmãos, pacientes até a vinda do Senhor. Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba a chuva temporã e serôdia. Sede vós também pacientes, fortaleci o vosso coração, porque já a vinda do Senhor está próxima. Irmãos, não vos queixeis uns contra os outros, para que não sejais condenados. Eis que o juiz está à porta. Meus irmãos, tomai por exemplo de aflição e paciência os profetas que falaram em nome do Senhor (Tiago 5:7-10).

Como guardaste a palavra da Minha paciência, também Eu te guardarei da hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na terra. Eis que venho sem demora; guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa (Apocalipse 3:10, 11).

E, naquele dia, se dirá: Eis que este é o nosso Deus, a quem aguardávamos, e ele nos salvará; este é o Senhor, a quem aguardávamos; na sua salvação, exultaremos e nos alegraremos” (Isaías 25:9).

5. Os mandamentos de Deus. O período da paciência dos santos se distingue pelo fato de que eles estão guardando os mandamentos de Deus e a fé de Jesus. É preciso destacar que os mandamentos aqui mencionados não são os mandamentos de Cristo. Em certo sentido, pode-se afirmar que todos os preceitos do Salvador podem ser chamados de “mandamentos de Deus”, ou seja, considerados como provenientes da soberana autoridade do Pai. Mas quando se fala dos mandamentos de Deus, distinguindo-os do testemunho ou da fé de Jesus, só existe uma coisa à qual se pode fazer referência, a saber, os mandamentos que Deus deu pessoalmente – os dez mandamentos. Ver João 15:10: “Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor, do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor”. Vemos, portanto, a lei de Deus, que Ele proclamou pessoalmente, sendo mencionada no Novo Testamento como “os mandamentos de meu Pai”, ou como “os mandamentos”.

E ele disse-lhe: Por que me chamas bom? Não há bom, senão um só que é Deus. Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos. Disse-lhe ele: Quais? E Jesus disse: Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho; honra teu pai e tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo (Mateus 19:17-19).

E, voltando elas, prepararam especiarias e unguentos e, no sábado, repousaram, conforme o mandamento (Lucas 23:56).

Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim ab-rogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei sem que tudo seja cumprido. Qualquer, pois, que violar um destes menores mandamentos e assim ensinar aos homens será chamado o menor no Reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no Reino dos céus (Mateus 5:17-10).

Honra a teu pai e a tua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa, para que te vá bem, e vivas muito tempo sobre a terra (Efésios 6:2, 3).

Ele, porém, respondendo, disse-lhes: Por que transgredis vós também o mandamento de Deus pela vossa tradição? Porque

Deus ordenou, dizendo: Honra a teu pai e a tua mãe; e: Quem maldisser ao pai ou à mãe, que morra de morte. Mas vós dizeis: Qualquer que disser ao pai ou à mãe: É oferta ao Senhor o que poderias aproveitar de mim, esse não precisa honrar nem a seu pai nem a sua mãe, e assim invalidastes, pela vossa tradição, o mandamento de Deus (Mateus 15:3-6).

Que diremos, pois? É a lei pecado? De modo nenhum! Mas eu não conheci o pecado senão pela lei; porque eu não conheceria a concupiscência, se a lei não dissesse: Não cobiçarás (Romanos 7:7).

6. A fé de Jesus. Esse termo é usado de uma forma que o distingue dos “mandamentos de Deus”. Ele não se refere a um grau ou espécie particular de fé exercida pelo Salvador ao realizar Seus milagres, uma vez que, aparentemente, Ele os efetuou pelo poder que já tinha recebido de Seu Pai (Mateus 8:2, 3; Marcos 1:40, 21; Lucas 5:23, 24). O próprio mundo foi feito por Ele (João 1). Ele tinha pleno poder, portanto, para realizar todos os milagres que realizou. Há apenas uma coisa a que esse termo pode se referir, a saber, os preceitos e doutrinas do nosso Senhor registradas no Novo Testamento. Assim, a “fé do evangelho” (Filipenses 1:27) deve se referir aos preceitos e doutrinas do evangelho. A fé à qual a multidão de sacerdotes era obediente (Atos 6:7) e à qual Elimas, o feiticeiro, resistiu (Atos 8:8), a fé que foi confiada aos apóstolos para a obediência de todos os gentios (Romanos 1:5), a mesma que Paulo testifica ter guardado (2 Timóteo 4:7) e que deve ser diligentemente mantida tal qual foi, uma vez, dada aos santos (Judas 3), deve se referir, assim julgamos, aos preceitos e doutrinas do evangelho eterno. Não se pode negar, segundo acreditamos, que a fé de Jesus é usada nesse sentido em Apocalipse 2:13. “Conservas o Meu nome”, diz Jesus, “e não negaste a Minha fé”. Fica ainda mais evidente que esse é o sentido usado em Apocalipse 14:12, quando se percebe que ela é mencionada como sendo guardada, da mesma maneira que os mandamentos de Deus são guardados.

“[...] aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus [o Pai] e a fé em Jesus [o Filho]”. Isso exclui tanto os judeus cegos, que se vangloriam na lei e rejeitam a Jesus, quanto os cristãos, que professam ter fé em Cristo enquanto quebram os mandamentos de Deus. A fé de Jesus se aplica apenas aos cristãos observadores dos mandamentos.

7. A ameaça de castigo. O terrível castigo associado à advertência do terceiro anjo consiste em duas coisas: 1) O vinho da ira de Deus derramado sem mistura no cálice de Sua indignação. 2) O ser atormentado com fogo e enxofre na presença dos santos anjos e do Cordeiro. Consideremos cuidadosamente cada um, na ordem em que aparecem.

O que é o vinho da ira de Deus? O capítulo seguinte explica claramente esse ponto.

E vi outro grande e admirável sinal no céu: sete anjos que tinham as sete últimas pragas, porque nelas é consumada a ira de Deus. E um dos quatro animais deu aos sete anjos sete salvas de ouro, cheias da ira de Deus, que vive para todo o sempre (Apocalipse 15:1, 7).

Conclui-se, portanto, que o vinho da ira de Deus são as sete últimas pragas. Essa explicação ficará mais clara quando mostrarmos que essas pragas são futuras, pois acreditamos que é possível estabelecer, sem controvérsias, que elas o são.

1. A ameaça da ira de Deus, anunciada pelo terceiro anjo, concretiza-se nas sete últimas pragas, pois a primeira praga é infligida ao primeiro grupo a que o terceiro anjo dirige sua ameaça (comparar com Apocalipse 14:9, 10; 16:1, 2). Isso prova que as pragas devem ser futuras, pois ocorrerão quando a mensagem do terceiro anjo for dada. Isso também mostra que a ira de Deus sem mistura e as sete últimas pragas são a mesma coisa.

2. Acabamos de mostrar que as pragas e a ira de Deus sem mistura são a mesma coisa. E a ira sem mistura deve ser uma ira pura, sem mais nada, isto é, uma ira sem misericórdia. Deus ainda não visitou a terra com uma ira sem qualquer mistura, nem pode fazê-lo enquanto nosso Sumo Sacerdote ministra no santuário celestial, contendo a ira de Deus mediante Sua intercessão pelos homens. Quando as pragas forem derramadas, a misericórdia dará lugar à vingança.

3. Conclui-se, portanto, que os sete anjos são apresentados como recebendo as taças, ou salvas [ARC], cheias da ira de Deus, que representam as sete últimas pragas, depois da abertura do templo de Deus no Céu. Em Apocalipse 11:15-19, vemos que a abertura do templo no Céu é um evento que ocorre sob o som da trombeta do sétimo anjo, e que o relato conclui com uma breve apresentação dos eventos da sétima taça, ou última praga. Se formos ao capítulo 15:5-8 e 16:1-21, teremos uma visão

expandida dos fatos apresentados no capítulo 11:15-19, e constataremos que os dois relatos terminam da mesma maneira, ou seja, com os eventos da última praga. Essas passagens mostram que os sete anjos não recebem as taças da ira de Deus, para derramar sobre a terra, antes que o templo do Céu seja aberto. O templo é aberto pela voz do sétimo anjo; o terceiro aí é resultado da voz do sétimo anjo (capítulo 8:13; 9:12, 11:14); as sete pragas são também derramadas com a voz do sétimo anjo, de modo que as pragas são futuras, e representam o terceiro aí.

As razões acima apresentadas demonstram que as pragas são futuras. Além disso, não há razão para que elas não sejam semelhantes, em caráter, àquelas derramadas no Egito, embora suas consequências sejam muito mais terríveis e espantosas. Que Deus nos considere dignos de escapar das coisas que sobrevirão a esta terra, e nos permita subsistir diante do Filho do Homem. As sete últimas pragas são derramadas sobre os ímpios vivos, mas a segunda parte do castigo descrito na advertência do terceiro anjo é dada ao final dos mil anos, quando todos os ímpios são ressuscitados e sofrem juntos. Considerarei, agora, essa parte do castigo.

“E será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro. E a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre [...]”. A destruição final dos ímpios no lago de fogo é, indubitavelmente, o tema dessas terríveis palavras. Para que possamos entendê-las corretamente, chamamos a atenção do leitor para alguns fatos importantes.

1. O castigo dos ímpios será sofrido por eles nesta terra, pois a destruição final do nosso globo consiste no lago de fogo, no qual eles terão sua recompensa, cada um de acordo com suas obras.

Eis que o justo é punido na terra; quanto mais o ímpio e o pecador! (Provérbios 11:31).

Mas os céus e a terra que agora existem pela mesma palavra se reservam como tesouro e se guardam para o fogo, até o Dia do Juízo e da perdição dos homens ímpios (2 Pedro 3:7).

Mas, quanto aos tímidos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos fornicadores, e aos feiticeiros, e aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre, o que é a segunda morte (Apocalipse 21:8).

Porque eis que aquele dia vem ardendo como forno; todos os soberbos e todos os que cometem impiedade serão como palha; e

o dia que está para vir os abrasará, diz o Senhor dos Exércitos, de sorte que lhes não deixará nem raiz nem ramo (Malaquias 4:1).

E, acabando-se os mil anos, Satanás será solto da sua prisão e sairá a enganar as nações que estão sobre os quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, para as ajuntar em batalha. E subiram sobre a largura da terra e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; mas desceu fogo do céu e os devorou (Apocalipse 20:7-9).

2. O profeta Isaías (capítulo 34) descreve o fogo destruidor final do nosso globo numa linguagem semelhante à do terceiro anjo, ao este descrever o castigo dos ímpios. Os que argumentam que Isaías se refere somente à antiga Idumea, devem admitir que o período de tempo descrito com essa linguagem forte deve, finalmente, chegar ao fim. E os que admitem que Isaías, no trecho que vamos citar a seguir, se refere ao fogo que destruirá e purificará nossa terra, terão amplas provas de que essa cena finalmente terá um fim.

Porque será o dia da vingança do Senhor, ano de retribuições, pela causa de Sião. Os ribeiros de Edom se transformarão em piche, e o seu pó, em enxofre; e a sua terra se tornará em piche ardente. Nem de noite nem de dia se apagará; subirá para sempre a sua fumaça; de geração em geração será assolada, e para todo o sempre ninguém passará por ela (Isaías 34:8-10, ARA).

3. Mas essa terrível cena final do fogo destruidor não deverá durar por período ilimitado, pois a terra será queimada, e todos os seus elementos serão derretidos, dando lugar, assim, a novos céus e nova terra, da mesma forma que a terra atual sucedeu àquela que foi destruída pelas águas. E, na terra renovada, os justos serão recompensados.

Mas o Dia do Senhor virá como o ladrão de noite, no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra e as obras que nela há se queimarão. Havendo, pois, de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade, aguardando e apressando-vos para a vinda do Dia de Deus, em que os céus, em fogo, se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão? Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça (2 Pedro 3:10-13).

E vi um novo céu e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe (Apocalipse 21:1).

4. Assim, por mais espantoso e duradouro que seja o castigo dos ímpios (pois cada um deverá ser punido de acordo com o que merecer), esse castigo resultará, finalmente, na destruição total dos transgressores. Deus destruirá todos os ímpios (Salmo 145:20). Eles morrerão a segunda morte (Apocalipse 21:8; Romanos 6:23; Ezequiel 18:4, 20). Eles perecerão e se desfarão em fumaça (Salmo 37:10, 20, 38). Eles serão castigados com eterna destruição, sendo queimados no fogo que não se apaga (2 Tessalonicenses 1:9; Mateus 3:12). E, sendo assim consumidos, raiz e ramo, será como se eles nunca tivessem existido (Malaquias 4:1; Obadias 16).

15. SURGIMENTO E PROGRESSO DA TERCEIRA MENSAGEM

A situação de todos os adventistas após a passagem do tempo foi de grande provação, e a obra, por algum tempo, avançou lentamente, afligida por muita oposição. Reter “firmemente o princípio da nossa confiança até ao fim” no grande movimento, frente a um mundo e uma igreja zombadores, e em meio à violenta oposição dos que estavam se afastando da fé, foi um teste severo de fé e paciência. E, o número daqueles que tiveram coragem moral e receberam graça suficiente de Deus para enfrentá-lo, era pequeno.

Os que cederam covardemente aos clamores dos adversários para que confessassem que estavam errados quanto ao tempo, ocuparam a infeliz posição de levar o nome do advento após terem desistido das próprias crenças que lhes haviam tornado adventistas, considerando-as como erros. Os que apostataram a ponto de abandonarem a fé, a esperança e o nome do Advento, em troca de um lugar em alguma das igrejas nominais, estavam destinados a ser considerados como vacilantes, e até a sentir remorso por tamanha fraqueza em não abraçar a “bendita esperança”. Os que desejaram renunciar à fé no advento, livrando-se da censura sofrida pelos que permaneceram fieis a ela, puderam encontrar certo alívio momentâneo, confessando seu erro e voltando para suas igrejas. Mas, dentre aqueles que foram imbuídos do espírito da fé e da esperança no advento, experimentaram o dom celestial e foram participantes do Espírito Santo, provaram da boa palavra de Deus e dos poderes do mundo vindouro, e, no entanto, apostataram, poucos há que conseguem, novamente, desfrutar da insípida piedade das igrejas populares. Com efeito, essas pessoas têm ficado muito infelizes e insatisfeitas com sua posição e envolvimento em questões religiosas, a menos que sua apostasia tenha sido tão pecaminosa que tenha obliterado de sua alma todos os traços da experiência cristã, e que eles tenham se entregado aos prazeres sensuais da vida. Que Deus tenha misericórdia desse grupo infeliz, e que eles possam, outra vez, colocar-se entre os que aguardam a bendita esperança.

Mas a posição dos que desprezam o grande movimento que fez deles adventistas e, ainda assim, apegam-se a algumas das principais ideias de Guilherme Miller, vangloriando-se do nome do advento, é mais inconsistente, e sua atitude muito mais pecaminosa à vista de Deus do que a dos que renunciaram totalmente a posição e o nome. Que atitude perigosa é a deles, à vista de Deus, dos anjos e dos homens! Eles bendizem a fé, a esperança e o nome do Advento, mas amaldiçoam os próprios instrumentos que fizeram deles o que professam ser! Eles podem até defender as doutrinas da vinda pessoal de Cristo, da ressurreição literal dos mortos, e da vida e da imortalidade que serão dadas, somente através de Cristo, na ressurreição dos justos; no entanto, deixam de reconhecer a mão de Deus no movimento do advento do passado, opõem-se à mensagem presente do terceiro anjo e não apresentam uma posição bem definida quanto ao plano de Deus de advertir o mundo e de provar Seu povo, preparando-o para a vinda do Filho do homem. Mas, devido à ignorância do povo quanto à posição verdadeira, e ao fato de que não há nenhuma cruz naquilo que esses homens ensinam, sua influência ainda é sentida. Alguns deles falam do milerismo e de Miller da mesma maneira que falariam do mormonismo e do famoso Smith e, ainda assim, alegam ser adventistas. Mas se a mão de Deus, em algum momento, já esteve com aqueles que levam o nome do advento, foi durante o grande movimento envolvendo a questão do tempo em 1843 e 1844. Movimentos e operações mais recentes, e de vários tipos, envolvendo a questão do tempo, criados pelos que consideram o grande movimento como um erro do milerismo, representam, quando comparados a ele, o mesmo que a luz de uma vela quando comparada à luz do meio dia.

Esses homens falam com orgulho de sua fé no advento, e bendizem o nome do advento, mas ao mesmo tempo maldizem o grande movimento do advento, que trouxe o conhecimento da doutrina do advento para a geração presente. O pecado contra o Espírito Santo, para o qual não havia perdão nos tempos de Cristo, era atribuir a obra do Espírito, nos milagres de Jesus, a Satanás. Vocês acham que o pecado dos que negam a obra do Espírito de Deus no movimento do advento, atribuindo o poder que assistiu a essa obra à influência humana e satânica, seria menor? Não estou dizendo que todos os adventistas, fora das fileiras dos adventistas do

sétimo dia, assumem as posições acima descritas. A maioria deles, todavia, o faz. O leitor sincero, que é favorável às ideias do grande movimento do advento apresentadas nestas páginas, verá as flagrantes inconsistências e a pecaminosidade das posições assumidas por esses professos adventistas.

Mas a posição verdadeira está livre de tais absurdos e é, em si mesma, harmoniosa. Ela honra a Deus, vindica Sua palavra e sustenta a experiência cristã. Ela explica o passado, aponta, de maneira definida, o dever presente e ilumina o futuro glorioso. Ela apresenta o mais belo sistema integrado de verdades, em todas as suas partes, que a mente humana já contemplou.

O período da terceira mensagem data do desapontamento de 1844, e, desde daquele tempo até hoje, o estabelecimento de suas grandes verdades tem sido progressivo. Imediatamente após a passagem do tempo, não foram poucos os que adotaram a firme posição de que o período da primeira e da segunda mensagens já haviam passado, que o clamor da meia-noite tinha sido dado, que os 2.300 dias haviam terminado e que havíamos atingido o tempo de vigiar e esperar com paciência. Mas foi somente depois que o assunto da purificação do santuário veio à tona, em 1846, que o término dos 2.300 dias se tornou um dos pontos mais claros de todo o sistema de verdades do segundo advento. Isso nos confirmou que o cumprimento da primeira e da segunda mensagens já haviam ocorrido, abriu diante de nós a arca de Deus, contendo os dez preceitos de Sua santa lei, no lugar santíssimo do santuário celestial, e chamou nossa atenção para a terceira mensagem, com sua solene advertência para que fugíssemos da adoração da besta e de sua imagem e, em lugar disso, guardássemos os mandamentos de Deus e a fé de Jesus. Quão convincentes são as palavras do terceiro anjo: “Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus”. E quão natural é a conclusão de que a reforma do sábado deveria ter lugar aqui.

A APRESENTAÇÃO DO SÁBADO

Já em 1844, a irmã Preston, uma batista do sétimo dia, que acreditava na breve vinda de Cristo, apresentou o sábado para os adventistas de Washington, New Hampshire, e causou uma boa impressão. Com a

ajuda das publicações de seu povo e a bênção de Deus, cerca de quarenta pessoas abraçaram o sábado. A verdade sobre esse assunto chegou a outras localidades de New Hampshire. Mais ou menos nesse período, o Pastor T. M. Preble aceitou a doutrina do sábado e começou a ensiná-la. Ele chamou a atenção dos adventistas para a questão através de um panfleto sobre o assunto, datado de 13 de fevereiro de 1845. Depois de apresentar as reivindicações do sábado bíblico e o fato de que este foi mudado para o domingo pelo papado, ele disse:

Vemos, assim, Daniel 7:25 sendo cumprido: o chifre pequeno mudando os tempos e as leis. Portanto, parece-me que todos os que guardam o primeiro dia pensando que estão guardando o verdadeiro dia de descanso, o sábado do mandamento, são guardadores do domingo do papa e transgressores do sábado de Deus.

Mas o pastor Preble, por não ver a reforma do sábado como parte da mensagem do terceiro anjo e deixar de reconhecer que, no amadurecimento da seara da terra, o sábado deveria ser um teste, continuou seus labores ministeriais entre os que se opunham implacavelmente a essa reforma. Ele logo perdeu o interesse no assunto e, desde então, tornou-se um de seus mais ferrenhos opositores. Isso também é verdade em relação ao pastor J. B. Cook e a alguns outros ministros adventistas que, mais tarde, abraçaram o sábado e depois o abandonaram. O pastor Preble, todavia, tinha chamado a atenção dos adventistas para esse assunto, e vários deles, em diferentes locais da Nova Inglaterra, aceitaram o sábado, demonstrando um interesse mais duradouro no assunto do que o do pastor Preble.

Em 1845, o pastor José Bates, então em Fairhaven, Massachusetts, começou a ensinar sobre o sábado bíblico, e, como fruto de seu trabalho, vários em Massachusetts e no Maine abraçaram a doutrina. Ele escreveu e distribuiu gratuitamente um pequeno panfleto sobre o assunto. Mediante a leitura deste, eu fiquei convencido sobre a doutrina do sábado e comecei a ensiná-la. Aquele pequeno panfleto alcançou várias pessoas em Connecticut e, juntamente com o trabalho pessoal do irmão Bates, trouxe para o *hall* de crentes no sábado muitas pessoas do oeste de Nova York, e de diferentes locais da Nova Inglaterra.

Mas essas pessoas, de maneira geral, eram os pobres deste mundo, e os pouquíssimos que tinham recursos não perceberam que a responsabi-

lidade de transmitir a verdade para outros repousava sobre eles. Por isso, a causa avançou lentamente.

No outono de 1847, o irmão Bates começou a escrever uma obra de mais de cem páginas, tendo apenas um York shilling [cerca de 12 centavos de dólar] a sua disposição. Eu cortava lenha para sustentar minha pequena família, ganhando apenas cinquenta centavos por dia. Nós dois estávamos sozinhos no ensino público da doutrina do sábado. Sob tais circunstâncias, podíamos fazer pouco pela causa. Eu narro aqui esses acontecimentos para mostrar ao leitor o modo humilde como essa causa começou, e os sacrifícios então feitos para espalhar a verdade.

Eu me lembro muito bem de quando o irmão Bates ficou profundamente impressionado com o dever de trabalhar em Vermont e, por não ter recursos, resolveu fazer a viagem a pé, saindo de Fairhaven, Massachusetts. Uma irmã carnal da Sra. White havia vindo de Maine para Fairhaven para trabalhar na cozinha, a um dólar por semana e, dessa maneira, levantar os meios para espalhar a verdade. Ao saber da intenção do irmão Bates de fazer aquela longa viagem a pé, ela procurou seu empregador e pediu-lhe cinco dólares, que lhe foram concedidos, e os deu para o irmão Bates para ajudá-lo em sua viagem para Vermont. Deus abençoou ricamente a missão, como muitas pessoas, que ainda observam o sábado, podem testemunhar. Espero que aqueles irmãos e irmãs que não têm muito interesse em disseminar a verdade não corem de vergonha com essa simples narrativa. Aquele que cuida dos pardais viu esse ato de auto-sacrifício, e colocou o Seu selo de aprovação. Isso foi escrito nos livros dos atos dos seres humanos, segundo os quais todos devem ser julgados. Os anjos que muito se alegram por um pecador arrependido também se alegraram por essa maneira simples de enviar a luz da verdade presente às verdes montanhas de Vermont, não? Essa irmã receberá sua recompensa. Não escrevo isso para envergonhar o crente de posses que está se afundando em suas riquezas e afazeres, perdendo o interesse pela causa e seu apego ao Céu. Meu desejo é apresentar fatos que possam levar o leitor a buscar esse espírito de sacrifício, evidenciado pelos pioneiros desta causa, a caminhar na vereda humilde da obediência na qual eles caminharam, e desfrutar das bênçãos da inteira consagração que repousou sobre eles.

PRIMEIRA CONFERÊNCIA DE CRENTES

Na primavera de 1848, o irmão Bates, a Sra. White e eu assistimos a uma conferência de crentes em Rocky Hill, Connecticut. Essa foi a primeira reunião geral realizada pelos adventistas do sétimo dia. Em termos de influência e de números, apesar de sermos menos de trinta, ela marcou o início de uma nova era para a causa. Os irmãos ficaram muito animados, e o irmão Bates começou a trabalhar mais intensamente, à medida que o caminho se abria diante dele.

A EXPERIÊNCIA DA SRA. WHITE

Devo apresentar aqui a parte que o Espírito de Deus tem levado a Sra. White a desempenhar em associação com esta causa. Faço isso pelas seguintes razões:

1. Sua experiência e trabalho têm estado intimamente ligados ao crescimento e progresso desta causa.

2. Existe um espírito de preconceito e antagonismo contra seu chamado e suas atividades. Isso se manifesta naqueles que ignoram os fatos, ou, se não os ignoram totalmente, são guiados por um espírito de frenética perseguição. A relevância que isso tem sobre a causa é razão suficiente para apresentar os fatos, como eles realmente são, ao público.

3. A importância de seu trabalho ligado à causa, como veremos nas páginas seguintes.

Poucas semanas depois da passagem do tempo, em 1844, ela teve sua primeira visão. As circunstâncias dessa manifestação são brevemente relatadas pela Sra. White:

Visitei a irmã H., uma de nossas irmãs adventistas, cujo coração estava muito próximo ao meu. Pela manhã, nos prostramos no altar da família. Não foi uma ocasião de muita animação. Éramos apenas cinco, todas mulheres. Enquanto orávamos, o poder de Deus veio sobre mim de uma maneira que eu nunca havia sentido antes. Fui cercada de luz e fui subindo da terra, cada vez mais alto [...] (*Spiritual Gifts*, v. 2, p. 30).

Sua condição, ao ter uma visão, pode ser descrita da seguinte forma:

1. Ela fica totalmente inconsciente de tudo o que ocorre ao seu redor, como tem sido provado pelos mais rígidos testes, e vê a si mesma removida deste mundo, e acompanhada por seres celestiais.

2. Ela não respira. Durante todo período de duração da visão, que tem variado, em diferentes ocasiões, entre quinze minutos e três horas, não há respiração, conforme tem sido repetidamente provado ao se pressionar seu peito e fechar sua boca e narinas.

3. Logo que entra em visão, seus músculos ficam rígidos, e as juntas, imóveis, a ponto de não poderem ser movidos por qualquer força externa. Ao mesmo tempo, seus movimentos e gestos, que são frequentes, são livres e graciosos, não podendo ser impedidos nem controlados pela pessoa mais forte.

4. Ao sair da visão, seja à luz do dia, seja em um aposento bem iluminado, de noite, tudo fica sob total escuridão. Sua capacidade de distinguir até o mais brilhante objeto, colocado a poucos centímetros de seus olhos, retorna de maneira gradual, e, às vezes, demora até três horas para ser totalmente restabelecida. Isso tem ocorrido pelos últimos vinte anos, mas sua visão não ficou, em nada, prejudicada, e poucas pessoas têm uma visão melhor do que ela, atualmente.

É provável que ela tenha tido, nos últimos vinte e três anos, entre cem e duzentas visões. Essas visões foram dadas sob todas as circunstâncias possíveis, mantendo, todavia, uma maravilhosa semelhança. Mas há uma mudança evidente: nos últimos anos, elas têm ficado menos frequentes, mas mais abrangentes. Ela é tomada por visões mais frequentemente quando prostrada em oração. Várias vezes, ao pregar vigorosamente para a congregação, inesperadamente, tanto para ela quanto para todos ao seu redor, ela se prostra repentinamente em visão. Foi isso que aconteceu em 12 de junho de 1868, na presença de aproximadamente duzentos guardadores do sábado, na casa de oração de Battle Creek, em Michigan. Em outra ocasião, ainda no período inicial de sua experiência, ao receber o batismo de minhas mãos, foi imediatamente tomada em visão após eu tê-la erguido da água. Várias vezes, quando prostrada por uma enfermidade, ela recebe alívio em resposta à oração de fé e é tomada por uma visão. Nes-

sas ocasiões, a restauração de sua saúde tem sido maravilhosa. Em outra situação, enquanto caminhava com amigos, conversando sobre as glórias do reino de Deus, ao passar pelo portão de acesso à casa de seu pai, o Espírito de Deus veio sobre ela, e ela foi instantaneamente tomada por uma visão. Pode ser importante ressaltar, para os que pensam que as visões são resultado de mesmerismo, que ela tem sido tomada por visões quando está a orar sozinha no bosque ou em seu quarto.

Creio que é importante falar a respeito do efeito das visões sobre sua constituição e força. Quando teve sua primeira visão, ela era uma inválida extremamente magra, desenganada por amigos e médicos, cujo fim predito seria definhando até a morte com tuberculose. Nessa época, ela pesava apenas 36 quilos. Sua condição nervosa era tal que ela não podia escrever, e dependia de alguém que sentasse perto dela, à mesa, até para derramar sua bebida da xícara para o pires. E, não obstante suas ansiedades e agonias mentais resultantes do seu dever de apresentar suas ideias ao público, de seus afazeres na igreja de modo geral, de suas desgastantes viagens e de suas atividades e responsabilidades domésticas, sua saúde e sua força física e mental têm melhorado desde o dia em que teve sua primeira visão.

Quanto ao caráter das visões, quero apenas dizer, no momento, que isso pode ser verificado mediante a leitura dos vários volumes de “Spiritual Gifts”, à venda nos escritórios da Review. Sobre os frutos dessas visões e a natureza da oposição que sofreram, falarei mais detalhadamente a seguir.

A SEGUNDA CONFERÊNCIA GERAL

No verão de 1848, recebemos um convite para realizar uma conferência com os amigos do oeste de Nova York. Eu não tinha recursos financeiros, e, com a saúde debilitada, fui trabalhar no campo de feno para conseguir a quantia necessária para bancar as despesas do evento. Assumi o pesado trabalho de roçar o feno com a foice, e, ao sentir-me fraco pelo sol do meio dia, eu me prostrava diante de Deus no monte de feno, clamava por força, levantava-me com as energias renovadas e ia roçar novamente. Em cinco semanas, consegui o suficiente para as despesas da conferência. O irmão Bates se juntou a nós nas reuniões. A notícia sobre o evento havia

sido dada a todos, no estado de Nova York, que simpatizavam com nossas ideias, e houve uma convocação geral. No entanto, não havia mais de quarenta pessoas presentes às reuniões.

Ainda assim, havia muita confusão de opiniões entre esses poucos! Prevalencia um espírito de discussão e contenda em questões de pouca importância, de modo que nós, os que havíamos vindo de tão longe, mal tivemos chance de dar nossa mensagem; e as reuniões teriam sido um fracasso, e os bons irmãos teriam se separado pela confusão e pelas provações, se o Senhor não tivesse trabalhado de uma maneira especial. Seu Espírito repousou sobre a Sra. White, e ela foi tomada por uma visão. A congregação inteira creu que aquela era a obra de Deus, e todos foram profundamente tocados. Ela relatou o que havia visto, a saber, mensagens que lhe haviam sido dadas para corrigir alguns dos erros dos presentes. Com delicadeza, ela os exortou a deixar seus erros e as questões nas quais eles diferiam, e a unirem-se sob as importantes verdades da terceira mensagem. E, naquela noite, os irmãos sacrificaram a Babel de seus pontos de vista e se uniram sob a verdade. E qual foi o resultado? Prevaleceu a harmonia e muitos se reuniram em torno da bandeira da verdade.

O fruto dessa visão foi bom. Sendo assim, ele não poderia ter sido o trabalho de um inimigo, de acordo com o teste dado por nosso Senhor em Mateus 7:15-20:

Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores. Por seus frutos os conhecereis. Porventura, colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Assim, toda árvore boa produz bons frutos, e toda árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa dar maus frutos, nem a árvore má dar frutos bons. Toda árvore que não dá bom fruto corta-se e lança-se no fogo. Portanto, pelos seus frutos os conhecereis.

A OPOSIÇÃO

Por volta do outono de 1849, o assunto do sábado começou a atrair considerável atenção entre os crentes adventistas, os quais, vendo que o primeiro dia da semana não podia ser sustentado pela autoridade divina,

estavam mudando para a posição da não existência de sábado¹ [*Sabbath*] na dispensação cristã. É digno de nota que esse é sempre o resultado, onde quer que a questão do sábado seja discutida. A razão pela qual os batistas regulares têm assumido essa posição, de maneira mais generalizada do que qualquer outra denominação, pode ser sua relação com os batistas do sétimo dia, que têm, em maior ou menor grau, chamado a atenção deles para o assunto. Como ilustração adicional desse ponto, quando William E. Arnold, de Rochester, Nova York, declarou, em 1844, ao pastor Joseph Marsh sua convicção sobre o dever de observar o sétimo dia como o sábado, o pastor Marsh respondeu que a guarda do primeiro dia da semana como o sábado dos cristãos estava claramente provada pela Palavra de Deus e pela invariável prática da igreja cristã. O Sr. Arnold o convidou a dar especial atenção ao assunto. Ele prometeu assim fazê-lo e lhe dar uma posição no domingo seguinte, ocasião em que sua resposta foi simplesmente esta: ele examinara o assunto e ficara convencido de que o sábado era judaico, não havendo mais dia de descanso para os cristãos.

Deixar de considerar o primeiro dia como o sábado cristão apenas para assumir a visão de inexistência de qualquer dia de descanso, seja o sábado do sétimo dia ou o domingo, pode ser considerada, na melhor das hipóteses, uma mudança de mal para pior, e é lamentável que milhares, achando-se totalmente incapazes de manter a observância do primeiro dia, protejam-se das pontiagudas setas da verdade sob essa resistente fortaleza

¹ Nota cultural dos editores em língua portuguesa: Existem, na língua inglesa, duas palavras que podem ser traduzidas como “sábado” em português. A primeira é *Saturday*, que é o nome secular para o sétimo dia da semana. A segunda é *Sabbath*, termo bíblico hebraico que significa “descanso”, e é encontrado no quarto mandamento e ao longo de todas as Escrituras. Esta palavra é usada apenas no contexto religioso. Na cultura anglo-americana atual, o termo *Sabbath* se refere tanto ao sábado do sétimo dia [*Saturday*] quanto ao domingo [*Sunday*], o primeiro dia da semana, dependendo da convicção religiosa e teológica de cada um. Dado esse uso indevido da palavra “sábado” para o domingo, e o fato de que os nomes de origem pagã para os dias da semana em inglês (*Sunday*, *Monday*, etc.) não representam uma sequência numérica para os dias da semana, como ocorre na língua portuguesa (segunda-feira, terça-feira, etc.), muitos norte-americanos erroneamente acreditam que o domingo, de fato, corresponde ao “sétimo dia” (ver o testemunho de Oprah Winfrey em: <https://www.youtube.com/watch?v= onuImgW8JE>). O leitor deve ficar atento, pois em alguns momentos, nesta obra, a palavra “sábado” é usada para se referir a um dia de descanso, que pode ser o sábado do sétimo dia ou o domingo, geralmente chamado de “sábado cristão”, em oposição ao sábado bíblico do sétimo dia da semana.

de incredulidade. As massas ignoram os fatos referentes ao primeiro dia da semana. Acham que o Novo Testamento está repleto de testemunhos diretos de que ele é um dia sagrado. O pastor José Bates afirmou, numa reunião ao ar livre em Connecticut, em 1849, que não havia nenhum texto sequer no Novo Testamento que ensinasse sobre uma mudança do sétimo para o primeiro dia da semana. Um cavalheiro com aparência inteligente interrompeu dizendo: “Existem mais de vinte”. “Bem”, disse o irmão Bates, “você nos citaria um, por favor?” O cavalheiro replicou: “Posso lhe dar vinte”. O irmão Bates insistiu: “Se você pode dar vinte, certamente nos poderá dar um. Esperamos um. Dê-nos apenas um texto”. O cavalheiro se calou, e o irmão Bates continuou com sua exposição.

O primeiro dia da semana é mencionado no Novo Testamento apenas oito vezes e, em nenhuma delas, ele é apresentado como dia sagrado. A inspiração dá a ele o simples título de primeiro dia da semana. Ver Mateus 28:1; Marcos 16:2, 9; Lucas 24:1; João 20:1, 19; Atos 20:7; 1 Coríntios 16:2.

A inspiração, no Novo Testamento, dá ao sétimo dia da semana o título sagrado de “sábado” 59 vezes e, em cada exemplo, faz referência ao dia em que Deus descansou, santificou e abençoou. Ver Mateus 12:1, 2, 5, 8, 10, 11, 12; 24:20; 28:1; Marcos 1:21; 2:23, 24, 27, 28; 3:2, 4; 6:2; 15:42; 16:1; Lucas 4:16, 31; 6:1, 2, 5, 6, 7, 9; 13:10, 14, 15, 16; 14:1, 3, 5; 23:54, 56; João 5:9, 10, 16, 18; 7:22, 23; 9:14, 16; 19:31; Atos 1:12; 13:14, 27, 42, 44; 15:21; 16:13; 17:2; 18:4.

Os que examinam o assunto geralmente tendem a admitir que não existe nenhum testemunho em favor da mudança do dia de descanso. Alguns, no entanto, apegam-se à ideia de que a mudança é sustentada pelo exemplo de Cristo e dos apóstolos. No que concerne ao exemplo do nosso Senhor, eles podem se referir a apenas duas situações em que Ele se reuniu com os discípulos no primeiro dia da semana. A primeira foi a ocasião em que Ele apareceu para eles, na noite do dia de Sua ressurreição, e eles ficaram atônitos ao saber que Ele havia ressuscitado dos mortos. A segunda ocorreu oito dias depois dessa ocasião e, portanto, não pode ter sido no primeiro dia da semana. Nenhuma dessas reuniões, tanto quanto se possa provar, ocorreu a partir de uma convocação prévia ou foi designada para culto religioso.

Não existe nenhuma evidência de que os apóstolos consideravam o primeiro dia da semana como um dia de culto. Não há sequer um exemplo de reuniões sendo feitas por eles, durante o dia, no primeiro dia da semana. É verdade que Paulo se reuniu com os irmãos em Troas, na noite do primeiro dia, para partir o pão. Essa reunião durou toda a noite do primeiro dia da semana. A noite é a primeira metade do dia de vinte e quatro horas. Aquela reunião, portanto, ocorreu no que chamamos de sábado à noite. Na manhã seguinte, no domingo, Paulo iniciou sua longa jornada para Jerusalém, passando a última metade daquele dia viajando a pé e navegando com seus irmãos para Mitilene. Temos, assim, um exemplo apostólico para considerarmos o primeiro dia como dia apropriado para negócios seculares.

1 Coríntios 16:2 também não pode contribuir para a causa da observância do primeiro dia. Esse texto não faz referência a nenhum elemento próprio do dia de sábado. Ali não há nenhuma indicação de tempo santo, descanso do trabalho ou de reunião pública para culto divino. Justin Edwards, em suas Notas sobre o Novo Testamento, comenta o seguinte sobre esse texto: “[cada um deveria] pôr de lado, de reserva, em casa, para que não houvesse coleta e para que suas ofertas estivessem prontas quando o apóstolo viesse”.

Contraste com essa descrição o testemunho do Novo Testamento com relação ao sábado. O nosso Senhor reconheceu a existência do sábado quando da destruição de Jerusalém, em 70 d.C., da mesma maneira que reconheceu as estações do ano. “E orai para que a vossa fuga não aconteça no inverno nem no sábado”. Ele se refere a um dia definido. Não um dia entre sete, sem referência a um dia em particular, mas o dia do sábado. Em Marcos 2:27, ele diz: “O sábado foi feito por causa do homem”.

Em Lucas 23:56 está registrado que os discípulos descansaram no dia de sábado, segundo o mandamento. Esse ato de descansar no sábado ocorreu após a crucifixão, e o registro dele foi feito, por inspiração, quase trinta anos depois.

O livro de Atos conta os atos que os apóstolos realizaram. Que dia da semana eles observaram como sábado? O autor do livro de Atos registra exemplos de reuniões, feitas pelos apóstolos, no sábado. Em certa

ocasião, quando Paulo estava falando para uma assembleia mista, “os gentios rogaram que no sábado seguinte lhes fossem ditas as mesmas coisas”, o que mostra que mesmo os gentios compreendiam que, para Paulo, o sábado era o dia regular de culto (Atos 13:42). E, no sábado seguinte, quase toda a cidade se reuniu para ouvir a palavra de Deus (Atos 13:44).

Em outra ocasião, Paulo e Timóteo, no sábado, saíram da cidade de Filipos “para junto do rio, onde [lhes] pareceu haver um lugar de oração”, e ali houve uma reunião pública (Atos 16:13). Lídia creu e foi batizada, ela e sua casa. Mas o sábado era o dia em que Paulo pregava regularmente? O capítulo 17:2 responde: “E Paulo, como tinha por costume, foi ter com eles e, por três sábados, disputou com eles sobre as Escrituras”.

O capítulo 18:1-11 contém um importante testemunho sobre esse assunto. Em Corinto, Paulo morou com Áquila e Priscila, trabalhando com eles na fabricação de tendas. “E todos os sábados disputava na sinagoga e convencia a judeus e gregos” (Atos 18:4). Por quanto tempo ele permaneceu em Corinto? “E ficou ali um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus” (Atos 18:11). Aqui está um exemplo apostólico de setenta e oito sábados sucessivos. Pode-se ver, nos versos 5-8, que o apóstolo pregou na sinagoga em boa parte desses sábados, até que os judeus se opuseram e blasfemaram. Então, Paulo foi para a casa de Justo, onde pregou no restante daqueles sábados. Aqui, querido leitor, há um exemplo apostólico que está em harmonia com o preceito divino, mostrando sua aplicação e força na presente dispensação.

O fardo de guardar o sábado, frente a uma forte oposição, quando os simpatizantes do sétimo dia eram poucos, era uma pesada cruz.

Milhares se convenceram de que o exemplo apostólico estava em harmonia com o quarto preceito do decálogo, mas o número dos que tiveram coragem moral para agir de acordo com suas convicções foi relativamente pequeno. E, tão logo um atalho foi criado para desviar-se dessa cruz, mediante a teoria de que não mais havia dia de descanso na dispensação cristã, multidões prontamente o acolheram. Alguns dos que ensinavam que o sábado fora abolido, trabalhavam para obliterar todas as diferenças entre símbolos típicos e princípios morais, e para mostrar que tudo que foi registrado em forma de lei no Antigo Testamento estava abolido.

Outros não podiam ir tão longe, mas assumiram a posição de que o sábado do sétimo dia tinha a mesma natureza dos dias de festa do sistema típico, e expirou junto com eles. Eles fizeram isso porque não encontram nenhuma razão pela qual os preceitos do decálogo, com exceção do quarto, tivessem que ser abolidos. Em sua natureza, eles são adaptados ao homem ao longo de todas as dispensações de sua condição caída. De maneira exata, eles suprem sua necessidade. Os seres humanos não podem dispensá-los. Por que, então, deveria a crucifixão do Salvador dos pecadores aboli-los? Estes podiam ver como as instituições típicas, que apontavam para a morte de Cristo, podiam terminar com a cruz, mas não podiam entender como os preceitos morais, aplicáveis a todo o período do estado de queda moral do homem, poderiam ser afetados pela morte do Filho de Deus.

A ideia errônea de que o sábado era típico já era sustentada pelas igrejas havia muito tempo. É por isso que esse grupo podia, mais facilmente, aceitar a sugestão de que, ao Paulo dizer: “Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados, que são sombras das coisas futuras” (Colossenses 2:16, 17), ele se referia aí ao sábado do Senhor. O apóstolo, aqui, fala de dias de sábado, ou sábados. Levítico 23 mostra sete sábados judaicos que deviam ser celebrados em seus devidos tempos, “além dos sábados do SENHOR” (Levítico 23:37, 38). Aqui se vê a distinção entre os dois tipos de sábado. Paulo se refere aos que fazem parte da categoria de comida, bebida, lua nova, etc., e não ao sábado que o Legislador sabiamente associou a nove preceitos morais. O “*Sabbath Manual*” [Manual do Sábado], de Justin Edwards, fala com clareza e habilidade sobre esse ponto, e também sobre os dias mencionados em Romanos 14:

Dois tipos de leis foram incorporados sob a dispensação judaica. Um estava fundamentado nas obrigações oriundas da natureza do homem e de suas relações com Deus e um com o outro, obrigações que já eram compulsórias antes de serem escritas, e que continuarão a sê-lo sobre todos os que as conhecerem, até o fim dos tempos. Essas são as leis que foram escritas pelo dedo de Deus em tábuas de pedra, e são chamadas de leis morais.

O outro tipo, chamado de leis cerimoniais, era relacionado a várias observâncias de caráter externo, que não eram obrigatórias até

serem ordenadas, e assim passarem a ser obrigatórias apenas para os judeus, até a morte de Cristo.

Havia também dois tipos de sábado, ou dias de descanso. Um deles era um dia de descanso semanal, e a ordem de santificá-lo foi dada pelo Legislador, em meio proclamação das leis morais. Ele era chamado, por sua importância, de “O sábado”. A ordem de guardar os outros sábados foi colocada, pelo Legislador, entre as leis cerimoniais, pois eles tinham que ver com aquelas leis, assim como a ordem de guardar o sábado semanal tinha que ver com as leis às quais ele estava associado. Uma classe era composta por leis fundamentais, permanentes, universais e morais; a outra, por leis locais, temporárias e cerimoniais. Uma tinha sua origem na natureza e relações humanas; a outra, nas circunstâncias específicas sob as quais, por um tempo, um povo específico foi colocado. Uma era composta por leis obrigatórias em todas as eras, e para todos os que as conhecessem; a outra era obrigatória apenas para os judeus, até a morte do Messias.

Quando Cristo veio, os judeus, por estarem num estado de grande escuridão espiritual e de lamentável apostasia de Deus, não compreenderam bem a natureza e os objetivos de suas leis. Com frequência eles desconsideravam o espírito e, supersticiosamente, se devotavam às formas. Alguns, depois de abraçarem o evangelho, achavam que tanto as leis cerimoniais quanto as leis morais eram obrigatórias; outros, mais esclarecidos, achavam que não era assim. Isso causou contendas entre eles. Paulo, no capítulo catorze de Romanos, apresentou essas considerações de modo a levá-los à decisão correta sobre esse assunto.

“Um faz diferença entre dia e dia”, diz ele, “mas outro julga iguais todos os dias. Cada um esteja inteiramente seguro em seu próprio ânimo. Aquele que faz caso do dia, para o Senhor o faz” (Romanos 14:5, 6). Ambos desejam honrar a Deus e Ele os aceitará. Mas de que dia ele está falando? Seria o “sábado” do quarto mandamento, associado por Deus, de maneira inseparável, com as leis morais? Leia o contexto. Qual é esse dia? Estaria o texto falando de um homem que crê que deve adorar a Jeová e outro, que é fraco, que deseja adorar ídolos? De um que crê que não deve matar, adulterar ou roubar, e de outro que crê que pode fazer tudo isso? Eram essas as leis sobre as quais eles contendiam, e com as quais estavam relacionados os dias que Paulo menciona? Não. Não havia controvérsia sobre essas leis.

“Porque um crê que de tudo [tudo que fosse nutritivo, fosse ou não permitido na lei cerimonial, que regulava essas coisas] se

podê comer, e outro, que é fraco, come legumes. O que come não despreze o que não come; e o que não come não julgue o que come; porque Deus o recebeu por seu”. Fica claro que eles não estavam discutindo sobre as leis morais, e o apóstolo não os estava instruindo sobre elas. Não eram as leis morais, mas as cerimoniais. E os dias mencionados não eram os que estavam associados com a lei moral, mas com a cerimonial.

Assim, no segundo capítulo de Colossenses, onde lemos: “ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados”, os sábados mencionados não são os sábados associados com: não matarás, ou adulterarás, ou furtarás, e sim os sábados associados com comidas e bebidas e luas novas, coisas que eram, de fato, sombras das coisas por vir. Assim, é um erro aplicar o que Paulo disse sobre esses sábados, associados por Deus com as leis cerimoniais – uma associação que o próprio apóstolo, nesse mesmo discurso, faz – como alguns fazem, ao “sábado” que Deus associou com as leis morais (*Sabbath Manual*, p. 133, 136).

Todos os tipos apontam para algo ligado à obra da redenção. Eles não têm outro desígnio além desse. Por isso, nenhum tipo jamais teria sido estabelecido se o homem não tivesse caído e precisado da redenção. Todos foram criados, portanto, depois da queda. Mas o sábado foi instituído antes da queda, antes que o homem precisasse da redenção, e antes que qualquer coisa fosse, ou pudesse ter sido, dada de modo razoável para prefigurá-la. Todos os tipos que foram instituídos não teriam significado algum, a menos que reconhecessem a obra de Cristo na redenção. Mas, desde a criação, o sábado do sétimo dia foi um dia santo, e, mesmo se Cristo nunca tivesse morrido, todos os fatos para os quais aponta o quarto mandamento teriam sido tão verdadeiros quanto o são agora. Embora os tipos, que incluíam os sábados típicos, ou cerimoniais, dos judeus, reconhecessem a culpa do homem e representassem a disposição de Deus para salvar, o sábado do sétimo dia teria ocupado o mesmo lugar que ocupa agora – e tem sempre ocupado – mesmo que o homem nunca tivesse pecado. Os sábados típicos eram sombras de coisas por vir; o sábado do sétimo dia era – e é – um memorial de coisas passadas. As duas classes de sábado apontam em direções opostas e, assim, não podem ser classificadas como sendo a mesma coisa. Uma aponta para a redenção; a outra, para a criação. “Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo

que neles há e ao sétimo dia descansou; portanto, abençoou o Senhor o dia do sábado e o santificou”. O sábado do sétimo dia, portanto, não é um tipo, se a razão e a revelação puderem resolver essa questão.

As ideias de Guilherme Miller a respeito da perpetuidade do sábado, e da distinção que existe entre este e os sábados judaicos, também são dignas de nota:

Eu digo, e acredito que tenho o apoio bíblico para isso, que a lei moral nunca foi dada de maneira exclusiva aos judeus como um povo, mas, por um tempo, eles tiveram a responsabilidade de ser os guardiões dela. Através deles, a lei, os oráculos e os testemunhos foram passados para nós. Veja o raciocínio claro de Paulo, em Romanos 2, 3 e 4, sobre esse ponto. Então, diz o opositor, estamos sob a mesma obrigação de guardar os sábados de semanas, meses e anos dos judeus. Não, senhor. Você perceberá que esses não foram incluídos no decálogo. [...] Apenas um tipo de sábado foi dado a Adão, e apenas um permanece até nós. Veja Oseias 2:11: “E farei cessar todo o seu gozo, e as suas festas, e as suas luas novas, e os seus sábados, e todas as suas festividades”. Todos os sábados judaicos cessaram quando Cristo os cravou em Sua cruz. “Havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz. E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo. Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados, que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo” (Colossenses 2:14-17). Esses sábados eram apropriadamente chamados de “sábados judaicos”. Oseias diz “seus sábados”. Mas o sábado de que estamos falando é chamado por Deus de “meu sábado”. Aqui está uma clara distinção entre o sábado da criação e o cerimonial. Um é perpétuo; os outros foram meras sombras de bens vindouros e em Cristo encontraram o seu fim (*Miller's Life and Views*, p. 161, 162).

Fique claro, aqui, que aqueles que defendem que não houve nenhuma mudança na lei de Deus, exceto no quarto mandamento, não têm nenhum direito de apelar para aqueles textos normalmente citados para provar que todo o código foi abolido.

Os que assumiram a posição extrema de que todos os dez mandamentos foram abolidos, basearam-se, com grande confiança, naquilo que o apóstolo disse a respeito dos dois ministérios (ver 2 Coríntios 3). Parece

que eles negligenciaram o fato de que a lei é uma coisa e o ministério dessa lei é outra. Aqui, Paulo está diferenciando dois ministérios da mesma lei. Ele está diferenciando o ministério da lei de Deus, sob Moisés (que foi um ministério de condenação e morte) do ministério dessa mesma lei, sob Cristo (que é o ministério do Espírito). O ministério da morte foi o que acabou, para dar lugar ao mais glorioso ministério da lei de Deus, chamado de “ministério do Espírito”. Indagaríamos, todavia, se todos os dez mandamentos deveriam ser imolados na cruz, mesmo que isso fosse necessário para abolir o quarto. Todos concordam que os outros nove são bons e, mais do que isso, indispensáveis para a dispensação cristã. Teria sido um descuido do Legislador colocar o sábado entre nove preceitos morais? Teria Ele que imolar todos os dez a fim de livrar-Se do sábado? Mas, se todos os dez foram abolidos na cruz, como é que os outros nove ainda estão vigentes? Ora, diz o opositor, nove deles foram promulgados novamente por Cristo em prol do evangelho. Mas temos aqui uma séria dificuldade. O opositor tem nove dos mandamentos sendo promulgados novamente durante o ministério de Cristo, antes que todos os dez fossem abolidos na Sua morte!

Se for dito que os apóstolos revalidaram nove dos mandamentos em favor do evangelho, depois que o Senhor subiu ao céu e o Espírito Santo foi derramado sobre eles, respondemos que, de acordo com essa ideia, houve um lapso entre a abolição dos dez, na cruz, e a revalidação dos nove – um lapso durante o qual não havia lei e, conseqüentemente, transgressão. Dessa forma, o homem podia blasfemar, matar, etc., sem que cometesse pecado! Mas, se o opositor se baseia no fato de que os nove mandamentos foram revalidados na cruz no momento em que ele acha que os dez mandamentos foram abolidos, entendemos que ele quer dizer que o Céu deu um golpe que matou todos os dez mandamentos, e, que o mesmo golpe, no mesmo instante, trouxe nove deles à vida outra vez! E tudo isso para se livrar do sábado, o qual, segundo Cristo disse, foi feito por causa do homem.

Muitos assumiram que (1) Cristo foi o Legislador do cristão e que (2) Ele deu, pessoalmente e por meio de Seus apóstolos inspirados, um código completo de leis para a presente dispensação. Afirmou-se, então,

que, como a lei do sábado não foi repetida no Novo Testamento, o sábado do sétimo dia não é um dia de guarda obrigatória para os cristãos. Deuteronômio 18:15-18 foi oferecido como prova de que Cristo foi nosso Legislador, mas pode-se ver que o texto ensina o contrário:

O Senhor, teu Deus, te despertará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu; e ele ouvireis; [...] Então, o Senhor me disse: Bem falaram naquilo que disseram. Eis que lhes suscitarei um profeta do meio de seus irmãos, como tu, e porei as Minhas palavras na sua boca, e ele lhes falará tudo o que Eu lhe ordenar.

Falando a respeito de Cristo, Pedro diz: “Porque Moisés disse: O Senhor, vosso Deus, levantará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim; a ele ouvireis em tudo quanto vos disser” (Atos 3:22).

Cristo, na posição de profeta ou mestre, era como Moisés. Perguntamos agora: Será que Moisés legislou? Será que ele criou leis para o povo? Não. Moisés recebeu as palavras da boca de Deus e as transmitiu para o povo. Não há nenhum registro de que ele tenha assumido a posição de legislador independente. A Palavra inspirada apresenta fatos que mostram o contrário. No caso do homem que apanhava lenha no sábado (Números 15:32-36), Moisés não tomou a liberdade de decidir sobre o caso, mas deixou que o grande Legislador o fizesse. “E o puseram em guarda; porquanto ainda não estava declarado o que se lhe devia fazer. Disse, pois, o Senhor a Moisés: Certamente morrerá o tal homem” (ver também Números 27:5-7; Levítico 24:11-14).

Temos o testemunho de Moisés (Deuteronômio 18:15), do Senhor (Deuteronômio 18:18) e de Pedro (Atos 3:22), e todos de comum acordo mostram que Cristo, como profeta, era igual a Moisés. Portanto, Ele não foi um Legislador independente. Diz o Pai eterno, falando de Seu Filho: “Ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar”. Jesus dá testemunho de Si mesmo nesse assunto, e Seu testemunho está de acordo com o do Pai. Atente para estas declarações do Filho de Deus:

Jesus lhes respondeu, e disse: A Minha doutrina não é Minha, mas Daquele que Me enviou (João 7:16).

Disse-lhes, pois, Jesus: Quando levantardes o Filho do Homem, então, conhecereis quem Eu Sou e que nada faço por Mim mesmo; mas falo como o Pai Me ensinou (João 8:28).

Porque Eu não tenho falado de Mim mesmo, mas o Pai, que Me enviou, Ele Me deu mandamento sobre o que hei de dizer e sobre o que hei de falar. E sei que o Seu mandamento é a vida eterna. Portanto, o que Eu falo, falo-o como o Pai Me tem dito (João 12:49, 50).

Quem não Me ama não guarda as Minhas palavras; ora, a palavra que ouvistes não é Minha, mas do Pai que Me enviou (João 14:24).

Através desses testemunhos, do Pai e do Filho, aprendemos que não foi a obra do nosso Senhor Jesus Cristo legislar, mas que Ele recebia as doutrinas da boca do Pai, e então as ensinava para o povo. Nesse aspecto, seja como profeta, seja como mestre, Ele foi como Moisés. Em ambos os casos o Pai é o Legislador.

A transfiguração é mencionada como prova de que Cristo é o Legislador da dispensação do evangelho. Diz-se que a presença de Moisés e de Cristo (os mestres de ambas as dispensações), e o fato de que Moisés ficou em segundo plano, devido à voz do céu que dizia: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; escutai-o”, mostram que Cristo é o Legislador da era presente, e que Seus ensinamentos substituem a lei de Deus, ocupando seu lugar. Mas um personagem muito importante é negligenciado pelos que assumem essa posição: o Pai. Ele também aparece no monte da transfiguração. Sua voz é ouvida como a mais elevada autoridade: “Este é o meu Filho amado; escutai-o”. Por mais que a glória de Cristo supere a de Moisés, ela não eclipsou a glória do Autor dos dez mandamentos. O grande Deus pronunciou os dez preceitos de Sua santa lei, aos ouvidos de todo o povo de Israel. Ele não deixou Moisés responsável por escrevê-los e entregá-los ao povo. Também não era tarefa do Filho de Deus entregá-los todos, ou parte deles, uma segunda vez aos homens da presente dispensação. Sob demonstrações de gloriosa grandeza, o grande Legislador pronunciou os dez mandamentos diretamente para o povo, e os escreveu em tábuas de pedra. Cristo cita vários deles, em diferentes momentos, para reforçar as doutrinas que Ele ensinou. Ele os trata como a lei de Seu Pai, e reforça sua imutabilidade.

Se for dito que, em seus escritos, os apóstolos estabeleceram um código de leis para a dispensação do evangelho, respondemos que essa ideia cria doze legisladores, enquanto Tiago diz: “Há só um Legislador”.

Veja a comissão dos onze: “Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado” (Mateus 28:19, 20). Cristo ensinou aos apóstolos aquilo que havia recebido do Pai, e era isso que eles deviam ensinar os homens a observar. Note, também, como é a obra do Espírito Santo e de quem ela procede: “Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito” (João 14:26). “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre” (João 14:16). O Espírito Santo veio do Pai, e um de Seus objetivos ao enviá-lo foi o de lembrar os discípulos das palavras da divina verdade, que o Filho recebera do Pai e lhes transmitira.

É Deus, o grande Legislador, que fala ao Seu povo em ambas as dispensações. “Havendo Deus, antigamente, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho” (Hebreus 1:1, 2).

NASCE UM PERIÓDICO

A questão do sábado foi ficando mais clara e, até essa época, as posições acima estavam sendo apresentadas, para pequenas congregações, pelo irmão Bates e por mim. A oposição se fortalecia e a batalha crescia. Preocupado com o dever de entrar em campo para batalhar pela verdade, publiquei, em julho de 1849, o primeiro número de um pequeno folheto chamado *The Present Truth* [A Verdade Presente], do qual forneço o seguinte trecho, com o intuito de descrever o espírito daquele momento:

É por meio da verdade que as almas são santificadas, ficando preparadas para entrar no reino eterno. A obediência à verdade nos fará morrer para este mundo, para que possamos estar vivos, pela fé em Jesus. “Santifica-os na verdade; a Tua palavra é a verdade” (João 17:17). Era essa a oração de Jesus. “Não tenho maior gozo do que este: o de ouvir que os meus filhos andam na verdade” (3 João 4).

O erro obscurece e acorrenta a mente, mas a verdade traz consigo liberdade, e proporciona luz e vida. A verdadeira caridade, ou o amor, “se alegra na verdade” (1 Coríntios 13:6). “A Tua lei é a verdade” (Salmo 119:142). Davi, descrevendo o dia da matança, quando a

pestilência andaré na escuridão e a mortandade assolará ao meio dia, de modo que “mil cairão ao teu lado, e dez mil, à tua direita”, diz: “Ele te cobrirá com as suas penas, e debaixo das suas asas estarás seguro; a sua verdade é escudo e broquel” (Salmo 91:4).

A tempestade se aproxima. Guerra, fome e pestilência já saíram a campo para realizar a matança. Agora é o tempo, o único momento de buscar proteção na verdade do Deus vivo. No tempo de Pedro, havia a verdade presente, ou verdade aplicável àquele tempo. A igreja sempre teve uma verdade presente. A verdade presente de agora é aquela que mostra o dever presente, e a posição certa para nós, que estamos prestes a testemunhar um tempo de angústia qual nunca houve. A verdade presente deve ser muitas vezes repetida, até mesmo para os que estão firmados nela. Isso foi necessário nos dias dos apóstolos e, certamente, não é menos importante para nós, que vivemos exatamente antes do fim dos tempos.

Há meses tenho me preocupado com o dever de escrever e publicar a verdade presente para o rebanho espalhado, mas, até agora, não via um caminho aberto para começar a obra. Tremo diante da palavra do Senhor, e da importância deste tempo. Tudo o que pode ser feito para disseminar a verdade deve ser feito rapidamente. Os quatro anjos estão contendo as nações em fúria, só por alguns dias, até que os santos sejam selados. Então, as nações se precipitarão como o rugido de muitas águas. Será, então, tarde demais para espalhar, entre as preciosas almas, as verdades presentes, salvadoras e vivas da Santa Bíblia. Meu espírito anseia alcançar os remanescentes espalhados. Que Deus os ajude a receber a verdade e que nela eles sejam firmados.

Esse pequeno folheto foi publicado em pouca quantidade. Junto com as publicações do irmão Bates, ele foi de grande ajuda para a causa. Depois, por falta de recursos, os poucos que ensinavam a verdade viajaram a pé, em vagões de segunda classe ou no convés de barcos a vapor. O testemunho que eles deram foi penetrante. Deus trabalhou com eles de maneira poderosa, e as animadoras notícias de conversões para a verdade vinham de todos os lados. Vários irmãos venderam suas propriedades e entregaram seus recursos para o progresso da causa. Rapazes e moças abriram mão de seus salários para ajudar pregadores em diferentes lugares, e para publicar livros de distribuição gratuita. Todos pareciam ofertar com alegria, e Deus abençoou abundantemente a todos que o fizeram. Os ministros e as demais pessoas ansiavam pelas almas, e trabalhavam por elas como se a chegada do dia de Deus fosse uma realidade envolvente.

Mas, naqueles dias em que a causa prosperava, também houve provações; e elas, de maneira geral, surgiam como consequência de uma disposição de se afastar das grandes verdades ligadas à terceira mensagem, em favor de pontos sem importância vital. Era impossível fazer alguns enxergarem que a verdade presente realmente era uma verdade *presente*, e não uma verdade futura, e que a palavra, tal como uma lâmpada, brilha mais intensamente onde estamos, e não tão claramente nas veredas distantes. Assim, a ordem dos eventos que ocorrerão daqui a mil anos, ou logo antes ou depois da vinda do Senhor, era um tema totalmente absorvente para alguns.

A REVIEW AND HERALD

Em 1850, eu comecei a publicar a *Review and Herald* em Paris, Maine. Como os amigos eram poucos, e, em geral, pobres, escolhemos esse local do interior para reduzir as despesas. Nessa época, vários pregadores haviam se unido na proclamação da verdade presente, e nossos corações foram, muitas vezes, animados pelo sucesso deles. Mas aqueles foram dias de poucos recursos, privações, trabalho árduo e angústia de espírito. Trabalhávamos ardentemente para trazer alguns para a verdade, dividindo nossos escassos fundos com eles e, ao mesmo tempo, sofrendo sem os confortos da vida. Com saúde debilitada, viajávamos de cidade em cidade, de estado em estado, pregando a palavra e fazendo palestras. Ao mesmo tempo, publicávamos a *Review* uma vez a cada duas ou três semanas.

Por volta dessa época, o irmão J. N. Andrews começou seu trabalho – o que representou um reforço muito importante para a obra. Esse querido irmão tem trabalhado fielmente pela causa, a qual tem sido atualmente abençoada por suas claras exposições, nas nossas mais importantes publicações, da verdade bíblica.

O primeiro número do segundo volume da *Review* foi publicado em Saratoga Springs, Nova York, em 5 de agosto de 1851. Até aquele momento, não tínhamos uma casa permanente, mas viajávamos quando se abria um caminho, e parávamos para escrever e publicar onde quer que os irmãos nos recebessem de bom grado. Nossos dois filhos pequenos estavam separados de nós, e a 850 quilômetros um do outro.

Em março de 1852, a *Review* se estabeleceu em Rochester, Nova York. Os amigos da causa levantaram setecentos a oitocentos dólares para adquirir uma máquina impressora, bem como material de impressão, com os quais pudesse ser publicado o periódico. Essa foi uma era nova e importante para o progresso da causa. Aqui começaram a ser escritas as cartas do irmão Andrews para O. R. L. Crosier, em que ele não somente expunha a debilidade da heresia da inexistência de dia de repouso, como também condenava a maneira enganosa como alguns manejavam a Palavra de Deus. A causa obteve sucesso de leste a oeste. O irmão Waggoner fez testemunhas da verdade em muitos locais do estado de Wisconsin. Os esforços dos irmãos Cornell e Cranson foram grandemente abençoados em Michigan. O irmão Bates obteve seu costumeiro sucesso em diferentes estados, bem como no Canadá, por onde passou rapidamente. Outros irmãos dos estados de Nova York e da Nova Inglaterra também obtiveram sucesso. Não posso representar melhor as coisas que sucederam do que citando trechos do artigo da *Review*, v. 11, p. 77, que transcrevo sob o título proposital de:

UM PROCESSO PURIFICADOR

É evidente, contudo, que, com o aumento dos números, não houve um aumento correspondente na consagração e nas graças do Espírito. A verdade estava sendo apresentada mais claramente, e muitos a estavam aceitando, mas, ao mesmo tempo, o padrão de consagração, renúncia própria e sacrifício estava se rebaixando entre nós como povo. Houve um grande crescimento nos números. Os trechos das Escrituras que evidenciavam a nossa posição eram os temas das conferências públicas, enquanto pregações práticas e exortativas eram extremamente negligenciadas. A maioria dos guardadores do sábado ficou um tanto satisfeita com essa forma de pregação destituída de poder. Multidões de hipócritas inundaram as nossas fileiras. Homens sem princípios, com a consciência cauterizada, passaram a professar o sábado, e o espírito do mundo prevaleceu entre o corpo de crentes.

Houve um apelo, feito por meio da *Review*, em favor da disciplina eclesiástica, algo considerado muito desagradável por alguns de nosso meio, pois eles desejavam seguir seu próprio caminho e odiavam a reprovação e a instrução. Eles escolheram ser mestres,

quando deveriam ter adotado a postura de aprendizes. Eles saíram para ensinar a verdade sem que o Senhor os enviasse, ou sem a aprovação da igreja. Eles semearam as sementes do descontentamento, desunião e morte em todos os lugares que passaram. Alguns deles receberam cuidadosa orientação e reprovação. Outros não receberam o nível de aprovação e atenção que gostariam. E muitos foram repreendidos pelo Senhor, por causa de seu comportamento irresponsável e anti-cristão. Essa reprovação despertou neles inveja e ira, e, finalmente, eles começaram a publicar um folheto difamatório, em Jackson, Michigan, que veio ao encontro dos sentimentos de muitos, que estavam prontos para ser dominados pelo espírito de inveja, ódio e vingança contra aqueles que os haviam reprovado por seus erros. Todos eles externaram seus sentimentos de amargura e ira ao ler esse folheto.

Essa situação causou grande pesar em muitos irmãos queridos, e, na época, parecia que a preciosa causa estava sendo prejudicada. Contudo, esse folheto estava revelando o íntimo do coração de muitos, e provando o corpo de crentes. Ficou evidente, a todas as pessoas de respeito, que os que estavam espalhando esse folheto não estavam aptos a caminhar com os santos. Mencionaremos alguns dos principais homens dessa facção, descrevendo a situação em que se encontravam quando ouvimos a respeito deles pela última vez. W----n, rejeitado por ter parte em crimes e por ter uma acusação judicial; B----o, o editor do folheto, havia recebido uma multa de 25 dólares por apontar uma pistola e ameaçar atirar em um aluno na escola; C----e, dispensado da pregação e encontrado pescando nos lagos; C-----n, foi visto numa loja de roupas; L-----s, tornou-se um espírita R-----l e H-----s haviam acusado de hipócritas a B-----o e aos editores do folheto, e ficaram sozinhos. Parece-me que, assim que esses espíritos irrequietos saíram do nosso meio por iniciativa própria, eles imediatamente começaram a morder e devorar uns aos outros, até o ponto de não haver, no momento, nenhum dos dezoito mensageiros – que eles no início se vangloriavam de ter em seu meio – apresentando algum testemunho público. Além disso, eles não têm, até onde sabemos, nenhum lugar regular de reuniões, quer seja no leste ou no oeste.

Isso despertou os verdadeiros amigos da causa para a necessidade de testemunhar, ousada e independentemente, em favor da verdade e dos dons do Espírito Santo. E esses dons, tão desprezados por essa facção, eram agora valorizados, como nunca antes, pelos irmãos. Essa facção desintegrou-se e desapareceu, e o corpo de crentes ergueu-se em união e força. E onde quer que uma pessoa sem valores morais

tenha deixado as fileiras, outras quatro valiosas almas agora as engrossam, tornando-se observadores do sábado. Na época em que esse sentimento de hostilidade predominava, e esforços eram feitos para destruir a *Review*, o patrimônio da igreja no Escritório era de apenas 700 dólares. Mas, desde então, ele aumentou para 5 mil dólares. Naquela época, havia cerca de mil assinaturas pagas; agora, há quase duas mil, e uma lista considerável de assinaturas gratuitas. Lamentamos nossa condição de mornidão. Não temos nada de que nos vangloriar. Mas devemos dar graças a Deus por ter concedido, até o momento, a vitória à verdade, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. A verdade há de triunfar. Mesmo que os que agora a professam desertem por sua infidelidade, Deus pode suscitar um exército fiel para lutar Suas batalhas, e usar a coroa da vitória. Aqueles que resistiram diante das tempestades do passado, não abandonarão seu posto agora. Embora muitos, sem fé suficiente para agir, venham a ser sacudidos e deixados para trás, ainda assim esses fiéis, que prosseguem labutando, gemendo, suspirando e clamando por salvação e livramento, entrarão na cidade de Deus, e compartilharão do descanso eterno.

REUNIÕES EM TENDAS

As atividades em tendas, como método eficaz de disseminar a verdade, foram iniciadas por nós no verão de 1854. A primeira reunião teve lugar em Battle Creek, Michigan, em 10 e 11 de junho daquele ano. Essas reuniões atraíam grandes congregações, aumentando a publicidade das nossas ideias transmitidas por palestras e pelas nossas publicações, que foram grandemente multiplicadas e eram muito procuradas. Desde essa época, as reuniões em tendas tiveram grande sucesso na Nova Inglaterra, Nova York, Pensilvânia, Ohio, Michigan, Illinois, Wisconsin, Iowa e Minnesota.

TRANSFERÊNCIA PARA MICHIGAN

O outono de 1855 me encontrou com as forças muito debilitadas, em consequência do trabalho e das preocupações incessantes com as tarefas de editar, publicar, viajar e pregar. Muitos chegaram a pensar que eu morreria de tuberculose. Uma mudança parecia ser necessária. Eu tinha

dívidas enormes, em consequência de ter imprimido muitas edições de nossas publicações. Nessa ocasião, apelei aos meus irmãos para que assumissem, em meu lugar, os cuidados e responsabilidades do escritório, e aconselhei-os a transferi-lo para um local mais favorável. A verdade tinha se estabelecido firmemente em Michigan, e os irmãos daquele estado nobremente se dispuseram, naquele tempo de necessidade, e assumiram as responsabilidades do escritório. Numa conferência realizada em Battle Creek, Michigan, pelos amigos da causa de Michigan e de Indiana, em 23 de setembro de 1855, apresentei as seguintes resoluções, que foram unanimemente adotadas:

1. Que o Escritório da *Advent Review* continuasse sendo propriedade da igreja.
2. Que o Escritório da *Advent Review* fosse transferido para Battle Creek, Michigan.
3. Que uma comissão financeira de três pessoas fosse escolhida, cuja tarefa seria a de transferir o Escritório e publicar a *Advent Review*.
4. Que D. R. Palmer, de Jackson, Henry Lyon e Cyrenius Smith, de Battle Creek, fossem os membros dessa comissão.

Imediatamente ergueu-se um edifício, e os passos necessários para a mudança do Escritório foram dados.

Em 16 de novembro de 1855, uma reunião da Conferência Geral teve lugar em Battle Creek, a qual sancionou as ações da conferência de 23 de setembro de 1855 e elegeu Uriah Smith como editor residente da *Review*. A última revista publicada em Rochester, Nova York, datava de 30 de outubro de 1855, e sua publicação foi retomada em 4 de dezembro do mesmo ano, em Battle Creek. As despesas do novo prédio foram rapidamente cobertas, a mudança do Escritório foi efetivada e logo o departamento de publicações prosperou.

IMPRESSORA MECÂNICA

As atividades no Escritório aumentaram tão rápido que logo a impressora manual se tornou completamente inadequada para realizar o serviço. Foi dirigido um apelo para os amigos da causa, dessa vez, para que

doassem os fundos necessários para a compra de uma impressora mecânica. Os irmãos responderam imediatamente. Uma impressora mecânica Adams' New Patent foi comprada, e a *Review* de 30 de julho de 1857 foi o primeiro número a ser impresso nela. Na sequência, foi adquirida uma máquina a vapor para movimentar a impressora. O custo total da impressora, da máquina a vapor e dos equipamentos ficou em 2.500 dólares, que foram rapidamente providenciados pelas doações dos irmãos.

A ASSOCIAÇÃO DE PUBLICAÇÕES

Mas as necessidades da causa logo exigiram um aumento do capital, e operações mais abrangentes. Para atender a essa demanda, foi fundada a Associação Adventista do Sétimo Dia de Publicações, como uma sociedade anônima, na cidade de Battle Creek, em 3 de maio de 1861. A *Review* e todos os demais assuntos da área de publicações foram legalmente transferidos para ela, pelos seus respectivos encarregados anteriores. Essa Associação imediatamente construiu uma grande casa publicadora e, desde então, tem estado engajada em cumprir os objetivos que levaram a sua criação. Seu oitavo relatório anual, de 14 de maio de 1868, mostrou que o valor do patrimônio pertencente à Associação era de U\$35.996,59, sem qualquer compromisso financeiro.

A ORGANIZAÇÃO

O assunto da organização da igreja vinha sendo abordado pela *Review*, de tempos em tempos, desde 1850, e a necessidade de algum tipo de organização, ainda que simples, já havia sido bastante discutida. As posições sobre a Babilônia e a responsabilidade a respeito da segunda mensagem tinham levado muitos do nosso povo a temer qualquer espécie de organização, ainda que simples. Babilônia quer dizer confusão. Não era desígnio de Deus trazer Seu povo para fora da confusão de Babilônia e levá-lo para uma confusão ainda maior, sem ordem ou disciplina. Isso só pioraria algo que já era ruim. Seu objetivo ao trazê-los para fora das igrejas era discipliná-los e uni-los, preparando-os para a última grande ba-

talha da verdade, sob a proclamação da terceira mensagem angélica. Não se ambicionava construir uma denominação que apenas passasse a ideia de uma organização, mas que refletisse as necessidades concretas da obra. Por algum tempo, a questão da organização avançou com sérias dificuldades. Mas a importância de uma ação unida, e de alguma forma simples de organização, através da qual pudéssemos regularizar nossos lugares de culto do ponto de vista legal, e manter a propriedade necessária para conduzir, de maneira eficiente, o departamento de publicações, foi pleiteada por aqueles que viram e sentiram as necessidades da causa. Não demorou muito para que nosso povo superasse seus medos, e se unisse no trabalho, o qual obteve sucesso.

Na organização de nossa igreja, a Associação Geral, composta de delegados das diferentes Associações estaduais, é nossa mais alta autoridade. Essa Associação escolhe anualmente, além dos oficiais usuais, uma comissão de três pessoas, que têm a missão de supervisionar o trabalho por todo o campo.

Depois dela, na hierarquia, estão nossas várias Associações estaduais, compostas de ministros e delegados de todas as igrejas de seus respectivos estados. Essas associações também têm uma comissão de três pessoas, que supervisionam o trabalho em seus estados durante o ano.

Depois vêm as igrejas individuais, associadas sob o seguinte pacto: “Nós, os abaixo assinados, pelo presente documento, nos associamos como uma igreja, assumindo o nome Adventistas do Sétimo Dia, e fazemos o pacto de guardar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus”. Os oficiais da igreja são os anciãos, diáconos e secretário.

BENEVOLÊNCIA SISTEMÁTICA

No estágio inicial da causa, nosso povo não tinha um sistema que servisse de base para sustentar os ministros financeiramente. Os que se dispunham a dar alguma coisa davam o que decidiam dar. Por algum tempo, nossos ministros eram sustentados por algumas almas liberais, ao passo que a maioria dos membros se abstinha de fazer qualquer tipo de contribuição. Logo ficou evidente que aquelas pessoas liberais estavam se

cansando dessa desigualdade, e elas começaram a reter seu apoio. Assim, no inverno de 1858-9, alguns dos nossos mais eficientes obreiros estavam pensando em deixar a obra do evangelho para trabalhar e providenciar o sustento para suas famílias.

Nessa conjuntura, sentindo que algo devia ser feito, eu finalmente preparei um discurso sobre a benevolência sistemática para a igreja de Battle Creek. Minha mensagem foi recebida, e publicada na *Review* de 3 de fevereiro de 1859, como um apelo daquela igreja para as igrejas e os irmãos de Michigan. Esse sistema está baseado em 1 Coríntios 16:2: “No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte o que puder ajuntar, conforme a sua prosperidade, para que se não façam as coletas quando eu chegar”. Atualmente, já amadurecido, o sistema sugere a todos os crentes que estão desfrutando de prosperidade que: 1) doem, a cada semana, dois centavos por cada cem dólares de propriedades que possuírem; 2) façam uma contribuição pessoal, a cada semana, que varie entre um e vinte e cinco centavos, ou até mais, de acordo com sua capacidade. O objetivo da segunda sugestão é abarcar os que têm a capacidade de produzir recursos, mas que têm poucas ou nenhuma propriedade. O apelo quanto à necessidade e igualdade do sistema é feito a todos; todavia, deixamos que cada um avalie sua propriedade pessoal e oferte, por amor e temor a Deus, de acordo com sua prosperidade. As viúvas, os idosos e os enfermos, os quais estão em circunstâncias prementes, estão isentos de ofertar. Esse sistema não é compulsório, mas da maneira como está sendo estabelecido entre nós, é um sistema de benevolência sistemática. Embora peçamos a todos que participem desta obra com sentimento de alegre benevolência, ninguém é forçado a fazê-lo.

Por algum tempo, esse sistema recebeu considerável oposição, mas ao ser explicado com clareza, ele passou a ser visto como um perfeito sistema de igualdade. Os pobres, que tinham apenas poucas centenas de dólares, eram chamados a participar com uma soma tão insignificante que eles eram os últimos a se opor. E os ricos certamente podiam ofertar uma pequena porcentagem da abundância que possuíam. Esse sistema é geralmente adotado por nosso povo em todas as localidades, provendo um suporte liberal para nossos ministros e deixando-os livres para se dedicarem inteiramente à obra do ministério.

16. REVENDO O PASSADO

Quando fazemos uma retrospectiva do grande movimento do advento, com suas jubilosas expectativas e seus amargos desapontamentos, sua prosperidade e adversidade, suas vitórias triunfantes e suas provações, parece claro que foi obra do Senhor separar um povo do mundo, purificando, alvejando e provando-o, preparando-o assim para a vinda do Senhor. Os adventistas ficaram desapontados? Os israelitas também ficaram quando não entraram de imediato em Canaã; os discípulos também, quando Jesus morreu na cruz. A fé e a paciência dos adventistas foram provadas? A fé e a paciência dos israelitas também foram provadas nos quarenta anos de peregrinação pelo deserto. Da mesma forma, a fé e a paciência dos discípulos foram severamente testadas na inesperada morte de seu amado Mestre. Não foram poucos os que, dentre aqueles que, a princípio, esperavam com alegria o Rei da glória, mantiveram-se firmes em sua fé e esperança? E não foram muitos os que abandonaram sua confiança nesta obra e se afastaram, escolhendo o caminho da perdição? Apenas Josué e Calebe, dos seiscentos mil homens adultos que saíram do Egito, entraram na terra prometida. E o que dizer sobre os doze escolhidos, na hora de angústia de seu Senhor? “Então, todos os discípulos, deixando-o, fugiram” (Mateus 26:56).

O homem não é capaz de se tornar bom. É plano de Deus provar Seu povo de todas as eras para testar sua fé e paciência. Isso acontece para o bem do homem e para a glória do Seu nome. Foi necessário que personagens nobres, tais como Noé, Abraão, Jó e Daniel, passassem pelos mais severos testes. Se os milhares de adventistas tivessem entrado, triunfantes, no reino de Deus no momento esperado por eles, sem que passassem por praticamente nenhuma provação, o êxito da obra de Deus no passado seria improvável. “Bem-aventurado o varão que sofre a tentação; porque, quando for provado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor tem prometido aos que o amam” (Tiago 1:12). Esse é o plano de Deus. Primeiro, a cruz e a provação; depois, a coroa de glória perene. Quando lembro “dos dias anteriores”, no que concerne ao movimento do advento, e vejo sua adaptação perfeita às necessidades do povo e o grande plano de Deus para salvar

o homem, minha alma diz: “Tudo Ele tem feito esplendidamente bem” (Hebreus 10:32; Marcos 7:37).

A fim de que a primeira mensagem despertasse o povo, e separasse do mundo os que iriam recebê-la, era preciso que ela, além de alertar contra as temerosas realidades do Juízo, informasse sobre o período em que ela podia ser aguardada. “Temei a Deus e dai-Lhe glória porque vinda é a hora de Seu juízo”. A proclamação do tempo era uma parte do plano de Deus, pois ela trouxe a vinda do Senhor para muito perto. E foi correta e necessária para mover o povo. E, quando o tempo passou, em vez de chamar a atenção dos crentes para algum período de tempo no futuro, quando poderiam esperar pela vinda do Senhor, o Espírito de Deus, meiga e poderosamente, impressionou a mente e o coração deles com esta passagem: “Não abandonéis, portanto, a vossa confiança; ela tem grande galardão. Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa. Porque, ainda dentro de pouco tempo, Aquele que vem virá e não tardará” (Hebreus 10:35-37).

Ninguém sabia, no entanto, quanto tempo representava esse “pouco tempo”. E era melhor que ninguém soubesse quando ele terminaria. E mais: não era plano de Deus que essa informação fosse conhecida, e sim que eles avançassem, durante o período de paciência dos santos (Apocalipse 14:12), até a vinda do Senhor, mantendo sempre esse evento diante deles. Os que têm ensinado as três mensagens nos últimos vinte anos, têm, por todo esse tempo, apresentado a breve vinda de Cristo como estando às portas. Isso é parte do desígnio de Deus. E, quanto aos que murmuram contra os ministros de Deus por causa disso, que murmurem contra a providência de Deus.

É doloroso ouvir aqueles que têm seus olhos voltados para o Egito se queixarem de que a mensagem não foi pregada para eles de maneira apropriada. A vinda do Senhor foi apresentada como estando muito próxima. Esses dizem que, se tivessem entendido o assunto, teriam feito planos diferentes para o futuro; e, agora, suas propriedades teriam o dobro do valor atual. Eles murmuram contra a direta providência de Deus. A vinda do Senhor foi apresentada como estando muito próxima em 1844 para afastar os homens do amor deste mundo, e para que eles pudessem

compartilhar do amor do Pai e buscar estar preparados para a vinda de Seu Filho. Eles não podem ter as duas coisas. “Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele” (1 João 2:15). E foi desígnio de Deus que a vinda de Cristo fosse vista pelos crentes como estando muito próxima, a cada passo da jornada, desde o desapontamento de 1844 até os portões da cidade de ouro, para mantê-los afastados do amor deste mundo.

Foi perguntado a um ativo ministro adventista, ao este visitar os crentes em Roxbury, Massachusetts: “Qual é a sua mensagem agora, irmão B.?”, ao que ele respondeu: “Sai dela, povo meu”. Logo depois da passagem do tempo, ele visitou aquelas pessoas outra vez e, em resposta à pergunta “Qual é sua mensagem agora, irmão B.?”, ele deu a resposta adequada e apropriada: “*Continuem* fora dela, povo meu”. O Céu determinou que a vinda de Cristo fosse apresentada como estando muito próxima, para retirar o amor do coração dos homens para com o mundo, e para que, em sua fé, eles mantivessem Sua vinda diante de si, até que a fé se dissipasse diante das fulgurantes glórias da chegada do Filho do homem. Se sempre mantivermos a fé de que a vinda de Jesus está próxima e vivermos em conformidade com essa fé, guardando os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, poderemos ser salvos. Mas se colocarmos a esperança da vinda do Senhor em um futuro distante, se formos dominados pelo amor e pelo espírito deste mundo e permanecermos nesse estado, a perdição será certa. Que a dolorosa história do passado, referente aos que disseram em seu coração “O meu senhor tarde virá” e apostataram da fé, sendo entregues ao mundo e a Satanás, seja uma advertência a todos nós, para que estejamos sempre aguardando e apressando a vinda do dia de Deus.

Quando a voz de advertência do primeiro anjo foi ouvida pela primeira vez, as igrejas nominais estavam dormindo quanto ao assunto do segundo advento, e sonhando com a conversão do mundo. Mas a verdade era clara e, nas mãos de homens devotos, poderosa. Em todos os lugares onde a mensagem era proclamada, ela produzia uma convicção geral. As Escrituras eram esquadrihadas como nunca antes; em poucos anos, uma grande revolução na crença religiosa ocorreu. Pelo menos cinquenta mil pessoas, somente nos Estados Unidos, tornaram-se crentes convictos. Os tempos proféticos descritos na mensagem cumpriram seu propósito e fi-

zeram com que ela atingisse seu objetivo. A mensagem do primeiro anjo foi uma mensagem a respeito do tempo; a segunda e a terceira não são mensagens de tempo. A primeira despertou as pessoas pela rápida aproximação do juízo; as duas últimas lhes dizem o que elas devem fazer para ser salvas. E o grande objetivo de Satanás tem sido instituir numerosos movimentos relacionados ao estabelecimento de novas datas, entre alguns adventistas, desde 1844, para violar a obra de preparação. A passagem de cada data tem enfraquecido a fé dos crentes, e feito como que os incrédulos olhem para os adventistas com crescente aversão. E o resultado desses movimentos espúrios de tempo, onde quer que eles cheguem, tem sido confusão e irreligiosidade.

O subtítulo deste livro chama a atenção para o grande movimento adventista, conforme ilustrado pelos três anjos de Apocalipse 14. A proclamação da verdade e a obra de Deus neste movimento, começando com o trabalho de Guilherme Miller e chegando até o fechamento da porta da graça, são ilustradas por esses três anjos. O primeiro apresentou uma mensagem de tempo relacionada com o juízo. O segundo descreveu a condição do cristianismo corrompido. O terceiro trouxe uma solene advertência quanto àquilo que o homem não deve fazer, bem como aquilo que deve fazer, a fim de estar salvo quando Cristo vier. Esses anjos ilustram as três grandes divisões do movimento verdadeiro. Eles não incluem os numerosos movimentos relacionados com o tempo que têm aparecido desde 1844, o que nos leva à conclusão, para dizer o mínimo, de que esses movimentos não eram do Céu.

Os adventistas do sétimo dia se firmaram sob a bandeira do grande movimento do advento. Portanto, eles precisam das mensagens pregadas por aqueles que dele participaram. Eles as explicam em seus sermões, tratam delas em seus livros e as incluem, juntamente com outros símbolos proféticos, em seus gráficos. Eles não podem dispensar esses elos da corrente de ouro da verdade, pois eles conectam o passado, o presente e o futuro, e criam uma linda harmonia no grande todo.

Os indivíduos que continuam a marcar datas [*timeists*] e, em realidade, todos os adventistas que não reconhecem a providência especial de Deus no trabalho de Guilherme Miller e de seus associados, em 1843

e 1844, não sentem necessidade da mensagem dos três anjos. Eles não as apresentam em seus sermões nem nas exposições impressas sobre as profecias, a menos que seja para se oporem a nós. Eles não deixam espaço para elas entre os outros símbolos proféticos de seus gráficos. Com efeito, eles as tratam com toda a negligência que seria justificável caso elas fossem uma interpolação perversa feita por homens que buscam corromper as Sagradas Escrituras. E nenhuma razão pode ser apresentada para explicar por que eles insistem no fanatismo da marcação de datas, e de outras fantasias não incluídas nos símbolos apresentados pelos três anjos – não fazendo parte, portanto, do grande movimento –, e resistem à verdade de Deus para este tempo. Talvez seja porque, como consequência de não receberem nem reterem o amor pela verdade relacionada ao cumprimento da profecia no movimento do Advento, Deus tenha permitido que eles fossem entregues a grandes ilusões. Eu repito: as três mensagens simbolizam as três partes do movimento genuíno. Qualquer coisa que surja e não esteja incluída nos símbolos apresentados pelos três anjos, ainda que seja rotulada de “adventismo”, é espúria.

Vale ressaltar que o santuário era o cerne do sistema típico. Ele era o repositório da arca de Deus, na qual Sua lei estava depositada. Através dessa lei, o povo tomava conhecimento do pecado. O santuário também era o lugar onde eles, figurativamente, encontravam perdão para seus pecados através das ofertas que eram oferecidas. Todo esse sistema, com seu grande centro – o santuário – era nada mais que uma sombra das realidades do atual sistema de salvação. A sombra estava na terra; a realidade, no Céu. Isso é descrito pelo apóstolo em poucas palavras: “Temos um sumo sacerdote tal, que está assentado nos céus à destra do trono da Majestade, ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem” (Hebreus 8:1, 2). O santuário do novo concerto, que está no Céu, é o grande cerne do plano da redenção. Ali Cristo oferece Seu sangue em favor dos pecados do homem. No tabernáculo verdadeiro, existem dois lugares santos, assim como no tabernáculo terrestre. No lugar santíssimo está a arca de Deus, contendo os dez preceitos de Sua lei, assim como no lugar santíssimo da sombra. Aqui está um tema digno da atenção de todos os cristãos. É um tema pelo qual eles deveriam sentir o

mais profundo interesse, pois cada pessoa tem um caso de consequências eternas pendente ali.

A obra de purificação desse santuário, ao se encerrarem os 2.300 dias, é um assunto que deveria interessar profundamente todos os adventistas. Ele tem a ver com a confissão, o perdão e o cancelamento dos pecados. Uma fé correta e inteligente enxerga seu adorável Redentor no lugar santíssimo do verdadeiro tabernáculo, oferecendo Seu sangue diante do propiciatório, pelos pecados daqueles que quebraram a lei de Deus, que se encontra embaixo dele. A fé verdadeira alcança o segundo véu, onde se encontram Jesus e a arca de Deus. Ali, através da lei, tomamos conhecimento do pecado, e, através do sangue de Jesus, podemos encontrar perdão e ter parte na redenção eterna. A purificação desse santuário, portanto, é um assunto importantíssimo e deveras inspirador, especialmente para os adventistas. É a chave para o grande movimento do advento, pois torna tudo claro. Sem ele, o movimento é inexplicável.

Os adventistas do sétimo dia se detêm sobre esse assunto com grande deleite, pois ele abre diante deles a arca de Deus, na qual são vistos os dez preceitos de Sua lei. Eles os guardam. Esse tema apresenta Jesus perante o propiciatório, pronto para interceder pela causa dos pecadores que, em espírito de arrependimento e confissão, buscam-nO pedindo que os ajude. Eles O amam e procuram obedecer-Lhe, de maneira que, a respeito deles, é dito: “Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus”. Eles tratam do assunto do santuário em seus sermões e livros, e encontram espaço para ele entre os símbolos proféticos de seus gráficos. Os adventistas do sétimo dia não podem deixar de considerar o assunto do santuário, pois ele é o grande centro em torno do qual se agrupam todas as verdades reveladas sobre a salvação, e contribui mais do que qualquer outra doutrina para a identificação de sua atual posição.

Mas os adventistas nominais tratam do assunto como se ele não tivesse, para eles, a menor importância. Pelo fato de terem abolido os dez mandamentos internamente, em seu próprio coração, eles não dão importância à arca de Deus, colocando-a de lado como se fosse um móvel antiquado e fora de moda. Seus sermões, publicações e exposições não fazem referência à purificação do santuário celestial, a menos que seja para se oporem às ideias

dos adventistas do sétimo dia, para os ridicularizarem ou, desconhecendo o assunto, para falarem sobre ele com desdém, como se o Céu estivesse sujo e precisando de limpeza. E, como, por exemplo, no caso dos três anjos, tampouco se vê o santuário representado em seus gráficos proféticos.

Mas nós valorizamos essas coisas mais que todos os bens terrenos, dando-lhes proeminência em todos os nossos ensinamentos religiosos, pois nelas está a verdade de Deus para este tempo, ou a verdade presente. E é por isso que os que “ao mal chamam bem e ao bem mal; que fazem da escuridade luz, e da luz escuridade; e fazem do amargo doce, e do doce amargo”, se afastam dessas verdades como se fossem indignas de sua atenção, abordando-as apenas para lhes fazer oposição, denunciar e ridicularizar (Isaías 5:20).

17. A LÍNGUA DO CALUNIADOR

Durante o surgimento e progresso da proclamação da terceira mensagem, a língua do caluniador não esteve silente. Os homens sempre usarão os melhores argumentos que têm. Quando não conseguem usar a Bíblia para combater as posições dos que ensinam verdades incômodas impopulares, alguns recorrem à calúnia como sua melhor ferramenta. Eles às vezes percebem que a situação é desesperadora e sentem que precisam resolvê-la de forma urgente. A verdade é poderosa. O povo a ouve e alguns a obedecem, com frequência os melhores membros de várias organizações religiosas. Os esforços para fazer oposição à verdade com base em argumentos bíblicos não conseguem silenciar sua voz e, em alguns casos, fazem com que a mente de muitos se volte para ela. Frente a isso, eles sentem que algo deve ser feito. É doloroso registrar que, como consequência disso, em muitos casos, professos ministros de Jesus Cristo apelam para uma linguagem suja e vulgar, e se rebaixam, inventando e repetindo as calúnias mais vis a fim de despertar o preconceito das pessoas contra os que defendem a verdade de Deus.

Existem centenas de ministros nos Estados Unidos que, caso a proclamação das verdades impopulares da terceira mensagem em sua vizinhança os perturbe em sua quieta possessão dos ouvidos do povo, teriam muita satisfação em repetir as velhas e surradas falsidades concernentes às túnicas preparadas para a ascensão, e coisas parecidas, para enfraquecer a influência do servo de Deus.

Em quase todos os lugares onde nossos ministros apresentam palestras sobre a segunda vinda de Cristo e sobre a preparação necessária para esse evento, eles têm que lutar contra os preconceitos do povo, causado por histórias sobre as inconsistências dos adventistas, uma das quais é que, a certa altura da espera no passado, muitos deles de fato prepararam túnicas de linho branco, e as vestiram para ficar prontos para subir e encontrar o Senhor que estava prestes a vir.

Embora todas as pessoas sãs, que tenham algum conhecimento daquilo que as Santas Escrituras ensinam sobre a preparação necessária para encontrar o Senhor, quando Ele descer do Céu, concordem que preparar uma túnica branca literal para aguardar a transferência da terra para o Céu, da mortalidade para a imortali-

dade, seja uma indicação de total insanidade mental, nenhuma delas verá em tal ato evidências de criminalidade.

Mas eu não creio que nada disso tenha jamais ocorrido. Estou ativamente engajado na proclamação da doutrina do segundo advento há mais de vinte e cinco anos, tendo viajado e pregado no Maine, New Hampshire, Vermont, Massachusetts, Connecticut, Rhode Island, Nova York, Ohio, Michigan, Illinois, Wisconsin, Iowa e Canadá, e não conheci ninguém que tivesse visto um adventista vestido dessa maneira, ou alguém que mostrasse provas de que algo do tipo tivesse acontecido, apenas relatos vagos. Os relatos eram sempre sobre pessoas da cidade vizinha, ou do outro condado ou estado.

Repetimos: relatos com referência a esse assunto e calúnias de natureza semelhante foram uma centena de vezes refutados em periódicos do segundo advento, e evidências que comprovem a veracidade dessas declarações têm sido solicitadas. No entanto, ninguém foi capaz de apresentar tais provas. Mesmo assim, a língua do caluniador se deleita em repetir as velhas e surradas falsidades. Os pastores Loughborough e Strong as ouviram em Orange, Michigan, em janeiro de 1868, assim como o pastor Cornell, em Johnstown, Michigan, poucas semanas depois. Em ambos os casos, a desprezível inverdade foi declarada do púlpito, por professos ministros de Jesus Cristo.

Em geral, as pessoas dão crédito às declarações desses ministros e concluem que a história das túnicas para a ascensão é verdadeira. Especialmente os que não são favoráveis às ideias sobre o segundo advento, apreciam essa espécie de difamação por parte do clero. O fato de nosso povo nem sempre estar preparado para enfrentá-la acaba sendo a razão por que eu me sinto chamado para falar desse assunto aqui.

Em 1847, durante nossa travessia de barco a vapor de Portland, Maine, a Boston, Massachusetts, a Sra. White estava falando aos presentes na cabine das mulheres sobre a assustadora tempestade que enfrentamos, em uma recente travessia entre as duas cidades. Ela falava da importância de estarmos sempre preparados para o encerramento de nosso tempo de graça, seja na morte, seja na volta de Cristo. Uma senhora que estava perto replicou:

“É assim que os mileritas falam. Eu pretendo me divertir antes de me tornar uma cristã de cara comprida. Os mileritas são o grupo mais iludido da terra. No dia em que eles esperavam que Cristo viesse, grupos deles, em diferentes lugares, vestiram suas túnicas de ascensão e foram para cemitérios, para o teto das casas e para as altas colinas, e ali ficaram orando e cantando até que a data passou.”

A Sra. White, então, perguntou para aquela senhora se ela havia visto alguma pessoa vestida daquela maneira. Ela respondeu:

“Eu mesma não vi. Mas uma amiga que viu me contou. E o fato é tão conhecido em todos os lugares que eu creio nele como se tivesse, eu mesma, visto.”

A essa altura, outra mulher, sentindo que o testemunho da primeira não devia ser questionado, declarou:

“Não adianta negar que os mileritas realmente vestiram suas túnicas para a ascensão, pois eles o fizeram nas cidades ao redor da minha.”

A Sra. White perguntou se essa senhora os tinha visto usando suas túnicas. Ela respondeu:

“Não, eu não os vi, pois eles não estavam em minha vizinhança imediata. Mas isso foi amplamente divulgado, e todos acreditam que eles realmente fizeram túnicas para a ascensão e as vestiram.”

A essa altura, sentimentos muito fortes estavam, evidentemente, controlando essas duas senhoras, pois a Sra. White não parecia dar crédito ao que elas diziam contra os mileritas. E a primeira a intervir declarou, alterada:

“Eu sei que isso aconteceu. Eu acredito plenamente no testemunho dos que me contaram essas coisas. Acredito no que os meus amigos me disseram sobre esses mileritas fanáticos, como se eu mesma tivesse visto.”

A Sra. White, então, lhe perguntou os nomes de algumas das pessoas que participaram desse movimento fanático, declarando que, se era tão comum vestir túnicas para a ascensão, certamente ela poderia dar os nomes de alguns. A isso, ela respondeu:

“Certamente eu posso lhe dar nomes. Havia, em Portland, as irmãs gêmeas Harmon. Minhas amigas me disseram que viram suas túnicas e que também as viram saindo para um cemitério vestidas com elas. Com o passar do tempo, elas se tornaram incrédulas.”

Uma colega de classe da Sra. White, que nunca tinha sido adventista, estava naquela cabine e tinha observado a conversa com interesse e bom humor. Ela estivera em contato com as irmãs Harmon durante todo o período da experiência delas no segundo advento. Ela não pôde mais conter seus sentimentos e, entre risos, entrou na conversa. Apontando para a Sra. White, disse:

“Essa é uma das irmãs gêmeas Harmon. Eu as conheço desde pequenas, e sei que esse relato de que elas fizeram e usaram túnicas para a ascensão é mentira. Eu nunca fui milerita. Todavia, não acredito que nada disso tenha ocorrido.”

A tormenta que estava se formando naquela cabine subitamente se acalmou, e veio uma grande calmaria. A Sra. White, então, declarou que todas as histórias sobre túnicas para a ascensão eram, provavelmente, tão destituídas da verdade quanto aquela concernente às irmãs gêmeas Harmon.

O pastor Josias Litch, atual editor, da *Advent Herald*, em Boston, em sua história sobre o surgimento e progresso do adventismo, faz a seguinte declaração:

“Aqueles períodos chegaram e passaram sem nenhuma ocorrência anormal. Assim que eles passaram, caiu um dilúvio de zombarias, injúrias e perseguições, proveniente não tanto do mundo infiel, mas dos professos amigos do Salvador. As histórias mais despropositadas e tolas sobre túnicas para ascensão, sobre idas ao cemitério e sobre subidas aos telhados das casas, etc., etc., eram repetidas várias vezes, tanto no púlpito como na imprensa, até que as pessoas – muitas delas, pelo menos – ficaram quase convencidas de que elas eram verdadeiras.

“Não podemos imaginar que elas teriam tido qualquer outra origem a não ser uma falsidade intencional. Alguns dos relatos dessa categoria, como descobrimos depois, originaram-se de professos ministros do evangelho, que apresentavam até mesmo a data e o lugar do acontecimento, quando não havia sequer uma palavra de verdade em toda a história. Outros devem ter se originado de maneira semelhante.”

O trecho apresentado acima, com relação às túnicas para a ascensão, foi publicado na *Review and Herald* de 14 de abril de 1868. O artigo terminava com o seguinte parágrafo:

Uma recompensa de cinquenta dólares está sendo oferecida a qualquer pessoa que apresente provas inquestionáveis da veracidade das declarações de que os crentes no segundo advento de Cristo, no dia esperado, vestiram, de fato, as túnicas para a ascensão. Pede-se aos que puderem apresentar essas provas, que as encaminhem imediatamente para este escritor, em Greenville, Montcalm County, Michigan, para que possa receber, pelo correio, os cinquenta dólares.

Até esta data, 13 de julho de 1868, ninguém respondeu, fornecendo provas de que algo dessa espécie tenha chegado a acontecer. Por que esse silêncio da parte de nossos amigos, bem como de nossos inimigos, se é que existe a mínima aparência da verdade nas declarações sobre este assunto, feitas de maneira solene por ministros como parte do evangelho que pregam do púlpito? Se existem provas, por que não podemos tê-las? O leitor deve considerar essas declarações sobre túnicas para a ascensão,

as quais os clérigos opositores, mais que qualquer outra classe de pessoas, têm a coragem de repetir, como calúnias maliciosas, até que obtenha provas confiáveis de que algo assim tenha ocorrido.

A *Review and Herald* de 20 de maio de 1868 trouxe o seguinte artigo do pastor J. H. Waggoner, que retrata muito bem esse assunto das túnicas para a ascensão:

As observações do irmão White sobre as falsidades que circularam a respeito do assunto acima, me fizeram lembrar de um incidente que aconteceu há alguns anos em Wisconsin. Certo Sr. H., pregador da Igreja Metodista Episcopal, ridicularizando os adventistas, disse: “É fato que eles fizeram e vestiram túnicas para a ascensão em 1844”. Ao término de suas observações, eu disse estar muito ansioso para conhecer os fatos sobre aquele assunto, e pedi que ele desse detalhes – quem, onde, etc. Ele disse que nem sempre era fácil fornecer evidências sobre assuntos que haviam acontecido em anos passados, e que ele não podia, naquele momento, atender ao pedido. Voltei-me para a congregação e disse:

“Ele disse que é um fato. Ora, se ele sabe que não é um fato, ele fez uma declaração falsa. Mas se ele sabe que é fato, ele pode conseguir as evidências sobre o fato. Já que ele tem um compromisso de estar aqui novamente em quatro semanas, quero informar que também estarei aqui para ouvir sua declaração, pois ele terá tempo para colher a informação. Se isso ocorreu *em algum lugar*, será fácil comprová-lo naquela localidade. Espero que todos estejam aqui para ficar a par dos fatos que ele possa apresentar.”

Sendo assim pressionado para comprovar sua declaração, e vendo que a expectativa das pessoas sobre a questão havia aumentado, ele se viu na obrigação de fazer algo, e prontamente confessou não saber nada sobre isso, mas ter ouvido um relato dessa natureza!

A maneira como o relato se difundiu é bem ilustrada pelo seguinte caso: Certo irmão T., que morava e trabalhava em Búfalo e frequentava as reuniões do advento ali, estava trabalhando em Erie durante o outono de 1844. Depois que o dia determinado passou, espalhou-se em Erie o relato de que os adventistas de Búfalo vestiram túnicas para a ascensão. Ele ficou tão aborrecido e angustiado com essa tolice que decidiu visitar seus amigos de Búfalo para falar com eles sobre isso. Chegando a Búfalo, ele se encontrou com um conhecido – não adventista – que não sabia de onde ele vinha, e perguntou a esse conhecido se algum dos adventistas de Búfalo havia vestido túnicas para a ascensão. “Não”, disse o seu amigo, “mas todos em Erie

vestiram!” O sorriso do irmão T. era autoexplicativo. E foi isso que ocorreu em todas as partes. Todo mundo *sabia* que isso havia ocorrido, só que o *lugar* onde havia ocorrido não podia ser identificado.

A maneira com que o Espírito de Deus guiou a Sra. White para que ela agisse em íntima ligação com a causa da verdade presente, provocou um espírito de perseguição contra ela. O apóstolo diz: “Toda amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmias, e toda malícia seja tirada de entre vós” (Efésios 4:31). Mas essas coisas têm sido utilizadas contra ela pelos professos seguidores de Jesus Cristo, com o objetivo de esmagar seu testemunho e destruir sua influência. Nesse esforço cruel, a língua do caluniador tem sido, em alguns casos, “inflamada pelo inferno”.

A obra do Senhor através dela tem sido animar o fraco, confortar o abatido, exaltar o padrão da moralidade e da verdadeira piedade e reprovar o pecado em todas suas formas. E por que o dragão não deveria estar irado? Por que não esperaríamos ver os que estão imbuídos do espírito do pai da mentira, deleitando-se com as mais caluniosas falsidades contra os que estão engajados numa atividade como essa? Essa tem sido a obra de Satanás no passado, e sempre será, até que ele seja preso. Ele sempre encontrou – e sempre encontrará – instrumentos dispostos a realizar sua obra de oposição à obra de Deus. E esses instrumentos são mais frequentemente encontrados entre os ministros do que entre qualquer outra categoria. O seguinte episódio, relatado pelo pastor M. E. Cornell, que ocorreu em sua viagem de Battle Creek à Ionia, ilustrará a atitude perversa de alguns que amam ser chamados de “reverendos”:

Enquanto estávamos em um dos vagões, ocorreu um fato que salienta a necessidade do artigo do irmão White sobre a calúnia eclesiástica. Um ministro presbiteriano do condado de Gratiot estava se esforçando para atrair a atenção para si, visto seu empenho em entreter os passageiros. Entre outras coisas, ele declarou que a Sra. White tivera uma visão em Saint Louis, condado de Gratiot, Michigan, na qual recebera a mensagem de que deveria deixar seu esposo e se unir a outro homem, e de que um homem poderia ter quantas esposas quisesse. Ele, então, fez alguns comentários e gracejos não muito refinados, que provocaram risos em alguns, e desgosto em outros de mente pura. No vagão, havia vários clérigos e muitas senhoras e cavalheiros inteligentes, oriundos de diferentes estados. Naturalmente, não podíamos deixar que tal difamação passasse incólume, e que uma

impressão errônea fosse levada a diferentes lugares. Por isso, ficamos atentos, esperando a oportunidade de corrigir a falsa declaração.

Um judeu inteligente logo entrou na conversa com o ministro, e reverteu a situação ao relatar uma antiga história contra Martinho Lutero, a saber, que ele teve um filho com a própria filha, etc. O ministro ficou agitado. Ele disse: “Isso é uma tremenda calúnia inventada por seus inimigos. Não existe sequer uma prova minúscula disso”. Ele, então, repreendeu severamente o judeu com a mais cortante reprovação, por fazer tal declaração com base em boatos. Chegara a nossa vez, pois a medida com que ele havia medido outros acabara de ser usada para medi-lo.

Dissemos, então, aos passageiros que conhecíamos o pastor White e sua esposa havia dezesseis anos, e que a declaração feita por aquele clérigo era uma grande calúnia. Primeiro, porque a Sra. White nunca teve uma visão no condado de Gratiot; segundo, porque ela nunca teve uma visão, onde quer que fosse, com o conteúdo que fora narrado. Então, nós o desafiamos a que parasse em Owasso, com qualquer de seus amigos como testemunha, e lhe daríamos *mil dólares*, com a condição de que ele provasse sua declaração. Insistimos nisso com tanta determinação que todos no vagão pareciam estar convencidos de que ele havia pronunciado uma calúnia. Ele ficou embaraçado e, em um murmúrio, disse: “Assim eu ouvi!”

Um inteligente incrédulo de Dearborn, Michigan, levantou-se e fez algumas observações enfáticas sobre apresentar evidências baseadas em boatos, e sobre condenar um grupo inteiro de pessoas por causa de uma história de alguém de suas fileiras. “Devo eu”, disse ele, “chamar todos os metodistas de assassinos porque vários de seus pregadores estão, hoje, em nossa penitenciária? Devo eu condenar todos os ministros porque um pastor de nossa cidade desapareceu com a esposa do irmão M., na semana passada?” A essa altura, a maré havia virado completamente. Alguns dos passageiros se dirigiram livremente a mim, demonstrando estar ansiosos para saber mais (*Advent Review*, 28 de abril de 1868).

Eu não creio que todos os ministros que diferem de nós, na fé e na prática, compartilham da culpa daquele homem. Nenhum homem decente, seja de dentro ou de fora do ministério, teria prazer em pronunciar uma calúnia tão vil diante das damas e cavalheiros de um vagão, por mais que fosse contrário às opiniões religiosas dos adventistas do sétimo dia. Acredito que existem ministros tementes a Deus em todas as igrejas que, desejosos de ser tratados com o mesmo respeito, nunca se adiantariam em

dar um testemunho falso e calunioso contra aqueles que estão dedicando suas vidas à causa de Cristo. Mas, embora possamos encontrar alguns raros indivíduos com esse perfil, a experiência de um quarto de século ensinando verdades impopulares me mostrou que, onde existe interesse pessoal envolvido, pouquíssimos são os ministros que não se rebaixarão à repetição das mais vis calúnias a fim de diminuir a influência daqueles que conquistam a atenção do povo mas pensam diferente deles. Com referência às declarações do pastor Cornell, no entanto, direi:

1. A Sra. White nunca esteve em Saint Louis, condado de Gratiot, Michigan.

2. Ela nunca teve uma visão no condado de Gratiot.

3. Seu padrão de moralidade sempre foram os dez mandamentos.

4. Suas ideias, suas atividades públicas e privadas, seus livros e ensinamentos orais sempre estiveram em estrita harmonia com a lei de Deus, o mais alto padrão de moralidade na terra.

5. Ela sempre apresentou o mais decidido testemunho contra qualquer afastamento dos princípios estabelecidos pelos dez mandamentos.

6. Por vinte e cinco anos, ela tem dado testemunho público nos estados do Maine, New Hampshire, Vermont, Massachusetts, Connecticut, Rhode Island, Nova York, Pensilvânia, Ohio, Michigan, Illinois, Wisconsin, Iowa e no Canadá. Nesse período, ela já escreveu livros que somaram mais de duas mil e cem páginas, além de muitos artigos para vários periódicos. Todos os que conhecem seus ensinamentos sabem que, atribuir a ela qualquer declaração que não esteja em estrita harmonia com o padrão divino de moralidade, é uma calúnia. Que seus adversários apontem uma frase impura em todos os seus escritos, ou que provem que, em seus ensinamentos religiosos, ela tenha pronunciado qualquer palavra impura; se não o puderem fazer, que cessem sua perseguição caluniosa a essa abnegada mulher cristã.

Mas não me dou ao luxo de pensar que, mesmo diante de tudo o que possa ser dito para evidenciar a falsidade das declarações concernentes às túnicas para a ascensão e às ideias da Sra. White, a língua do caluniador se silenciará. Não. Os ministros conhecem a influência que têm na mente do público, e as vantagens que têm sobre nós nesse ponto. Sem se importar

com a justiça e com a verdade, eles, indubitavelmente, continuarão a realizar essa obra escandalosa onde quer que a gloriosa doutrina da vinda de Jesus seja proclamada. Podemos apenas expor seus pecados a esse respeito, e convencer as mentes honestas de que isso está errado.

O dragão está irado com os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo. Ele usará qualquer um que se dispoña a ser instrumento de calúnia e insulto aos seguidores de Jesus Cristo. Zombadores zombarão e mentirosos mentirão, quer portem o título “reverendo” ou sejam donos de bordéis. E, quanto mais alta a posição, maior o crime. Mas por todas essas coisas, Deus os trará a Juízo. Os que temem a Deus e guardam Seus mandamentos, sofrendo opróbrio por amor de Cristo e da verdade, terão sua recompensa. Os que utilizam a língua vil do caluniador contra eles, a fim de esmagar sua influência e impedir os outros de obedecer os mandamentos para que vivam, perecerão com toda sua vileza. Estes também terão sua recompensa. A Testemunha Verdadeira deu Seu testemunho quanto à presente controvérsia e ao destino final de ambas as classes de atores, conforme registrado pelo profeta João:

Primeira classe: “Bem-aventurados aqueles que guardam os seus mandamentos, para que tenham direito à árvore da vida e possam entrar na cidade pelas portas” (Apocalipse 22:14, ARC, margem; KJV). Estes estão fazendo o que é correto. Embora sofram por praticar o bem, e sejam alvo de todo o ódio e toda a difamação que homens ímpios e demônios possam inventar, eles terão como recompensa a santa cidade e a árvore da vida.

Segunda classe: “Ficarão de fora os cães e os feiticeiros, e os que se prostituem, e os homicidas, e os idólatras, e qualquer que ama e comete a mentira” (Apocalipse 22:15). Estes são os que quebram a lei e a odeiam, e odeiam também os que guardam os mandamentos de Deus. Eles também se destacam por duas coisas em particular: eles amam e cometem a mentira. A aplicação desses dois itens a esses relatos de túnicas para a ascensão, e coisas do tipo, é tão natural, que nenhum comentário adicional se faz necessário. Eles inventam mentiras e amam divulgá-las no púlpito e na imprensa religiosa. Mas graças a Deus que, quando eles forem julgados, ficarão de fora. A felicidade dos que amam a Deus e guardam Seus mandamentos nunca mais será estragada por sua venenosa influência. Queira

Deus que eles se arrependam de sua atitude perversa e a abandonem, e que, finalmente, possam desfrutar da santa cidade e da árvore da vida. Mas como eles não estão dispostos a realizar essa obra para receber essa recompensa, sua corruptora influência deve ser suportada com paciência cristã e fortaleza de espírito enquanto o conflito durar.

18. POSIÇÃO E OBRA ATUAIS

1. Os adventistas do sétimo dia não têm nada a ver com o tempo definido, eles servem apenas para mostrar que os períodos proféticos serviram ao desígnio do Autor da profecia na mensagem do primeiro anjo, e que estes se encerraram com o clamor da meia-noite em 1844. Não dispondo de um tempo definido para esperar pela vinda do Senhor, mas observando, com base nos sinais dos tempos e no cumprimento da profecia, ou seja, o grande movimento adventista, eles consideram que o tempo presente é de espera, um tempo para estar alerta. Sua posição desde o desapontamento de 1844 tem sido de provação, e manter-se firme ao movimento do advento do passado e enfrentar, com espírito cristão, a oposição à observância do sábado do Senhor, exige fé e paciência. Por isso é dito sobre esse tempo e esse povo: “Aqui está a paciência dos santos; aqui *estão* os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus”. Caso nos cansássemos de vigiar e esperar que nosso Senhor retornasse das bodas, e, impacientes, abandonássemos nossa confiança no grande movimento do advento; caso deixássemos de guardar o sábado, retrocedéssemos, cáissemos, crucificando novamente o Senhor Deus, poderia ser dito de nós: Aqui está a impaciência dos santos, aqui *estão* os que quebrantam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.

2. Nós acreditamos solenemente que era propósito de Deus que o tempo definido fosse proclamado, e que os 2.300 dias se estendessem até o juízo referido nas palavras do primeiro anjo: “Temei a Deus e dai-Lhe glória, porque vinda é a hora do Seu juízo”. No grande juízo da humanidade, existem duas fases distintas: a primeira é a investigativa; a segunda, a executiva.

O juízo investigativo ocorre antes do segundo advento e da ressurreição dos justos, para que se possa definir quem é digno da primeira ressurreição. Os que têm parte nessa ressurreição são, em primeiro lugar, considerados “bem-aventurados e santos” (Apocalipse 20:6). O juízo executivo, tanto da recompensa dos justos como do castigo dos ímpios, ocorrerá no encerramento do grande dia do juízo.

A grandiosidade do posicionamento e reunião da grande corte celestial no juízo investigativo é descrita pelo profeta desta maneira:

Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um Ancião de dias Se assentou; a Sua veste era branca como a neve, e o cabelo da Sua cabeça, como a limpa lã; o Seu trono, chamadas de fogo, e as rodas dele, fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante Dele; milhares de milhares O serviam, e milhões de milhões estavam diante Dele; assentou-se o júizo, e abriram-se os livros. Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o Filho do homem; e dirigiu-Se ao Ancião de dias, e O fizeram chegar até Ele. E foi-Lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas O servissem; o Seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o Seu reino, o único que não será destruído (Daniel 7:9, 10, 13, 14).¹

A cena do Júizo aqui apresentada é aberta com:

1) O posicionamento dos tronos e o grande Deus Se assentando no Júizo, em meio ao fulgor de Sua glória, debilmente representada por chamadas de fogo, acompanhado dos milhões que O servem.

2) A abertura dos registros da vida dos homens, a partir dos quais eles deverão ser julgados.

3) O Filho do homem Se aproximando do Ancião de dias, servido por multidões de anjos, aqui representados pelas nuvens dos céus, para receber domínio, glória e um reino. Isso não representa o segundo aparecimento de Cristo neste mundo, a menos que possa ser mostrado que o Ancião de dias está aqui.

¹ Na *King James Version* [KJV], em inglês, o termo correspondente a “foram postos”, no início do verso 9, é “*cast down*” [derrubar, lançar abaixo]. No original em inglês, Tiago White mostra detalhadamente, com base em vários comentaristas e versões, que essa não é a melhor tradução. Segue a tradução de sua argumentação, que confirma as traduções do termo hebraico nas versões em língua portuguesa:

As melhores autoridades dão para as palavras “*cast down*” [derrubar, lançar abaixo] um sentido exatamente oposto. Elas as traduzem como “*set up*” [levantado, montado, instalado, estabelecido, instituído]. Assim, Adam Clarke diz que: “‘*The thrones were cast down*’ [Os tronos foram derrubados ou lançados abaixo] pode ser traduzido como ‘*the thrones were erected*’ [os tronos foram erigidos, levantados]. O mesmo ocorre na Vulgata (*positi sunt*) e nas demais versões”. O Dr. Hales, em sua obra “*Sacred Chronology*” [Cronologia Sagrada], v. 2, p. 505, traduz Daniel 7:9 da seguinte forma: “Olhei até que os tronos foram erigidos [*erected*] e o Ancião de dias se assentou”. A versão Douay traduz “*were placed*” [foram colocados], bem como Bernard e Boothroyd e Wintle, na *Cottage Bible*. Matthew Henry, em sua “*Exposition*” [Exposição] traduz o termo como “*set up*” [estabelecido]. A respeito do termo hebraico, Genésio, em seu *Léxico*, diz: “*R'mah*: 1. atirar, lançar (Daniel 3:20, 21, 24; 6:17). 2. pôr, colocar (por exemplo, tronos, como em Daniel 7:9; cp. Apocalipse 4:2)”. O termo usado pela Septuaginta é *thronoi etethesan*, que, traduzido literalmente, de acordo com Liddell e Scott, significaria “os tronos foram colocados”. Outras autoridades poderiam ser citadas.

3. Os adventistas do sétimo dia creem na perpetuidade dos dons espirituais. Eles acreditam que o espírito de profecia foi designado para estar presente entre o povo de Deus de todas as eras. Eles também acreditam que sonhos e visões são um meio através do qual Deus falou a Seu povo no passado, e através do qual Ele lhe falará até que a fé, “como convicção de fatos que se não veem”, se desvaneca diante da concretização das “coisas que se esperam” (Hebreus 11:1). “Se entre vós houver profeta, eu, o Senhor, em visão a ele me farei conhecer ou em sonhos falarei com ele” (Números 12:6).

Eles não encontram nenhuma profecia, no Antigo Testamento, que aponte para o começo da era cristã como o momento em que os dons espirituais do povo de Deus seriam removidos, nem qualquer declaração, no Novo Testamento, de que a igreja não precisaria deles e, portanto, de que eles estavam prestes a terminar. Não, nada parecido com isso aparece nas páginas sagradas. Mas ouvimos o profeta de Deus dizer:

E há de ser que, depois, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões. E também sobre os servos e sobre as servas, naqueles dias, derramarei o Meu Espírito. E mostrarei prodígios no céu e na terra, sangue, e fogo, e colunas de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do SENHOR. E há de ser que todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo; porque no monte Sião e em Jerusalém haverá livramento, assim como o SENHOR tem dito, e nos restantes que o SENHOR chamar” (Joel 2:28-32).

Note, primeiro, que o profeta aponta para os últimos dias, assim como Pedro em Atos 2:16-20. Não podem haver dias posteriores ao último – que será um período em que essas coisas serão removidas da igreja. Segundo, o profeta também aponta para sinais e maravilhas nos céus e na terra, no sol e na lua, os quais aparecem em ligação com a manifestação do espírito de profecia. Terceiro, ele menciona o livramento dos que invocam o nome do Senhor. Naturalmente, isso se aplica ao livramento do povo de Deus, que a Ele clamará dia e noite no tempo de angústia (Lucas 18; Daniel 12). Eles serão salvos, de acordo com a palavra do profeta. O “remanescente” mencionado aqui não seria o mesmo de que fala Apocalipse 12:17? “E o dragão irou-se contra a mulher e foi fazer guerra ao resto

[remanescente; restantes, ARA] da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo”.

A mulher é um símbolo da igreja, e o seu remanescente representa o grupo de cristãos da última geração de homens e mulheres, que ainda estará viva imediatamente antes do segundo advento. O dragão guerreia contra eles por guardarem os mandamentos de Deus – o sábado e os demais – e terem o testemunho de Jesus, que, de acordo com a definição inspirada do capítulo 19:10, “é o espírito de profecia”. Aqui, então, estão as causas da guerra do dragão contra o remanescente. Eles ensinam a observância dos dez mandamentos, o reavivamento dos dons e o reconhecimento do dom de profecia, presente entre eles. Quando o diabo colocou um pé sobre o quarto mandamento e o outro sobre os dons plantados na igreja cristã por Jesus Cristo, sua majestade satânica se encheu de vingativo deleite. Mas quando o remanescente, a quem Deus planeja habilitar para ser transladado ao Céu sem ver a morte, começa a “perguntar pelas veredas antigas, qual é o bom caminho, e andar por ele”, então o dragão fica irado e passa a fazer guerra contra eles.

O verdadeiro espírito das hostes do dragão, que já está sendo, de alguma maneira, desenvolvido, é vividamente descrito em Isaías 30:8-13 como sendo manifestado exatamente antes da repentina destruição dos que odeiam o testemunho puro, e amam as coisas suaves e enganosas:

Vai, pois, agora, escreve isto em uma tábua perante eles e aponta-o em um livro; para que fique escrito para o tempo vindouro, para sempre e perpetuamente [margem da KJV, o “dia final”]. Porque povo rebelde é este, filhos mentirosos, filhos que não querem ouvir a lei do SENHOR; que dizem aos videntes: Não vejais; e aos profetas: Não profetizeis para nós o que é reto; dizei-nos coisas apazíveis e tende para nós enganadoras lisonjas; desviai-vos do caminho, apartai-vos da vereda; fazei que deixe de estar o Santo de Israel perante nós. Pelo que assim diz o Santo de Israel: Visto que rejeitais esta palavra, e confiais na opressão e na perversidade, e sobre isso vos estribais, por isso, esta maldade vos será como a parede fendida, que já forma barriga desde o mais alto sítio, e cuja queda virá subitamente, em um momento”.

Observem isso: no “dia final”, os homens não darão ouvidos à lei do Senhor, aos mandamentos de Deus, e dirão aos videntes, os que têm o espírito de profecia: “Não vejais”. Eles não receberão nem um nem outro.

Eles farão guerra contra ambos. Ver também Marcos 16:15-20; Mateus 28:18-20; Efésios 4:4-13; 1 Coríntios 12:1, 28; 13:8-12; 1:4-8; Apocalipse 19:10; 1 Tessalonicenses 5; Mateus 7:15-20; Isaías 8:19, 20; Jeremias 14:14; 23:16, 17; 8:10, 11; 5:30, 31. Para uma exposição completa do assunto da perpetuidade dos dons espirituais, tal como defendido pelos adventistas do sétimo dia, ver suas obras sobre o tema.

Argumenta-se, porém, que, uma vez que o volume da inspiração foi finalizado, os dons espirituais não são mais necessários. Quem pode saber se isso é verdade? Os discípulos de Jesus tinham a lei e os profetas e, mesmo assim, precisaram das manifestações do Espírito Santo. Nós temos os dois Testamentos, e quem pode saber se também precisaremos dos dons do Espírito de Deus?

O grande objetivo das Sagradas Escrituras foi dar ao homem uma regra perfeita de fé e de prática. O propósito de Deus era que Seu povo seguisse essa regra e, por meio dela, desenvolvesse caráter perfeito perante Ele. Paulo disse para Timóteo: “[...] desde a tua meninice, sabes as sagradas letras, que podem fazer-te sábio para a salvação” (2 Timóteo 3:15). Não existe nenhuma falha nas Escrituras, que torne necessário que os dons do Espírito Santo sejam manifestados. As necessidades, na verdade, residem nas imperfeições do povo de Deus, no fato de que eles não seguem sua regra perfeita.

Vemos agora os dons do Espírito ocupando seu lugar apropriado. Eles não são manifestos para estabelecer uma regra de fé e de prática. Nós já temos uma regra perfeita revelada nos Escritos Sagrados. Mas, em consequência dos erros do povo de Deus e de seus desvios da fé e da prática dessa regra perfeita, Deus, em Sua misericórdia, manifesta os dons para reprovar seus erros e para levá-los a uma compreensão correta das Santas Escrituras. Essa é a posição em que os dons devem ser colocados. Eles não foram designados para tomar o lugar das Escrituras. Tampouco eles são dados porque as Escrituras sejam uma regra imperfeita de fé e de prática. Mas, como consequência dos erros do professo povo de Deus ao se apartarem da perfeita regra que Ele lhes deu, os dons são manifestos para corrigir o erro e para indicar-lhes a Bíblia como sua lâmpada e seu guia.

Era desígnio de Deus que Seu povo fosse um. Foi esse o tema principal da oração de Jesus em João 17. Ouça-O a orar em agonia: “Que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu, em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste”. Em nome de Cristo, Paulo exortou os coríntios a estar perfeitamente unidos, “em um mesmo sentido e um mesmo parecer”. Ler 1 Coríntios 1:10; Romanos 15:5; Filipenses 2:1, 2; 1 Pedro 3:8; 5:5. Será que vemos, porém, essa unidade naqueles que professam considerar a Bíblia como sua regra, mas rejeitam os dons? Vemos divisões e, em muitos casos, confusões extremas. A falha, contudo, não está na Bíblia, e, sim, nos que não seguem os ensinamentos das Sagradas Escrituras. E Deus, em Sua misericórdia e condescendência infinitas, tem o propósito de ajudá-los através da manifestação dos dons. Mas muitos deles recusam ser ajudados dessa maneira, pois na Bíblia eles encontram uma regra perfeita. Se eles obedecessem às Sagradas Escrituras e andassem em unidade, tanto entre eles mesmos quanto com Deus, eles não precisariam dos dons. Mas, em sua confusão e distância de Cristo, não haverá ajuda para eles enquanto continuarem rejeitando os dons.

Outra vez pergunto: Quem pode saber se os dons do Espírito Santo não são mais necessários desde que o volume da inspiração foi finalizado? Admite-se que, ser finalizado, ele se tornou uma regra mais perfeita do que quando tínhamos apenas uma porção dele. Mas como dizer que, ao ser finalizado, ele toma o lugar dos dons? Se eles foram dados por causa das imperfeições do povo de Deus, sua remoção pressupõe perfeição da parte do povo de Deus. Encontramos perfeição na igreja desde os dias de Paulo, a ponto de não serem necessárias manifestações especiais do Espírito, reprovando o pecado e corrigindo desvios da perfeita regra de Deus? A história da igreja, com seu registro de terríveis apostasias e corrupções, seus intermináveis cismas, divisões e credos, e suas conflitantes exposições das mais claras verdades bíblicas fornece testemunho aberto de suas imperfeições. Sua triste história e atual pobreza mostram que ainda existe a necessidade – desde que o Livro de Deus foi finalizado – da manifestação dos dons do Espírito.

O dom de profecia está classificado pelo apóstolo como parte das vocações para as quais a igreja cristã foi chamada, em Efésios 4:11-13. Ele descreve nitidamente o objetivo delas: “E ele mesmo deu uns para após-

tolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo”. Tudo isso foi concedido simultaneamente, para o mesmo propósito, e tudo deve cessar ao mesmo tempo. Reconhecemos evangelistas, pastores e mestres na igreja cristã? Por que não profetas? A igreja ainda precisa deles? Por que não do espírito de profecia? Os evangelistas, pastores e mestres existirão até que a igreja seja aperfeiçoada e esteja pronta para encontrar o Senhor nos ares? Da mesma maneira o espírito de profecia.

Em sua carta aos coríntios, Paulo falou de modo muito específico sobre o assunto dos dons espirituais. Em 1 Coríntios 12:1 ele diz: “Acerca dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes”. Ele considerava esse assunto como algo da mais alta consideração, e insta para que seja compreendido. Em tudo o que disse sobre o assunto, nenhuma vez sequer ele insinua que os dons deveriam cessar antes que chegasse o perfeito dia de glória. Mas, de maneira clara, ele indica o tempo em que os dons cessarão:

O amor (ágape) nunca falha [acaba, ARA]; mas, havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá; porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos. Mas, quando vier o que é perfeito, então, o que o é em parte será aniquilado. Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino. Porque, agora, vemos por espelho em enigma [obscuramente, ARA]; mas, então, veremos face a face; agora, conheço em parte, mas, então, conhecerei como também sou conhecido (1 Coríntios 13:8-12).

Aqui, o apóstolo contrasta o estado mortal com o imortal; o presente imperfeito com o futuro que será perfeito; o presente nebuloso, durante o qual caminhamos pela fé, com a glória plena da vida por vir. Aqui, conhecemos apenas em parte e profetizamos em parte; lá, aquilo que é em parte será eliminado. Aqui, vemos por espelho, obscuramente; lá, veremos face a face. Aqui, conhecemos em parte; lá, conheceremos como somos conhecidos. O amor nunca acabará. Aqui, ele é a mais sublime graça cristã; lá, ele será a glória que coroará os imortais para todo o sempre. Sim,

o amor nunca irá se extinguir! Mas profecias serão aniquiladas, línguas cessarão e o conhecimento desaparecerá. A luz do Céu, que tem chegado a nós por esses meios e por outros dons do Espírito Santo, é representada como sendo apenas parcial (“em parte”), e é-nos dito que ela será substituída pelo perfeito dia de glória, quando falaremos face a face com Deus, Cristo e os anjos, assim como os nossos primeiros pais falaram com Deus no Éden, antes da entrada do pecado. Quando, todavia? Essa é a pergunta vital. Quando é que os dons deveriam desaparecer? Deixemos que Paulo responda: “Mas, quando vier o que é perfeito, então, o que o é em parte será aniquilado”. “E todo o povo diga: Amém” (Salmo 106:48).

4. A cada era, Deus tem uma verdade pela qual Ele testa Seu povo. Isso ocorreu nos dias de Noé e no primeiro advento de Cristo, e é especialmente verdade no tempo presente, ao Deus Se preparar para visitar os ímpios com juízos e os justos com a salvação. Toda verdade revelada e prática sempre foi e sempre será um teste da fidelidade do homem para com Deus. O homem terá que prestar contas ao Autor da verdade sobre como ele a trata. Se ele a obedece, poderá ser salvo; se ele a rejeita e viola suas reivindicações, poderá se perder.

Mas a lei de Deus, por excelência, é um teste para o homem. Ela é a maior autoridade em toda a terra e no Céu. Se a lei de Deus não for um teste, não há nada que o seja. Os adventistas do sétimo dia acreditam solenemente que Deus está provando e testando as pessoas através de Sua santa lei. Em termos de santidade e importância, eles consideram o quarto mandamento igual a qualquer um dos outros nove, e o pecado de violá-lo, quando igualmente compreendido, igual ao de quebrar qualquer outro mandamento. Eles creem que o tempo presente, na providência de Deus, período da proclamação da mensagem do terceiro anjo, é o tempo determinado para a reforma do sábado, e que nessa última mensagem, o sábado de Jeová deverá ser o teste especial do povo no que diz respeito à lei de Deus. A grande questão a ser definida antes que a ira de Deus seja derramada sobre um mundo culpado e arruinado é: Quem será leal ao Deus do Céu? Estes, se tiverem seus pecados lavados pelo sangue de Cristo, tornam-se herdeiros da herança futura e recebem a coroa de imarcescível

glória no segundo aparecimento de Jesus. Cristo diz: “Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos”.

Os adventistas do sétimo dia são acusados de fazer do sábado um teste. Alguns alegam que nós denunciemos e rejeitemos todos que não creem como nós cremos. É verdade que ensinamos que Deus está testando as pessoas mediante Sua lei. Mas negamos a acusação de que denunciemos e rejeitemos aqueles que diferem de nós.

Nossa atitude em relação aos que podemos alcançar com nossas publicações, sermões e apelos é uma prova de que essa acusação é falsa. Imploramos a todos, não importa que religião professem, nem sua cor, nem seu nível social, que abandonem seus pecados, guardem os mandamentos de Deus e vivam. Nós manifestamos um zelo e uma seriedade sobre esse assunto que são proporcionais, até certo grau, à importância da mensagem de prova que pregamos. E, uma vez que nosso testemunho é contundente e sério, e condena os que preferem se unir à corrente popular e violar a lei de Deus, alguns ficam perturbados e, com sentimentos de retaliação, acusam-nos falsamente. Não é nossa função testar, condenar e denunciar as pessoas. Não é nosso desejo magoar desnecessariamente qualquer pessoa. Mas, com base em nossas convicções atuais sobre a verdade e o dever, estaríamos violentando nossas próprias consciências e pecando contra Deus se parássemos de anunciar o propósito de Deus ao testar o mundo por Sua lei, exatamente antes do dia de Sua ira.

Deus tem abençoado ricamente tal testemunho. Faz pouquíssimo tempo que se ouviu falar dos adventistas do sétimo dia como um povo. Eles afirmam não terem mais do que vinte anos de existência. No entanto, em termos de números e eficiência, eles têm certa força. E por quê? Porque, quando dão um testemunho sério e contundente, Deus está com eles e os faz crescer em número e força.

Mas se o Sábado não for um teste, não vale a pena nos dar ao trabalho de ensiná-lo e observá-lo diante de decidida oposição. Se podemos ser bons cristãos tanto quebrando quanto guardando o quarto mandamento, não seria o caso de buscarmos, mais do que depressa, estar em harmonia com o resto do mundo cristão? Por que ser tão diferentes em obedecer ao mandamento de Deus, se, mesmo vivendo em violação a ele, podemos ser

bons cristãos? Existem frequentes inconvenientes e sacrifícios financeiros a serem enfrentados por aqueles que são minuciosos na observância do quarto mandamento. Se o sábado tem tão pouca importância, a ponto de não ser um teste de comunhão cristã e de salvação eterna; se as pessoas que quebram o sábado devem ser aceitas em nossa comunidade como se o observassem; e se elas podem certamente chegar ao Céu quer violando-o quer guardando-o, por que, então, não abandoná-lo imediatamente, parando de perturbar a mente das pessoas com uma questão sem importância real, que é tão desagradável e incômoda?

Os adventistas do sétimo dia creem que, com a restauração do sábado bíblico, sob a última mensagem de misericórdia, Deus planeja fazer desse dia um teste para as pessoas. É por isso que muitos trabalham vigorosamente para ensiná-lo, e estão prontos a fazer qualquer sacrifício a fim de observá-lo e cumprir o dever de pregá-lo a outros. Convença-lhes de que ele não é um teste, e eles deixarão de incomodar as pessoas – e a si mesmos – com isso. Mas se eles passarem a impressão de que consideram o sábado algo de muito pouca importância para que seja um teste, a “espada do Espírito”, pelo menos nesse assunto, se tornará tão impotente em suas mãos quanto a palha. Eles não conseguiriam, dessa forma, convencer ninguém sobre esse assunto. Verdadeiramente, ao chamarem a atenção das pessoas para um assunto que, por ser de tão pouca importância, não constitui um teste do caráter cristão, e ao mesmo tempo as submete a uma cruz pesada, a muitos inconvenientes, sacrifícios e censuras, sua posição diante das pessoas seria quase como a de atores num palco, desempenhando um papel hilário. Com a nossa visão atual sobre a importância do assunto, no entanto, temos razões suficientes para insistir vigorosamente nos reclamos do quarto mandamento perante nossos companheiros.

As observações do pastor J. N. Andrews com referência aos sabbatistas da Inglaterra no século 17 são tão importantes, que eu apresento a citação a seguir extraída de seu livro “História do Sábado”, p. 335, 336:

As leis da Inglaterra durante aquele século eram muito opressivas para todos os dissidentes da igreja estabelecida e um fardo muito pesado sobre os guardadores do sábado. No entanto, nem multas, nem aprisionamento, e nem mesmo a pena de morte teriam sido suficientes para suprimir o sábado. Foi na casa de seus próprios

amigos que o sábado foi ferido. No século 17, onze igrejas de sabbatistas surgiram na Inglaterra, embora muitos guardadores do sábado pudessem ser encontrados espalhados em várias partes desse reino. Hoje, existem apenas três dessas igrejas. Não foi a falta de homens capazes de defender a verdade entre os guardadores do sábado, nem de ferozes ataques de seus perseguidores que os reduziu a apenas um punhado. A falha é deles próprios, não por alguma conduta desonrada de sua parte, mas simplesmente porque eles tornaram o sábado sem importância prática e rebaixaram até o pó o padrão da verdade divina a esse respeito. Os ministros sabbatistas assumiram o cuidado pastoral de igrejas dominicais, em alguns casos pastoreando apenas essas igrejas e, em outros, supervisionando também igrejas sabbatistas. O resultado não é surpreendente para ninguém. Como tanto ministros quanto leigos diziam a todos, ao agirem dessa forma, que o quarto mandamento podia ser quebrado com impunidade, as pessoas os tomaram pela palavra. O Sr. Crosby, historiador defensor do primeiro dia, trata desse assunto com clareza:

“Se o sétimo dia deve ser observado como o sábado cristão, então todas as congregações que observam o primeiro dia como sendo o sábado devem ser transgressoras do sábado [...]. Devo deixar que esses cavalheiros do lado oposto lidem com seus próprios pontos de vista e procurem achar justificativas para o fato de se tornarem pastores de congregações que, em sua consciência, eles devem julgar ser transgressoras do sábado” (J. N. Andrews, *History of the Sabbath*, Ed. 1862, p. 335, 336).

Os batistas do sétimo dia da América têm feito um bom trabalho no ensino do sábado. Devemos respeitá-los e considerá-los de forma especial por esta razão. Mas se eles tivessem sido fieis à verdade sagrada a eles confiada, seu número e sua força seriam cem vezes maiores do que o são agora. Eles sofreram a censura, a aflição e os inconvenientes do sábado sem o poder e a força que o ensino dele, como teste, proporciona. Por quase dois séculos, em sua debilidade, eles têm retido o sábado, enquanto que, se tivessem sido fieis em ensiná-lo, observá-lo e anunciá-lo com insistência para despertar a consciência das pessoas, o sábado lhes teria sustentado, sendo a força desse povo.

Os adventistas do sétimo dia não têm do que se vangloriar. Frequentemente, Deus nos tem reprovado e castigado por nossa infidelidade. Quando nos voltamos para Ele e, humilde e fielmente, lutamos pela verdade em meio às censuras e perseguições, Ele nos abençoa ricamente. Nada

deve ser tão temido quanto a calma que resulta de diluir as verdades impopulares e probantes, e ministrá-las aos ouvidos das pessoas de modo a não ofendê-las. É melhor deixar que venham as censuras e que ruja a tempestade, se esse for o resultado de falar a verdade de Deus com amor.

Como um povo, tivemos dificuldades para superar, provações para suportar e vitórias para conquistar. Somos oriundos dos metodistas, batistas regulares, batistas do livre arbítrio, batistas do sétimo dia, presbiterianos, congregacionalistas, episcopais, reformistas holandeses, discípulos, cristãos, luteranos, irmãos unidos, católicos, universalistas, mundanos e incrédulos. Nosso povo é composto de americanos nativos, ingleses, galeses, escoceses, irlandeses, franceses, alemães, noruegueses, dinamarqueses, suecos, poloneses e outros. Reunir uma organização composta desses elementos, mais ou menos afetada pelos pontos de vista religiosos e pelas tradições de várias denominações, e com todas as suas peculiaridades nacionais, tem exigido muita paciência e perseverança. E é pela graça de Deus que somos o que somos. Que o Seu nome seja louvado, pois, em nossos momentos mais obscuros, quando nos humilhamos, Ele sempre correu para o nosso auxílio.

Com sua breve história passada, os adventistas do sétimo dia podem aprender muito quanto a seu trabalho atual e suas perspectivas futuras. Ao darem seu testemunho com humildade e temor a Deus, suas atividades são notavelmente abençoadas. Ao se disporem a suportar as aflições da verdade presente, sacrificando seu tempo, suas conveniências e seus recursos para o progresso da obra, eles obtêm o sorriso de aprovação do Céu. Eles perceberam que nada pode manter a organização funcionando de forma saudável a não ser o testemunho claro e preciso. Ele realizará a obra de purificação, seja por lavá-los de seus pecados, seja por retirar os não consagrados e rebeldes de seu meio. Seja qual for o resultado, tal testemunho precisa ser dado, ou esse povo fracassará, como outros têm fracassado. E, depois de terem uma luz tão clara quanto esta, e de haver-lhes sido confiada uma mensagem tão sagrada como a última mensagem de misericórdia para os pecadores, sua queda será terrível.

Podemos aprender, com base no passado, o que devemos esperar para o futuro em termos de perseguição. Satanás está irado porque esse

povo busca as “veredas antigas” para nelas caminhar. De modo especial, ele está perturbado porque eles defendem a restauração do sábado e dos dons do Espírito Santo. Se as pessoas aprenderem que Deus as está testando quanto ao sábado, e que elas devem ouvir o testemunho de Jesus, que está no espírito de profecia, o qual reprova seus pecados e apela para que consagram a si mesmas e o que possuem ao Senhor, podemos ter certeza de que a ira do dragão será despertada. Temos testemunhado esse fato na proporção de nossa fidelidade à obra. Ao darmos um testemunho contundente, somos objeto da ira do dragão. Mas, além disso, com tal testemunho também somos participantes, em grande medida, da benção de Deus. Quando somos infiéis, o dragão fica quieto, até certo ponto, mas experimentamos a pobreza de alma. E essa deverá ser nossa realidade nos tempos que virão.

A situação de suspense não é a mais confortável. Os que esperam pela volta do Senhor na incerteza quanto ao período definido de Seu segundo advento, correm o risco de ficar inquietos. Daí a aplicação de certos textos a este tempo, e às pessoas que estão esperando pelo Senhor:

Porque necessitais de paciência, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa (Hebreus 10:36). Sede vós também pacientes, fortalecei o vosso coração, porque já a vinda do Senhor está próxima (Tiago 5:8). Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus (Apocalipse 14:12).

Devido à incerteza, surge a indagação, repetida com frequência, que é mais do que natural: “Quanto tempo falta para que o Senhor venha?” Mas nenhuma resposta definitiva pode ser dada a essa indagação. E é melhor que essa pergunta não seja respondida de maneira conclusiva. O tempo definido já cumpriu o propósito de Deus. Ele trouxe o povo do advento até o tempo de espera, exigindo deles grande paciência. Por todo esse período da paciência dos santos, a única posição segura é manter a vinda de Cristo sempre diante de nós, e corrigir nossos atos tendo em vista as terríveis realidades do juízo. Protelar a vinda do Senhor e enxergar esse evento como algo distante, adotando o espírito do mundo, seria extremamente perigoso. É verdade que há profecias a serem cumpridas exatamente antes da vinda do Senhor. Mas a natureza do cumprimento delas possibilita que elas se cumpram num curto espaço de tempo. O espírito

de incredulidade pode sugerir que, pelo fato de o tempo ter se estendido mais do que os expectantes imaginavam, ele ainda pode se prolongar por muitos anos. Mas a fé que salva assume a posição segura, e enxerga esse evento como estando às portas. Deveríamos ter sempre em mente, que, embora não nos seja possível mostrar que o Senhor virá em uma data específica e imediata, ninguém pode provar que Ele não virá em breve. E, ao mesmo tempo que não pode ser provado que o Senhor não virá em breve, eu chamo a atenção do leitor para os seguintes fatos, que mostram que o segundo advento não pode ser um evento longínquo.

1. As três mensagens constituem uma advertência solene para que o mundo se prepare para a vinda de Cristo. O trecho que encerra tal advertência é um teste para o mundo, e amadurece a seara da terra. Os que recebem a advertência e se preparam para a vinda do Senhor, amadurecem, através dela, para a imortalidade. Os que a rejeitam amadurecem para o dia da mortandade.

2. A advertência dada por Noé, a maneira como sua mensagem foi recebida e a ira de Deus no dilúvio ilustram os eventos finais do tempo presente: “Como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do Homem” (Mateus 24:37). Deus não chamou esse pregador da justiça para advertir a penúltima geração antes do dilúvio, mas a última. A mesma geração que bebeu das águas do dilúvio viu Noé construir a arca e ouviu suas advertências. Seria absurdo supor que Noé tenha construído a arca e dado sua mensagem de advertência no período da penúltima geração, de modo que os que ouviram sua mensagem e viram sua obra foram sepultados, a arca apodreceu e seus filhos chegaram ao cenário de ação para testemunhar, sem que fossem advertidos, os terrores do dilúvio.

3. A última grande advertência deve ser dada à última geração de seres humanos. Aqueles que a ouvirem, receberem-na e prestarem obediência a ela – e que estiverem esperando pelo Senhor – exclamarão, quando o Filho do homem voltar com Seus anjos pela ardente abóbada celeste: “Este é o nosso Deus, a quem aguardávamos, e ele nos salvará”. E aqueles que rejeitaram a advertência e, com justiça, mereceram a ira de Deus, também testemunharão o flamejante segundo advento com terror e angústia. Essa advertência não é dada à penúltima geração, mas à última. Assim,

tão certo quanto a grande advertência, ilustrada pelas três mensagens de Apocalipse 14, foi e está sendo dada em nossos dias, assim também a geração que tem ouvido a advertência certamente testemunhará o dia da ira e a revelação do Filho de Deus vindo nos Céus. Ou os adventistas do sétimo dia estão equivocados na aplicação das mensagens, ou Cristo está vindo muito em breve. Se eles estão corretos em sua aplicação da grande advertência, então os mesmos homens que a ouvem serão testemunhas de suas terríveis realidades.

“Em verdade vos digo”, diz o Senhor, “que não passará esta geração sem que todas essas coisas aconteçam. O céu e a terra passarão, mas as Minhas palavras não hão de passar” (Mateus 24:34, 35). Nós não acreditamos que a palavra “geração” marque algum número definido de anos. Era propósito do Senhor que, as pessoas que estivessem vivas no tempo do cumprimento do último sinal mencionado (a queda das estrelas em 1833) e ouvissem a proclamação da vinda de Cristo, baseada, parcialmente, nos sinais cumpridos, dessem testemunho das cenas relacionadas a Sua vinda. Deus levantou homens para darem a solene advertência ao mundo, no momento certo. Os sinais se cumpriram no tempo certo para dar força à advertência. E, a mesma geração de homens que está viva após o cumprimento dos três grandes sinais, e que ouve e rejeita a mensagem de advertência, beberá do cálice sem mistura da ira de Deus. Mas os homens dessa geração que recebem a mensagem, sofrem o desapontamento e passam pelas provações da espera, testemunharão a vinda de Cristo e exclamarão: “Este é o nosso Deus, a quem aguardávamos”.

Querido leitor, se estivermos alertas e formos fieis ao dever, muito em breve entraremos no refúgio e descanso eternos. Mantenha-se vigilante. Não se deixe enganar e vencer pelo mundo, pela carne e pelo diabo. A fé verdadeira proíbe que se olhe para o futuro e que se façam planos para beneficiar a geração seguinte. Ela nos restringe ao tempo presente. Mas nós tememos que, aqueles que estão empregando sua força física e mental para acumular riquezas para seus filhos, enquanto negligenciam seu dever para com a causa da verdade presente e não separam tempo para que eles mesmos e suas famílias busquem servir a Deus, estejam cometendo um grave erro. Eles não apenas deixam de ajudar a causa, de andar com Deus, de exer-

cer a melhor influência sobre suas próprias famílias, mas a influência deles é decididamente contrária a causa, pois professam uma posição solene e definida de que o tempo presente é o período em que a terceira e última solene advertência deve ser dada, contudo negam a fé por meio de suas obras.

O mundo mostra sua loucura ao se apegar às riquezas. Um espírito de extrema insensatez se apoderou dos homens quanto aos ganhos materiais desse mundo, e muitos dos que professam a verdade presente estão, em maior ou menor medida, contaminados por esse espírito. Daqueles que não temem a Deus nem guardam Seus mandamentos, e tampouco anelam pela breve vinda de Seu Filho, não se poderia esperar outra atitude. Mas não há desculpas para os adventistas do sétimo dia. No caso deles, isso é pura insensatez e loucura. Por que eles deveriam acumular riquezas para seus filhos? Se o Senhor ainda demorasse mais cem anos, a riqueza deixada para eles lhes traria ruína quase certa. Olhe para a história de homens grandes e verdadeiramente bons. Será que eles cresceram em meio à riqueza? Ou teriam eles vindo de famílias treinadas na escola da pobreza e necessidade? Leia as histórias de Martinho Lutero e Abraão Lincoln. Ambos foram meninos pobres. Mas ambos se tornaram grandes homens ao enfrentarem a privação, lutarem com a pobreza e vencerem os obstáculos que sempre estão presentes nas veredas da necessidade. Essas dificuldades, enfrentadas no período da juventude, deram-lhes maturidade e foram a salvaguarda de sua pureza. Enquanto os nomes desses bons homens estão preservados na memória e afeição das pessoas, os nomes de centenas dos que receberam riquezas de seus pais, apodreceram, pois o dinheiro lhes impediu de fazer aquilo que deveriam ter feito e de ser aquilo que deveriam ter sido. Ao colocarem de lado a vinda do Senhor, não há maior certeza de ruína para os filhos do que aspirar às riquezas dos pais e por nelas sua confiança.

Mas, o que pode ser dito sobre a influência de irmãos que, embora professem crer que a última grande advertência está sendo dada ao mundo, dedicam toda sua energia para acumular riquezas para seus filhos? Qual pode ser sua influência sobre seus herdeiros? Não seria a de fazê-los amar este mundo, adiar a vinda do Senhor e negligenciar a preparação necessária? Não estariam eles tomando um rumo que certamente deixará seus filhos do

lado de fora do reino dos Céus? Haveria alguma esperança de salvação para pais ou filhos que estejam incorrendo nessa atitude tão incoerente? Sem a fé na breve volta do Senhor, eles estão seguindo um caminho que os leva a negá-la com suas obras, um caminho que lhes assegurará a ruína.

O curto período de provação que nos resta deveria ser aproveitado com o acúmulo de tesouros no Céu, e com a busca da preparação necessária para desfrutá-los na vida por vir. Pais, eu lhes suplico que vivam a fé do advento perante seus filhos. Guiem-nos para Jesus e lhes ensinem, através de sua fé e obras, a alcançar a preparação para a volta de Cristo. Que sua influência em favor da verdade e da santidade seja estendida a todos os que estão ao redor de vocês, e que, de vocês, se possa dizer: “Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu Senhor”.

19. A LEI E O EVANGELHO

“Eu e o pai somos um” (João 10:30).

O Pai e o Filho eram um na criação do homem e em sua redenção. O Pai disse ao Filho: “Façamos o homem a nossa imagem”. E o triunfante cântico de júbilo no qual tomam parte os remidos diz: “Ao que está assentado sobre o trono e ao Cordeiro [...] para todo o sempre”.

Jesus orou pedindo que Seus discípulos fossem um, assim como Ele era um com o Pai. Essa oração não contemplava um discípulo com doze cabeças, mas doze discípulos que deveriam se tornar um, em objetivo e dedicação à causa de seu Mestre. O Pai e o Filho tampouco são partes do “Deus triúno”. Eles são dois seres distintos, mas são um na idealização e na realização da redenção. Todos os que desfrutam da grande redenção, desde o primeiro até o último, atribuem a honra, a glória e o louvor de sua salvação a Deus e ao Cordeiro.

Mas, caso seja verdade que a lei do Pai e o evangelho do Filho se opõem um ao outro, e que um devia tomar o lugar do outro, então se conclui que os salvos da dispensação anterior são salvos pelo Pai e pela lei, enquanto os da presente dispensação são salvos por Cristo e pelo evangelho. Nesse caso, quando os remidos finalmente chegarem ao Céu e cantarem de sua redenção, serão ouvidos dois cânticos, um tributando louvor a Deus e à lei e outro dando louvor a Cristo e ao evangelho.

Mas não será assim. Haverá harmonia no cântico da redenção. Todos os remidos cantarão sobre os acontecimentos da forma como eles ocorreram no período de graça da humanidade. Todos atribuirão o louvor de sua salvação a Deus e ao Cordeiro. Adão, Abel, Enoque, Noé, Abraão e Moisés se unirão aos discípulos de Jesus para cantar sobre o poder redentor do sangue do Filho, enquanto os que viveram após a crucifixão de Cristo e foram salvos por Seu sangue, unir-se-ão aos patriarcas e profetas em um cântico de louvor ao Pai, criador e legislador. Portanto, a lei e o evangelho caminham um ao lado do outro durante todo o período de graça da humanidade. O evangelho não está confinado a dezoito séculos. A dispensação do evangelho tem cerca de seis mil anos, nada menos do que isso.

A palavra “evangelho” significa “boas novas”. O evangelho do Filho de Deus são as boas novas da salvação através de Cristo. Quando o homem caiu, os anjos choraram. O Céu foi banhando de lágrimas. Pai e o Filho Se reuniram em conselho, e Jesus Se ofereceu para assumir a causa do homem caído. Ele se ofereceu para morrer para que o homem pudesse ter vida. O Pai consentiu em dar Seu único e amado Filho. As boas novas de que um caminho fora aberto para a redenção do homem percorreram o Céu e ressoaram na Terra. O evangelho de Jesus Cristo estava contido na primeira promessa feita ao homem, de que a semente da mulher esmagaria a cabeça da serpente, tão completamente quanto ele estava presente no cântico que os anjos cantaram nas planícies de Belém, para os pastores, enquanto estes vigiavam seus rebanhos à noite: “Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens”.

Imediatamente após a queda, a esperança de uma vida futura dependia tanto de Cristo quanto nossas esperanças dependem Dele hoje. Quando os primeiros filhos de Adão trouxeram suas ofertas ao Senhor, Caim, em sua incredulidade, trouxe os primeiros frutos da terra, os quais não eram aceitáveis. Abel trouxe um primogênito do rebanho, como demonstração de sua fé em Cristo, o grande sacrifício pelo pecado. Deus aceitou sua oferta. Através do sangue daquele primogênito, Abel anteviu o sangue de Jesus Cristo. Ele olhou com antecipação para Cristo e ofereceu seu sacrifício, na fé e esperança do evangelho. Através desse sacrifício, ele anteviu o grande sacrifício pelo pecado, assim como vemos o Cordeiro ensanguentado ao olharmos, em retrospectiva, para o Calvário, mediante o tomar do pão partido e o beber do fruto da vinha. Através desses emblemas, vemos o Cristo crucificado. Abel também O viu, através do cordeiro que ofereceu. Estamos depositando nossas esperanças, pela fé, em Cristo? Assim o fez Abel. Somos cristãos por causa da fé viva em Cristo? Assim o era Abel.

Abraão tinha o evangelho do Filho de Deus. O apóstolo diz que as Escrituras, prevendo que Deus justificaria os pagãos, preanunciaram o evangelho a Abraão (Gálatas 3:8).

Paulo, falando sobre os israelitas no deserto, diz que “todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar, e todos comeram de um mesmo manjar espiritual, e beberam todos de uma mesma bebida espiritual,

porque bebiam da pedra espiritual que os seguia; e a pedra era Cristo” (1 Coríntios 10:2-4). O evangelho foi pregado aos filhos de Israel no deserto. O apóstolo diz: “Porque também a nós foram pregadas as boas-novas, como a eles, mas a palavra da pregação nada lhes aproveitou, porquanto não estava misturada com a fé naqueles que a ouviram” (Hebreus 4:2).

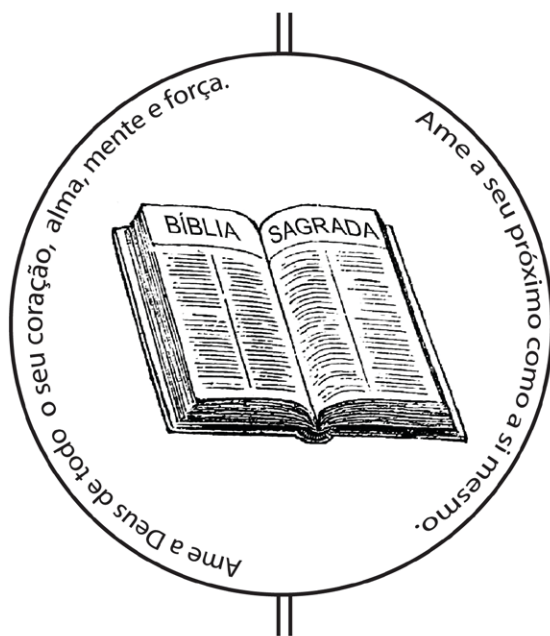
Moisés e os judeus crentes tinham a fé e a esperança do evangelho. Através do sangue das ofertas sacrificadas, eles anteviam a Cristo e, pela fé, o aceitavam. Suas esperanças quanto à vida futura não estavam na lei, mas em Cristo.

Paulo diz: “Tendo a lei a sombra dos bens futuros”. O sistema típico não passa de uma sombra. Os bens futuros, dos quais Cristo, como sacrifício e mediador, é o centro, são a matéria que projeta sua sombra para o passado, até a era judaica. Os sacrifícios de sangue do sistema legal eram apenas a sombra; Cristo, derramando Seu sangue na cruz, era a grande realidade. Cada sacrifício com derramamento de sangue oferecido pelos judeus – com entendimento e fé – era tão aceitável à vista do Céu quanto a confissão de fé que os cristãos fazem com relação aos sofrimentos, morte e ressurreição de Cristo, e quanto o batismo e a ceia do Senhor. Aqueles sacrifícios eram feitos com base na fé e na esperança de redenção pelo sangue do Filho de Deus, assim como nossa confissão, hoje, pode ser feita com base na esperança já concretizada. A dispensação do evangelho, que é a dispensação das boas novas da redenção através de Cristo, já dura seis mil anos.

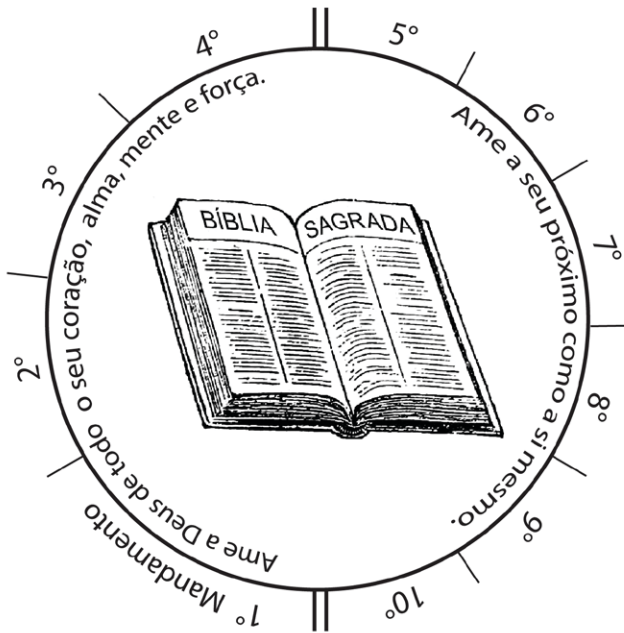
A dispensação da lei de Deus tem duração maior do que a do evangelho. Ela começou antes da queda. Se não fosse assim, segundo a justiça de Deus, a queda não poderia ter ocorrido. Ela passou a existir assim que as primeiras criaturas inteligentes, sujeitas ao governo do Criador, foram criadas. Ela cobre todos os tempos e se estende para o futuro, em paralelo com a eternidade do governo moral de Deus. Anjos caíram, o que implica que eles estavam sendo testados [*on probation*]. Visto que estavam sob teste [*being on probation*], eles, conseqüentemente, estavam sujeitos à lei. Na ausência de lei, seu estado de perfeição e aceitação diante de Deus seria incondicional, sem qualquer necessidade de um teste de caráter [*they could not be on probation*]; sob tais condições, eles não poderiam cair. O mesmo pode ser dito sobre Adão e Eva no Éden.

Os dez mandamentos são adaptados aos seres caídos. Já que eles estão registrados nas Sagradas Escrituras, que foram dadas ao homem em seu estado caído, eles não estão adaptados à condição dos santos anjos, nem à do homem em seu estado santo no Éden. Mas os dois grandes princípios do governo moral de Deus já existiam, de fato, antes da queda, sob a forma de lei. Eles são apresentados no Antigo Testamento, e são citados por Cristo no Novo Testamento como dois grandes mandamentos: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas” (Mateus 22:37-40. Comparar com Deuteronômio 6:5; Levítico 19:18).

Esses dois mandamentos requerem amor supremo ao Criador e amor ao próximo como o amor que alguém dedica a si mesmo. Os anjos não podem fazer mais do que esses dois mandamentos requerem. Adão também não. Nós também não. Esses dois grandes mandamentos abrangem tudo o que é requerido pelos dez preceitos do decálogo. Eles formam o grande círculo dentro do qual está a vontade de Deus para o homem. Nenhum preceito e nenhum princípio do Livro de Deus se estende para além desse círculo.



Logo após a queda, vemos esse círculo dividido em dez partes. Os dois princípios do governo moral de Deus são vistos divididos em dez preceitos, escritos de maneira a atender a condição caída do homem. O amor a Deus é ensinado nos quatro primeiros mandamentos, e o amor ao próximo é ensinado nos seis últimos. Os ensinamentos dos profetas do Senhor, do Filho de Deus e dos apóstolos de Jesus sempre estiveram em harmonia com os dez preceitos da lei de Jeová. O dever do homem, diz Salomão, é temer a Deus e guardar os Seus mandamentos.



Os dez preceitos do decálogo, adaptados à condição caída do homem, entraram em vigência assim que as circunstâncias os exigiram. Os três primeiros eram aplicáveis a Adão imediatamente após a queda. E, embora o sábado do quarto preceito tenha sido instituído ao término da primeira semana do tempo, antes da queda – e temos evidências de que Adão foi instruído a observá-lo como memorial da criação –, mesmo assim, a porção do preceito adaptada ao estado caído, relativa ao servo, à serva e ao estrangeiro, não poderia existir até que essas relações passassem a existir. O quinto mandamento não pôde ser implementado até que Adão

teve filhos. O sexto, sétimo, oitavo, nono e décimo mandamentos foram implementados assim que as partes envolvidas, às quais eles poderiam ser aplicados, passaram a existir.

Não existe nada na condição moral do homem, nem em seu estado caído, nem na natureza dos próprios dez mandamentos que restrinja esses preceitos a determinada dispensação, e não a outra. A miséria moral do homem é a mesma, embora ele se torne mais deplorável à medida que avança, distanciando-se cada vez mais das portas do Paraíso e aproximando-se do fechamento da porta da graça. E a lei de Deus, adaptada a seu estado caído, é aplicável e necessária durante todo o período de sua condição caída, do Paraíso perdido ao Paraíso reconquistado.

O reino do pecado corre em paralelo com o reino da morte, desde Adão e até que pecado e pecadores deixem de existir. E, paralelo a eles, estendendo-se por todas as dispensações, o conhecimento dos princípios dos dez mandamentos e, conseqüentemente, o conhecimento do pecado, também tem existido.

O meio para se alcançar esse conhecimento tem sido a lei de Deus. “Porque pela lei”, diz o apóstolo, “vem o conhecimento do pecado” (Romanos 3:20). “Mas eu não conheci o pecado senão pela lei” (Romanos 7:7). Como prova de que esse conhecimento existia, de fato, imediatamente após a queda, ver Gênesis 4:7, 23, 24; 6:5, 11, 12. Noé também era justo diante de Deus (Gênesis 7:1). Ele era um pregador da justiça (2 Pedro 2:5). Com sua pregação, que reprovava os pecados do povo e instava para que fizessem o que era correto, ele condenou o mundo (Hebreu 11:7). Os homens de Sodoma e Gomorra eram grandes pecadores, exceto um deles. Abraão intercedeu, dizendo: “Destruirás também o justo com o ímpio?” (Gênesis 13:13; 18:20, 23, 25; 19:7). A bênção de Deus foi posta sobre Abraão porque ele obedeceu à Sua voz e guardou os Seus mandamentos (Gênesis 26:5). Os que se recusaram a obedecer, provaram de Sua ira como resultado da transgressão. As cidades da planície foram condenadas por seus atos contrários à lei (2 Pedro 2:6-8).

Para ilustrar esse assunto, comentarei rapidamente sobre o assassinato do justo Abel. Caim matou seu irmão e, como pecador, recebeu a marca da insatisfação de Deus. O pecado, diz o apóstolo, é a transgressão

da lei (1 João 3:4). Caim quebrou o sexto mandamento. Assim, esse preceito existia no tempo de Caim; de outra maneira, ele não teria cometido pecado, pois onde não há lei não há transgressão (Romanos 4:15).

As posições acima, relativas à lei de Deus, sofreriam pouca oposição se não fosse pelo sábado do quarto mandamento. A correta observância do Sábado bíblico não é apenas um obstáculo, mas um inconveniente desfavorável à execução bem-sucedida dos planos seculares de muitos. Os covardes e incrédulos se esquivam de suas reivindicações, rotulando-o de instituição judaica, e, com frequência, afirmam que ele era desconhecido para o homem até que a lei do sábado foi proclamada no Sinai. A história sagrada, entretanto, prova que essa declaração é falsa. É verdade que a guarda do sábado não é mencionada no livro de Gênesis. Mas isso não prova que ele não existia durante o longo período coberto por esse breve registro. Os fatos ligados à queda do maná mostram que os israelitas entendiam as obrigações do sábado, e que alguns deles as violaram e foram reprovados por Jeová, trinta dias antes que eles avistassem o Monte Sinai. Ver Êxodo 16-19.

Passemos, agora, ao Novo Testamento. Os quatro primeiros capítulos de Mateus são dedicados ao esboço da genealogia de Cristo, aos acontecimentos relacionados com José e Maria, ao nascimento de Jesus, à matança, por Herodes, das crianças de Belém, a João Batista, à tentação de Cristo e ao início de Seu ministério público. O quinto capítulo começa com o primeiro registro de Seus sermões públicos. Naquele memorável sermão da montanha, Cristo adverte Seus discípulos contra uma terrível heresia que em breve se introduziria na igreja.

Os judeus se vangloriavam de Deus, de Abraão e da lei, mas desprezavam e rejeitavam a Jesus. Os grandes acontecimentos ligados a Sua ressurreição logo se passariam, e seriam tão convincentes que muitos creiam. Mas assim como os judeus iriam rejeitar e crucificar o Filho, embora se jactassem da lei, os cristãos iriam incorrer na heresia oposta, e igualmente fatal, de pisotear a autoridade do Pai e desprezar Sua lei, ao mesmo tempo que receberiam a Cristo e se gloriariam no evangelho. Sempre foi intuito de Satanás separar, na fé da igreja, o Pai e o Filho. Entre os judeus havia o seguinte clamor: o Pai, Abraão e a lei, mas fora com Jesus e Seu

evangelho. Entre os cristãos, este seria o clamor que haveria de surgir: Cristo, a cruz e o evangelho, mas fora com a lei do Pai. Para combater essa heresia, que logo se levantaria na igreja cristã, o Mestre, em Seu primeiro sermão registrado, foi contundente em sua fala. Ouça Seu apelo a Seus discípulos, na presença da multidão reunida:

Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim ab-rogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei sem que tudo seja cumprido. Qualquer, pois, que violar um destes menores mandamentos e assim ensinar aos homens será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos céus (Mateus 5:17-19).

Essas palavras de advertência de nosso Senhor se encaixam plenamente na questão. Elas não precisam ser comentadas. A história da igreja, com seu registro de como homens aparentemente honrados e bons têm defendido a lei de Deus com frouxidão, bem como a atual e última controvérsia a respeito dela, dão às palavras de Cristo uma força especial.

Jesus não veio para legislar. Em nenhuma ocasião Ele insinuou que apresentaria uma nova lei para tomar o lugar da lei de Seu Pai. Falando a respeito do Filho, o Pai diz: “Ele lhes falará tudo o que Eu lhe ordenar” (Deuteronômio 18:18). “Jesus respondeu e disse-lhes: A Minha doutrina não é Minha, mas Daquele que Me enviou” (João 7:16). “Nada faço por mim mesmo; mas falo como o Pai me ensinou” (cap. 8:28). “A palavra que ouvistes não é Minha, mas do Pai que Me enviou” (cap. 14:24).

Consideremos a solene pergunta do grande apóstolo dos gentios, referente à lei de Deus e à fé de Jesus: “Anulamos, pois, a lei pela fé? [...]” (Romanos 3:31). Essa pergunta atinge diretamente o problema, bem como os homens destes dias, que ensinam que o evangelho do Filho anula a lei do Pai. Paulo decide a questão com as seguintes palavras enfáticas: “De maneira nenhuma! Antes, estabelecemos a lei”.

O evangelho é uma necessidade decorrente de uma lei transgredida. Onde não há lei, não há transgressão, nem pecado, nem necessidade do sangue de Cristo, nem do evangelho. Mas o evangelho ensina que Cristo morreu pelos pecadores por causa de seus pecados. O pecado é a transgressão da lei. Cristo veio, portanto, como o grande sacrifício em favor dos que transgridem a lei. O evangelho O apresenta como o sacrifício ensan-

guentado pelos pecados dos que transgridem a lei. Esse fato confirma a existência da lei de Deus. Remova-se a lei e já não temos necessidade de Cristo nem de Seu evangelho.

No planejamento do evangelho em favor da salvação do homem, existem três partes interessadas: o Legislador, o Advogado e o pecador. As palavras do apóstolo vão direto ao ponto: “se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o Justo” (1 João 2:1). Pecado é a transgressão da lei do Pai. Assim, o pecador ofende o Pai, fica em dificuldades com o Pai e precisa de Jesus para defender sua causa diante do Pai. Mas se a lei do Pai foi abolida, e Cristo sustenta a posição de legislador para o pecador, quem é o advogado? “A mãe Maria”, o “Pai José”, ou algum outro dentre a multidão de santos canonizados será uma resposta suficiente para um defensor do papado. Mas o que farão os protestantes nesse caso? Se o protestante afirma que Cristo, não o Pai, é o legislador, e que na presente dispensação o pecado é a transgressão da lei de Jesus Cristo, então eu o desafio a dizer quem é o advogado do pecador, e peço-lhe que harmonize sua posição com as palavras do amado João: “Se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o Justo”.

Paulo se dirige da seguinte forma aos anciãos da igreja de Mileto, ao falar sobre os princípios fundamentais do plano da salvação: “jamais deixando de vos anunciar coisa alguma proveitosa, e de vo-la ensinar publicamente e também de casa em casa, testificando tanto a judeus como a gregos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo” (Atos 20:20, 21, ARA). Aqui, o apóstolo coloca diante das pessoas da presente dispensação dois deveres distintos. Primeiro, o exercício do arrependimento para com Deus, pois Sua lei lhes é compulsória e é ela que eles transgrediram. Segundo, o exercício da fé em Cristo como o grande sacrifício por seus pecados e como seu advogado perante o Pai. Ambos são indispensáveis, e Paulo apresenta a ambos. Ele não deixa de mencionar nada que seja pertinente e importante no plano da salvação.

As palavras de encerramento do terceiro anjo apontam diretamente para um corpo de cristãos que guarda os mandamentos: “Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus” (Apocalipse 14:12). O judeu não se vale desse texto porque,

nele, vê o desprezado Jesus de Nazaré. Muitos professos cristãos também acham o verso passível de objeções, pois encontram nele os igualmente desprezados mandamentos de Deus. Mas o adorável Jesus disse: “Eu e o Pai somos um”. Então, a lei do Pai e o evangelho do Filho atravessam harmoniosamente todas as dispensações do estado caído do homem. Quem dera que o cego judeu e o cego cristão pudessem enxergar isso, e, abraçando a verdade toda, em vez de cada um abraçar uma parte, guardassem os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, e fossem salvos.

Que fique claro, porém, que não há salvação na lei, isto é, não há qualidade redentora na lei. A redenção vem através do sangue de Cristo. O pecador pode deixar de quebrar os mandamentos de Deus e lutar com toda sua força para os guardar, mas isso não vai servir como expiação de seus pecados, nem redimi-lo de sua presente condição decorrente das transgressões passadas. Não obstante todos os seus esforços para guardar a lei de Deus, sem fé no sangue expiatório de Jesus, ele estará perdido. E isso era tão verdade no tempo de Adão, Abel, Enoque, Noé, Abraão, Moisés e dos judeus como o é desde que Jesus morreu na cruz. Nenhum ser humano pode ser salvo sem Cristo.

Por outro lado, a fé em Jesus Cristo aliada a uma recusa em obedecer à lei do Pai é presunção. Um esforço para fazer amizade com o Filho ao mesmo tempo em que se vive em rebelião contra o Pai é atrevimento contra o Céu. Não há maior insulto que possa ser dirigido contra o Pai ou o Filho. Como pode alguém querer separar o Pai e o Filho, pisoteando a autoridade de um e fazendo do outro um amigo? “Eu e o Pai somos um”. O judeu insulta o Pai ao rejeitar o Filho, e o cristão joga no rosto do Céu um insulto semelhante, com todos os seus atos de adoração nos quais, em vão, acha que pode fazer de Jesus seu amigo, enquanto, mesmo tendo luz sobre o assunto, quebra os mandamentos de Deus.

A unidade do Pai e do Filho é vista na transfiguração. Aquela voz, que é a mais alta autoridade do universo, é ouvida ao Ele dizer: “Este é o meu Filho amado; a ele ouvi”. É vista também na bênção final do Filho, no último capítulo da Bíblia, a qual apresenta diante dos leais as glórias da recompensa reservada para o obediente. “Bem-aventurados aqueles que

guardam os Seus mandamentos, para que tenham direito à árvore da vida e possam entrar na cidade pelas portas” (Apocalipse 22:14, margem da ARC).

Chamo brevemente a atenção do leitor para três grandes eventos que ocorreram em conexão com a triste história do homem caído. Qualquer um deles é suficiente para confirmar a perpetuidade da lei de Deus.

Primeiro, a queda, com suas terríveis consequências. Se a lei de Deus pudesse ser mudada, em qualquer detalhe, a qualquer tempo, ela teria sido mudada quando havia apenas dois seres caídos, Adão e Eva, antes de deixarem o Éden. Se o plano do governo moral de Deus pudesse ser mudado, ele teria sido mudado de maneira a deixá-los livres, evitando, assim, a maré de miséria e agonia humanas que se seguiu. Mas não; ela não podia ser mudada. A maldição devia cair sobre o homem e sobre a terra, por causa do homem. A ferrugem e o bolor do pecado deviam chegar a todas as partes, pendendo sobre a criação como um manto de morte. Por quê? Porque a lei de Deus, que foi transgredida, não podia ser mudada nem abolida. Cada flor que murcha e cada folha que cai, desde que o homem deixou o Éden, têm proclamado a imutabilidade da lei de Deus. Esse foi o resultado do pecado. É o resultado da terrível queda. E tudo isso aconteceu por causa da transgressão daquela lei que é tão imutável quanto o trono do Céu. Se essa lei pudesse ser mudada, em qualquer de seus detalhes, ela teria sido mudada quando havia somente dois seres caídos, de maneira a livrá-los da sentença de morte e de sua degradação, e à raça humana do pecado, crime e aflição constantes.

Pense na recente guerra americana, com toda sua terrível agonia. Mas esse é apenas um item do imenso catálogo. Por seis mil anos, a maré tem subido e à criação tem sido acrescentado gemido após gemido. Quanta tristeza, miséria e agonia! Quem é capaz de calcular tudo isso? A queda, então, com toda sua miséria acumulada, proclama a imutabilidade da lei de Deus. A seguir, apresento o próximo grande evento que proclama essa verdade.

Segundo, o anúncio dos dez mandamentos no Sinai, numa imponente demonstração. Não coube a Moisés proclamar essa lei. Não coube a um anjo reunir as tribos de Israel e pronunciar esses dez preceitos santos diante deles. Não coube nem ao Filho fazê-lo. Mas o Pai, o grande Eterno, desce em formidável grandeza e proclama esses preceitos diante de todo o povo.

Você diz que essa foi a origem da lei de Deus? Você diz que Deus desceu sobre o Sinai e ali Ele legislou? E você diz que Ele, depois disso, aboliu esse código ou o alterou? Quando Ele fez isso? Onde Ele fez isso? Algum profeta predisse que tal evento ocorreria? E algum apóstolo registrou que tal obra foi, em algum momento, realizada? Nunca.

Os cidadãos de Michigan enviam seus legisladores para a capital do estado, Lansing, para promulgar leis. Essas leis são publicadas em todo o estado. As pessoas as entendem. Então algumas dessas leis são recusadas ou mudadas. Seria isso feito secretamente, sem que o povo soubesse do que havia ocorrido? Não. O mesmo grupo que promulga as leis também as muda, faz emendas ou as anula, e o povo é informado dos fatos. Isso é feito de maneira tão pública quanto a promulgação da lei. Não teria também Deus, que é todo sábio e misericordioso, manifestado a mesma sabedoria ao lidar com questões do interesse do homem, questões essas que afetam seu bem estar eterno? Ele desceu sobre o Sinai e proclamou Sua lei em circunstâncias que visavam a impressionar o povo com a grandiosidade, dignidade e perpetuidade dela. Quem pode supor que Ele a aboliria ou a alteraria sem lhes informar nada sobre isso?

Terceiro, a crucifixão confirma a lei de Deus. Se a lei pudesse ser abolida, ou ter quaisquer de seus preceitos mudados, por que não fazer isso e deixar o homem livre, em vez de o Filho do Homem ter que deixar Sua glória para, assumindo nossa natureza, viver a triste vida que viveu aqui na terra, sofrer no Getsêmani e, finalmente, expirar sobre a cruz? Pergunto: Por que o divino Filho de Deus teria que passar por tudo isso para salvar a raça humana, se a lei que estabelecia que o homem era pecador pudesse ser mudada, possibilitando, assim, sua libertação? Mas o fato é que nada disso poderia ser feito. O homem havia pecado, havia caído, e foi encerrado na prisão do pecado. A natureza de seus pecados era tal que nenhum sacrifício era adequado, exceto o sacrifício dAquele a quem o Pai dirigiu as palavras: “Façamos o homem”. A morte de um anjo não era suficiente. Somente Aquele que Se engajou, junto ao Pai, na formação do homem, representa um sacrifício suficiente para abrir a porta da esperança, através da qual a raça humana pode encontrar perdão e ser salva. Na linguagem

do hino que cantamos, “Vem, ó minha alma, ao Calvário”, e ali contempla o amor e a agonia misturados na morte do Filho de Deus.

Contempla-O gemendo no Getsêmani. Sua divina alma agonizava à medida que os pecados do homem eram lançados sobre Ele. “A minha alma”, disse Ele, “está profundamente triste até à morte”. O peso do pecado do homem, ao transgredir a imutável lei de Deus, era tão imenso que o suor saía de Seus poros em forma de gotas de sangue.

Ele leva, então, Sua cruz até o Calvário. Os cravos atravessam Suas mãos e Seus pés. A cruz é erguida. Ali, o ensanguentado Cordeiro pende por seis terríveis horas. A morte de cruz era extremamente dolorosa. Mas, em Seu caso, havia o peso adicional dos pecados de todo o mundo. Em Seus últimos e agonizantes suspiros Ele clama “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”, e, inclinando a cabeça, morre.

O sol, o mais brilhante dos luminares do céu, não pode mais contemplar a cena, e é coberto por uma névoa semelhante ao pano de saco. O véu do templo, a mais nobre obra de homens, é fendido em duas partes. Cristo, o mais nobre Ser do universo, com exceção de Um, está morrendo em agonia. A criação sente o choque. Com agitação e gemidos, as tumbas de muitos santos se abrem e eles saem da sepultura depois de Sua ressurreição. Esse grande evento aconteceu porque era a única maneira pela qual os pecadores poderiam ser salvos. A lei deve permanecer tão firme quanto o trono do Céu, ainda que a terra se abale e toda a criação trema, ao morrer o Filho de Deus em agonia.

A lei de Deus foi dada ao homem como um Salvador. Ele a quebrou. Poderia ela redimi-lo? Não é da natureza da lei, seja divina ou humana, redimir o transgressor. Os que transgridem a lei do estado devem sofrer o pleno castigo, a menos que seu governador perdoe os transgressores. Essa é a única esperança de escapar da sentença da lei. Os que não entendem plenamente nossa posição, dizem que nós confiamos na lei e na guarda do sábado para a salvação. Não, amigos, vocês podem observar todos esses preceitos, com todas as suas capacidades e de forma consciente, mas se o seu olhar se limitar à lei, vocês nunca serão salvos. A esperança da salvação eterna está em Cristo. Foi Nele que Adão depositou sua esperança. Abel, Enoque, Noé, Abraão e os judeus crentes também. E nós devemos fazer o

mesmo. A esperança da vida no porvir depende de Jesus Cristo. Somente a fé em Seu sangue pode livrar-nos de nossas transgressões. E a fé de Jesus e uma vida de obediência aos mandamentos de Deus serão um passaporte suficiente para atravessemos os portões dourados da cidade de Deus.

20. O MEMORIAL DE DEUS

O sábado é um memorial do que o Criador fez durante a primeira semana do tempo. Ele trabalhou por seis dias. No sétimo dia Ele descansou. Aqui está a origem da semana. O ciclo semanal não é derivado de nada na natureza. Os meses são sugeridos pelas fases da lua; os anos, pelo ciclo das estações. Mas a semana só pode ser determinada pelos seis dias da criação e pelo sétimo do descanso. Os patriarcas contavam o tempo pelas semanas e os sétimos dias (Gênesis 29:27, 28; 8:10, 12).

O sábado foi instituído no Éden, ao término da primeira semana, através de três atos de parte do Criador. Primeiro, Deus descansou no sétimo dia. Segundo, Ele colocou Sua bênção nesse dia. Terceiro, Ele santificou o dia do Seu descanso. Ele descansou no sétimo dia e, por esse ato, deixou um exemplo para o homem. Depois, Ele abençoou o dia em que descansara. Então, Ele santificou, ou “separou para uso sagrado”, o dia do Seu descanso. Ele deu os seis primeiros dias da semana para o homem, nos quais este poderia obter seu ganha-pão, reservando o sétimo para Si mesmo, para ser usado de modo sagrado pelo homem.

O grande Deus não estava cansado após os seis dias da criação. Seu descanso no sétimo dia significa simplesmente que, naquele dia, Ele cessara de criar. Tampouco o homem no Éden precisava descansar de seu labor, como ocorre desde a queda. De fato, o descanso do trabalho não é a característica principal da instituição sabática. O quarto mandamento não faz referência às necessidades físicas do homem de um dia de descanso. Ele tampouco fala de suas necessidades espirituais de um dia de culto público.

Ele dá outra razão bem diferente para o estabelecimento do sábado. Aqui está ela: “Porque em seis dias fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo que neles há e ao sétimo dia descansou; portanto, abençoou o SENHOR o dia do sábado e o santificou” (Êxodo 20:11). Essa razão tem a ver com o que Deus fez na primeira semana do tempo. Ele não apresenta outra. Ela é tão antiga quanto o mundo e continuará sendo a razão por que o homem deve reverenciar o dia de descanso de Jeová enquanto o mundo existir. O homem descansa no dia de sábado em honra ao Criador. E, onde quer que ele possa dirigir seu olhar, seja para os céus, a terra ou o mar, ali

ele contempla a obra do Criador. Ao descansar no sétimo dia, ele vê nas incontáveis variedades da natureza e a sabedoria e o poder dAquele que criou tudo em seis dias e, assim, é dirigido, pela natureza, para o Deus da natureza. O sábado se torna, agora, a corda que liga o homem ao infinito Criador. Ele é a corrente de ouro que une a terra ao Céu e o homem a Deus. Se o homem sempre tivesse observado o sábado, não poderia ter havido um idólatra ou ateu. O sábado, como um memorial daquilo que o Criador fez durante a primeira semana do tempo, é visto agora em sua dignidade e importância. Ele é o memorial do Deus vivo. O homem deve descansar no dia em que o Criador cessou de criar.

Mas os que depreciam a grande instituição sabática, achando que ela apenas atende às necessidades de descanso do homem e lhe proporciona um dia para o culto público, não vendo nele nenhum propósito mais elevado, satisfazem-se com a mudança do dia de sábado. Eles acham que um dia no qual o Criador não descansou é tão bom quanto o dia em que Ele, de fato, descansou. Com essa ideia limitada sobre o assunto, por que razão eles não se contentariam com a mudança? Se as bênçãos garantidas ao homem pelo sábado forem apenas um dia de descanso das labutas diárias e um dia para o culto público a Deus, então a teoria de um dia entre sete e a de nenhum dia em particular parecem bastante plausíveis. O homem certamente pode descansar seus membros cansados, ou o seu cérebro fatigado, tanto em um dia da semana como em outro. E, se o único propósito for garantir um período de tempo para o culto divino, o domingo pode servir de resposta. De fato, um dia em seis poderia ser tão adequado para descansar e adorar como um dia em sete, se essas forem as únicas razões para o estabelecimento do sábado. Não existe nada nas necessidades físicas ou espirituais do homem para que se escolha o dia número sete.

O propósito original do sábado era que ele fosse um memorial perpétuo do Criador. No entanto, ele assegura que o sétimo dia da semana represente, para o homem em sua condição caída, não somente um dia de descanso, mas também um dia destinado ao culto público, no qual as pessoas podem se aproximar de Deus e receber Seu amor perdoador. Mas essas bênçãos, que têm sua importância, podem ser obtidas em qualquer um dos outros seis dias da semana, e não constituem a grande razão para a

instituição sabática. A razão dada na lei do sábado é, em termos de importância, tão mais elevada que a simples ideia de repousar do trabalho cansativo e de ter um dia para o culto público quanto os céus são mais elevados que a terra. As palavras do profeta endossam esse fato: “Se desviares o teu pé do sábado, de fazer a tua vontade no meu santo dia, e se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do SENHOR digno de honra, e se o honrares, não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falar as tuas próprias palavras, então, te deleitarás no SENHOR, e te farei cavalgar sobre as alturas da terra e te sustentarei com a herança de Jacó, teu pai; porque a boca do SENHOR o disse” (Isaías 58:13-14).

Aqui o grande objetivo do sábado é definido: honrar a Deus. Requer-se que o homem desvie o seu pé do sábado e se abstenha de buscar seus próprios caminhos, palavras e prazeres nesse dia, não porque ele precisa de um dia de descanso, mas porque, ao fazer isso, ele pode honrar o grande Deus. Os que guardam o sábado com esse objetivo em vista, vão chamá-lo de deleitoso, o santo dia do Senhor e digno de honra.

O quarto mandamento remonta ao que Deus fez durante a primeira semana do tempo. A criação e o descanso ocuparam toda a primeira semana. Imediatamente depois, Jeová santificou e abençoou o dia em que Ele havia repousado. Dessa maneira, o sétimo dia se tornou o santo sábado do Senhor para Adão e sua posteridade. Ele deveria, para sempre, ser observado pela raça humana como o memorial do Deus vivo.

Os que relacionam a instituição do sábado ao Sinai alegam que, a ausência de menção sobre a guarda do sábado no breve registro do livro de Gênesis, constitui prova de que o sábado foi feito apenas para os judeus. Como evidência da falta de solidez dessa posição, observe, por favor, os seguintes fatos:

1. O registro sagrado não declara, em nenhum lugar, que o sábado foi instituído no Sinai; ao invés disso, ele relaciona sua instituição ao evento da criação.

2. Uma vez que o sábado foi feito para o homem (Marcos 2:27) como um memorial da criação, não há nenhuma razão para que somente os judeus devam desfrutar de suas bênçãos. Todas as pessoas precisam do sábado, da mesma forma que os judeus.

3. Os fatos ligados à dádiva do maná mostram que os israelitas entenderam as obrigações do sábado, e que algumas pessoas violaram essas obrigações sagradas e foram reprovadas por Jeová, trinta dias antes que o povo chegasse ao Monte Sinai. Ver Êxodo 16-19. Eles chegaram ao deserto de Sim, onde o maná foi dado pela primeira vez, no décimo quinto dia do segundo mês de sua jornada. No sexto dia, eles colheram uma porção dobrada do maná, suficiente para aquele dia e para o sábado, no dia seguinte. Moisés disse ao povo: “Isto é o que o SENHOR tem dito: Amanhã é repouso, o santo sábado do SENHOR”. No sétimo dia Moisés disse: “Comei-o hoje, porquanto hoje é o sábado do SENHOR; hoje não o achareis no campo. Seis dias o colhereis, mas o sétimo dia *é* o sábado; nele não haverá. E aconteceu, ao sétimo dia, que alguns do povo saíram para colher, mas não o acharam. Então, disse o SENHOR a Moisés: Até quando recusareis guardar os meus mandamentos e as minhas leis? Vede, visto que o SENHOR vos deu o sábado”.

Vemos aqui que o sábado foi compreendido pelo povo e que sua violação foi censurada por Jeová. Mas os israelitas ainda não tinham visto o Sinai. Na verdade, eles só chegaram ao monte de onde os dez mandamentos foram proclamados, trinta dias depois que o maná foi dado pela primeira vez (ver cap. 19). Aqui o assunto fica muito bem esclarecido, e os ministros, ou qualquer outros membros ou pessoas, devem parar de afirmar que o sábado foi dado pela primeira vez no Sinai, até pesquisarem a narrativa sagrada com maior cuidado.

O plano original do sábado contemplava sua perpétua observância enquanto existissem Deus, o Criador, e o homem, a criatura. Ele não aponta para a redenção futura, pois foi instituído antes que fossem feitas provisões para a redenção. Ele dirige nosso olhar para a criação, no passado. Ele foi feito para o homem, antes da queda, mas, como consequência de sua queda, o sábado é dez vezes mais importante para ele, durante todo o período de sua condição caída. E ele existirá durante a vida futura do homem na nova terra, com todo o seu significado e glória originais. Vimos que o sábado se fundamenta nos grandes eventos da criação realizada em seis dias, no descanso de Jeová no sétimo dia e em Seu ato de santificar e abençoar o dia do Seu descanso. Enquanto esses fatos continuarem a

ser verdadeiros, o Sábado continuará existindo. A redenção não propõe a criação de um novo mundo como herança dos remidos. “Eis que faço novas todas as coisas”, diz o Redentor. Este mundo, redimido da maldição e de todos os seus resultados, será a eterna possessão dos justos. E, apesar da obra da redenção, os grandes eventos relacionados à semana da criação estarão para sempre impressos nas mentes imortais dos remidos. Assim diz o profeta: “Porque, como os céus novos e a terra nova que hei de fazer estarão diante da minha face, diz o SENHOR, assim há de estar a vossa posteridade e o vosso nome. E será que, desde uma Festa da Lua Nova até à outra e desde um sábado até ao outro, virá toda a carne a adorar perante mim, diz o SENHOR” (Isaías 66:22, 23). Não houve nenhum sábado, no passado, em que toda a carne tenha vindo adorar perante o Deus do Céu, e isso não poderá ocorrer enquanto o trigo e o joio, os filhos do reino e os filhos do maligno, estiverem crescendo juntos. E eles só serão separados na colheita, que é o fim do mundo. Essa unidade de pensamento em relação ao memorial do grande Deus será vista unicamente no estado imortal da humanidade, quando, desde um sábado até o outro, desde uma lua nova até a outra, toda a carne virá adorar perante o Senhor. “O quê? A lua no Céu?” Não, não neste tipo de Céu descrito por certo poeta:

Além dos limites do tempo e do espaço,
Almejo esse lugar celestial,
A segura morada dos santos.

Além do espaço não haveria lugar para a lua nem para o sol. Tampouco haveria lugar para os santos ressurretos, com corpos renovados tais como o corpo glorioso de seu Senhor ressuscitado. Além dos limites do tempo, não haveria necessidade do sol nem da lua, que são os grandes governantes divinos do tempo. Não estamos desejando uma desintegração geral do universo e, em seguida, uma recriação de todas as coisas para os santos imortais, além dos limites do tempo e do espaço. Foi este planeta que se revoltou. E o Redentor, que está vindo para submetê-lo novamente ao governo de Deus, diz: “Eis que faço novas todas as coisas”. A revolta não afetou o sol, a lua e os demais planetas. A redenção não afetará esses corpos celestes. Quando o Restaurador trouxer os santos imortais para a nova terra, ela continuará realizando seus movimentos de rotação e trans-

lação. O sol e a lua controlarão os dias, meses e anos enquanto a eternidade durar. Os remidos terão direito à árvore da vida que Adão perdeu por causa da desobediência. Essa árvore dá doze tipos de frutos, um a cada mês. Sendo assim, as palavras do profeta, quanto ele diz que toda a carne virá perante o Senhor, de uma lua nova a outra, não poderiam se cumprir quando toda a família dos redimidos vier, a cada mês, compartilhar do novo fruto da árvore da vida?

Voltemos ao memorial de Deus. A posição assumida nestas páginas apresenta a teoria um-dia-entre-sete-e-nenhum-dia-em-particular, ou uma-sétima-parte-do-tempo, em sua verdadeira luz. Se o sábado foi feito para o homem pela simples razão de que ele precisava descansar de suas atividades físicas, e, também, ter um dia destinado à adoração, qualquer dia pode servir. Mas, se ele for um memorial do descanso de Jeová, o sétimo, e não outro dia qualquer da semana, é o dia de sábado. Os sabatistas são acusados de serem grandes defensores do dia do sábado. De fato, eles o são. “Sábado” significa repouso. O quarto mandamento requer do homem a celebração do dia de descanso do Senhor, ou do dia em que o Senhor descansou. Deus descansou no sétimo dia. Ele santificou o sétimo dia. Por isso, o sétimo dia, e não outro, é o dia do sábado. Mude o dia do sábado, e você não mais celebrará o descanso do Senhor. Se Deus descansou em um dia qualquer entre os sete, o homem pode fazer o mesmo. Mas, se Deus descansou no sétimo dia da primeira semana, a única guarda aceitável do sábado é a celebração do sétimo dia das semanas subsequentes.

A páscoa era o memorial de um evento que ocorreu no décimo quarto dia do primeiro mês judaico. A celebração do dia da páscoa se tornou um estatuto em Israel, que durou desde Moisés até a primeira vinda de Cristo. Transfira essa observância para um dia no qual o evento celebrado não ocorreu, e a celebração perderá seu significado. Já não será mais a páscoa.

O povo americano celebra sua independência nacional em quatro de julho. Por quê? Porque em 4 de julho de 1776, homens patriotas assinaram a declaração de independência. Os cidadãos desta nação são grandes defensores desse dia, e assim deve ser. Se eles mudassem nossa celebração nacional, do dia em que a declaração de independência foi assinada, para um dia em que ela não foi assinada, essa data perderia seu significado. Ela já

não seria mais uma celebração da nossa independência. Se as pessoas deste país comemorassem sua independência no dia vinte e cinco de dezembro e lessem, de cada tribuna, a declaração de independência, como é costume no dia quatro de julho, o povo americano seria considerado uma nação de tolos.

Algum judeu já pensou em observar um dia qualquer entre 365, e chamá-lo de páscoa? Defender a ideia de celebrar nossa independência nacional em um dia qualquer entre os 365 é como defender que o dia de descanso de Jeová pode ser celebrado em um dia qualquer entre os sete. O mais ignorante americano que possa se lembrar de ter ouvido, em algum momento de sua vida, sobre George Washington ou sobre a declaração de independência, certamente se riria da tolice de mudar o dia de celebração de nossa independência. Verdadeiramente, como disse o nosso Senhor, os homens deste mundo são mais sábios em sua geração do que os filhos da luz. Nas questões religiosas, e apenas nelas, as pessoas parecem se satisfazer com aquilo que, em relação a qualquer outro assunto, seria considerado consumada tolice.

Será que esses homens, que usam a teoria um-dia-em-sete-e-nenhum-dia-em-particular, advogam uma mudança do sábado, o dia de descanso do Pai, para o dia da ressurreição do Filho? Pergunto, então, para eles: Quem disse que a ressurreição de Cristo deveria ser celebrada em um dia entre os sete e nenhum dia em particular? Se eles disserem que isso pode ser feito, então eu pergunto novamente: Onde está a mudança do dia de sábado? Teria ela sido uma mudança de um-dia-em-sete-e-nenhum-dia-em-particular da antiga dispensação para um-dia-em-sete-e-nenhum-dia-em-particular da presente dispensação? Isso seria uma confusão pior que a anterior.

E, para os que afirmam que a redenção, por ser uma obra mais importante, deve ser celebrada no primeiro dia da semana, assim como a criação, antigamente, devia ser celebrada no sétimo dia da semana, eu diria: a respeito disso, temos apenas a palavra de vocês. Notem, por favor, estes fatos:

1. A Bíblia silencia quanto à redenção ser mais importante do que a criação. Quem pode afirmar que ela o seja?
2. A Bíblia silencia quanto à observação de um dia para celebrar a redenção. Alguém conhece um dia que deve ser guardado com esse propósito?

3. A ceia do Senhor e o batismo são memoriais dos dois grandes eventos que ocorreram na história da obra que o Redentor realizou pelo homem. Esses eventos são adequados.

4. Não faz sentido guardar um dia de repouso semanal para celebrar as agonias da crucificação de Cristo, ou as atividades da manhã de Sua ressurreição.

5. Mas, se um dia da semana tivesse de ser guardado para celebrar a redenção do homem, que dia seria esse? O dia em que Ele derramou Seu sangue por nossos pecados? O dia em que Ele ressuscitou para a nossa justificação? Ou o dia em que Ele ascendeu ao Pai para interceder pelos pecadores? O dia da crucificação, quando ocorreu o maior evento destinado à redenção do homem, pode ser o primeiro a ser reivindicado. O apóstolo não diz que temos a redenção por meio da ressurreição. Ele diz: “Temos a redenção pelo seu sangue” (Efésios 1:7). Ora, se um dia deve ser guardado para celebrar a redenção, não devia ser o dia em que Ele verteu Seu sangue? A redenção ainda não foi completada, mas a ceia do Senhor e o batismo são dois memoriais dos maiores eventos que marcaram essa obra realizada pelo homem. Nenhum deles é um memorial semanal. O batismo pode ser recebido pelo crente em qualquer dia da semana. No que é dito sobre os emblemas do corpo quebrantado e do sangue derramado do Filho de Deus não há qualquer referência a um dia em particular: “Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor, até que venha” (1 Coríntios 11:26). Esses memoriais relembram a morte, sepultamento e ressurreição de Jesus Cristo. O grande memorial de Deus nos faz lembrar o dia de Seu descanso. Por que não permitir que eles permaneçam, cumprindo o propósito para o qual foram instituídos? Por que a obra da criação deveria ser perdida de vista frente à obra da redenção? Por que não celebrar ambas? Ambas serão igualmente lembradas no porvir. Diz-se dos redimidos: “E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir os seus selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação” (Apocalipse 5:9). Eles também “lançavam as suas coroas diante do trono, dizendo: Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder, porque tu criaste todas as coisas, e por tua vontade são e foram cria-

das” (Apocalipse 4:10, 11). Aqui os redimidos rendem louvor ao Criador e ao Redentor. E, novamente, cada inteligência criada do universo, em jubilosa simpatia para com o homem, por causa de sua redenção, é apresentada no capítulo 5, no verso 13, rendendo “ao que está assentado sobre o trono [o Criador] e ao Cordeiro [o Redentor] [...] ações de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre”.

Vemos aqui que os redimidos, vendo todos os fatos arrebatadores da redenção acontecendo diante deles, não perdem de vista a criação. O Criador é alvo da adoração dos redimidos, tanto quanto o é o Redentor. Então, como Adão deve ter se sentido quando, no jardim do Éden, ele despertou, pela primeira vez, para todas as glórias dessa criação que é lembrada com tanto júbilo pelos redimidos! Recém-formado pelas mãos de seu Criador, ele salta para a vida com todo o vigor de um homem perfeito. Com um intelecto capaz de apreciar as glórias do Éden e de compreender a grandiosidade e dignidade de sua posição, e com um coração sem a mácula do pecado, quanto ele deve ter agradecido e adorado seu Criador, e Criador de todas aquelas glórias! Se os redimidos serão capazes de lançar suas coroas aos pés de Jeová em reverente adoração, tendo em vista uma criação realizada seis mil anos antes que seus cânticos de louvor fossem pronunciados, cada fibra do ser de Adão deve ter se emocionado e enchido de sentimentos de ações de graças, e de adoração ao beneficente Autor da criação, ali mesmo, no Éden, enquanto ele era arrebatado pelo estranho deleite de uma nova existência! Como poderia ele expressar melhor as emoções de seu coração? Não seria pela celebração, em meio a todas as glórias que cercavam seu lar edênico, de um dia de descanso em honra a seu Deus? Não diga que Adão não tinha um motivo para guardar o sábado no Éden, pois o sábado era o próprio meio pelo qual ele se colocaria em comunhão com seu Criador, e ofertaria o serviço de um coração agradecido Àquele de quem ele acabara de receber o dom da vida, com todas as suas bênçãos.

E se o Sábado era tão apropriado, tão necessário, no Éden, o que diremos dele desde a queda? Com o pecado, o homem se alienou de Deus, e também se inclinou a esquecer-se de seu Criador e Dele se afastar. O sábado se tornou, então, muito mais necessário para que o homem não cortasse totalmente as amarras que o ligavam ao mundo celestial. O dilú-

vio de pecados e crimes tem sido derramado sobre a terra de maneira mais vasta e profunda a cada ano que passa. Quanto mais distantes ficamos do Paraíso, mais fraca e mais inclinada a pecar se torna a raça humana e, por isso, mais necessitada do grande memorial de Deus.

Enquanto ainda estava no Éden, antes da queda, cercado de todas as influências celestiais, conversando livre e abertamente com seu Criador, Adão precisava do sábado? Se o sábado era necessário, então, para Adão, não precisaria ele muito mais desse dia quando, com os portões do Paraíso foram fechados diante dele para sempre e ele já não podia mais falar face a face com seu Criador, tendo, dali em diante, que lutar com as inclinações pecaminosas de seu próprio coração e, tateando, achar seu caminho em meio à escuridão moral que começou a baixar sobre o mundo quando a luz gloriosa do Éden foi obscurecida pelo pecado! E se o sábado era necessário, nessa época, para Adão, quanto mais para Abel, cujos olhos nunca tinham contemplado o lindo jardim, e que nunca experimentara pessoalmente a proximidade do Céu desfrutada ali por Adão! E o sábado era ainda mais essencial para as necessidades espirituais da raça humana nos dias de Enoque, e na era ainda mais degenerada de Noé, quando a influência do Éden estava desvanecendo dos corações dos homens, tal como os últimos raios do crepúsculo ao pôr do sol. Abraão precisava dele ainda mais, para que se salvasse da idolatria da casa de seu pai. Moisés e a nação judaica mais ainda, para que se mantivessem afastados da apostasia das ímpias nações que estavam ao seu redor. Todavia, mais que para Abraão, Moisés ou os judeus, o santo sábado foi necessário para a igreja na dispensação do evangelho, quando o homem do pecado se levantaria, se oporia e se exaltaria acima de tudo o que se chama Deus, e quando haveria uma tendência, não somente de multiplicar festas e festivais estranhos às Escrituras, em honra a Cristo, mas também de colocar o sábado de Jeová na mesma categoria das cerimônias judaicas, descartando-o junto com elas.

Estamos, agora, seis mil anos mais distantes do Paraíso. Durante todo esse tempo, o pecado tem reinado, a iniquidade se multiplicou e o coração dos homens se tornou cada vez menos suscetível às impressões divinas, e, na mesma proporção, mais inclinado a esquecer-se do Criador. Podemos descartar o sábado agora? É verdade que a alvorada do Éden

restaurado se aproxima visivelmente, mas o mundo está mais distante de Deus do que nunca. A infidelidade e o ateísmo estão fora de controle, e parece que a raça humana, de bom grado, baniria do coração e da mente todos os pensamentos sobre Deus e Seu amor. Mais do que nunca, então, o sábado é necessário para salvar o homem da total apostasia. Com todas as razões originais para a instituição do sábado, as necessidades acumuladas desses seis mil anos de pecado nos conclamam a erigir todas as salvaguardas possíveis ao redor dessa instituição sagrada. Se houve um tempo em que necessitássemos de um memorial do grande Deus e de um elo sagrado para ligar o homem ao Céu, este tempo é agora. E a necessidade desta instituição aumentará ainda mais durante os poucos dias perigosos que ainda nos restam. Poderemos descartá-lo? Nunca. De forma cada vez mais solene, nós deveríamos santificá-lo e valorizá-lo, enquanto, com coração sincero, elevamos a Deus esta oração:

“Que a Terra, ó Senhor, seja a Ti restituída,
Como outrora com vingança amaldiçoada;
Que o santo sábado para sempre resplandeça
Com a glória com que no princípio fulgurava.”



EDITORA DOS PIONEIROS

www.EditoraDosPioneiros.com.br
contato@editoradospioneiros.com.br